

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - POSLIN

A identidade lexical de Cláudio, Minas Gerais:
uma análise sociolinguística

Juraci da Silva Carmo

Belo Horizonte - MG

2024

Juraci da Silva Carmo

**A IDENTIDADE LEXICAL DE CLÁUDIO, MINAS GERAIS: uma análise
sociolinguística**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutora em Letras: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa 1A: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^a Dra. Aléxia Teles Duchowny

**Belo Horizonte - MG
2024**

C287i

Carmo, Juraci da Silva.

A identidade lexical de Cláudio, Minas Gerais [manuscrito] :
uma análise sociolinguística / Juraci da Silva Carmo. – 2024.
1 recurso online (431 f.: il., maps., fots., color.) : pdf.

Orientadora: Aléxia Teles Duchowny.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 188-199.

Apêndices: f. 200-431.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa –
Regionalismos – Cláudio (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa –
Português falado – Cláudio (MG) – Teses. 4. Língua portuguesa –
Lexicologia – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Língua
portuguesa – Lexicografia – Teses. I. Duchowny, Aléxia Teles. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.
Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A IDENTIDADE LEXICAL DE CLÁUDIO, MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

JURACI DA SILVA CARMO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 28 de junho de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Alexia Teles Duchowny - Orientadora

UFMG

Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral

UFMG

Prof(a). Clézio Roberto Gonçalves

UFOP

Prof(a). Bruno Oliveira Maroneze

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Prof(a). Sirlene Antonia Rodrigues Costa

UEG

Belo Horizonte, 28 de junho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professor(a)**, em 03/07/2024, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 03/07/2024, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clézio Roberto Gonçalves, Usuário Externo**, em 03/07/2024, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sirlene Antonia Rodrigues Costa, Usuário Externo**, em 04/07/2024, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Oliveira Maroneze, Usuário Externo**, em 04/07/2024, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3271740** e o código CRC **65C448AF**.

*Para os claudienses
e para Gustavo,
meu claudiense predileto.*

AGRADECIMENTOS

Deus, obrigada por sempre pavimentar os meus caminhos! Foram momentos complicados, cheios de incertezas e conturbações. No entanto, Você sempre esteve presente fazendo com que eu persistisse.

Pai, novamente, estou aqui na conclusão de um trabalho que apresenta a mim suas raízes, sua origem. Nunca conversamos sobre Cláudio, como fizemos quando eu queria conhecer Itaguara, mas, por serem ambas, Cláudio e Itaguara, cidades pertencentes à região centro-oeste das nossas Minas Gerais, elas têm muito em comum. Muitos dos pratos que você - representante legítimo do centro-oeste mineiro - fazia para mim e para meus irmãos em nossa infância, por exemplo, estão presentes também na mesa dos claudienses. Além disso, ouço, regularmente, em Cláudio, muitas das palavras peculiares que eram ditas por você. Eu sempre pensei que aquelas palavras fossem invenções suas, mas, agora, descubro que elas são pertencentes ao dialeto claudiense assim como, provavelmente, são pertencentes ao dialeto de Itaúna, sua cidade. De tudo isso, há apenas algo ruim, não posso dividir com você minhas descobertas. Mas a força que me impulsiona nesses meus trabalhos é tão grande, que só pode vir de você, que em algum lugar me olha com o cuidado de sempre. Obrigada por tudo, principalmente, por me ensinar a ser forte. Te amo para sempre!

Mãe, desde que eu era pequeninha, você ensinou a mim sobre a importância dos estudos e sobre como eles poderiam fazer da minha vida algo melhor. Sempre carreguei em meu coração esses seus ensinamentos e deles trilhei um caminho do qual me orgulho muito, mas que não existiria sem a sua figura resoluta. Todas as vezes em que as coisas ficaram difíceis, era de você que eu me lembrava e isso fazia com que eu quisesse continuar. Te amo eternamente!

Nem, você é amiga, mãe, irmã, aconchego, ensinamento, inspiração... amor! Seus conselhos firmes e seus braços fortes que abraçam as causas de quem você ama fizeram, sempre, com que eu me sentisse preparada para seguir. Foram inúmeros os momentos nos quais eu me levantei após uma queda, porque você disse que estava comigo, assim como foram inúmeros os momentos nos quais eu percebi que só poderia ser frágil diante de você, porque ninguém mais entenderia o que se passava. Te amo!

Iago e Juninho, vocês estiveram comigo em dois momentos muito importantes deste trabalho. Iago, quando fui entregar o texto da qualificação, Juninho, quando passei pela qualificação. Vocês não sabem o tanto que a companhia de vocês foi importante! Saber que vocês estavam ali foi fundamental para que eu tivesse a certeza de que não importa o tamanho do meu sonho, sempre terei gente maravilhosa para sonhar comigo. Amo vocês!

Gustavo, abraço que me acalma e me faz enxergar um mundo de possibilidades. Sem você, este trabalho não existiria, eu não chegaria à “cidade carinho” se não houvesse encontrado você em meu caminho de pesquisadora. Passamos por várias coisas ao longo desses anos todos e espero que tenhamos muito ainda a descobrir mundo afora. Certamente, o impulso que me move vem, em grande parte, de você. Te amo!

Neusa, talvez você não saiba, mas você foi uma grande inspiração para este trabalho, foi através de sua fala que meu instinto de linguista se acendeu para o vasto universo que o falar claudiense representa.

Luana, minha mais fiel colaboradora. Você foi fundamental para que eu pudesse ter acesso a vários dos participantes desta pesquisa, obrigada por tudo!

Leonildo, não tenho palavras para agradecer a você pelos ensinamentos com a linguagem R. Tenho uma imensa admiração pela pessoa que você é.

Ângela e Rogério, vocês entenderam, prontamente, o propósito deste trabalho e se dispuseram, imediatamente, a contribuir com ele de forma muito efetiva. Vocês são inesquecíveis, obrigada pela amizade!

Johnnatan, amigos são acalento para o nosso peito, são eles, os verdadeiros amigos, que nos brindam com calma em meio à tempestade. Obrigada pelos inúmeros sorvetes que fizeram com que eu voltasse mais leve ao meu trabalho.

Claudienses - de nascimento, ou de coração como eu - obrigada por serem protagonistas deste trabalho. Cada conversa, cada história, cada encontro fizeram com que eu entendesse o real sentido do apelido “cidade carinho”.

Aléxia, você foi mais do que orientadora, foi esperança em um momento muito difícil. Certa vez você disse a mim: “Juraci, você é doida como eu”. Acho que sim, você é mesmo doida, aceitou ser a minha orientadora em um momento muito crítico, com prazos prestes a se expirarem. Nossa parceria, no entanto, foi pautada pelo trabalho sério e incansável e isso fez com que obtivéssemos sucesso em nossa empreitada. Obrigada por tudo!

Clézio, considero um privilégio imenso ter você presente em minha vida acadêmica desde a graduação. Você foi o responsável pelo surgimento da sociolinguística em minha vida e por me fazer pesquisadora. Além disso, aprendi com você que a vida deve ser vivida em toda a sua essência. Você é inesquecível em minha trajetória!

Professor Eduardo, desde que você avaliou meu projeto de pesquisa, percebi em quão boas mãos eu estava. Você foi criterioso desde aquele momento, quando mostrou a mim várias das referências que fazem parte deste trabalho. Obrigada, é bom saber que o âmbito acadêmico conta com alguém igual a você.

Sirlene, obrigada pelo apoio que você deu a mim para a submissão do meu projeto à plataforma Brasil, você foi calmaria em meio ao caos.

Prof. Bruno Maroneze, obrigada por se dispor a ler e avaliar o meu trabalho.

*Não temos outra coisa
[que palavras].
somos as palavras que usamos.*

José Saramago

RESUMO

As palavras desempenham um papel central no funcionamento de uma língua, quando apresentam as mudanças sociais, culturais, históricas e políticas de um povo e são a essência para a reconstrução de uma época. O léxico de uma língua vive em constante renovação, sempre se adaptando às mudanças pelas quais a sociedade passa. Assim sendo, é comum que a variação lexical acabe por se tornar bastante perceptível até mesmo aos ouvidos menos atentos. A formalização de estudos científicos que analisam variações lexicais, no entanto, desperta o interesse de pesquisadores já há algum tempo. Haja visto o trabalho empreendido por Amaral (1920), ou mesmo aquele desenvolvido por Ribeiro et al. (1977). Além disso, trabalhos mais recentes como os realizados por Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) têm a variação lexical como elemento central. Este estudo, assim como os supracitados, tem a variação lexical como interesse principal. Buscou-se aqui a descrição, a análise e o registro das escolhas lexicais dos moradores da cidade de Cláudio, localizada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais. A cidade com população de 30.159 habitantes tem como principais atividades econômicas a fundição e a metalurgia. A agricultura e a pecuária, no entanto, são também bastante relevantes naquela cidade. Tendo em vista que dentre os embasamentos teóricos adotados por esta pesquisa estão a Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), bem como as noções de redes sociais de Milroy (1987) e Milroy (1992), as análises foram realizadas com a consideração de que o perfil social de cada um dos falantes a serem entrevistados deveria ser traçado para que se entendesse suas escolhas lexicais. Tal procedimento revelou, por exemplo, que é bastante comum que termos utilizados na lida do campo, por exemplo, são levados pelos falantes para situações de comunicação extralaborais - como momentos de lazer - e isso faz com que o léxico seja ampliado pelos falantes. Além disso, as definições de questões básicas a serem consideradas quando se elabora um dicionário, apresentadas por Haensch et al. (1982); Barbosa (1980) e (2001) foram de extrema importância para que fossem elaboradas fichas lexicográficas e um glossário com as 158 lexias e com as 33 unidades complexas do léxico extraídos das entrevistas realizadas com os falantes da cidade de Cláudio, Minas Gerais. Com a conclusão deste estudo, foi possível observar que há na fala dos moradores daquela cidade uma influência bastante significativa das relações que esses mantêm com o meio rural, tendo sido encontradas lexias indicadas como pertencentes ao vocabulário rural por Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; falar claudiense; variação linguística; lexicologia; lexicografia.

ABSTRACT

Words perform a central role in the functioning of a language when they present the social, cultural, historical and political changes of a people and they are the essence for the reconstruction of an era. The lexicon of a language has been constantly renewed, always adapting to the changes that society experiences. Therefore, it is common for lexical variation to end up becoming quite noticeable even to those less attentive. The formalization of scientific studies that analyze lexical variations has been, however, arousing the interest of researchers for some time. Proof of that is the work undertaken by Amaral (1920), or the one developed by Ribeiro et al. (1977). In addition, more recent works such as those carried out by Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) approach lexical variation as a central element. This study, such as the works aforementioned, has lexical variation as its main interest. The study sought to describe, analyze and record the lexical choices of inhabitants from Cláudio, a town located in the center-western region of the State of Minas Gerais. The town, whose population is of 30,159 people, has foundry and metallurgy as its main economic industries. Agriculture and livestock farming are, nevertheless, also very relevant in that town. Considering that among the theoretical framework adopted by this research are the Theory of Linguistic Variation and Change proposed by Labov (2008 [1972]) and Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), as well as Milroy's notions of social networks (1987) and Milroy (1992), the analyses were carried out by taking into consideration that the social profile of each one of the speakers to be interviewed should be traced to understand their lexical choices. This procedure evinced, for instance, that it is quite common for terms used by rural workers to be taken by those speakers to extra-work communicative situations - such as moments of leisure - and this causes the lexicon to be expanded by those speakers. Furthermore, the definitions of basic issues to be considered when developing a dictionary, presented by Haensch et al. (1982); Barbosa (1980) and (2001) were extremely important towards creating lexicographic sheets and a glossary with the 158 words and 33 complex units of the lexicon extracted from interviews performed with speakers of Cláudio, Minas Gerais. Carrying out this study made it possible to observe that there is a highly significant influence in the speech of the inhabitants of that town from the relationships they maintain with the rural setting. The words indicated as belonging to rural vocabulary by Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) were found in the *Claudian* dialect.

KEYWORDS: Lexicon; Claudian dialect; linguistic variation; lexicology; lexicography.

Lista de mapas

Mapa 1 - Localização da cidade de Cláudio no estado de Minas Gerais.....	71
Mapa 2 - Localização do município de Águas Vermelhas	141
Mapa 3 - Localização do município de Passos	141
Mapa 4 - Localização do município de Santana do Riacho	141
Mapa 5 - Localização do município de Jaboticatubas	141
Mapa 6 - Localização do município de Minas Novas	142
Mapa 7 - Localização do município de Datas	142
Mapa 8 - Localização do município de Cláudio	142

Lista de quadros

Quadro 1 - Os participantes da pesquisa	99
Quadro 2 - Normas das quais a transcrição desta pesquisa foi adaptada	100
Quadro 3 - Lexias listadas para a pesquisa	111
Quadro 4 - Unidades complexas do léxico listadas para a pesquisa	119
Quadro 5 - Lexias não dicionarizadas	124
Quadro 6 - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	127
Quadro 7 - Campos lexicais relações interpessoais: Características humanas - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	128
Quadro 8 - Relações interpessoais: comportamentos/cuidados - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	129
Quadro 9 - Relações interpessoais: Sentimentos e sensações - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	129
Quadro 10 - Relações interpessoais: aparência - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	129
Quadro 11 - relações interpessoais: Estado e mudança de estado	130
Quadro 12 - Relações interpessoais: Festas e eventos - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	130
Quadro 13 - Objetos: Objetos de uso pessoal - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	130
Quadro 14 - Objetos: Objetos e cômodos de casa - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	131

Quadro 15 - Alimentação: comidas/bebidas - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	131
Quadro 16 - Derivações/corruptelas que deram origem a palavras já existentes - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	132
Quadro 17 - Outros: vários - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	132
Quadro 18 - Origem das lexias	139
Quadro 19 - lexias comuns às pesquisas de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) e Carmo (2024)	146
Quadro 20 - Número de ocorrências de cada lexia	150
Quadro 21 - Palavras que apresentam variação	153
Quadro 22 - Palavras que aparecem nas obras atuais com novos sentidos	155
Quadro 23 - Lexias que aparecem apenas nas obras mais recentes	156
Quadro 24 - Palavras não-dicionarizadas e dicionarizadas com sentidos distintos daqueles encontrados no dialeto claudiense	158
Quadro 25 - Palavras que aparecem nas obras atuais com novos sentidos	159
Quadro 26 - Lexias que aparecem apenas nas obras mais recentes	160
Quadro 27 - Lexias testadas pela entrevista	170

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Percentual de lexias dicionarizadas em relação às lexias não-dicionarizadas	123
Gráfico 2 - Sentido com o qual a lexia está dicionarizada	126
Gráfico 3 - Número de ocorrências em cada dicionário	136
Gráfico 4 - Origem das lexias	138
Gráfico 5 - Correlação entre o léxico e o gênero do claudiense	172
Gráfico 6 - Correlação entre o léxico e a escolaridade do claudiense 1	173
Gráfico 7 - Correlação entre o léxico e a escolaridade do claudiense 1	174
Gráfico 8 - Correlação entre o léxico e a faixa etária do claudiense	175

Lista de fotos

Foto 1 - Letreiro no Jardim Monte Castelo	17
Foto 2 - Fachada do centro cultural	41
Foto 3 - Reinado em destaque	71
Foto 4 - Fachada do museu artístico e cultural	92
Foto 5 - Exposição no museu artístico e cultural	111
Foto 6 - Pôr do sol na área urbana de Cláudio	182
Foto 7 - Vista parcial do <i>Jardim Monte Castelo</i>	201
Foto 8 - Fachada da E. M. Coronel Joaquim da Silva Guimarães	201
Foto 9 - Fachada do museu histórico e artístico de Cláudio	201
Foto 10 - Fachada de estabelecimento comercial	201
Foto 11 - Fachada de casa no <i>Jardim Monte Castelo</i>	202
Foto 12 - Fachada da E. M. Dr. Wilson Veado	202
Foto 13 - Vista parcial do <i>Jardim Monte Castelo</i>	202
Foto 14 - Intervenção do artista claudiense Saulo Pico - escadaria José Neves de Souza	202
Foto 15 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	203
Foto 16 - Brinquedoteca Municipal	203
Foto 17 - Biblioteca Municipal	203
Foto 18 - Pequi, fruto bastante presente na alimentação dos claudienses	204
Foto 19 - Pequizeiro, árvore da qual se extrai o pequi	204
Foto 20 - <i>Articum</i> , fruta bastante comum no cerrado	204
Foto 21 - Interior do <i>Articum</i> , fruta do cerrado	204
Foto 22 - Fachada de escola rural, abandonada por falta de aluno	205
Foto 23 - Vista geral de propriedade na área rural	205
Foto 24 - Propriedade rural no povoado dos Souzas	205
Foto 25 - Área rural da cidade de Cláudio	205

Lista de abreviações

Adj.	Adjetivo
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
APFB	Atlas prévio dos falares baianos
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
EALMG	Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais
FALE/UFMG	Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
FFLCH	Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
L1	Língua 1
N	Nome
PB	Português brasileiro
Prep.	Preposição
S. f.	Substantivo feminino
S. m.	Substantivo masculino
S. 2 g.	Substantivo de 2 gêneros
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
V.	Verbo
V. i.	Verbo intransitivo
V. t. d.	Verbo transitivo direto
V. t. i.	Verbo transitivo indireto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

PRIMEIRAS PALAVRAS	18
1.1 As relações entre língua, sociedade e cultura.....	18
1.2 A constituição da diversidade linguística do português brasileiro.....	21
1.3 Estado da arte.....	26
1.4 Problemas da pesquisa	34
1.5 Objetivos	35
1.5.1 Objetivos gerais	35
1.5.2 Objetivos específicos	35
1.6 Justificativa	36

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	41
2.1. Teorias do Léxico	42
2.1.1. Lexicologia	46
2.1.2. Lexicografia	50
2.2. Teoria da Variação e Mudança Linguística	62
2.2.1. Redes Sociais	66

CAPÍTULO 3

3. A CIDADE DE CLÁUDIO	71
3.1 Contextualização histórica	71
3.1.1 A cidade: aspectos físicos	71
3.1.2 Histórico	72
3.1.3 Economia e Educação	73
3.1.4 A cidade: aspecto socioculturais	74
3.2 Estado da arte dos estudos específicos sobre a cidade	76
3.2.1 Nakano (2019)	77
3.2.2 Rocha e Eufrásio (2019)	78

3.2.3 Pereira (2011)	81
3.2.4 Castro (2013)	83
3.2.5 Amaral, Anísio e Dias (2022)	86
3.2.6 Nogueira (2016)	87

CAPÍTULO 4

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	92
4.1. Equipamentos utilizados na coleta de dados	93
4.2. Os participantes da pesquisa	93
4.3. As entrevistas	97
4.4. Narrativa oral espontânea	97
4.5. Entrevista com perguntas direcionadas	98
4.6. Apresentação de lexias para serem definidas pelos participantes	98
4.7. A codificação dos participantes da pesquisa	99
4.8. A transcrição dos dados	100
4.9. Elaboração das fichas	102
4.10. Organização do glossário	107
4.11. A análise dos dados	108

CAPÍTULO 5

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	111
5.1. Lexias dicionarizadas e lexias não-dicionarizadas	122
5.2. Lexias dicionarizadas com sentido distinto daquele encontrado no dialeto claudiense ..	125
5.3. Número de lexias presentes em cada dicionário	135
5.4 Origem das lexias	137
5.5. Consulta a outros trabalhos lexicológicos	140
5.6 Número de ocorrências das lexias	149
5.7 Das influências que a fala exerce sobre a palavra	151
5.8 Variação, mudança e manutenção	154
5.8.1 Arcaísmos	160
5.9 Unidades complexas do léxico	161

5.10 Algumas análises sociolinguísticas	169
5.11 As relações entre língua e sociedade no dialeto claudiense	178

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS	183

REFERÊNCIAS	188

APÊNDICES

Álbum de fotos da cidade de Cláudio	201
Lista de lexias e unidades complexas do léxico listas para a pesquisa	206
Parecer da câmara de pesquisa da FALE/UFMG	209
Ficha social do informante	213
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	214
Roteiro de entrevista	217
Fichas lexicográficas	218
Glossários	426



CAPÍTULO 1

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

1.1 As relações entre língua, sociedade e cultura

Segundo Naro (2015), todas as línguas mudam com o tempo, no entanto, essa mudança não se processa de maneira instantânea ou abrupta, “como se numa determinada manhã, a população inteira acordasse falando diferente do dia anterior.” Consoante ao autor, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Naro (2015, p. 43) acrescenta, que “nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas ou de camadas da população que gozam de maior prestígio social”. Além disso, segundo o autor, grupos sociais que sofrem de pressão normalizadora tendem também a manter formas linguísticas mais conservadoras. Como exemplo, o autor cita que pessoas do gênero feminino, de maneira geral, ou pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem boa apresentação ao público tenderão a se utilizar de formas linguísticas mais formais. De acordo com Naro (2015, p. 43), “os eixos da própria estrutura linguística não são diferentes: num dado momento do processo de mudança, certos itens lexicais ou determinadas estruturas podem ser mais propensos a mudar”. Naro (2015) conclui que a mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo, em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo a mudança acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo.

Bagno (2014) afirma que a língua é um objeto de estudo científico, mas também um fenômeno sociocultural. De acordo com o autor, falar uma língua é criar um ambiente sociocultural e sociocognitivo moldado pelos falantes daquela língua. Quando os falantes se comunicam, eles criam, consoante a Bagno (2014), um contexto de relações e interações. A língua, segundo o autor, é o contexto, já que ela está dentro de nós. Além disso, mediante ao autor, a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala.

Duranti (1997) afirma que utilizar a língua é contribuir para a criação da realidade que intencionamos criar. O autor acrescenta que sua afirmação pode ser corroborada com a observação das relações dêiticas entre expressões linguísticas e o contexto no qual elas são

utilizadas. Algumas expressões, segundo Duranti (1997), não só requerem uma compreensão do mundo circundante para sua interpretação, como ativam o mundo circundante, principalmente, no que diz respeito às identidades sociais. Duranti (1997) assevera ainda que o uso de certas expressões proporciona mais do que a informação necessária para identificar o referente do discurso, elas revelam a posição que o falante assume em relação ao que diz.

A antropologia linguística entende que a língua é uma prática social. Duranti (1997) considera fundamental para o trabalho de campo que se inclua a noção de cultura. O autor, no entanto, tece críticas ao conceito que vem sendo discutido nos textos da antropologia, já que ele considera que esse conceito é muito abrangente que reduz as complexidades sócio-históricas a simples caracterizações. Duranti (1997), então, apresenta teorias sobre cultura nas quais a linguagem desempenha um papel importante:

- a) Cultura como algo distinto da natureza - refere-se ao conceito de que a cultura pode ser aprendida, herdada ou transmitida de geração para geração por meio da interação linguística. O autor exemplifica essa noção de cultura com o fato de que uma criança cresce seguindo modelos de cultura das pessoas que a educam e não de acordo com a sua herança genética;
- b) Cultura como conhecimento - o fato de ser adquirida por meio de aprendizado pressupõe que grande parte dela é obtida por meio de conhecimento de mundo, dessa forma, é compartilhada entre os membros de uma comunidade linguística;
- c) Cultura como comunicação - sugere a existência de uma ligação entre a cultura, os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos com outros grupos, outras situações e outros objetos. Nessa concepção, a comunicação se torna a representação do mundo traduzida em mitos, histórias, teorias, produtos artísticos, etc. e esses devem ser difundidos e compartilhados com o grupo;
- d) Cultura como sistema de mediação - pode ser entendida como a interação entre o homem e o mundo que o cerca, seja social ou físico. Nessa interação, incluem-se os objetos materiais, as ferramentas de trabalho, os sistemas de crenças, e códigos linguísticos, considerados como mediadores entre o homem e o seu entorno;
- e) Cultura como meio de práticas - não é algo externo (que diz respeito às práticas religiosas, rituais ou símbolos herdados por membros antigos da sociedade); nem interno ao indivíduo (que diz respeito à mente individual). A cultura está à volta de uma prática rotineira, com condições materiais e com as experiências dos homens no meio em que vivem;

f) Cultura como meio de participação - a partir do pressuposto de que a comunicação verbal e de natureza inerentemente social, coletiva e participativa, a cultura é vista como um sistema de práticas e de participação em que os indivíduos de determinada comunidade compartilham os recursos existentes, como crenças, linguagens e costumes.

Retomando Naro (2015), todas as línguas mudam com o tempo, em um processo contínuo. Essa afirmação do autor pode ser explicada com as colocações de Bagno (2014), a língua é um fenômeno sociocultural e, como tal, é moldada pelos falantes. Assim, as línguas mudam porque as pessoas que a utilizam mudam. A língua não é um corpo à parte, ela reflete a estrutura estratificada da sociedade. Como assevera Labov (2008, p. 19 [1972]), “correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico”.

As mudanças na sociedade acontecem todos os dias, de forma gradual e, conseqüentemente, a língua muda junto. E, se como afirma Naro (2015) as mudanças linguísticas não acontecem de forma abrupta é porque as mudanças na sociedade não acontecem de forma abrupta. São processos que ocorrem ao longo do tempo. Os conceitos de cultura apresentados por Duranti (1997) são importantes para que se compreenda isso. Naro (2015) afirma que os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas linguísticas antigas do que as pessoas mais jovens. Se for tomado o conceito de cultura como conhecimento apresentado por Duranti (1997), pode-se considerar que o jovem aceita forma linguísticas inovadoras mais facilmente porque eles estão em processo de aprendizado e, dessa forma, entendem que o que lhes é novo deve ser incorporado. Os mais velhos, ao contrário, são mais resistentes a mudanças, porque seu processo de aprendizado está consolidado. Não concluído, porque o aprendizado é algo que faz parte da vida dos seres humanos até a sua morte, no entanto, é consolidado e, por essa razão, ele se preserva.

As contribuições da antropologia linguística são importantes para o estudo das relações entre língua, cultura e sociedade, já que esse campo de estudo amplia as noções de sociedade e suas relações com a língua já propostas por outras áreas de estudo, como a Sociolinguística, por exemplo. Os pesquisadores da antropologia linguística entendem que a língua é um recurso cultural e a fala é uma prática social. Segundo Duranti (1997), essa concepção da antropologia linguística estabeleceu um campo de pesquisa que dá um novo viés às tradições

passadas, e atuais, nas ciências humanas e sociais, e nos convida a todos a refletir novamente sobre a relação entre língua e cultura.

Duranti (1997) afirma que ter uma cultura significa poder comunicar-se e poder se comunicar significa ter acesso a uma língua. Quando o autor cita “acesso a uma língua”, ele usa como exemplo o fato de que quando uma criança surda recebe uma educação baseada na língua de sinais, ela domina uma língua, a língua de sinais. O autor acrescenta ainda que em épocas remotas, quando a oralidade imperava, o pensamento predominante era o de que crianças surdas não adquirem uma língua, já que não eram ouvintes e não conseguiam reproduzir a língua utilizada pelos ouvintes com os quais conviviam. Durante (1997) afirma ainda que a língua de sinais era proibida e que os surdos eram obrigados a se adequarem a uma língua que não era natural para quem tem dificuldades na distinção de sons. Durante (1997) compara a situação das pessoas surdas com a situação de crianças que utilizam de variedades linguísticas não padrão e que, ao ingressarem no ambiente escolar, são discriminadas, expostas a preconceitos, ou mesmo forçadas a se adequar a um sistema de regras - a gramática normativa - que não elas não dominam. Durante (1997) aponta que são situações como as descritas que fazem com que haja a necessidade de se pensar na língua com um sentido amplo. Além disso, segundo o autor, é preciso que haja disciplinas que ensinem que existem formas diversas de se utilizar a língua. Em outras palavras, Durante (1997) afirma a existência da variação linguística, ou seja, o autor defende algo semelhante àquilo que Labov (2008) defende, não há uma comunidade de fala homogênea.

Língua, sociedade e cultura não apenas se relacionam entre si, mas elas se refratam numa situação de interdependência. A língua se reflete na cultura de seu falante, bem como no papel social que ele desempenha. Assim, numa sociedade estratificada, a língua não foge à estratificação. Tendo em vista essa afirmação, a próxima seção apresenta a constituição da diversidade linguística do português brasileiro.

1.2 A constituição da diversidade linguística do português brasileiro

A língua portuguesa chegou ao Brasil no século XVI e hoje, passados mais de 5 séculos, é a língua oficial desse país de 203.080.56 habitantes¹. Assim sendo, para que se entenda a diversidade linguística do português brasileiro é preciso que se entenda a história do próprio país. Os aspectos de formação do Brasil são cruciais para que se entenda as razões pelas quais

¹ Segundo dados do IBGE, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/?lang=pt-BR>, acesso em 01 de maio 2024.

a língua portuguesa assumiu características tão próprias nesse território, afinal, a língua não se realiza em um vácuo social. Dessa forma, o que acontece na sociedade se reflete na língua, aliás, língua e sociedade estabelecem entre si uma relação na qual uma se refrata na outra, num sistema de influências. Então, como dito, não é possível entender o comportamento linguístico de um território sem entender a história de constituição desse território.

De acordo com Hermann (2000), nos primeiro dois séculos de colonização, vieram para o Brasil cerca de 100 mil portugueses, o que corresponde a uma média anual de 500 imigrantes. No século seguinte, o número aumentou, foram mais de 600 mil, com média anual de 10 mil imigrantes portugueses. O ápice desse fluxo migratório, de acordo com Hermann (2000), aconteceu na primeira metade do século XX, entre 1901 e 1930, período no qual a média anual ultrapassou o número de 25 mil imigrantes. Vale lembrar que os portugueses que imigraram para o Brasil não encontraram o território vazio, havia aqui, de acordo com Hermann (2000), uma população que estava na casa dos milhões de pessoas². Essas pessoas, os indígenas, falavam línguas diversas, segundo Castro e Apontes (2020), quase 1300³ línguas eram faladas no território brasileiro em 1500. De acordo com Faraco (2016), a intervenção colonial europeia ocasionou a desestruturação econômica, social e cultural das populações indígenas e essas foram submetidas à lógica da exploração colonial. Ainda segundo Faraco (2016), o novo quadro de relações sociointeracionais afetou profundamente as línguas nelas envolvidas, desde seu completo desaparecimento - seja com o extermínio de seus falantes, ou mesmo com sua diluição na nova formação socioeconômica - até direções evolutivas motivadas pelas situações de contato, aloglossia e bilinguismo que aqui se criaram e fizeram emergir de um lado as línguas gerais, e de outro traçou as primeiras grandes linhas que resultaram no modo polarizado pelo qual se deu a disseminação da língua portuguesa no Brasil.

As relações sociais no Brasil colônia não se deram apenas entre portugueses e indígenas, segundo Hermann (2000), entre os séculos XVI e meados do século XIX, cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças chegaram ao território brasileiro. Esses vieram escravizados e seu trabalho predominou em quase todos os setores econômicos: criação de gado, indústria açucareira, agricultura de abastecimento interno, pequenas manufaturas, trabalho doméstico, etc. Uma breve consulta a um dicionário etimológico revelará o quanto esse contato entre os três povos - indígenas, portugueses e africanos - enriqueceu a língua portuguesa, há inúmeras palavras de origem indígena e africana que foram incorporadas pela língua portuguesa. Em

² O autor não apresenta números exatos.

³ Os autores não apresentam números exatos.

Cunha (2010), por exemplo, é possível encontrar *mingau* - ‘alimento de consistência pastosa’ - de origem tupi e *denngo* - melindre, faceirice, birra de criança’ - do quimbundo.

Outros povos, ao longo do tempo, foram se juntando a indígenas, portugueses e africanos no território que hoje conhecemos como Brasil. De acordo com Hermann (2000), a presença de espanhóis no Brasil colonial foi estratégica e importante entre os fins do século XVI e meados do século XVII. Além disso, o autor afirma que ainda no reinado de D. Pedro I - que aconteceu entre os anos de 1822 e 1831 - os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil. Outros imigrantes são citados pelo autor: os italianos, que vieram no ano de 1874; os árabes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e os japoneses que, por sua vez, chegaram ao Brasil em 1908.

A chegada de todos esses povos ao Brasil só poderia mesmo fazer com que houvesse uma grande diversidade linguística no país. Segundo Faraco (2016), o Brasil acabou por se tornar a única sociedade extra-europeia em que a língua portuguesa se tornou a L1 - Língua 1, ou seja, a primeira língua aprendida por um indivíduo - da maioria absoluta da população. O autor adverte, porém, que essa hegemonia, obviamente, não significa homogeneidade. No Brasil, segundo Faraco (2016), há uma grande variedade regional marcada, principalmente, por pronúncias, prosódias e léxicos diferentes. E toda essa variedade se deve ao fato de que os povos citados - e os não citados - por Hermann (2000) se colocaram em contato, compartilharam sua cultura, seus conhecimentos e hábitos, o que, conseqüentemente, se refletiu na língua já que, como mencionado, língua e sociedade estabelecem entre si uma relação na qual uma se refrata na outra, num sistema de influências.

Até agora, o que se descreveu foi a formação social do território brasileiro, apresentou-se os povos que o ocuparam, mas a formação geográfica do país também influenciou na formação da língua portuguesa do Brasil. Ilari e Basso (2014, p. 49) asseveram que “muitos aspectos de formação do Brasil como país são importantes para entender a situação linguística que o território brasileiro vive atualmente”. De acordo com os autores, o território brasileiro se definiu ao num processo pelo qual novas regiões foram sendo incorporadas ao que hoje se entende por Brasil, sob o impacto das entradas e bandeiras⁴. De acordo com Ilari e Basso (2014, p. 49), “essa expansão territorial fez com que o português, a partir da costa atlântica, realizasse extensa e inexorável ocupação a oeste, feita quase sempre à custa das línguas indígenas e, às vezes, do espanhol”. Segundo os autores, os resultados desse processo são

⁴ Essas eram expedições que saíam do litoral - durante os séculos XVI e XVIII - em direção ao interior do Brasil. As entradas eram expedições oficiais (organizadas pelo governo) e as bandeiras eram expedições organizadas e financiadas por particulares.

evidentes, na atualidade, o Brasil é o maior país de língua portuguesa em extensão territorial bem como é o país no qual vive o maior número de falantes da língua portuguesa, 203.080.756.

Como apontam Ilari e Basso (2014), a formação geográfica do país pode fazer com que seja possível entender a situação linguística. O movimento de entradas e bandeiras, por exemplo, foi responsável, segundo Brandão (2007) por difundir a realização retroflexa do fonema /R/ para áreas além de São Paulo, local de origem do fonema na língua portuguesa. Assim, a retroflexão do fonema /R/ está presente, segundo a autora, nas cidades e estados que faziam parte da rota percorrida pelos participantes das expedições dos séculos XVII e XVIII. O projeto Filologia Bandeirante (1996 -2000) foi realizado por Heitor Megale (Universidade de São Paulo), Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Universidade de São Paulo), Maria Antonieta Amarante de M. Cohen (Universidade Federal de Minas Gerais), Maria Sueli Aguiar (Universidade Federal de Goiás) e Waldemar Ferreira Netto (Universidade de São Paulo) e teve como objetivo identificar resquícios de fala da época das bandeiras. Dentre as descobertas dos pesquisadores, como apresenta Gabriel (2005), estão redução do ditongo *ei* (*feição* em vez de *feijão*), a inserção de *i* como semivogal em final de palavra (*luiz* em vez de *luz*) e a supressão da consoante em encontros consonantais (*picisa* em vez de *precisa*). O trabalho é riquíssimo e muito vasto, portanto, não é possível descrevê-lo por completo aqui, no entanto, vale uma leitura completa para que se conheça todos os elementos linguísticos listados pelos autores.

Guimarães (2005) estabelece quatro períodos para a história da língua portuguesa no Brasil. O primeiro momento começa, de acordo com o autor, com o início da colonização portuguesa, 1532, e vai até a saída dos holandeses do Brasil em 1654. nesse período, o português convive com as línguas indígenas, as línguas gerais⁵ e o holandês. O segundo período, de acordo com Guimarães (2005), começa com a saída dos holandeses do Brasil e vai até a chegada da família real no Rio de Janeiro em 1808. Segundo o autor, a saída dos holandeses muda o quadro de relações entre línguas no Brasil na medida em que o português não tem mais a concorrência de uma língua de Estado, o holandês. A relação passa a ser, fundamentalmente, entre a língua portuguesa, as línguas indígenas - especialmente as línguas gerais - e as línguas africanas. Nesse período, a população de portugueses no Brasil aumenta consideravelmente, dessa forma, cresce também o número de falantes específicos da língua portuguesa no país. Além disso, os portugueses que vêm para o Brasil não vêm da mesma

⁵ As línguas gerais eram línguas de contato entre indígenas de diferentes grupos, entre indígenas e portugueses e seus descendentes, assim como entre portugueses e seus descendentes.

região de Portugal, assim, no mesmo espaço e tempo passam a conviver dialetos distintos da língua portuguesa. O terceiro período, consoante a Guimarães (2005), começa com a vinda da família real em 1808 e termina com a independência. O autor firma como fim do terceiro momento o ano de 1826, ano em que se formula a questão da língua nacional do Brasil no parlamento brasileiro. Com a vinda da família real, Dom João VI criou a imprensa no Brasil e fundou a Biblioteca Nacional. Isso muda o quadro da vida cultural brasileira e dá a língua portuguesa no Brasil um instrumento direto de circulação, a imprensa. Guimarães (2005) aponta como início do quarto período o ano de 1826, período no qual o deputado João Clemente propõe que os diplomas dos médicos no Brasil fossem redigidos em “língua brasileira”. Houve, de acordo com Guimarães (2005), muitas discussões sobre o fato de que os professores deveriam ensinar a ler e a escrever utilizando a língua nacional. A questão da língua portuguesa no Brasil, que já era a língua oficial do Estado, se põe como uma forma de transformá-la de língua do colonizador em língua da nação brasileira.

A própria história da língua portuguesa no Brasil, por si só, mostra como essa língua apresenta um conjunto importante de características próprias. Descrever essa língua é de extrema importância para que se compreenda a identidade do povo que a utiliza, pois, como já foi mencionado mais de uma vez, língua e sociedade estabelecem uma relação em que uma se refrata na outra, as duas não se distinguem em seu processo de construção. Sabe-se, porém, como afirma Faraco (2016) analisar a complexa realidade sociolinguística brasileira não é tarefa fácil, faltam dados referentes aos primeiros séculos, mas também, faltam dados relativos às muitas situações atuais. Apesar das dificuldades apontadas por Faraco (2016), incansáveis têm sido os linguistas que se dispõem a empreender seus trabalhos de pesquisa no intuito de registrar o comportamento da língua portuguesa em uso no país. Amaral e Santos (2016) apresentaram uma análise historiográfica do conjunto de obras que se dispuseram a analisar o português falado em Minas Gerais durante o período de 1889 a 2014 e demonstram como as pesquisas linguísticas evoluíram com o passar do tempo. Como dito, o estudo de Amaral e Santos é específico sobre os trabalhos que retratam a língua portuguesa falada em Minas Gerais, no entanto, a análise dos autores poderia, facilmente, se estender ao restante do país, afinal, como apontam Amaral e Santos (2016), com a criação dos programas de pós-graduação no Brasil, houve um grande aumento no número de pesquisas linguísticas empreendidas no país. Além disso, tais pesquisas, que antes faziam algumas observações meramente impressionistas em relação ao seu objeto de estudo, ganharam com o tempo e, possivelmente, com a criação de tais programas de pós-graduação um maior rigor científico.

Afinal, a evolução tecnológica permitiu que os dados passassem a ser coletados, armazenados e analisados de forma mais eficiente e precisa.

Carvalho e Seabra (2019, p. 19) afirmam que “é pela palavra que todo conhecimento adquirido em várias áreas do saber é acumulado ao longo da história de um povo e é transmitido às gerações seguintes”. As autoras asseveram que o estudo do léxico, como elemento modelador da cultura, possibilita compreender os conceitos e os eventos da vida cotidiana. Tendo em vista a relevância das colocações de Carvalho e Seabra (2019), bem como o fato de ser este um estudo que tem como foco principal o léxico, nada mais natural que outros trabalhos sobre esse tema fossem citados aqui. Assim, a próxima seção apresentará alguns dos relevantes trabalhos de pesquisa realizados por pesquisadores empenhados em descrever a língua portuguesa e sua diversidade no Brasil.

1.3 Estado da arte

O léxico, segundo Seabra (2006, p. 7), “encontra-se arraigado à história, tradição e costumes de um povo, estando, por isso, em constante processo de expansão, alteração e contração”. Por causa disso, segundo a autora, o léxico é considerado o subsistema mais dinâmico da língua. Assim sendo, quem estuda o léxico de uma língua acaba por conhecer a história social daqueles que a utilizam. A diversidade linguística que se manifesta no léxico vem sendo descrita por vários autores interessados em identificar as peculiaridades da língua portuguesa no Brasil. Esta seção apresentará alguns estudos lexicais que contribuíram para a descrição do Português Brasileiros, doravante PB. Antes que se apresente os estudos lexicais aqui descritos, porém, é pertinente que se esclareça que o léxico pode ser estudado sob os mais diversos pontos de vista. Pode-se, por exemplo, estudar a variação lexical em diferentes manifestações (diatópica, diastrática, diafásica ou diamésica). pode-se também estudar a identidade lexical de um determinado grupo social, diferenciando, por exemplo, léxico de uma comunidade rural do léxico de uma comunidade urbana. Os estudos lexicais podem tratar de antropônimos - nomes próprios de pessoas - ou de topônimos - nomes próprios de lugar. Pode-se ainda, analisar os chamados nomes gerais: coisa, trem, negócio, sujeito, etc. O léxico também pode ser estudado levando-se em conta aspectos gramaticais (concordância nominal, tendência à gramaticalização, tendência à pronominalização, etc.). Diante de tantas possibilidades, o que se observa nos estudos linguísticos brasileiros é uma significativa quantidade de trabalhos nos quais o léxico é o foco principal. Como não é possível citar cada

um dos estudos lexicais sobre o PB já empreendidos até hoje, buscou-se aqui apresentar estudos que, de alguma forma, se relacionem com o estudo sobre o dialeto claudiense, tema deste trabalho.

Domingos Borges de Barros, o Visconde da Pedra Branca, foi, certamente, um dos precursores dos estudos lexicais do português brasileiro. Em 1826, Barros contribuiu com a obra *Introduction a l'Atlas ethnographique du globe* do geógrafo italiano Adrien Balbi, que se dispunha a descrever características linguísticas, históricas e culturais dos habitantes das regiões do globo. Naquela obra, dentre outros elementos que constituem os estudos linguísticos, Barros cita diferenças lexicais entre o PB e o português europeu, doravante PE. Há, segundo o autor, algumas palavras que em território brasileiro assumiram significados diferentes daqueles apresentados na Europa, além de palavras utilizadas no PB, mas desconhecidas em Portugal. Barros apresentou uma amostra de 58 palavras, 8 palavras comuns ao PB e ao PE, mas com sentidos diferentes em cada uma das variedades da língua e 50 palavras usadas apenas no PB. Além disso, Barros cita a produtividade de sufixos na língua portuguesa. O autor cita, por exemplo, palavras como *pedrada e facada* que são capazes, sozinhas, de substituir as expressões “ferir ou golpear com uma pedra” e “ferir ou golpear com uma faca” respectivamente.

Amaral (1920) voltou seu olhar ao dialeto caipira, dialeto bem pronunciado no território da antiga província de São Paulo, mediante ao próprio autor. Já naquela época, Amaral (1920) entende que a variação é inerente à língua. Segundo o autor: o falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas, Amaral (1920, p. 43). Sua intenção, então, era, segundo palavras do próprio autor, caracterizar o dialeto caipira. Amaral (1920) construiu um glossário, que, segundo o autor,

Não se propõe reunir todos os brasileirismos correntes em São Paulo. Apenas registra vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeitos, difere bastante da gente das cidades, mesmo inculta. Quanto a esses próprios vocábulos, não houve aqui a preocupação de indicar todos quantos constam das nossas notas. Deixamos de lado, em regra geral, aqueles que temos visto usados senão em escritos literários, e por mais confiança que os autores destes nos merecessem. (Amaral 1920, p. 83)

Mesmo tendo sido elaborado há mais de um século *O Dialeto Caipira*, obra de Amaral, continua sendo utilizado como referência quando se trata de estudos dialetológicos relacionados ao meio rural, ou seja, o dialeto caipira, como Amaral nomeou.

Tendo em vista as dimensões geográficas do Brasil - o país é tão grande que seu território é comparável à área de um continente - pode-se mensurar o quão variável é a língua

que se fala nesse imenso território. Como já mencionado, Amaral (1920) sinalizou esse fato já no século passado. Assim sendo, os interessados por descrever a língua em uso no Brasil perceberam a necessidade de se mapear, linguisticamente, o imenso território brasileiro. Assim, surge em 1952 com a Comissão de Filologia da então recém criada Casa de Rui Barbosa, o objetivo fixado pelo decreto de número 30.643, de 20 de março daquele ano, de criação de um atlas linguístico do Brasil. Tendo em vista as inúmeras dificuldades de mapear os falares diversos de um país das proporções do Brasil, os dialetólogos decidiram iniciar por mapeamentos regionais. Dessa maneira, no ano de 1977, Ribeiro et al. lançam o *EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Os autores mapearam uma rede de 184 localidades e tiveram como resultado a confirmação da existência de três falares distintos no território mineiro: o falar baiano, ao norte, o falar paulista, no sul-sudeste, e o falar mineiro no centro-leste. Além do *EALMG*, mapeamentos de outras regiões foram publicados: em 1964, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, em 1984, o *Atlas Linguístico da Paraíba*, em 1987, o *Atlas Linguístico do Sergipe*, e em 1994, o *Atlas Linguístico do Paraná*. Em 2014, foram lançados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*.

Para que seja possível descrever a língua de um país tão extenso, como já mencionado, é necessário que haja pesquisadores dedicados a regiões ou temas específicos, não é possível, dessa forma, que um só estudioso da língua descreva o português falado em todo o território brasileiro. Foi com esse pensamento que os dialetólogos, ao idealizarem um mapa linguístico do Brasil, entenderam que seria necessário mapear a língua por regiões. Além disso, sabe-se, como já exposto, que a língua varia de região para região, assim, faz mais sentido que a língua seja descrita e analisada conforme a região na qual ela é falada. É assim, com esse entendimento, que surgem trabalhos como aquele empreendido por Marins (2012) que estudou o vocabulário dos habitantes da região Centro-Oeste, no que se refere à questão rural/urbano, com base em dados geolinguísticos do projeto ALiB, Atlas Linguístico do Brasil. O intuito da pesquisadora era verificar possíveis mudanças no comportamento linguístico dos habitantes das capitais e das cidades do interior da região Centro-Oeste, no que se refere ao vocabulário rural e urbano. Além disso, a autora analisou as unidades lexicais que nomeiam referentes relacionados ao universo rural, ao universo urbano, e aqueles comuns às duas realidades. Os dados foram retirados do projeto ALiB e as análises foram feitas sob as perspectivas diatópicas, diastráticas e diageracionais. Marins (2012) constatou que o vocabulário dos habitantes da região Centro-Oeste contém unidades lexicais típicas tanto do mundo rural quanto do mundo urbano e isso, segundo a autora, aponta para a existência de um

continuum em termos de marcas de urbanização e ruralidade no léxico do homem da região Centro-Oeste.

Amaral e Santos (2016) fizeram um importante levantamento das pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história. Os autores estabeleceram uma periodização dos estudos em três fases: 1889 a 1937; 1938 a 1976; 1977 a 2014. Na terceira fase, segundo os autores, o léxico está entre os três assuntos mais estudados por teses e dissertações. Amaral e Santos (2016) salientam que a ampliação dos programas de pós-graduação é um dos fatores responsáveis por fazer com que nos anos 2000 houvesse um aumento no número de pesquisas, no caso, sobre o português falado em Minas Gerais. Além dos programas de pós-graduação, citados pelos autores, os grupos de estudos criados nas universidades são também responsáveis por fazer surgir pesquisas sobre o léxico. A seguir, são descritos dois projetos que foram coordenados pela professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais).

Sob a coordenação da professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG), no ano de 2006, foi lançado o livro *Léxico em Estudo*. A obra, fruto de estudos do GruMEL, *Grupo Mineiro de Estudos do Léxico* da Faculdade de Letras da UFMG, apresenta trabalhos como os de Evando S. Martins, que estudou vocábulos usados em localidades do Norte de Minas; Carolina Antunes e Marlene Machado que trabalharam com o léxico no Vale do Jequitinhonha e Sônia Queiroz e Amanda Sônia López de Oliveira, que pesquisaram palavras africanas em Minas Gerais.

Outro projeto coordenado por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG) é intitulado “Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro”. o projeto, que trata especificamente do léxico mineiro, conta com os trabalhos de Souza (2008), que estudou o léxico de Águas Vermelhas, na região Norte de Minas; Ribeiro (2010), que estudou o léxico rural de Passos, no Sul de Minas; Freitas (2012) e Cordeiro (2013), que estudaram, respectivamente, o léxico rural da Serra do Cipó, na região central de Minas, e o léxico rural de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

O professor Eduardo Tadeu Roque Amaral (também da UFMG) - que possui trabalhos importantes sobre o estudo do léxico - atualmente coordena o projeto *O nome próprio de pessoa e sua relação com os direitos humanos: análise de crenças e atitudes sociolinguísticas*. Esse projeto tem por objetivo analisar as crenças e atitudes sociolinguísticas a respeito da atribuição e alteração do nome de pessoa, buscando relacionar os aspectos linguísticos do

fenômeno com a ampliação dos direitos humanos das últimas décadas⁶. A pesquisa tem como base teórica a Sócio-onomástica (Ainiala, 2016; Ainiala; Östman, 2017), além de estudos sobre os direitos de personalidade e sobre os direitos humanos. O projeto analisa de modo qualitativo dados de entrevistas orais realizadas com participantes estrangeiros e nacionais. A coleta de dados segue os procedimentos metodológicos da sociolinguística, especialmente da vertente que se ocupa das crenças e atitudes linguísticas. A hipótese dos autores é que o conteúdo das entrevistas ao ser analisado sob a luz das mudanças sociais e legais ocorridas a partir da segunda metade do século XX, bem como da ampliação dos direitos humanos das últimas décadas, revele crenças e atitudes dos participantes mais favoráveis a um menor controle estatal sobre os mecanismos de atribuição e alteração do nome próprio.

O projeto TermNeo - Observatório de neologismos do português contemporâneo -, coordenado pela professora Ieda Maria Alves da FFLCH, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, realiza, anualmente, um colóquio dedicado exclusivamente ao léxico desde o ano de 2005. O objetivo do evento é reunir pesquisadores da área do léxico em diferentes vertentes (Neologia, Morfologia, Terminologia, Lexicografia, ...) e, segundo informações disponíveis no site do próprio evento⁷, dialogar com áreas em que o componente lexical é relevante, ainda que não central. Os trabalhos apresentados nos colóquios do projeto TermNeo são publicados em forma de livro com o título de *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Eventos como aquele proposto pelo projeto TermNeo são muito importantes para os estudos lexicais, pois coloca em contato pesquisadores de regiões diversas e esses podem - além de trocar impressões sobre seus trabalhos - considerar a relevância de se empreender novos trabalhos de pesquisa. Além do exposto, deve-se considerar eventos como os do projeto TermNeo dão oportunidade para que jovens pesquisadores se envolvam com o mundo da pesquisa científica.

Como apontam Amaral e Santos (2016), houve um aumento no número de pesquisas de mestrado e doutorado a partir dos anos 2000. Uma consulta breve nos programas de pós-graduação existentes no Brasil mostrará que os estudos realizados por mestrandos e doutorandos abordam os mais diversos temas e isso é bastante enriquecedor para os estudos científicos. Para os estudos linguísticos - tema de nosso interesse -, por exemplo, quanto maior o número de pessoas empenhadas em descrever a língua e quanto maior a diversidade de temas estudados, mais será possível nosso autoconhecimento como sociedade já que como

⁶ São palavras do próprio autor disponíveis em:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=7CF0A6A22942B8E643C3245593391054.bu> [scatextual](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=7CF0A6A22942B8E643C3245593391054.bu) 0. Acesso em 01 abr. 2024.

⁷ <https://coloquioneo.fflch.usp.br/>

afirma Labov (2008 [1972]), fazer linguística ignorando o aspecto social é inconcebível. A seguir serão apresentadas algumas pesquisas de mestrado e doutorado nas quais o léxico foi abordado como foco principal.

Nunes (2012) descreveu o léxico em uso pelos policiais militares que trabalharam na capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, nos períodos que vão desde a Revolução de 1964 até a promulgação da Constituição de 1988; da década de 1990 até o período no qual a pesquisa foi realizada, 2012. Como pressupostos teóricos, Nunes (2012) se valeu das teorias do léxico e da Teoria da Variação e Mudança Linguística. O autor verificou a atuação do fator extralinguístico faixa etária, assim, foram selecionados falantes de três faixas etárias distintas: 20 a 25 anos; 30 a 40 anos e 45 a 60 anos. Para a coleta de dados, Nunes (2012) aplicou um questionário composto de perguntas fechadas e abertas relacionadas aos objetos de uso policial e às situações do cotidiano. As unidades léxicas presentes nas respostas foram analisadas com relação à frequência de uso e isso classificou as palavras e/ou construções em 3 grupos: mais estáveis, menos estáveis e instáveis. A análise quantitativa, segundo Nunes (2012), apontou que a faixa etária mais jovem está contribuindo para um processo de substituição de numerosos itens lexicais presentes na fala dos policiais militares.

Miranda (2015) analisou o léxico usado pelos moradores de Datas, no Alto Jequitinhonha, região na qual há grupos remanescentes de comunidades garimpeiras. Sob a luz, entre outras, da Teoria da Variação e Mudança Linguística (2008 [1972]), a autora analisou um *corpus* composto por 629 lexias. Para a criação de sua amostra, a autora entrevistou 31 falantes com idades entre 27 e 92 anos. Miranda organizou dois glossários, um do léxico rural e outro do léxico do garimpo, com os dados de fala dos moradores de Datas. Com suas análises, a autora concluiu que a fala dos moradores daquela cidade apresenta particularidades que se devem às contribuições de remanescentes de comunidades garimpeiras. O trabalho de Miranda corroborou uma das hipóteses propostas pela autora: características marcantes do meio, refletem, claramente, a relação existente entre língua, cultura e sociedade.

Pereira (2021) descreveu o léxico da cachaça na região de Salinas, Minas Gerais, com o intuito de observar em que medida o léxico de uma comunidade que lida com aquele produto retrata a realidade sociocultural de tal comunidade. Pereira (2021) se valeu das contribuições da Antropologia Linguística (Duranti, 2000), da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972], Milroy, 1980); da Lexicologia (Biderman 2001); da Lexicografia (Krieger, 2006) e do histórico da cachaça no Brasil (Câmara, 2004 e Sandre, 2004). Para a coleta dos dados foram gravadas 14 entrevistas nas zonas rural e urbana de Salinas. Foram listadas 272 lexias relacionadas à cachaça - ao plantio da cana, à produção e à comercialização da bebida. Pereira (2021), ao

final de sua pesquisa, constatou que existe um vocabulário regional marcado pelas influências culturais daquele lugar e que a cachaça é um produto de suma importância não somente para a economia de Salinas, mas principalmente para a cultura e a identidade dos salinenses.

Fernandes (2021) se propôs a discutir o léxico regional, analisando a questão da relação rural/urbano no vocabulário de falantes de localidades de pequeno porte no interior da região Sudeste do Brasil, com enfoque na perspectiva da identificação e análise de traços de conservadorismos léxicos. Com base em dados geolinguísticos, a pesquisa busca verificar em que medida fatores espaciais, históricos e socioculturais podem influenciar na escolha lexical dos falantes. Fernandes (2021) fundamentou-se nos pressupostos da Lexicologia, da Dialectologia, da Sociolinguística, da Etnolinguística, da Antropologia e da Sociologia Rural. O *corpus* da pesquisa foi constituído por um total de 1.019 unidades lexicais documentadas como respostas para sete perguntas do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, ALiB. As respostas foram apresentadas por 156 falantes de 39 localidades do interior dos estados de Minas Gerais, do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Foram analisadas as respostas de falantes dos gêneros feminino e masculino de duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos. Os dados foram examinados pela perspectiva diatópica. As análises apontaram dados que revelam resquícios de formas léxicas conservadoras indicando possivelmente influências decorrentes de aspectos históricos, geográficos e socioculturais na fala dos grupos analisados. Segundo a autora, o estudo ratificou a interface entre léxico, cultura e sociedade.

Oliveira (2022) analisou campos lexicais de fraseologismos do português brasileiro que possuem em sua constituição os nomes homem e mulher. Segundo a autora, essas unidades fraseológicas são estruturas com significados que não remetem à somatória de seus componentes e têm sido pesquisadas sob diversas abordagens nos estudos lexicológicos e lexicográficos. Oliveira (2022) coloca como objetivo de seu trabalho a averiguação de fatores socioculturais nos significados dos fraseologismos considerados por seu estudo. Outro objetivo de Oliveira (2022) é a análise do grau de rigidez dos fraseologismos e, por conseguinte, sua variação lexical. Oliveira (2022) levantou a hipótese de que, assim como outras unidades de cunho pejorativo não são mais bem aceitas socialmente, os fraseologismos formados por *mulher* podem ter caído em desuso ou terem adquirido novas acepções devido a mudanças no contexto sociocultural brasileiro ao longo dos anos, uma vez que, de acordo com o que foi verificado nas obras lexicográficas, grande parte das unidades fraseológicas formadas por *mulher* são depreciativas. Oliveira (2022) teve como embasamento teórico Biderman (1998, 2001) Coseriu (1998 [1977]), Penadés Martinés (1999), Ortiz Alvarez

(2000), Iriarte Saromán (2000), Xatara; Oliveira (2002), Labov (2008 [1972]), García-Page Sánchez (2008), Moreno Fernández (2005 [1998]), Matoré (1973 [1953]), Dacome Bueno (2015), Bodelón; Rubio (2012) e Zavaglia (2022). A coleta e a análise de dados da pesquisa apoiaram-se em dados linguísticos retirados das plataformas *Corpus do Português (Web/Dialects)* e *Sketch Engine (Portuguese Web 2011 - ptTenTen11)*. Os excertos coletados foram utilizados como base para um questionário semântico-lexical aplicado a 60 participantes. Foram consideradas pela pesquisa as variáveis idade, gênero e escolaridade. Entre as suas descobertas, Oliveira (2022) constatou que fatores extralinguísticos usados e analisados pela pesquisa se inter-relacionam e interferem no significado de alguns fraseologismos, sendo linguisticamente significativos.

Rocha (2023) descreveu o léxico toponímico do Médio Vale do Jequitinhonha, que fica a nordeste de Minas Gerais, numa área de caatinga, cerrado e mata atlântica distribuídos por montanhas, chapadões e grandes vales abertos, situados na maior parte no domínio do Semiárido. O *corpus* da pesquisa foi constituído pelos nomes das comunidades rurais, distritos, fazendas, aldeia, rios, córregos, ribeirões, barragem, cachoeiras e serras. O objetivo era investigar como a relação entre língua e cultura é representada no campo toponímico. Como aporte teórico, foram adotados os textos de Sapir (1969), Ullmann (1964), Biderman (1981, 1998, 2001), Dauzat (1926), Stewart (1954), Dick (1980, 1990 a 1990b, 1996), Seabra (2004, 2008, 2010, 2015), Isquendo (1996, 1997, 2012, 2019), Castro (2018), Carvalhinhos (2007, 2009) Amaral (2013, 2020) e Duranti (2000). Rocha (2023) delimitou para suas análises a área geográfica designada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - em 2017 como Região Geográfica Imediata de Araçuaí. Foram analisados 252 topônimos coletados por meio de 24 entrevistas semiestruturadas, três em cada município da área da pesquisa. Além disso, foram utilizados mapas geográficos e documentos oficiais fornecidos pelos municípios. Segundo Rocha (2023), os resultados apontam para uma toponímia conservadora, em que apenas 5,15% de topônimos sofreram mudança por substituição. Com relação à origem, prevaleceram os topônimos de origem portuguesa, 80% dos totais. Os topônimos de origem indígena somaram 16%, os topônimos de origem africana totalizaram 2% e os demais correspondem a 2%. A autora conclui que a análise dos dados mostrou que nomes de lugares no Médio Jequitinhonha são criados, recriados, adaptados ou modificados dependendo do contexto em que foram inseridos em determinado período, refletindo aspectos históricos e socioculturais da região.

Como já mencionado, uma busca pelos programas de pós-graduação das universidades do país revelará um grande número de trabalhos que se dispõe a estudar o léxico sob os mais

diversos pontos de vista. Esse grande interesse por analisar “a pedra de toque da linguagem humana”, forma como Biderman (1998, p. 81) nomeia o léxico, faz com que a descrição da língua portuguesa no Brasil seja cada vez mais rica. Quanto maior a diversidade de trabalhos e de temas propostos, maior será nosso conhecimento sobre o povo brasileiro e sobre a língua portuguesa que esse povo fala, afinal, como assevera Labov (2008, p.13 [1972]), “a língua tem caráter social e cabe à linguística reconhecer isso”. Dessa forma, conhecer a sociedade é conhecer a língua que ela fala e vice-versa.

1.4 Problemas da pesquisa

A variação linguística pode estar ligada a fatores internos - inerentes à estrutura da língua e, portanto, denominados fatores linguísticos - e a fatores externos - relacionados diretamente ao indivíduo e a sua vida em sociedade, como escolaridade, gênero, idade... - denominados fatores extralinguísticos. Como coloca Labov (2008 [1972]), língua e sociedade estão intimamente ligadas, portanto, faz-se necessário considerar os fatores sociais em relação ao processo linguístico, para que esse possa ser compreendido. Com o exposto, esta pesquisa questiona:

- a) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a identidade lexical dos nativos de Cláudio?
- b) Com qual frequência, considerando uma análise quantitativa, e em quais situações comunicativas os claudienses utilizam itens lexicais característicos de seu falar?
- c) Os vocábulos com significação característica do falar claudiense aparecem em situações específicas de comunicação? Em caso afirmativo, em qual contexto seriam mais frequentes?
- d) Com qual frequência e em quais situações comunicativas ocorrem derivações - “processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio de agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido, referido sempre, contudo, à significação da

palavra primitiva”, Rocha Lima (2014, p. 250) - peculiares do tipo *trenhera*⁸, *embondeiro*⁹ e *custosice*¹⁰?

e) Tendo em vista a história da formação da cidade de Cláudio, seria possível afirmar que seu léxico característico se configura como caso de retenção ou arcaísmo linguísticos?

f) Caso o léxico característico do falar claudiense se configure como retenção ou arcaísmo, esse comportamento linguístico está presente tanto na fala dos mais jovens quanto na fala dos mais velhos?

1.5 Objetivos

Os objetivos do trabalho foram divididos em gerais e específicos serão apresentados a seguir.

1.5.1 Objetivo Geral

Analisar o léxico específico dos moradores da cidade de Cláudio, Minas Gerais.

1.5.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos, foram estabelecidos:

a) Investigar, com o uso de obras, principalmente dicionários e vocabulários dos séculos XVIII, XIX e XX, se o léxico específico encontrado em Cláudio apresenta vestígios de vocábulos que se configurem como sendo retenção, ou mesmo de arcaísmo lexical;

b) Descrever e analisar, sob a perspectiva da sociolinguística, o uso e os contextos de uso do léxico específico de Cláudio;

⁸ Dicionarizada pelo *Houaiss* com o significado de ‘profusão de trens’, o mesmo sentido utilizado na fala dos nativos de Cláudio.

⁹ É interessante considerar que a palavra *embondeiro* consta no dicionário *Houaiss*. No entanto, o significado naquela obra é apenas como *baobá*, ‘árvore da família das bombáceas’. Em Cláudio, *embondeiro*, é o mesmo que ‘indivíduo do gênero masculino que gosta de *embondos*, coisas supérfluas’.

¹⁰ *Custosice* não foi encontrada nos dicionários pesquisados, *Houaiss* e *Aurélio*. No entanto, em Cláudio, a palavra é utilizada como substantivo, e dá nome ao ato de ser custoso.

- c) Construir um glossário com as lexias que se configurarem, ao final da pesquisa, como características de Cláudio, ou da região na qual a cidade está inserida.
- d) Contribuir com os estudos lexicológicos do português brasileiro, construindo um banco de dados que servirá a futuras pesquisas linguísticas sobre a região de Cláudio.

1.6 Justificativa

As palavras apresentadas pelos dicionários representam um panorama abstrato da língua, e ainda que esses prometam a apresentação de extensa lista de vocábulos, estão longe de reunir e descrever todas as palavras em uso em um determinado período histórico e nas inúmeras comunidades de fala de uma língua. Segundo Biderman (2006), à medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante. E o léxico vai assumindo dimensões gigantescas sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário. Outrossim, Biderman (2002, p. 177) afirma que “o dicionário é o depositário do acervo lexical da cultura”. A autora acrescenta que a variação linguística no espaço acarreta distinções substanciais no léxico, sendo complicado imaginar um dicionário que dê conta do léxico das variedades de uma língua, ou seja, é difícil fazer um dicionário descrevendo o léxico e prescrevendo normas para as variedades socioculturais de uma mesma língua. Se a língua portuguesa falada no Brasil for tomada como exemplo da afirmação feita por Biderman (2002) de que a variação linguística no espaço acarreta distinções no léxico, não será difícil citar uma centena dessas distinções lexicais no português brasileiro. Assim sendo, não há um dicionário que consiga esgotar todos os elementos linguísticos a serem descritos e prescritos. Ademais, se dicionário, como afirma Biderman (2002), é o depositário do acervo lexical da cultura, ele precisa ser descrever a diversidade cultural de quem se utiliza da língua, ou seja, se o dicionário irá circular em todo o território do país, é necessário que se contemple as manifestações lexicais de todo o território. O que, novamente, não é uma tarefa possível a qualquer dicionário que seja.

Biderman (1984, p. 29) assevera que “um dicionário deve fundamentar-se na recolha de dados léxicos e linguísticos para a constituição de um *corpus* representativo da língua escrita e falada”. Além de que esse *corpus* será fonte de informação sobre o léxico e fornecerá as abonações para significados, usos e construção das entradas do dicionário. Esse banco de

dados do léxico, mediante Biderman (1984, p. 29) “deverá ser construído levando em consideração um período de tempo que represente uma etapa da evolução da língua em que ela possa ser considerada relativamente uniforme”. Biderman (1984, p. 29) afiança que “os lexicógrafos devem conhecer muito bem a sua língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural”. Para mais, os lexicógrafos devem conhecer igualmente variantes faladas da língua.

Haensch et al. (1982) afirmam que a Lexicografia como tem se apresentado não é plenamente satisfatória, pois sua missão, a elaboração de dicionário, em estreito contato com a Linguística, em grande parte, tem deixado a desejar. Os autores acrescentam que Lexicografia precisa levar em conta os resultados da Linguística, enquanto a Lexicologia precisa dedicar-se mais aos problemas da Lexicografia. E, certamente, esse é o ponto chave para que os dicionários possam ser elaborados de forma a se tornarem úteis para seus usuários. Sem a união entre Lexicografia e Lexicologia citada por Haensch et al. (1982), os dicionários apresentam apenas visões parciais da língua. Como pondera Biderman (2001b), a variação linguística no espaço acarreta distinções substanciais no léxico, assim, se a diversidade linguística não é considerada pelo lexicógrafo, falantes de regiões distintas do país encontrarão no dicionário apenas uma forma de nomear algo, por exemplo. Essa situação os fará acreditar que essa única forma é a correta, alimentando a falsa ideia de que a língua é homogênea. Como mencionado, Biderman (1984) afirma que os lexicógrafos devem conhecer muito bem a sua língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural, no entanto, há que se admitir, que é inviável que um lexicógrafo produza suas obras e ainda tenha tempo para conhecer a língua em sua totalidade. Assim como é inviável que os lexicólogos realizem seus estudos e ainda produzam obras lexicográficas. Krieger (2006, p.170) argumenta que “inegavelmente, a prática lexicográfica é complexa e requer um paradigma teórico-metodológico sobre o léxico e seu modo de tratamento para que seja produzida uma obra qualificada, merecedora da confiança que a sociedade costuma depositar nos dicionários”. Dessa forma, a melhor alternativa para que obras lexicográficas cumpram sua missão, como ponderam Haensch et al. (1982), é o trabalho em conjunto de Lexicografia e Lexicologia.

Aos estudos lexicológicos, cabe, então, descrever o léxico em uso, analisar as motivações pelas quais determinadas palavras surgem ou desaparecem, investigar os usos diversos das lexias - social, cultural, político - bem como mostrar de forma científica a significação do léxico em uso, ou seja, o que está sendo dito quando determinadas escolhas lexicais são feitas pelo falante. Os estudos lexicais proporcionam aos lexicógrafos a

possibilidade de ampliação dos dicionários. Assim, o presente trabalho se justifica por seu caráter investigativo e pela necessidade de se mapear todas as manifestações lexicais possíveis ao longo do imenso território brasileiro. Dessa forma, contribui-se com os estudos lexicológicos com o registro do léxico em uso na cidade de Cláudio. Ademais, este estudo pode também contribuir com os estudos lexicográficos, no sentido de lhes fornecer material do qual possam se utilizar na construção de suas obras, já que, como mencionado, é fundamental que Lexicologia e Lexicografia se unam na elaboração de dicionários que não sejam meras abstrações da língua. Ainda que assim seja, há que se ter consciência de que a língua vive em eterna transformação, portanto, o que se observou há um ano sobre o comportamento linguístico de um grupo de falantes, possivelmente, já se alterou. Portanto, é necessário que os trabalhos lexicológicos sejam, constantemente, atualizados para que os lexicógrafos atualizem suas obras também. Assim sendo, este não é um trabalho definitivo, sua construção será sempre inacabada.

Além do exposto, a realização da pesquisa sobre o léxico dos nativos de Cláudio irá contribuir com os estudos lexicológicos do português brasileiro de forma a construir material que sirva de consulta para que professores, principalmente aqueles que atuam na cidade de Cláudio, aprofundem seu conhecimento da realidade linguística da região e possam, assim, mostrar a seus alunos como suas escolhas lexicais estão intimamente conectadas com o lugar ao qual pertencem. Afinal, os documentos norteadores do ensino de língua portuguesa nas escolas entendem que o dinamismo da língua deve ser respeitado. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, documento de 2017, os estudantes das linguagens devem “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.”

Outro ponto relevante para a realização deste estudo é o fato dele poder servir para que futuros trabalhos analisem se, realmente, o falar claudiense se configura como paulista, já que a cidade, apesar de estar em uma região definida pelo EALMG, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, como sendo de falar paulista, não teve seus dados de fala coletados para aquele documento.

Não há trabalhos que tratem, especificamente, do léxico característico da fala dos nativos de Cláudio, no entanto, dois trabalhos bastante interessantes sobre o hábito de apelidar dos claudienses.

Pereira (2011) faz uma relevante descrição do uso de apelidos naquela cidade. Os resultados obtidos pela pesquisa da autora mostram que referência e afetividades são

elementos importantes para a implementação do hábito de apelidar. Além disso, segundo a autora, a apelação origina-se, geralmente, no ambiente familiar e por fatores culturais, o gênero masculino é predominante tanto na atribuição quanto no recebimento de apelidos. Ainda que este trabalho não tenha o mesmo enfoque daquele trabalho defendido por Pereira (2011), é importante considerar as observações feitas pela autora, principalmente no que se refere ao perfil social dos claudienses.

Além de Pereira (2011), Castro (2013) analisou também o hábito de apelidar na cidade de Cláudio. O autor, no entanto, realizou seu estudo sob uma perspectiva distinta daquela adotada por Pereira (2011). Castro (2013) analisou a apelação como prática enunciativa e concluiu seu trabalho com a afirmação de que os apelidos são um modo de estar em sociedade. O que significa dizer que os apelidos criam uma forma de relacionamento social insaturado, já que eles, enquanto nomes, produzem identificação social. Ser ou estar apelidado produz identificação social. Castro (2013) acrescenta que as diferenças de sentido e no modo de produção dos apelidos e dos nomes jurídicos delineiam a política no espaço de enunciação da língua. Ainda de acordo com Castro (2013), quando se identifica um sujeito pelo seu apelido, dá-se um novo sentido ao sujeito e à relação que se tem com ele. Essa resignificação do sujeito e de suas relações é observada em Cláudio, já que, naquela cidade, os apelidos dão a principal forma de se identificar os sujeitos.

A Linguística, como afirma Bagno (2014, p. 61), “é uma ciência que tem por estudo a linguagem humana de modo geral e também as línguas humanas particulares”. O autor acrescenta que essa ciência procura descobrir e explicar aquilo que cada falante sabe, mas não sabe que sabe. Consoante a Krieger (2006, p. 163), “o dinamismo do léxico faz com que ele seja o “pulmão das línguas” e, simultaneamente, um objeto multifacetado e em constante mobilidade”. Assim, o léxico vivifica a língua, pois ele é um conjunto aberto que se renova, especialmente, pelo seu papel de nomear, já que isso surge do novo. Dessa forma, estudar o léxico com o enfoque da variação é querer explicar aos falantes que há diversas formas de se dizer a mesma coisa e que todas essas formas podem ser legítimas, porque a língua é múltipla. Além disso, novas formas podem surgir sempre, o léxico é incessante.

Além do já exposto, acredita-se na relevância deste trabalho, porque, como afirma Krieger (2006, p. 163), “ao ampliarem o conhecimento do léxico, as ciências da linguagem, em especial as centradas no léxico, contribuem para identificar as regularidades de constituição e comportamento, quer [...] do conjunto lexical de um idioma, quer de suas unidades básicas, as palavras”.

Foto 2 - Fachada do centro cultural



CAPÍTULO 2

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teórico metodológicos nos quais a pesquisa se embasou. Para a seleção dos participantes da pesquisa, bem como para a coleta dos dados, foram utilizados os preceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, conforme os estudos de Labov (2008 [1972]), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Milroy (1987) e Milroy (1992). Além disso, uma parte da análise dos dados da pesquisa foi realizada sob a luz daquela teoria. A organização sistemática dos dados, bem como a elaboração das fichas lexicográficas e do glossário onomasiológico e semasiológico basearam-se, principalmente, em Haensch et al. (1982); Barbosa (1980) e (2001). Assim, foram adotados estudos que tratam:

- a) das noções de léxico e do papel central que as palavras têm na língua, conforme Biderman (1987);
- b) do entendimento sobre unidade lexical abordada por Biderman (1996) e (1998b), texto no qual a autora trata das dimensões da palavra; do entendimento dos critérios para a classificação de um conceito linguístico de palavra abordado por Biderman (1999). Além disso, recorre-se a Biderman (2001) e (2005) e para que se elucide as noções de unidade lexical (lexemas, lexias simples, lexias compostas, lexias complexas, unidades fraseológicas) e os problemas que surgem ao classificá-las;
- c) das definições de questões básicas a serem consideradas quando se elabora um dicionário, apresentadas por Haensch et al. (1982); Barbosa (1980) e (2001).

A adoção do referencial supracitado se dá pelo fato de que este trabalho entende que as palavras desempenham um papel central no funcionamento de uma língua, quando apresentam as mudanças sociais, culturais, históricas e políticas de um povo e são a essência para a reconstrução de uma época. O léxico de uma língua vive em constante renovação, sempre se adaptando às mudanças pelas quais a sociedade passa. Assim sendo, foi feita a busca por embasamentos teóricos que fossem ao encontro de tais entendimentos.

2.1 Teoria do Léxico

Mediante Biderman (1998b, p. 81), “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana”. Vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada. Este trabalho analisa o léxico sob o ângulo da variação, ou seja, assume-se aqui que as palavras desempenham um papel central no funcionamento de uma língua, quando apresentam as mudanças sociais, culturais, históricas e políticas de um povo e são a essência para a reconstrução de uma época. O léxico de uma língua vive em constante renovação, sempre se adaptando às mudanças pelas quais a sociedade passa. Assim sendo, faz-se necessário entender a configuração na qual a sociedade se encontra no momento em que determinadas palavras ou conceitos emergem em seu léxico. O movimento inverso -- o desaparecimento de palavras e conceitos em uma determinada língua -- também só é possível de ser compreendido quando se analisa a configuração da sociedade.

Biderman (1998b, p. 88) afirma que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. Além disso, a autora assevera que a utilização de palavras para nomear referentes extralinguísticos é específica dos seres humanos. Ainda consoante a Biderman (1998b, p. 88), “a nomeação resulta do processo de categorização”. A categorização seria a classificação de objetos feita por um sujeito humano, a qual resulta em uma única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe ainda a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo. Mediante Biderman,

Nesse processo de diferenciação as categorias originais podem vir a ser subdivididas, ou ainda suprimidas; podem ser também reorganizadas e reformuladas, redundando em outras categorias gerais ou específicas. A espécie humana organiza o conhecimento através desse complexo processo de categorização. Por outro lado, o homem tem a capacidade de relacionar várias categorias umas com as outras e, conseqüentemente, de responder à relação entre as coisas, em vez de reagir diretamente às próprias coisas (Biderman 1998b, p. 88).

Biderman (1998b) acrescenta que as palavras são uma espécie de etiqueta para o processo de categorização. A autora, no entanto, adverte que as palavras não são meros rótulos de objetos específicos que existem no mundo real. A maioria das palavras designa campos de conceitos em vez de coisas físicas. Isso, segundo Biderman (1998b), explicaria as razões pelas quais as palavras se referem a classes abertas. A autora elucida sua afirmação tomando como exemplo,

a categoria rotulada como *casa*. Não é possível, de acordo com Biderman (1998b), definir essa categoria tendo como ponto de partida a enumeração de todos os objetos que recebem esse nome, já que assim a qualquer novo objeto que satisfizesse certos critérios seria possível atribuir essa etiqueta. É mais fácil, nesse caso, dizer o que *não* são do que dizer o que são. Dessa forma, eles não são um conjunto finito de variáveis objetivamente mensuráveis como textura, cor, dimensões físicas, etc. Exceto para umas poucas palavras, que constituem um caso especial - os vocábulos que designam experiências como cor, temperatura, tamanho, etc. - afirma Biderman (1998b, p. 89). Não se pode prever que objeto poderia ser denominado casa e qual não poderia receber tal *etiqueta*, considerando somente as dimensões físicas desse objeto. A autora conclui que o processo de categorização e a nomeação ou designação através de palavras devem fundamentar-se em algo mais abstrato.

Biderman (1998b, p. 89) argumenta que o processo de categorização subjaz à semântica de uma língua natural. Os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Em algumas situações, o critério é o uso que o homem faz de determinado objeto; em outras situações, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação. Há ainda situações nas quais é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê.

Biderman (1998b) retoma o exemplo de casa e explica que, geralmente, o objeto *casa* se aplica a estruturas que servem de abrigo ao homem ou aos animais. No entanto, é frequente a mudança do critério de categorização como resultado de extensões metafóricas que se dá à palavra *casa*. São exemplos, *casa de câmbio*, *casa de Deus* ou *casa de tolerância*. A facilidade com que se muda o critério de categorização evidencia o fato de que a categorização é um processo criativo e dinâmico de organização cognitiva. “Os critérios de classificação podem alterar-se e expandir-se para incluir novas realidades até então inexistentes, como novas invenções, ou novas criações mentais dos seres humanos”, afirma Biderman (1998b, p. 90).

A formação de conceitos, segundo Biderman (1998b, p. 90), “é o processo cognitivo primário e a nomeação (designação) é o processo cognitivo secundário”. Os conceitos são modos de ordenar ou de tratar os dados sensoriais. Assim sendo, a conceptualização é o próprio *processo cognitivo*.

Biderman (1998b, p. 90) afirma que “o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos”. Como as palavras permanecem através do tempo entesouradas por uma cultura e transmitidas de geração a geração, o processo de conceptualização parece mais estático do que efetivamente é. A autora faz uma distinção entre o processo individual de

formação de conceitos por parte de um sujeito e o acervo de conceitos transmitidos materialmente através das gerações por meio do vocabulário herdado e transmitido, sobretudo, nas sociedades que são dotadas de tradição escrita. Na dimensão individual, o léxico é um conjunto de representações, ou seja, de objetos mentais consubstanciados nas palavras que o indivíduo domina e das quais ele se serve. Cada indivíduo pode conceptualizar de modo muito pessoal. Seu vocabulário, na verdade, é muito mais limitado que a sua capacidade de conceptualização. Como somos todos dotados da mesma capacidade cognitiva, os nossos interlocutores conseguem entender a semântica de nossos enunciados, ainda que nossas palavras assumam significados diferentes, designando novas conceptualizações.

Ainda consoante a Biderman (1998b), a geração do léxico das línguas naturais se dá pelo processo de nomeação. Por outro lado, é possível afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real. “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizadas em signos linguísticos: as palavras” (Biderman, 1998b, p. 92).

Os conceitos, de acordo com Biderman (1998b, p. 92), “são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência”. O homem desenvolveu, segundo a autora, uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes.

Biderman afirma (1998b, p. 88):

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (Biderman 1998b, p. 88).

Em conformidade com Biderman (1998b, p. 104), “o vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo, mas adquirido através do processo social de educação”. Através do processo de educação social, o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa experiência, o falante recebe algo acabado, a língua, que é o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sociedade. De acordo com Biderman (1998b, p. 104), “essa cristalização da experiência social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do processo como da linguagem individual”. Como ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a *mediadora* entre o que é social - dado - e o que é individual - criador - no pensamento individual. Biderman (1998b), acrescenta que a língua materna - enquanto sistema de categorização do universo, bem como

seus reflexos no acervo vocabular desse mesmo idioma - sendo *mediadora* entre o que é individual e o que é social - transmite às novas gerações o vocabulário revisto e reformulado pela atual geração. A língua vai transmitindo ainda, segundo a autora, as novas criações vocabulares e, obviamente, conceptuais que os indivíduos da geração atual vão criando e incorporando ao tesouro lexical da língua para deixá-lo como patrimônio aos que lhe seguirem.

Biderman (1987, p. 82) afirma que “embora provavelmente se baseiem num processo de conceptualização universal, as línguas constituem sistemas distintos e muito variados”. Assim, segundo a autora, a conceptualização da realidade configura, linguisticamente, em modelos categoriais que são arbitrários e não são coincidentes. Apesar disso, de acordo com Biderman (1987), pode-se afirmar que as línguas naturais possuem tipos de semânticas que são universalmente compreensíveis.

Biderman (1987, p. 83) acrescenta que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística que tem uma história”. Dessa forma, o patrimônio vocabular é para as línguas de civilização um *thesaurus*, uma herança de signos lexicais e de modelos categoriais para formar novas palavras. Assim sendo, os modelos formais dos signos linguísticos são preexistentes ao indivíduo. Dessa forma, segundo Biderman (1987), em seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que formatam o sistema lexical. Ainda conforme Biderman (1987), o *thesaurus* vocabular é enorme em qualquer língua de civilização. A autora afirma que em uma língua como a língua portuguesa é possível especular que o *thesaurus* atinja 400.000 unidades, incluindo o total de palavras de usos comum, as palavras desusadas, as palavras obsoletas, os regionalismos e os tecnicismos. Se forem computados, porém, os vários significados das palavras polissêmicas, o número pode crescer bastante. Biderman (1987) adverte, no entanto, que nenhum indivíduo possui um banco de dados tão volumoso na memória. Biderman (1987) cita a lexicóloga francesa J. Rey-Debove, segundo a qual um homem médio de cultura domina 20.000 itens lexicais no seu vocabulário ativo e passivo, o qual pode elevar-se a 30 ou 40 mil, levando em consideração apenas o vocabulário passivo naquelas pessoas de grande cultura. Ainda que fossem 20.000, como pondera Biderman (1987), seria um número bastante elevado de elementos a serem manipulados pelo cérebro. Somando-se a esse número o problema que resulta da complexidade combinatória desses elementos, supõe-se que o cérebro humano precisa dispor de um sistema operacional extremamente eficiente na manipulação desses dados. Biderman (1987, p. 83) supõe que “o léxico organiza uma estruturação dos

lexemas de grande funcionalidade para que, em milésimos de segundos, possa recuperar, não só o significado de uma palavra, mas também todas as suas características gramaticais e os usos que lhes são adequados no contexto do discurso”. Isso faz, de acordo com Biderman (1987), com que haja uma absoluta organização lógica do léxico. Do contrário, o falante jamais poderia recuperar em sua memória um lexema específico para uma sentença particular que queira construir, ou que precise decodificar, caso ouça. Assim sendo, conforme Biderman (1987), o léxico se estrutura de acordo com padrões hierárquicos e sistemáticos.

Consoante a Biderman (1987, p. 93) “à medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências”. Dessa forma, segundo a autora, as comunidades de tal estágio de civilização precisaram ampliar seus repertórios de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência, ao mesmo tempo em que precisavam rotular as invenções e noções novas por elas desenvolvidas. Essa seria uma explicação, segundo Biderman (1987), para o fato de o léxico das línguas vivas das sociedades estarem em constante processo de expansão. O léxico, ainda de acordo com a autora, é o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diferentemente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que são sistemas fechados.

2.1.1 Lexicologia

A Lexicologia, segundo Biderman (2001), é uma ciência antiga que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Segundo a autora, no entanto, os três problemas teóricos não têm recebido muita atenção dos linguistas. Um problema teórico complexo, de acordo com Biderman (2001), seria a definição e a identificação da unidade lexical. Tal problema tem consequências em outros domínios, especialmente na prática da Lexicografia. Outro assunto pouco estudado, conforme Biderman (2001), é o problema das classes de palavras, a categorização léxico-gramatical. A autora afirma que esse tema já foi analisado apenas pelos trabalhos do tradicional enfoque dos gramáticos. A estruturação do léxico, considerada uma matéria desconhecida e complexa por Biderman (2001), foi, de acordo com a autora, raras vezes objeto de trabalhos científicos. Tal questão, segundo Biderman (2001, p. 16), “só foi aflorada na superfície”.

Biderman (1978, p. 139) assevera que “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”. A autora afirma ainda que ao nível do

microcosmo lexical, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada segundo duas coordenadas básicas, o *eixo paradigmático* e o *eixo sintagmático*. Biderman (2001) acrescenta que a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico resulta da conjunção daqueles dois eixos. Além disso, a autora evidencia como a palavra -- inserida numa cadeia paradigmática -- se articula em combinatórias sintagmáticas e gera um infinito labirinto de significações linguísticas.

A Lexicologia, mediante Biderman (2001), faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa. Tradicionalmente, segundo a autora, os estudiosos da Lexicologia têm se ocupado de questões relacionadas à formação de palavras, avizinando-se assim à Morfologia lexical. É comum também, segundo a autora, que os lexicólogos se dediquem ao estudo dos neologismos. Biderman (2001) argumenta que a partir da década de cinquenta, muitas pesquisas foram realizadas em Estatística Léxica, ou Léxico-estatística, visando obter resultados aplicáveis ao ensino/aprendizagem do vocabulário. Ademais, mediante Biderman (2001, p. 16), “a Lexicologia faz fronteira com ciências tais como a Dialetologia e a Etnolinguística”. Nessas áreas interdisciplinares, estudam as relações entre língua e cultura. Biderman (2001) cita que a Psicolinguística e a Neurolinguística também têm feito suas pesquisas sobre a estocagem do vocabulário e o problema do acesso ao repertório lexical armazenado na memória.

A descrição e a análise científicas das unidades lexicais de uma comunidade linguística - levando em consideração as peculiaridades das palavras (as motivações, históricas, geográficas ou mesmo sociais com quais elas são utilizadas) -, dentre outras, são questões das quais a Lexicologia ocupa. Qualquer que seja o enfoque do estudo lexicológico, é importante que se estabeleçam os conceitos utilizados pela Lexicologia, a fim de se evitar possíveis equívocos.

Biderman (1996, p. 31) afirma que “em se tratando de trabalho lexicológico, na selva terminológica que nos cerca, é preciso estabelecer com clareza e precisão os limites de um conceito, não ignorando a tradição, com seus erros e acertos”. A autora acrescenta ainda que é perigoso misturar teorias, já que o ponto de vista do cientista cria o objeto. Biderman (1996) alerta para o risco de se utilizar termos que possam ser ambíguos na Lexicologia Estatística. Segundo a autora, o ideal é que se evite alguns termos e que novos termos sejam forjados para que não haja ambiguidades.

Biderman (1996) orienta que em Lexicologia deve-se evitar o termo *vocábulo* para se referir à unidade do sistema lexical. A autora explica que os termos *palavra* e *vocábulo* devem ser utilizados, de modo indiferenciado, para as realizações discursivas, continuando

assim a tradição do português. Além disso, há que se deixar clara a imprecisão desses termos e é necessário que se acate a sinonímia implícita na mente dos falantes do idioma no que diz respeito a essas palavras. Mediante Biderman (1996), para que se trate da unidade lexical abstrata, o melhor é que se use *lexema*. *Lema* deve ser o termo utilizado para a representação canônica do *lexema* no dicionário. Biderman (1996, p. 32) apresenta as oposições e correlações que se estabelecem: “*léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”. No plano das realizações discursivas, Biderman (1996) esclarece que qualquer sequência será chamada indiferente e imprecisamente de *palavra* ou *vocabulo*. Com relação à unidade que denomina um conjunto de formas flexionadas de um paradigma, deve-se utilizar *lexema/lema*. Biderman (1996) reforça que *palavra* é um termo operacional e, desde que seja utilizado de forma não específica, é uma designação pertinente, já que os falantes o identificam sem problemas. *Palavra*, no entanto, é um termo inadequado, segundo Biderman (1996), quando se trata de identificar as *unidades léxicas* da língua (nível do sistema), principalmente em *Estatística Léxica*, em que é necessário distinguir bem aquilo que se conta. Assim como Biderman (1996), Haensch et al. (1982) fazem uma consideração sobre o uso do termo *palavra*. De acordo com os autores, a consciência de todos os usuários de dicionários em muitas línguas, a unidade linguística palavra está muito bem arraigada. O termo *palavra*, dessa forma, tem uma importância cultural enorme. E, assim como Biderman (1996), os autores entendem que *palavra* não é um termo técnico dentro dos estudos lexicográficos e lexicológicos, mas um termo operacional, de fácil identificação pelos falantes.

Ainda de acordo com Biderman (1996), as manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*. De acordo com a autora, existem dois tipos de unidades: as *lexias simples* e as *lexias complexas*. *Lexias simples*, segundo a autora, são aquelas lexias que “trabalham” de forma solo, como, por exemplo, *escola*. Essa unidade consegue expressar sozinha um determinado significado no contexto em que é utilizada. As *lexias complexas*, por sua vez, são aquelas que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da língua, como *fim de semana*, por exemplo. Para Biderman (1996), o léxico é constituído de todos os elementos lexicais da língua: os *lexemas* de valor lexical (palavras plenas), *lexemas* de valor gramatical (palavras gramaticais, vocabulos-morfema). Biderman (1996), assevera que considerar tanto palavras plenas quanto palavras gramaticais como constituintes do léxico se deve ao fato de ser essa uma tradição nas línguas ocidentais. Biderman (1996, p. 33), afirma: “desde o século XVI, os dicionários das línguas ocidentais registram essas duas categorias de

lexemas”. Essa prática lexicográfica não pode ser ignorada, pois os dicionários são as únicas descrições globais dos léxicos das línguas.

Como assevera Biderman (1996), à medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras num processo incessante. Dessa forma, o léxico assume dimensões gigantescas, o que faz com que seja praticamente impossível registrá-lo por meio de um dicionário. Sendo assim, os estudos lexicológicos são de extrema importância, já que eles fornecem material para que - ainda que não consigam se esgotar, como afirma Biderman (1996) -, os dicionários possam se atualizar conforme novas palavras e novos significados para as palavras já existentes sejam criados pelos falantes. A Lexicologia é também de extrema importância para o ensino da língua, já que, retomando Biderman (1996), os dicionários, amplamente utilizados em salas de aula, não dão conta de registrar todo o léxico em uso. Além disso, os professores podem lançar mão de trabalhos lexicológicos que tratem da língua em uso na região na qual lecionam para mostrar a seus alunos elementos linguísticos que são próprios de sua fala. Essa é uma forma prática de mostrar às pessoas que a língua é viva, mutável e heterogênea, passo inicial para que os problemas relacionados ao preconceito linguístico sejam sanados.

Barbosa (1980) vê como objeto da Lexicologia o estudo da palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática. Além disso, segundo a autora, a Lexicologia examina a carga ideológica da palavra, além de sua força persuasiva e sua natureza modalizante. Ainda de acordo com Barbosa (1980) a Lexicologia define a rede de relações das palavras de um sistema linguístico, estuda o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical ou como conjunto vocabulário. É função da Lexicologia ainda, mediante Barbosa (1980) a análise efetiva do léxico ativo e passivo, além de fazer estimativas sobre o léxico virtual. A Lexicologia deve ainda, consoante a autora, considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma visão de mundo, de uma ideologia, de um sistema de valores. A palavra deve ser abordada pela Lexicologia como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura. A Lexicologia deve explicar os processos de criação e renovação da palavra e de seu conjunto universo, o léxico. Barbosa (1980, p. 262) afirma que “essas são algumas das tarefas mais importantes de que se encarrega a Lexicologia”. Barbosa (1980, p. 262) assevera ainda que “assim definidas muitas das possíveis abordagens da Lexicologia, fica evidente a estreita relação que mantém com os outros ramos da Linguística”.

Segundo Barbosa (1980), se considerarmos um ponto de vista mais amplo, entendendo a linguagem como objeto, fica evidente a relação de interseção entre as disciplinas que tomam a palavra como objeto - a sintaxe, a semântica e a própria Lexicologia. De acordo com a autora,

essa relação impõe à Lexicologia, de maneira enriquecedora, constantes abordagens interdisciplinares. Barbosa (1980) acrescenta que tal fato não retira a especificidade da Lexicologia, ao contrário, reafirma seu vigor. Barbosa (1980, p. 263) declara que “com efeito, se considerarmos a Lexicologia como ciência e a Lexicografia como tecnologia, compreende-se, sem dificuldades, que as suas atividades sejam complementares, muito embora cada qual dê tratamento específico ao léxico”.

2.1.2 Lexicografia

De acordo com Biderman (2001), a Lexicografia -- ciência dos dicionários -- é uma atividade antiga e tradicional. A Lexicografia ocidental tem seu início, segundo a autora, nos princípios dos anos modernos. Apesar disso, pode-se afirmar que essa ciência teve seus precursores, nos glossários latinos medievais. Esses, no entanto, segundo Biderman (2001), não passavam -- na verdade -- de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia a interpretar aquilo que liam. Os primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, segundo Biderman (2001), foram elaborados entre os séculos XVI e XVII e deram início, de fato, à Lexicografia. Consoante a autora:

Ao longo desses últimos séculos a descrição do léxico foi efetivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia; contudo, essa tarefa foi executada com uma práxis pouco científica. A análise da significação das palavras o objeto principal da Lexicografia. É muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos (Biderman 2001, p. 17).

Haensch et al. (1982), por sua vez, asseveram que a Lexicografia -- como tem se apresentado -- não é plenamente satisfatória, já que sua missão, a elaboração de dicionário, em estreito contato com a Linguística, em grande parte, tem deixado a desejar. Os autores afirmam que a Lexicografia precisa levar em conta os resultados da Linguística, enquanto a Lexicologia precisa dedicar-se mais aos problemas da Lexicografia. Ainda mediante Haensch et al. (1982, p. 93), “as tarefas lexicográficas são mais fáceis de serem cumpridas quando se leva em conta os enfoques lexicológicos”. Mas há, segundo os autores, que se distinguir entre dicionários linguísticos e dicionários não linguísticos. É comum que sejam lançadas obras sobre as mais diversas áreas - como gastronomia, fotografia, esportes e jardinagem - nas quais

há apenas uma organização em ordem alfabética dos itens descritos. Esses seriam os dicionários não linguísticos. Os autores acrescentam ainda que a sociedade tem se mostrado ansiosa por informação, portanto, essas obras, ao serem nomeadas dicionário, vendem bastante. Melhor seria, consoante aos autores, que essas obras fossem denominadas enciclopédias, já que sua principal função é dar informação sobre um assunto específico.

Nesse tipo de “dicionário”, predomina um tipo de informação do mundo extralinguístico. Os dicionários linguísticos, por sua vez, de acordo com Haensch et al. (1982, p. 129), “são repertórios de signos linguísticos, cuja natureza, significado, valores de uso e relações paradigmáticas ou sintagmáticas com outros elementos do léxico são explicados por meio de uma metalinguagem”. Aqui, neste trabalho, trataremos dos dicionários linguísticos, assim sendo, sempre que se utilizar o termo *dicionário* é aos dicionários linguísticos a nossa referência.

Haensch et al. (1982) atestam que entre as obras lexicográficas existem aquelas em que a descrição semântica do vocabulário se baseia no sistema linguístico individual do autor ou de uma equipe de autores e aquelas outras nas quais a descrição semântica depende da informação reunida mediante o aproveitamento de um *corpus* e que, assim sendo, é independente do sistema linguístico do autor. Para esse último tipo de dicionário, os trabalhos lexicológicos são de extrema importância. Como afirma Biderman:

Ademais, como o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo [...] A rigor, nenhum dicionário pode ser considerado árbitro. Trata-se sempre de uma obra incompleta, inacabada, dada a natureza *in fieri* do léxico. De fato, todo dicionário deve ser atualizado, no mínimo, a cada dez anos. (Biderman 1986, p. 34)

Assim, sendo, os lexicógrafos que entendem a necessidade de manter sua obra atualizada, podem contar com pesquisas realizadas por lexicólogos para tal atualização. Haensch et al. pontuam:

El trabajo en equipo será cada vez más importante para la elaboración de diccionarios modernos y, contrariamente a lo que ocurría con las obras lexicográficas anteriores, que se basaban sólo en la intuición del lexicógrafo (y que, sin embargo, eran congruentes), los diferentes colaboradores de un proyecto tendrán que ponerse de acuerdo sobre un denominador científico común para evitar que la mera combinación neutralizante de las distintas intuiciones ya se ya se considere como trabajo científico. Por esto, para las obras lexicográficas de importancia deberán realizarse trabajos preliminares muy extensos que establezcan con exactitud el objeto de investigación (Haensch et al. (1982, p. 369).¹¹

¹¹ Tradução: O trabalho em equipe será cada vez mais importante para a elaboração de dicionários modernos e, contrariamente ao que ocorria com as obras lexicográficas anteriores, que baseavam somente na intuição do lexicógrafo (e que, no entanto, eram congruentes), os diferentes colaboradores de um projeto tenderão a se

Haensch et al. (1982) previnem que a maioria dos dicionários não é elaborada para os linguistas, pelo contrário, os usuários de dicionários não têm, na maioria dos casos, a mesma cultura nem a mesma formação linguística e se servem de dicionários por razões diversas. Dessa forma, é de fundamental importância que o lexicógrafo, ao elaborar sua obra, tenha em mente qual papel essa irá desempenhar na vida de seus usuários. Haensch et al. (1982) afirmam que um dicionário é prático quando seu usuário encontra a resposta à consulta que é feita, quer dizer, a utilidade prática de um dicionário depende do objetivo da consulta. De acordo com Haensch et al. (1982), há quatro critérios decisivos para a seleção de entradas de um dicionário, glossário, ou qualquer outra obra do tipo: finalidade - ou seja, se é uma obra descritiva, normativa ou de outro tipo -, o grupo de usuários a que se destina - estudantes, tradutores, especialistas -, a extensão da obra e o método de seleção das unidades léxicas.

Haensch et al. (1982) apontam cinco fases para a elaboração de um dicionário:

- a) Coleta de materiais das mais diversas fontes, geralmente na forma de fichas, e atualmente também com auxílio de computadores;
- b) Revisão dos materiais obtidos e, se for o caso, ampliação da informação;
- c) Seleção final de entradas;
- d) Redação do manuscrito;
- e) Impressão ou reprodução por outros meios técnicos.

Certamente, cada uma das fases citadas por Haensch et al. (1982) depende dos objetivos com os quais a obra lexicográfica será elaborada. Assim sendo, um dicionário descritivo, provavelmente, não teria seus materiais coletados exatamente das mesmas fontes nas quais seriam coletados os materiais para um dicionário normativo. Um dicionário de bolso não teria sua extensão tão ampliada quanto um daqueles dicionários elaborados para serem consultados em bibliotecas. A seleção das entradas será feita também de acordo com o público ao qual a obra se destina, não faria sentido, por exemplo, um dicionário de termos relacionados, exclusivamente à medicina, ser elaborado para estudantes do ensino médio de uma escola regular. Quanto ao tipo de reprodução da obra, depende também dos objetivos com os quais ela produzida e a qual público ela se destina. Um dicionário virtual atrairia mais o interesse de

colocar de acordo com um denominador científico comum para evitar que a mera combinação neutralizante das distintas intuições e que se considere como trabalho científico. Por isso, para as obras lexicográficas de importância, deverão ser realizados trabalhos preliminares muito extensos para que se estabeleçam com exatidão o objeto de investigação.

jovens e adolescentes do que o interesse de pessoas idosas, por exemplo. Há que se pensar, no entanto, que há exceções com relação a isso, portanto, cabe ao lexicógrafo se atentar a todos esses detalhes sobre sua obra.

Haensch et al. (1982) orientam que, para que os dicionários descritivos não sejam “cemitérios da língua”, é necessária uma certa ousadia, acolhendo também, sempre em proporção ao todo, formas contrárias à norma, como neologismos, expressões idiomáticas, modismos, etc. Dessa forma, consoante ao autor, o dicionário descritivo será um reflexo da realidade linguística do seu tempo.

Haensch et al. (1982) tecem uma certa crítica às obras prescritivas. Mediante os autores, ao codificar normas prescritivas, os lexicógrafos devem proceder com muito cuidado e estudar todos os fatos e, nesse caso, devem apontar que o uso linguístico prescritivo e o uso real não coincidem. Os autores afirmam ainda, que muitas das regras da norma prescritiva são inconsistentes e contraditórias, ou fazem parte de uma lógica pouco compreendida, que pouco facilita a função primária da linguagem: a comunicação. Haensch et al. (1982) asseveram que uma norma prescritiva não pode pretender descrever exhaustivamente uma língua natural. Na verdade, nem os trabalhos descritivos conseguem esgotar a língua, como já anteriormente mencionado. Segundo Biderman (1996, p. 34), “o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo”. Mais uma vez, vale a orientação dos próprios autores, a constituição da obra depende dos objetivos com os quais ela será elaborada. E, novamente, conforme os autores, esclarecer aos usuários de tal obra lexicográfica que o uso linguístico prescritivo e o uso real não coincidem.

Para que uma obra lexicográfica cumpra, de forma eficiente, o seu papel, é importante também que seus usuários a conheçam e entendam a que ela se dispõe. Haensch et al. (1982) declaram que sempre ignoramos o grande proveito que se pode tirar de um dicionário, porque não nos damos ao trabalho de estudar sua parte introdutória e, geralmente, as informações sobre as finalidades de uma obra são apresentadas em sua seção inicial. Além disso, segundo os autores, ao utilizarmos um dicionário, não temos consciência sobre quem se deu ao enorme trabalho de elaborá-lo. Os autores, no entanto, advertem que às vezes o nome de um dicionário pode induzir a erros. Eles citam como exemplo um tipo de dicionário que na Alemanha recebe o nome de “dicionário de bolso”, mas que, no entanto, não cabe em um bolso. Assim sendo, cabe, novamente, ao lexicógrafo delimitar os objetivos com os quais elabora sua obra, para que essa cumpra, de forma eficiente, as funções a que se destina na vida de seus usuários.

Retomando a necessidade de se atualizar as obras lexicográficas, Haensch et al. (1982) afirmam que o fato de alguns dicionários terem sido compilados com base nos já existentes teve como consequência fatal - ao longo dos séculos - muitos erros transmitidos de um dicionário para outro. Nasceram assim, na Lexicografia dos séculos passados, as chamadas “vozes fantasmas” que apareciam em determinados dicionários por erros de cópia ou interpretação ou mesmo como criações arbitrárias de determinados autores para justificar etimologias por eles inventadas. De acordo com os autores:

Para un editor es más cómodo, sin duda, y mucho más económico seguir usando las mismas placas indefinidamente; pero esta manera de proceder es poco honrada frente al usuario, que en la mayoría de los casos no es un especialista y, por lo tanto, tiene que confiar en el diccionario. [...] Muchos, demasiados diccionarios que se vienen publicando desde hace muchos años, tienen el defecto de arrastar, de una edición a otra, un lastre de palabras caídas en desuso, sin tener en cuenta de manera satisfactoria el uso actual de la lengua. (Haensch et al. 1982, p. 451).¹²

A colocação dos autores reforça a ideia de que a parceria entre Lexicologia e Lexicografia é crucial para que a elaboração de obras lexicográficas consistentes e eficientes.

Antes que se aprofunde sobre as concepções de Haensch et al. (1982) em relação à construção do trabalho dos lexicógrafos, no entanto, é pertinente apresentar os problemas teóricos e práticos que surgem - segundo o autor - das tentativas de se classificar as obras lexicográficas. Inicialmente, ao lado dos critérios linguísticos, verifica-se a influência de fatores históricos e culturais na origem e no desenvolvimento dos diferentes tipos de dicionários. Em segundo lugar, percebe-se a combinação de critérios pertencentes a categorias totalmente diversas de classificação. Assim sendo, há a necessidade de levar-se em conta: I) a história da Lexicografia; II) trabalhos lexicográficos, terminográficos e normalizadores existentes; III) critérios teóricos, linguísticos e pragmáticos; IV) articulações desses vários critérios.

Segundo Haensch et al. (1982), se considerarmos aspectos da história da Lexicografia, perceberemos que os termos *dicionário*, *glossário* e *vocabulário*, comumente utilizados nos dias atuais, tinham na Antiguidade significados diferentes. Os gregos e romanos não tinham ideia de um *dicionário*, e os nomes posteriores *léxico*, *glossarium*, *dictionarium*, *vocabularium* - comuns em suas línguas - apresentam significados distintos para eles.

¹² Tradução: Para um editor é mais cômodo, sem dúvida, e muito mais econômico continuar usando as mesmas placas indefinidamente; mas esta forma de proceder é desonesta com o usuário, que na maioria das vezes não é especialista e, portanto, deve confiar no dicionário. [...] Muitos, demasiados dicionários publicados há muitos anos têm o defeito de arrastar, de uma edição para outra, uma carga de palavras que caíram em desuso, sem levar em conta satisfatoriamente o uso atual da língua.

Haensch et. al (1982), citam Grimm (1980, p. 311):

Los griegos y romanos no tenían idea de un diccionario, y las posteriores denominaciones 'lexicon', 'glossarium', 'dictionarium', 'vocabularium', usuales en suas lenguas, significan otra cosa. El λεξικόν (βιβλίον) derivado de λέξις y el dictionarium, derivado de dictio, reúnen locuciones, expresiones; el γλωσσάριο interpreta voces antiguas, oscuras, contiene glosas; el vocabulario se refiere tan sólo a unos pocos vocablos, que se han recogido para estudiantes o para otra finalidad.

(Haensch et al. 1982, p.105)¹³

No decurso de seu texto, Haensch et al. apresentam a configuração conceitual de glossário ao longo do tempo:

Voviendo a la trayectoria de la lexicografía puramente lingüística, podemos comprobar que, después que ya los griegos y romanos (por ejemplo, Varrón) y, antes de ellos, los sabios de la India, se habían ocupado de la lexicografía en sentido amplio, renació esta disciplina en los países latinos en la Edad Media, cuando la lengua vulgar ya presentaba tantas diferencias con el latín (lengua de la cultura, de la liturgia y del derecho), que se hizo necesario explicar las palabras difícilmente comprensibles por medio de glosas (...) se pueden distinguir glosas interlineales y marginales. Se conservan algunos de estos textos primitivos con glosas; por ejemplo, en España, las Glosas Silenses y las Glosas Emilianensis. Señalemos de paso que aún en la actualidad se usan, en ciertos textos escolares escritos en lengua extranjera, glosas marginales para explicar al alumno palabras y giros difíciles. Cuando las glosas aparecen en forma alfabética o sistemática, al final de un texto, hablamos de 'glosario'.¹⁴

(Haensch et al., 1982, p. 105/106)

Nos dias atuais, consoante aos autores, o termo glossário é utilizado em Lexicografia com duas acepções distintas:

- a) Repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc.;
- b) Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngue) que não pretende ser exaustivo, e nos quais a seleção de palavras se deu de forma mais possivelmente aleatória.

¹³ Tradução: Os gregos e romanos não tinham ideia de dicionário, e os nomes posteriores 'léxico', 'glossarium', 'dictionarium', 'vocabularium', comuns em suas línguas, significam outra coisa. O λεξικόν (livro) derivado de palavras e o dicionário, derivado de dictio, reúnem locuções, expressões; o glossário que interpreta vozes antigas e sombrias, contém glosas; O vocabulário refere-se a apenas algumas palavras, que foram coletadas para estudantes ou para outros fins.

¹⁴ Tradução: Voltando à trajetória da lexicografia puramente linguística, podemos constatar que, depois que os gregos e romanos (por exemplo, Varrão) e, antes deles, os sábios da Índia, trataram da lexicografia em sentido amplo, essa disciplina renasceu nos países latinos da Idade Média, quando a língua vulgar já apresentava tantas diferenças com o latim (língua da cultura, da liturgia e do direito), que se tornou necessário explicar palavras de difícil compreensão por meio de glosas (...) podem ser distinguidas glosas interlineares e marginais. Alguns desses primeiros textos são preservados com glosas; por exemplo, na Espanha, as Glosas Silenses e as Glosas Emilianensis. Notemos de passagem que ainda hoje, em certos textos escolares escritos em língua estrangeira, são utilizadas glosas marginais para explicar palavras e frases difíceis ao aluno. Quando as glosas aparecem em ordem alfabética ou sistemática, no final de um texto, chamamos de 'glossário'.

Os autores citam como exemplo um glossário de termos ecológicos bilingue (espanhol-inglês). Ao comentar a primeira acepção de glossário, Haensch et al. direcionam o significado de glossário para “dicionário de um texto” *lato sensu*, em nível de falar concreto:

Desgraciadamente, no todas las obras lexicográficas que registran y explican el vocabulario usado por un autor o una obra literaria se llaman ‘glosarios’. Así por ejemplo, R. Menéndez Pidal publicó un repertorio magistral de las voces usadas en el Cantar de Mio Cid bajo el título de Vocabulario (...) Aquí tenemos un primer ejemplo de la confusión que existe en cuanto a la terminología de las obras lexicográficas. (Haensch et al. 1982, p.106)¹⁵

O termo *dicionário* - em seu sentido moderno, diferente, portanto, do uso latino -, segundo Haensch et al. (1982), foi usado pela primeira vez na Espanha para *Dictionarium latino-gallicium* e *Dictionnaire français-latin*, do lexicógrafo francês Robert Estienne, publicado em 1539. A partir de então, segundo o autor, são usados na Lexicografia europeia os termos *vocabularium*, *dictionarium* e também *lexicon*. Haensch (1982), no entanto, chama atenção para o fato de tais denominações serem aplicadas a obras muito distintas, de tipos muito diferentes, o que fez surgir uma grande confusão em relação às denominações dos distintos tipos de obras lexicográficas. Segundo Haensch (1982), essa confusão se deve ao uso arbitrário dessas denominações por parte dos distintos autores ou mesmo de editoras.

Na época renascentista, de acordo com Haensch et al. (1982), os dicionários monolíngues eram chamados *thesaurus*, o que mais tarde ficou entendido como instrumento lexicográfico muito extenso, que se baseia em um grande número de citações de autores, geralmente prosistas e poetas, considerados como representativos ou exemplares em relação aos usos linguísticos. Segundo Haensch (1982), o termo *thesaurus* é utilizado ainda nos dias atuais com esse sentido, mas também para se referir a obras plurilíngues.

Se forem consideradas as obras lexicográficas e terminológico-terminográficas publicadas em épocas mais recentes, como assevera Barbosa (2001), pode-se afirmar que não há ainda muita clareza em relação às fronteiras conceptuais, denominativas, definicionais das obras lexicográficas. A autora pontua que, apesar disso, as pesquisas das ciências da palavra nessa área se encontram em estágio avançado e que, ainda assim, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram

¹⁵ Tradução: Infelizmente, nem todas as obras lexicográficas que registam e explicam o vocabulário utilizado por um autor ou obra literária são chamadas de “glossários”. Por exemplo, R. Menéndez Pidal publicou um repertório magistral das vozes utilizadas no Cantar de Mio Cid sob o título de Vocabulário (...) Aqui temos um primeiro exemplo da confusão que existe quanto à terminologia das obras lexicográficas.

assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual. Barbosa (2001) distingue os três tipos básicos de obras lexicográficas da seguinte forma: os dicionários de língua processam as unidades lexicais da língua geral; os vocabulários, os dicionários terminológicos, os dicionários técnicos e os glossários processam vocábulos representativos de uma norma linguística, inclusive das línguas de especialidade; os glossários ou vocabulários processam o vocabulário de um texto-ocorrência. Barbosa (2001) acrescenta que as fronteiras entre os dicionários gerais e os dicionários específicos parecem ser mais nítidas, no entanto, a questão se mostra mais complexa nos esforços de conceptualização/denominações de obras dos dois tipos, gerais e específicas. Haja visto, como memora a autora, a variedade de denominações que se utilizam: *vocabulário*, *dicionário terminológico*, *dicionário especial*, *dicionário técnico*, *vocabulário técnico-científico*, *dicionário de língua de especialidade*, *dicionário de língua científica ou técnica* etc.

Como se confirma através das considerações de Haensch et al. (1982) e Barbosa (2001), as atribuições de nomes a obras lexicográficas é tarefa para muita reflexão sobre as características de tais obras, bem como sobre as funções exercidas por elas entre seus usuários. Um trabalho que se dispõe a estudar o léxico de uma língua ou de uma comunidade de fala que seja, deve ter clareza quanto ao uso dos termos a serem utilizados para nomear as obras lexicográficas. Assim sendo, este trabalho assume as nomeações apresentadas por Haensch et al. (1982) e Barbosa (2001) para *glossário* e *dicionário* e *vocabulário*, os três principais tipos de obras lexicográficas às quais este trabalho irá se reportar. Dessa forma, entende-se como *glossário* - neste trabalho - o ‘repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc.’. Com relação ao termo *dicionário*, como mencionado por Barbosa (2001), há vários tipos de *dicionário* e este trabalho tem por interesse o dicionário da língua - no caso a língua portuguesa - que, consoante a Barbosa (2001), tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções. Ainda de acordo com Barbosa (2001), o dicionário de língua considera pertinentes as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. O vocabulário, por sua vez, de acordo com Barbosa (2001), tem como unidade-padrão o vocábulo constituindo-se como conjuntos vocabulares. Esses podem ser representativos do universo do discurso. Os vocabulários técnico-científicos e especializados, segundo a autora, situam-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural, já o vocabulário fundamental procura reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos vocabulários de uma comunidade ou de um seguimento social. Barbosa (2001) assevera que esses elementos são selecionados pelo duplo critério de alta frequência e

distribuição regular entre os sujeitos falantes-ouvintes envolvidos. Tendo estabelecido os conceitos de nomeação das obras lexicográficas com as quais este trabalho irá lidar, passa-se agora às formas como se elaboram tais obras.

Haensch et al. (1982) asseveram que o lexicógrafo pode lançar mão de materiais diversos para a elaboração de sua obra como dicionários - monolíngues e bilíngues -- vocabulários sistemáticos, atlas linguísticos, monografias sobre dialetos, socioletos, glossários em obras literárias, livros práticos, periódicos, revistas, catálogos comerciais, listas de telefone. Além disso, os autores afirmam que o lexicógrafo que quer ter seu dicionário em dia deve ler, constantemente, periódicos e certas revistas na língua de cujo léxico descreve. Haensch et al. (1982) acrescentam que é muito necessário que o lexicógrafo recorra a unidades léxicas que aparecem na língua falada, seja de forma espontânea, seja de forma sistemática mediante entrevistas. Essas podem ter como objetivo recolher determinados tipos de vocábulos. Os autores, no entanto, chamam atenção para o fato de que lexicógrafo mais competente não pode ser especialista em todas as matérias nem conhecer todos os usos diatópicos, diastráticos, etc. Portanto, será preciso, por exemplo, na elaboração de grandes dicionários gerais, fazer revisões por especialistas. Esse posicionamento de Haensch et al. (1982) reitera, novamente, a necessidade de trabalho em conjunto para a elaboração de obras lexicográficas consistentes.

Haensch et al. (1982) explicam como se constituem a macro e a micro estrutura de uma obra lexicográfica. De acordo com os autores, o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto. Essa ordenação pode ser feita em ordem alfabética - provavelmente, a forma mais comum de ordenação -, em ordem alfabética inversa - segundo Haensch et al. (1982), esse tipo de obra serve, principalmente, à investigações filológicas e linguísticas, não sendo obras de consulta para a prática - e por famílias de palavras. Esse último tipo de ordenação, mediante Haensch et al. (1982), é útil e recomendável especialmente para os dicionários etimológicos, porque permite tratar em um único item todas as palavras relacionadas com um étimo. Os dicionários organizados em famílias de palavras são também, de acordo com Haensch et al. (1982), interessantes para serem utilizados no aprendizado da língua, já que eles permitem ao usuário conhecer todas as palavras de uma mesma família. Haensch et al. (1982) acrescentam que para dicionários mais extensos, ou mesmo dicionários mais gerais, a ordenação alfabética é mais aconselhável, já que ela permite ao usuário maior rapidez na localização das palavras e isso é importante na prática diária.

Pertencem ainda à macroestrutura dos dicionários a parte introdutória e os possíveis anexos e suplementos que esse tipo de obra venha a ter. Haensch et al. (1982) orientam que a parte introdutória de um dicionário deve ser muito clara, completa e fornecer aos usuários da obra o máximo de informações possível. Deve-se informar, segundo Haensch et al. (1982), sobre tratamento que é dado a palavras homônimas e polissêmicas, sobre a lematização de unidades léxicas pluriverbais e quaisquer outras informações que se fizerem necessárias para que a consulta ao dicionário seja eficiente. Para que isso ocorra, no entanto, Haensch et al. (1982) alertam que é indispensável que o usuário estude a fundo a parte introdutória dos dicionários os quais consulta, pois somente assim conseguirá tirar o máximo de proveito de tais obras.

A microestrutura de um dicionário, consoante a Haensch et al. (1982), é constituída pelo inventário léxico que constitui o corpo da obra. Segundo os autores, um dicionário é um extrato *standardizado* do conjunto do léxico existente ou de um subconjunto léxico. Ao fazer a seleção do léxico total de um conjunto, ou de subconjunto, o lexicógrafo transforma um inventário aberto em um inventário fechado. Esse inventário fechado é, como afirma Haensch et al. (1982), o corpo do dicionário. A obra lexicográfica é dividida em entradas, que segundo os autores, é a menor unidade autônoma de um dicionário. A extensão ou conteúdo de uma entrada pode variar segundo a finalidade e o grupo de destino ou a natureza do léxico que é objeto de descrição. Em dicionários gerais, por exemplo, são dadas definições relativamente curtas para nomes científicos, já que, segundo Haensch et al. (1982), caso essas definições fossem muito detalhadas, o dicionário poderia assumir o papel de dicionário enciclopédico.

Barbosa (1980) afirma que a palavra é o objeto de exame da Lexicografia e que essa a considera sob um ângulo diferente daquele sob o qual a Lexicologia observa. A Lexicografia, consoante a autora, analisa a palavra fazendo uso de uma técnica de tratamento de compilação, de classificação, de que resulta a produção de dicionários, de glossários e de outras obras lexicográficas. Barbosa (1980, p. 263) afirma que, “com frequência, o lexicógrafo necessita de modelos teóricos que expliquem determinadas características da estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar tratamento adequado às unidades léxicas sob seu exame”.

De acordo com Dubois (1971) *apud* Barbosa (1980), o lexicógrafo toma por objetos de seu discurso a *língua* e a *cultura* de tal forma que, no seu trabalho, atua ora como linguista, pois precisa reportar-se de forma implícita ou explícita a uma teoria linguística, que lhe dá as diretrizes metodológicas de sua análise, ora como antropólogo, já que os elementos por ele levantados contribuem para a definição de determinada cultura, ou mesmo como historiador, geógrafo, jurista, etc., por causa dos termos que se propõe a examinar e definir. Tendo em

vista as colocações do autor, faz-se necessário que, ao elaborar sua obra, o lexicógrafo considere toda a diversidade que há no interior de uma língua, bem como no interior da sociedade da qual dela se utiliza.

Haensch et. al. (1982) discorrem sobre a variação na Lexicografia. Os autores afirmam que para uma Lexicografia linguística fundamentada não podem ser tomados como base, sem análise prévia, critérios extralinguísticos como julgamentos de valores em relação aos usos linguísticos. No entanto, há que se levar em conta o critério sociológico, o que não significa que deva se basear, exclusivamente, no uso linguístico de uma única camada ou classe social. Haensch et. al. (1982) citam que as pesquisas dialetológicas nos ensinam claramente que os hábitos linguísticos das pessoas com idade avançada são distintos dos outros grupos de falantes, sobretudo, por seu caráter conservador. Além disso, os autores apontam que há numerosas diferenças no léxico entre os sexos. Mais importante para a Lexicografia, no entanto, de acordo com Haensch et. al. (1982), são as diferenças que resultam da idade. Como o vocabulário muda muito rapidamente, não apenas em termos de chavões, os falantes mais velhos e os mais jovens têm frequentemente inventários de palavras muito diferentes. No caso dos jovens, segundo os autores, o vocabulário específico depende muito de palavras de moda, que muitas vezes não merecem ser registradas lexicograficamente pela vida efêmera que têm.

Haensch et. al (1982) afirmam que os defensores da norma prescritiva destacam sempre, com mérito em seus esforços, o fato de compreenderem melhor a língua que descrevem, no entanto, também parece óbvio que devem existir normas linguísticas geralmente aceitas para facilitar a comunicação. Os autores asseguram que, caso se reviste as normas que existem nas línguas naturais, será possível perceber que há discrepâncias entre a exigência e a realidade. Por essa razão, os autores entendem a necessidade de se considerar as variações diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas para a elaboração de obras lexicográficas. Barbosa afirma:

ao lexicógrafo, pois, compete, mais especificamente, a tarefa de classificar as lexias de um grupo sócio-linguístico-cultural, segundo critérios e normas lexicográficas propriamente ditas. Desse modo, o produto do trabalho lexicográfico manifesta-se em vários tipos de obras, como sejam: a) dicionários monolíngues; b) dicionários bilíngues ou plurilíngues; c) dicionários de sinônimos ou antônimos; d) dicionários inversos; e) dicionários analógicos; f) dicionários enciclopédicos; g) vocabulários; h) glossários; i) vocabulários de frequência; j) thesaurus; l) vocabulários fundamentais; m) vocabulários específicos, com, por exemplo, os vocabulários técnico-científicos. (Barbosa 1980, p. 264)

Haensch et al. (1982) afirmam que as relações - durante muito tempo bastante problemáticas - entre a prática e a teoria da Lexicografia têm melhorado consideravelmente

nos últimos anos. Os autores mostram, ao longo de sua obra, que a linguística moderna pode trazer contribuições importantes para a Lexicografia. Essa, segundo os autores, tem suas próprias leis e sua própria dinâmica com muitas limitações. Por outro lado, pode-se afirmar que a suma das soluções dos distintos problemas levantados pela prática lexicográfica ainda não constitui uma teoria da Lexicografia. A extensão e a apresentação de um dicionário dependem, em última análise de seu preço. Por isso, muitas vezes, é necessário que se sacrifique, segundo Haensch et al. (1982), algo ideal ou mais perfeito em favor de algo alcançável, contando com os fatores: colaboradores, tempo e dinheiro. Os autores afirmam ainda que, em muitos casos, a influência da linguística moderna tem contribuído para melhorar os métodos de elaboração dos dicionários. Para isso, no entanto, os lexicógrafos devem estar dispostos a sempre manter suas obras em consonância com as transformações pelas quais a língua passa constantemente.

Haensch et. al (1982) caucionam que um dicionário e uma biografia estão fora de moda no momento em que são publicados. Embora isso possa parecer exagero, como afirmam os autores, contém uma grande verdade. Por essa razão, o trabalho lexicográfico requer continuidade. Quando um manuscrito é entregue ao impressor, o lexicógrafo deve coletar novas unidades lexicais, alterar o que foi escrito à luz de novas informações. Biderman afiança:

a linguagem humana tende a uma especialização contínua, recortando sempre mais e mais detalhadamente o mundo, criando novos *constructa*, individualizando conceitos de novas percepções e atribuindo, a uns e outros, signos lingüísticos unívocos. De um lado, porque o homem vai se apercebendo da univocidade de cada elemento do universo. Daí a heterogeneidade típica do léxico quando comparado com outros níveis da língua, já que é a instância da linguagem que dá conta, por excelência, da função referencial. De outro, os signos que nomeiam os *designata* se alteram, em virtude das mudanças ocorridas. Assim o léxico flui e reflui num moto-contínuo. Donde se conclui que, sendo o dicionário uma foto congelada de um estado do léxico, não pode jamais reproduzir esse processo incessante. Conclusão que nos levaria a desesperar de produzir dicionários.

(Biderman, 1996, p. 35)

Assim sendo, o lexicógrafo deve estar sempre atento à língua que descreve, pois ela é viva e está em constante movimento, o que faz com que novos elementos léxicos nasçam e que formas amplamente utilizadas se tornem obsoletas com a mesma velocidade e intensidade.

2.2 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Logo na introdução de sua obra de 1972, Willian Labov afirma: “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” Labov (2008 [1972]). A asserção do autor é bastante conhecida entre os estudiosos da língua em uso, principalmente, por aqueles que têm como embasamento teórico a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Labov (2008 [1972]) acrescenta que, naquele ano, 1972, era crescente a percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística precisa ser encontrada na fala - na língua tal como utilizada na vida diária pelas pessoas em suas relações sociais.

As noções de indissociabilidade de língua e sociedade são reforçadas por Labov (2008, p.21 [1972]), quando o autor afirma que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Assim sendo, a língua é viva porque os falantes que a utilizam - a sociedade - são vivos. Todos os acontecimentos sociais que, de alguma forma, afetam os usuários de uma determinada língua são refletidos na maneira como essa língua é utilizada. Consoante a Labov (2008, p. 19 [1972]), correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores que incidem diretamente sobre o processo linguístico.

As incidências sociais sobre os processos linguísticos podem acarretar variações ou mesmo mudanças nas formas como a língua é utilizada. Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]) afirmam ter encontrado na maioria das comunidades que observaram - os autores citam Nova York, Paris e comunidades rurais como Hemnes, na Noruega e Martha's Vineyard em Massachusetts - formas coexistentes. Isso significa dizer que os falantes têm a sua disposição meios alternativos de dizer a mesma coisa. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) explicam que isso significa que para um enunciado *A*, existe um enunciado *B* que oferece a mesma informação referencial, ou seja, são sinônimos. Essas duas formas, por coexistirem, configuram aquilo que é denominado *variação*, pelos estudos sociolinguísticos. Nesse caso, assentir que a língua é dotada de *variação*, significa assentir que essa mesma língua é heterogênea. Consoante a Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 103 [1968]), “o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos é o produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis”. Labov (2008 [1972]) afirma que a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria disfuncional.

A *comunidade de fala*, de acordo com Labov (2008, p. 289 [1972]), “é um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitude sociais frente à língua”. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125 [1968]) asseveram que “a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na *comunidade de fala*; controlar estruturas heterogêneas faz parte do controle do falante nativo sobre a língua”. Os autores acrescentam que associar estrutura e homogeneidade é algo ilusório.

A *variação* pode resultar em uma *mudança linguística*. O que significa dizer que dentre duas formas que coexistem na língua, uma se sobrepõe à outra. Consoante a Weinreich, Labov e Herzog:

Enquanto a mudança linguística está em progresso, uma forma arcaica e uma inovadora coexistem dentro da gramática: esta gramática difere de uma gramática anterior pela adição de uma regra, ou talvez pela conversão de uma regra invariante numa regra variável. [...] em algum ponto, as questões sociais e linguísticas se resolvem conjuntamente; quando a oposição já não se mantém, a variante conservadora desaparece. Esta visão da mudança se encaixa na observação geral de que a mudança é mais regular no produto do que no processo.

(Weinreich, Labov e Herzog 2006, p. 85 [1968])

Labov (1972 [2008]) afirma que a explicação da mudança linguística envolve três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. Ainda de acordo com Labov (2008 [1972]), o modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. O autor afirma ainda que as variações recorrentes podem ser imitadas e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Posteriormente, ainda segundo Labov (2008 [1972]), uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, a regularidade é alcançada. O autor adverte que nenhuma mudança ocorre num vácuo social. Além disso, ainda mediante Labov (2008) [1972]), a mudança linguística é um processo contínuo e subproduto inevitável da interação linguística. O autor afirma também que uma explicação razoável de mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.

Labov (2008) [1972]) cita Sturtevant (1947, p. 74-84), segundo o qual, “antes que um fenômeno possa se difundir de palavra para palavra é necessário que uma das formas rivais adquira algum tipo de prestígio”. Isso significa dizer que antes que aconteça a mudança linguística, as formas coexistem até que uma delas seja mais prestigiada pelos falantes de maneira que esses optem por uma em detrimento de outras.

As formas coexistentes são denominadas *variantes* e a *variável linguística* é o elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra. Como exemplo, pode-se citar o uso do pronome de segunda pessoa no português brasileiro. De acordo com Silva e Gonçalves (2018), na cidade de Ressaquinha - localizada no estado de Minas Gerais - há a alternância entre os pronomes *tu* e *você*. Nesse caso, os dois pronomes são as *variantes*, eles disputam pela expressão da *variável*, que nessa situação é a expressão pronominal de segunda pessoa. Consoante a Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma variável linguística deve ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; caso contrário, abre-se precedentes para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” se aplicam. Labov (1972 [2008]) pondera que para servir de foco para o estudo em uma comunidade de fala, é desejável que a variável linguística seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Além disso a variável linguística a ser estudada deve ser estrutural. Quanto mais integrada num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do estudo. Por fim, as explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Labov (2008, p. 192 [1972]) afirma que as questões sobre o mecanismo da mudança, as causas provocadoras da mudança e as funções adaptativas da mudança são mais bem analisadas pelo estudo detalhado da mudança linguística em progresso. O autor propõe o estudo das mudanças em progresso seja subdividido em três problemas distintos, *transição*, *encaixamento* e *avaliação*. O problema da *transição* é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evolui a partir de um estágio anterior. O problema do *encaixamento*, por sua vez, é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O problema da *avaliação* é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas.

Consoante a Labov (2008, p. 194 [1972]), os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observação de duas gerações sucessivas de falantes. Essas gerações, segundo o autor, precisam ter características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala.

Para o problema da transição, Labov (2008 [1972]) afirma que as soluções dependerão de análise mais acurada da distribuição de formas linguísticas no *tempo aparente*, ou seja, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias da população atual. Essa análise é possível,

consoante a Labov (2008 [1972]), somente porque a descrição simples original da *mudança em tempo real* nos permite distinguir entre a gradação etária da população atual e os efeitos da mudança linguística.

Labov (2008, p. 291 [1972]) declara que não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística. O autor acrescenta que a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua, tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos.

Em conformidade com Labov (2008 [1972]), o primeiro problema é determinar os aspectos do contexto social da língua que se vinculam mais estreitamente com a mudança linguística. Mediante o autor,

poderíamos começar com um retrato completo do contexto social imediato do evento de fala. [...]. Consideraríamos todas as relações sociais vigentes entre falantes, interlocutores, audiências e habitantes dos domínios sociais do evento de fala (escola, igreja, trabalho, família...) Em seguida, poderíamos indagar se as mudanças na língua refletem mudanças nas relações entre esses participantes e contextos. [...] Temos meios cada vez mais sofisticados de registrar e medir o comportamento linguístico, relacionando nossas observações à língua usada na interação social cotidiana.

(Labov 200, p. 327)

Por social, Labov (2008, p. 313 [1972]) entende “os traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; por estilística, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato no ato de fala”. Ambas, segundo o autor, são incluídas no comportamento expressivo - o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística, de acordo com Labov (2008, p.313 [1972]), pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, ou seja, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.

Labov (2008, p. 317 [1972]) declara que temos pouquíssima informação sobre o estado da sociedade em que a maioria das mudanças ocorreram. Os acidentes que governam os registros históricos têm pouca chance de produzir explicações sistemáticas de que precisamos. O autor afirma ter evidências de que o estudo da mudança em andamento é uma estratégia prática. Tais evidências auxiliam na interpretação dos resultados das investigações históricas. Para usá-las, consoante a Labov (2008 [1972]), é inevitável que se opere sob o *princípio da uniformidade*, termo emprestado da geologia, segundo o qual as montanhas, vulcões, praias e abismos que temos hoje são o resultado de processos observáveis que ainda ocorrem à nossa

volta e não de convulsões violentas em algum ponto remoto do passado. Nos estudos linguísticos, significa dizer as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos.

Labov (2008, p. 318 [1972]) adverte que “se pode argumentar que não se observa, literalmente, a mudança em ‘progresso’”. Na maioria dos estudos a relatados por ele, segundo o autor, foi observada a distribuição em *tempo aparente*, ou seja, o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias. Distingue-se o comportamento da gradação etária regular e repetida pela obtenção de uma medida em algum ponto contrastante no tempo real.

Consoante a Labov (2008, p. 320 [1972]), “uma dada palavra ou pronúncia que tenha sido de fato introduzida por um indivíduo só se torna parte da língua quando é adotada pelos outros, ou seja, quando se propaga”. Por conseguinte, a origem de uma mudança é a sua “propagação” ou aceitação pelos outros. A partir desse ponto, há uma continuação do mesmo padrão.

Labov (2008, p. 366 [1972]) afirma que “a mudança aparece primeiramente como um traço característico de um subgrupo específico, sem atrair a atenção particular de ninguém”. Segundo o autor, à medida que avança dentro do grupo, ela pode também se difundir para fora, numa onda afetando primeiramente os grupos sociais mais próximos do grupo de origem.

2.3 Redes Sociais

Redes sociais, mediante Milroy (2002), são redes de relacionamento as quais indivíduos estabelecem em sua vida cotidiana. Tais redes variam de indivíduo para indivíduo e se constituem por ligações diversas, como parentesco, amizade, relações de trabalho e quaisquer outras relações nas quais haja a interação cotidiana entre indivíduos. Quanto maior é o número de pessoas em uma mesma rede, mais densa será essa rede e, no sentido oposto, quanto menor é o número de pessoas em uma mesma rede, menos densa será essa rede.

Quando os indivíduos têm redes em comum - por exemplo, são colegas de trabalho e frequentam a mesma igreja, ou frequentam o mesmo clube e são vizinhos - eles estabelecem redes *multiplexas*, quando os indivíduos têm apenas uma rede em comum, eles estabelecem redes *uniplexas*. Os estudos sociolinguísticos que se baseiam em redes sociais buscam captar as formas como se dão as interações entre os falantes. Conforme Milroy (2002), quanto mais densa e *multiplexa* é a rede, mais ela mantém seu dialeto e se mostra resistente à influência de

valores externos, em virtude dos fortes laços de solidariedade que os indivíduos possuem, além da identificação desses indivíduos com os valores sociais do grupo. Assim sendo, redes sociais densas, que são vistas como fatores conservadores forte, coíbem mudanças linguísticas. Caso esses laços se enfraqueçam, são produzidas condições favoráveis à mudança linguística.

Milroy (2002) afirma que uma rede social pode ser vista como uma teia ilimitada de laços que se estende através da sociedade de forma que as pessoas se conectem ainda que de forma remota. O interesse, contudo, se dá pelos laços de primeira ordem, aqueles nos quais os indivíduos interagem diretamente. Os laços de primeira ordem podem ser fortes ou fracos, a depender do tipo de relação que os indivíduos têm entre si. Os laços fortes são aqueles que conectam amigos ou parentes, já os laços fracos conectam indivíduos que são apenas conhecidos.

Milardo (1998), *apud* Milroy (2002), faz uma distinção entre redes de troca e redes interativas. Nas redes de troca os indivíduos não apenas interagem regularmente, como também trocam ajuda, conselhos, críticas e apoio. Exemplos desse tipo de rede são amigos íntimos ou familiares como pais e filhos. Nas redes interativas, os indivíduos interagem, mas não possuem a relação estreita que os indivíduos das redes de troca possuem. Relações comerciais, como as de vendedor e cliente, por exemplo, são exemplos de redes interativas. Li, *apud* Milroy (2002), apresenta o conceito de laço passivo, que consiste em laços nos quais não acontece o contato regular entre os indivíduos, mas são valorizados por eles como fonte de influência e apoio moral. Um exemplo desse tipo de laço seria amigos que vivem, fisicamente, distantes.

À ideia de redes sociais, estão também associados os conceitos de *localismo* e de *mobilidade*. O *localismo* está relacionado ao sentimento que o indivíduo tem pelo local em que vive. O indivíduo valoriza, socialmente, aquele local, demonstrando seu pertencimento. Isso faz com que valores culturais e linguísticos da comunidade sejam valorizados. A *mobilidade*, por sua vez, está relacionada ao grau de deslocamento dos indivíduos a partir de seu local de origem. Quanto maior for a mobilidade, mais os indivíduos estarão sujeitos a adotar valores de outros grupos.

A utilização das ideias de redes sociais possibilita que pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes e populações rurais sejam estudados, o que favorece a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística.

Labov (2001) reconhece a importância de se trabalhar com redes sociais. O autor destaca os aspectos da metodologia utilizada: a realização de várias entrevistas individuais, a participação do pesquisador na esfera social do grupo, perguntas individuais sobre as redes

sociais de relações dos falantes. Segundo Labov (2001, p. 326), “estudos de pessoas inseridas em sua rede social nos permitem gravá-las conversando com quem elas geralmente falam - amigos, família e colegas de trabalho”. Pesquisas assim realizadas oferecem resultados bastante relevantes para que se identifique as causas e o mecanismo social da mudança linguística, especialmente com relação ao papel dos líderes da mudança. Esses são as pessoas que ocupam os centros de suas respectivas redes sociais e que, possivelmente, são o veículo de expansão de características dessas redes para outros locais.

Por fim, vale mencionar, ainda que de forma breve, as noções de comunidades de prática. Segundo Meyerhoff (2004, p. 530), “as comunidades de prática são um conjunto de indivíduos negociando e aprendendo práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo em comum”. As comunidades de prática dizem respeito a práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem, regularmente, em torno de algo em comum e envolvem crenças e valores compartilhados ou formas de realizar atividades. São exemplos desse tipo de relações, as rotinas escolares, rotinas familiares, ou mesmo reuniões de pais e professores. Eckert (2000) propõe que estudos de variação sejam centrados em comunidades de prática, já que nelas as variantes linguísticas assumem significação social, o que faz com que haja relação direta entre língua e identidade. Nesse contexto, os estilos individuais -- como marcas de identidades sociais -- ocupariam um lugar central no estudo da variação linguística. Esse é um enfoque que se aproxima do enfoque de redes sociais, já que ambos são de nível micro e são mais qualitativos do que quantitativos.

Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992) apresentam contribuições relevantes para os estudos sociolinguísticos. Dentre elas estão os princípios básicos a seguir, que orientam pesquisas com perspectiva sociolinguística:

- a) O primeiro princípio está relacionado ao uso da língua, que não deve ser analisada, senão em contextos situacionais e sociais. Além disso, quando analisadas em tais contextos, deve-se levar em conta a sociedade, a situação e o falante/ouvinte;
- b) O segundo princípio preconiza que só será bem sucedida a descrição completa da estrutura de uma variedade (padrão, dialetal ou registro), se as decisões substanciais, ou julgamentos de natureza social são considerados nas descrições. Deve-se levar em conta os fenômenos sociais. As normas linguísticas são decisões tomadas pelo falante a respeito das formas da variedade em questão. São normas de ordem social,

dependem de um consenso entre os falantes dentro da comunidade e do julgamento que eles têm de sua fala de acordo com a situação;

c) O terceiro princípio está relacionado à manutenção linguística. A língua é mantida por pressões sociais de acordo com uma norma consensual. Assim sendo, a língua muda, mas às vezes ela se mantém inalterada.

Os três princípios supracitados foram adotados por esta pesquisa, sobretudo na seleção dos participantes da pesquisa, na coleta de dados e nas análises de enfoque sociolinguístico.

Este trabalho entende que a língua é viva e, por essa razão, está em constante movimento. Além disso, concebe-se a língua envolve as ações e pensamentos humanos, além de possibilitar que o indivíduo desempenhe seu papel social e participe da construção e da cultura da sociedade na qual está inserido. Sendo assim, nada mais natural que o referencial teórico adotado seguisse tais convicções. Dessa forma, as asseverações dos autores dos textos selecionados para o referencial teórico deste trabalho se assemelham no sentido em que todos eles entendem que a língua é o instrumento maior de acesso ao mundo e ao pensamento, bem como é a língua também o “passaporte” para a vivência social. Quando Biderman (1987) afirma que o léxico de uma língua natural permite registrar o conhecimento do universo, ela afirma, em outras palavras, que aquilo que o homem vivencia pode ser descrito pela língua. É por essa razão que Labov (2008 [1972]) assevera que não é possível separar a língua da sociedade, o homem não se constitui como ser social se não for dotado de capacidades linguísticas. É preciso registrar também que o falante interage com grupos sociais distintos e que em cada uma dessas interações as formas como ele irá se utilizar da língua serão distintas. É o que propõe Milroy (2002). E, como asseveram Haensch et al. (1982), aquele que estiver disposto a registrar - de forma escrita - a língua, deve ter consciência de que essa é viva, portanto, suas obras devem ser constantemente atualizadas.



CAPÍTULO 3

3. A CIDADE DE CLÁUDIO

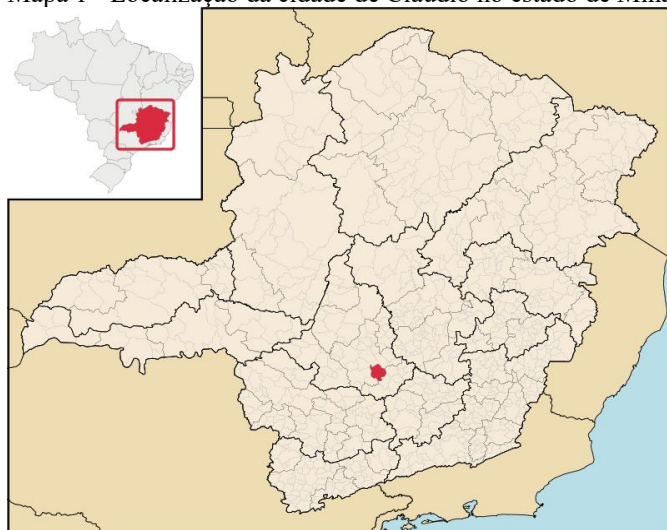
Este capítulo apresentará a cidade de Cláudio - comunidade de fala da pesquisa - em seus diversos aspectos. Na seção 2.1, serão apresentados os aspectos físicos, seguidos do histórico da cidade, de seus aspectos econômicos, educacionais e socioculturais. Além disso, na seção 2.2 serão apresentados outros trabalhos de pesquisa que tiveram a cidade de Cláudio e os seus moradores como tema principal.

3.1 Contextualização histórica

3.1.1 A cidade: aspectos físicos

Cláudio é uma cidade de 30.159 habitantes¹⁶ situada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais, Brasil, mais especificamente, na zona geográfica denominada Campo das Vertentes, na microrregião do Vale do Itapecerica. A cidade ocupa uma área territorial de 630.706 km² e faz limite com as cidades de Carmo do Cajuru, Divinópolis, Itapecerica, Carmo da Mata, Carmópolis de Minas e Itaguara. O mapa 1 mostra a localização de Cláudio no estado de Minas Gerais:

Mapa 1 - Localização da cidade de Cláudio no estado de Minas Gerais



Fonte: Family Search.org/pt¹⁷

¹⁶ Segundo dados do censo de 2022.

¹⁷ Disponível em: https://www.familysearch.org/pt/wiki/Cl%C3%A1udio,_Minas_Gerais,_Brasil_-_Genealogia acesso em jan. 2023

O cerrado é o bioma predominante na região à qual Cláudio pertence e isso faz com que sua fauna e flora sejam bastante diversificadas. Dentre essas espécies estão os ipês, roxo e amarelo, o jacarandá e o pequi, árvore nativa do cerrado que fornece um fruto amplamente utilizado na culinária da região centro-oeste mineira, o pequi. É possível ver, naquela região, aves como siriema, andorinha, tucano e mamíferos com raposa, capivara e lobo guará. A bacia do rio São Francisco e seus afluentes integram a drenagem hidrográfica da cidade. Cláudio, inclusive, está inteiramente na grande bacia do Rio São Francisco. Seus principais rios são, o Ribeirão Matias, a Represa Cajuru, o Ribeirão São Bento e o Rio Pará. Sua reserva hídrica é constituída também por uma grande quantidade de córregos e nascentes. A cidade apresenta temperatura mínima reduzida no inverno, em torno de 15,80°C, época na qual há estiagem. No verão, período chuvoso naquela região, as médias de temperaturas são de até 28,70°C.

3.1.2 Histórico

Os cataguases, também conhecidos por cataguás, segundo Carvalho (2011), foram os primeiros habitantes da região na qual está localizada o município de Cláudio. Aqueles indígenas, de acordo com Carvalho (2011), eram bastante aguerridos e travaram um duro combate com os bandeirantes paulistas quando esses adentraram o interior do território brasileiro entre os séculos XVII e XVIII em busca de riquezas e pedras preciosas.

De acordo com Carvalho (2011), o nome da cidade teve origem no período em que as tropas de burros iniciaram suas viagens ao longo das picadas abertas pelos bandeirantes, seguindo a rota conhecida como “Caminho Novo de Goiás”. Era comum que os homens que comandavam as tropas procurassem um lugar no qual pudessem descansar durante a noite. O lugar escolhido era chamado de pouso ou paragem. Em uma dessas viagens as tropas pararam em busca de pouso. Um dos escravizados que as acompanhavam - cujo nome era Cláudio - saiu pelos arredores à procura de um bom local para montarem acampamento e, em pouco tempo, voltou com a notícia de que havia encontrado um ribeirão. A partir de então, passaram a chamar o local de “Paragem de Cláudio”. Posteriormente, prevaleceu o nome Cláudio.

Graças à fertilidade do solo, às condições climáticas e à suposta existência de ouro, o pequeno povoado começou a receber grande fluxo de pessoas de várias regiões. A partir da segunda metade do século XIX, ainda de acordo com Carvalho (2011), o arraial de Cláudio passou a delinear os rumos de sua vida econômica, iniciaram-se as experiências com a

plantação de café, cultivo que se espalhou por toda região. Em 1836, foi criado o município de Oliveiras, Cláudio foi elevada à categoria de distrito e anexada àquele município. Cláudio conquista sua emancipação político administrativa em 30 de agosto de 1911 e a instalação do município com sua primeira câmara se deu em 1º de junho de 1912. Atualmente, integram-se ao município de Cláudio os seguintes distritos: Monsenhor José Alexandre, Bananal, Bocaina, Cachoeira dos Pios, Canjerana, Canoas, Corumbá, Córrego da Fábrica, Custórios, Formiguinha, Jacarandá, Macacos, Machadinhos, Matias, Palmital, Ribeirão do Cervo, Ribeirão São Vicente, Ribeirão do Santinho, São Bento, Sete Lagoas, Souza, Tombadouro e os povoados de Vargem Alegre e da Rocinha.

3.1.3 Economia e Educação

A economia da cidade gira em torno das inúmeras empresas do setor de fundição e metalúrgica, segundo o site da prefeitura municipal da cidade¹⁸, são mais de 80 empresas, não há nos registros oficiais um número exato. Sabe-se, no entanto, que há um grande número de pequenas empresas desse ramo e, possivelmente, algumas dessas nem são registradas oficialmente. Os principais produtos comercializados por essas empresas são móveis de alumínio, peças de ferro fundido, como painéis e outros utensílios domésticos e equipamentos para academia de ginástica. De acordo com relatos dos próprios claudienses, nas entrevistas para coleta de dados desta pesquisa, há um grande fluxo de pessoas de cidades vizinhas - ou mesmo de outros estados - na cidade de Cláudio para trabalhar naquelas empresas. Além disso, é comum que as pessoas da área rural se mudem, ainda muito jovens, para a área urbana de Cláudio, justamente para trabalharem nas fundições.

Apesar de, como dito, o setor de fundição e metalurgia comandar a economia da cidade de Cláudio, as atividades de agricultura e pecuária também estão muito presentes naquela cidade. Há muitas pequenas e algumas médias propriedades rurais nas quais são criados animais de corte, gado leiteiro, bem como aves produtoras de ovos. Do mesmo modo, aquelas propriedades cultivam vegetais que são vendidos no comércio local, ou mesmo em comércios de Belo Horizonte.

Segundo dados do Censo de 2022, Cláudio apresenta uma taxa de 96,9% para escolarização de estudantes entre 6 e 14 anos. A cidade conta com 14 estabelecimentos de

¹⁸ Prefeitura Municipal da cidade de Cláudio. Disponível em: <<https://www.claudio.mg.gov.br/portal/servicos/1002/cidade/>>. Acesso em 19 set. 2023.

ensino fundamental (6º ao nono ano) e 4 estabelecimentos de ensino médio. Há ainda na cidade 1 *campus* da UEMG, Universidade Estadual de Minas Gerais, no qual são ofertados os cursos de Administração, Pedagogia, Ciências Contábeis e Serviço Social. Esse *campus* universitário é bastante significativo para aquela região, pois ele atende aos estudantes das cidades vizinhas a Cláudio.

3.1.4 A cidade: aspecto socioculturais

A cidade de Cláudio ficou bastante conhecida no final dos anos de 1990, quando começou a ser noticiada em programas de televisão como sendo a “cidade dos apelidos”. Naquela época, uma claudiense - de nome Érica Zanetti - e seu marido trabalhavam com publicidade e criaram a “Apelista”, uma lista telefônica na qual, em vez de nome e sobrenome, as pessoas encontravam os apelidos de quem possuía telefone fixo na cidade. Segundo Zanetti - em entrevista ao portal de notícias G1¹⁹ -, tudo não passava de uma grande brincadeira, ela e o marido queriam apenas ter uma ideia de como seria tal lista. Fato é, que a “Apelista” despertou o interesse das pessoas, a ponto de Zanetti ir a programas de televisão dar entrevistas, e fez com que redes de televisão fossem a Cláudio conhecer a história dos apelidos *in loco*. O hábito de apelidar naquela cidade, no entanto, não é recente, segundo HM2JMR²⁰, um dos participantes desta pesquisa, os apelidos fazem parte da vida dos claudienses há muito tempo:

(1) HM2JMR: *Ah, isso é antigo, é coisa antiga da cidade. É... coisa dos antepassados já... já tratava todo mundo como apilido, né? [...] Foi cunhicida agora, há pouco tempo, 10, 15 anos pra cá, mas isso aí é coisa... de muitos anos.*

Apelidos são fruto de uma convivência próxima, de observação das características peculiares da pessoa apelidada. Pereira (2011), que desenvolveu uma pesquisa sobre os apelidos na cidade de Cláudio, afirma que a afetividade é um elemento importante para a implementação dos apelidos.

¹⁹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2014/05/lista-telefonica-em-mg-traz-apelidos-ao-inves-de-nomes-dos-moradores.html>>. Acesso em 19 set. 2023.

²⁰ Por se tratar de um participante da pesquisa, sua identidade é preservada, sendo assim, ele é apresentado pelo código que o identifica neste trabalho.

A relação dos claudienses com os apelidos, muito provavelmente, se deve ao fato deles viverem em uma cidade pequena na qual as relações são muito próximas. O hábito de apelidar, de forma tão ampla como acontece em Cláudio, não seria possível em uma grande cidade como São Paulo, por exemplo, porque ali as relações são muito distantes, muitas daquelas pessoas se veem apenas uma única vez na vida, dessa forma, não têm o mesmo tempo que os claudienses têm para estreitar laços que lhe permitam apelidar seus conterrâneos.

É interessante acrescentar que a cidade dos apelidos ganhou também um apelido. Os claudienses deram a sua cidade o codinome de “cidade carinho” e, ao serem questionados sobre as origens de tal apelido, os participantes desta pesquisa apresentaram, todos, a mesma versão: Cláudio é uma cidade hospitaleira, acolhe bem as pessoas que chegam. Essas, quando estabelecem residência ali, passam a pertencer à comunidade de forma muito legítima. Além disso, quando alguém passa por dificuldades na cidade, seja de quaisquer tipos, financeira, com questões relacionadas à saúde etc., os claudienses se mobilizam para ajudar. Daí vem essa ideia de que a cidade de Cláudio é carinhosa, ou, como dizem os claudienses, é a “cidade carinho.” Sendo assim, é uma argumentação bastante válida e esta pesquisa a aceita prontamente.

Com relação a festas e eventos culturais, destacam-se em Cláudio o reinado, festa religiosa de raiz africana que homenageia os santos de devoção do lugar, o *Festival da Primavera*, que celebra a chegada dessa estação com *shows* e outras apresentações artísticas, e a *ExpoCláudio*, exposição agropecuária da cidade. Esse último evento, inclusive, mobiliza Cláudio de forma que tudo se volta à exposição durante toda a semana na qual ela acontece. Além disso, as pessoas se dispõem a investir bastante dinheiro em roupas, ingressos para a *ExpoCláudio*, como relata ML1LCG, uma claudiense entrevistada para este trabalho:

(2) ML1LCG: *Tem, aqui é o rodeio. É a festa do ano! Todo mundo trabalha o ano inteiro pra podê investi no rodeio. E o rodeio é a festa que tem as montarias em touros e cavalos, mais... após as montarias, né? [...] o investimento mesmo é pra... um... a palavra que eu ia falá... pra investi em ropa, em camarote, nas bebida, pra fazê ali uma festa como se... até muito luxuosa, né?*

Ao que parece, o universo rural, de uma forma geral, é bastante apreciado pelos claudienses, é comum que tanto os mais jovens, quanto os mais velhos, passem seus finais de semana “na roça” como dizem. Aliás, é recorrente que os claudienses vivam na cidade e mantenham uma propriedade rural, na qual eles se instalam aos finais de semana. Muitas das vezes, aquela propriedade pertenceu aos pais e acabou ficando de herança para o filho que

sequer cogitou se desfazer dela. Outro fato que confirma o gosto dos claudienses pela “roça” é sua preferência por produtos, principalmente os alimentícios, provenientes do meio rural. Assim, dificilmente, um nativo daquela cidade irá comprar ovos, queijos, polvilho, ou mesmo verduras, que não sejam produzidos na roça, os famosos produtos caipiras. Faz parte dos costumes dos nativos de Cláudio, aqueles que possuem suas propriedades rurais, criar porcos, ou mesmo algumas poucas cabeças de gado que lhe forneçam produtos alimentícios como carne e leite, com o qual os claudienses produzem seu queijo, requeijão e manteiga. Produzir doces com frutas da época, as quais colhem em seus próprios quintais, é também parte dos costumes dos moradores da cidade de Cláudio. Além disso, segundo os próprios claudienses entrevistados para esta pesquisa, sertanejo é o estilo musical mais tocado em festas e bares da cidade e, geralmente, são desse estilo o maior número de *shows* que acontece na cidade.

Outrossim, o movimento inverso acontece, os claudienses que vivem na área rural costumam vir bastante à área urbana para resolver seus assuntos em bancos, fazer consultas médicas, ou mesmo para vender produtos, como ovos, verduras, queijos, doces e quaisquer outros que produzem. Obviamente, a pequena distância geográfica entre as áreas urbana e rural, possibilita a grande frequência e interação entre os dois espaços, urbano e rural

Com relação à religiosidade, percebe-se, na cidade de Cláudio, muitas manifestações da igreja católica, a paróquia naquela cidade foi criada em 8 de julho de 1858, com a denominação de “Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Cláudio”. A festa da Semana Santa é bastante prestigiada pelos claudienses. Nas manifestações do reinado, já citadas anteriormente, percebe-se um certo sincretismo, já que, ainda que seja uma manifestação de raiz africana, é incorporado pelos frequentadores da religião católica. As manifestações religiosas de outras denominações, como evangélicas, por exemplo, estão presentes na cidade, no entanto, não há grandes celebrações dessas denominações que marquem o calendário de Cláudio.

3.2 Estado da arte dos estudos específicos sobre a cidade

Cláudio é uma cidade bastante interessante, seja pela beleza da região na qual ela está localizada, seja pela história instigante de seu surgimento, ou mesmo pelo fato de ter se constituído como grande polo industrial e ter mantido seus ares de cidadezinha do interior, ou ainda pelo curioso fato das pessoas se conhecerem pelos seus apelidos, em vez de seus nomes próprios. Tantos atrativos só poderiam mesmo inspirar pesquisadores a empreender estudos

que descortinassem Cláudio para que aquelas pessoas que não pertencem ao lugar pudessem ter, ao menos, uma pequena ideia de como a vida acontece naquela cidade. Dito isso, serão apresentados, a seguir, alguns trabalhos de pesquisa sobre a “cidade dos apelidos”.

3.2.1 Nakano (2019)

Nakano (2019), trabalhou com as tradições do reinado em Cláudio, e encontrou nessa festa popular uma excelente opção para proporcionar o acesso à literatura para alunos de escolas públicas daquela cidade. A autora embasada no pensamento de Cândido (1995, p. 242) - segundo o qual “literatura é qualquer criação de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade e em todos os tipos de cultura” -, criou um projeto de leitura no qual o principal material são as memórias da cultura afro-brasileira e, dentre essas memórias, estão os cantos e contos do reinado. A festa de reinado é uma tradição muito presente na cultura claudiense, no entanto, os próprios nativos, muitas vezes, não sabem da importância cultural que ela representa para a história de sua cidade. Segundo Nakano (2019), docente em uma escola de Cláudio, muitos de seus alunos participam da festa de reinado, conhecem seus cantos e contos, no entanto, não sabem que eles são construções literárias tanto quanto o são aquelas obras que fazem parte da biblioteca da escola que frequentam. O trabalho de Nakano (2019) tem por objetivo valorizar e incentivar que, não somente os seus alunos, mas qualquer pessoa que, de alguma forma se relacione com a cidade de Cláudio, valorize suas manifestações de cultura popular. A autora assevera que muitas famílias se mudam para Cláudio - principalmente por causa da grande oferta de emprego na cidade - e isso faz com que haja ali uma grande variedade de culturas, quem chega traz consigo suas próprias histórias e conhecimentos e os coloca em contato com as histórias e conhecimentos dos claudienses. Os filhos dessas famílias, obviamente, passam a frequentar as escolas, e, de acordo com Nakano (2019), essas se tornam ponto de convergência e convivência entre diversas culturas e saberes não legitimados pela cultura letrada, que acabam sofrendo um processo de desvalorização e esquecimento. A autora, porém, apresenta a seus alunos um caminho inverso, é necessário que se valorize os saberes e conhecimentos populares, já que esses contam a história daquele lugar. Nakano (2019) partiu do conhecimento que seus próprios alunos possuem sobre os cantos e contos do reinado e se embasou no pensamento de que a literatura é um direito de todos para desenvolver atividades voltadas à formação do leitor literário por meio do acolhimento e da valorização das manifestações culturais que

constroem a identidade da cidade de Cláudio. Nakano (2019) desenvolveu, em conjunto com uma professora de História da escola na qual leciona, oficinas de leitura nas quais os textos a serem lidos pertencessem ao universo do reinado. Além disso, a autora trabalhou com vídeos sobre a temática, além de ter descoberto uma publicação, uma revista denominada *Família Marcelino: tradição, fé e cultura dos negros*, que, segundo Nakano (2019), traz um levantamento histórico sobre a história do reinado em Cláudio, além de contar a história de um casal de escravizados que contribuiu para que as tradições do reinado permanecessem naquela localidade. Por fim, mediante Nakano (2019), as tradições do reinado são uma fonte transmissora de literatura oral e, como tal, deve ser preservada.

3.2.2 Rocha e Eufrásio (2019)

As tradições religiosas, principalmente aquelas ligadas ao catolicismo, são muito presentes na cidade de Cláudio. A igreja católica, inclusive, acaba sendo ponto de referência para diversos acontecimentos locais. Quando há algum falecimento naquela cidade, por exemplo, o fato é noticiado pelos alto falantes da igreja matriz. Ao serem questionados, durante as entrevistas para esta pesquisa, muitos claudienses citaram as festas religiosas entre as mais importantes da cidade. Manifestações da religiosidade claudiense foram tema do trabalho empreendido por Rocha e Eufrásio (2019).

Os autores discutiram sobre as tradições das *Encomendações das Almas*, peditório em forma de cânticos realizado por um grupo de devotos que saem às ruas em determinados dias da Quaresma. A tradição tem a seguinte dinâmica: o grupo de devotos sai em procissão pela cidade entoando os cânticos de forma que esses convençam as pessoas que se encontram em suas residências a rezarem pelas almas daqueles que já se foram. As rezas devem ser feitas com três objetivos: pedir em benefício de determinadas almas, pedir que as almas intercedam no mundo dos vivos e pedir que as almas não assombrem o mundo dos vivos.

Segundo Rocha e Eufrásio (2019), a *Encomendação das Almas* não é mais uma tradição da área urbana da cidade como já foi um dia e isso se deve a duas razões principais, a primeira delas foi a proibição feita por um pároco local que não concordava com as práticas. A outra razão é enunciada por uma *encomendadora*, pessoa que sai em procissão entoando cantos com o objetivo de pedir às pessoas que estão em suas casas que rezem pelas almas daqueles que já se foram, dona Tinha. Segundo ela, o excesso de luminosidade nas vias públicas são um dificultador para que se mantenha a tradição de encomendar almas. Ademais, na

atualidade, a iluminação pública é uma realidade na área rural da cidade, portanto, passa a ser um dificultador ali também. No entanto, Rocha e Eufrásio (2019) mostram que as tradições de encomendar almas ainda persistem mesmo para aqueles que vivem na área urbana. Dona Tinha mesmo é um desses exemplos, ela vive na área urbana da cidade, porém, exerce a função de líder em um grupo de encomendadores de um dos distritos de Cláudio. Sendo assim, dona Tinha, e outros encomendadores que vivem na área urbana, se deslocam para a área rural sempre que as procissões de *Encomendações de Alma* acontecem.

Um ponto bastante interessante do trabalho de Rocha e Eufrásio (2019), diz respeito aos elementos performáticos, os aspectos operacionais e os simbolismos presentes naquelas celebrações. Durante uma *Encomendação*, os grupos caminham pelas ruas e realizam um número ímpar de paradas, por exemplo, (3, 5, 7 ou 9). Em cada uma das paradas entoam o canto de pedidos - são três pedidos e após cada um desses pedidos há um momento de silêncio, no qual as orações devem ser, mentalmente, realizadas - entoam o canto de fechamento daquela parada e seguem para a próxima parada, quando o mesmo processo será realizado. Os cânticos de fechamento podem também ser utilizados para o encerramento das encomendações. Há que se observar também, que existem funções específicas para os encomendadores, como aquela desempenhada pelos matraqueiros (aqueles que tocam as matracas, um instrumento de som) e pelos puxadores, aqueles que iniciam os cânticos.

Os autores entrevistaram moradores de um distrito de Cláudio, denominado Bocaina, no qual as cerimônias de *Encomendações de Almas* ainda acontecem e aquelas pessoas explicaram aos pesquisadores que as rezas devem ser pautadas pelo respeito e com devoção, pois acreditam que a mesma consideração que sem tem por quem está vivo deve-se prestar às almas daqueles que se foram. Além disso, um senhor que participa das *Encomendações*, o senhor Antônio Felipinho, declarou aos autores, em uma de suas entrevistas, que não há que se ter medo das almas, pois elas não fazem mal a ninguém. Segundo Felipinho, “quando é coisa ruim, é porque a tentação vem na frente”, ou seja, quem faz o mal não são as almas, mas seres malignos que as precedem. Isso demonstra como a crença é ainda muito presente naquela cidade. De acordo com Rocha e Eufrásio (2019), mesmo imenso material que eles tiveram em mãos - palavras, transcrições, excertos de gravações, análises e mesmo estudos relacionando as práticas em contextos específicos - não dão conta de abranger, fielmente, os aspectos mais orgânicos do que se observa na cidade de Cláudio.

Os autores relatam que existe uma rememoração muito clara daqueles que, em tempos passados, participaram das procissões de *Encomendações das Almas*, mas que, nos dias de hoje, estão em idade avançada e não são mais ativos em tais procissões. Isso, provavelmente,

confirma a importância daquelas cerimônias em suas vidas. Rocha e Eufrásio (2019), argumentam ainda, que há, nas procissões de *Encomendações das Almas*, um processo de transmissão cultural, o que acontece devido ao contato e a partilha simbólica entre aqueles grupos que realizam as tais procissões. Além disso, os autores constataram que aquelas procissões carregam consigo uma tradição que permite a quem as realiza perceber a vida e suas circunstâncias. Outrossim, os personagens das procissões de *Encomendação* ressignificam, materializam e verbalizam valores segundo a interpretação simbólica de sua espiritualidade e possibilitam àqueles que observam as procissões de fora a percepção de que existem práticas tradicionais locais com características específicas.

Os autores fizeram suas pesquisas sobre as *Encomendações das Almas* por um período de quatro anos e, segundo eles, essas tradições remetem às antigas tradições mortuárias da Europa medieval e tiveram, em solo brasileiro, diversos ajustes produzidos mediante situações particulares vividas por cada grupo de encomendadores de sua época.

O hábito de apelidar passou a ser característica marcante da cidade de Cláudio, principalmente depois que a *Apelista* passou a ser editada e o restante do Brasil tomou conhecimento dela através de programas de televisão, como citado na seção 2.1.3 deste capítulo. A cidade passou até mesmo a ser conhecida como “cidade dos apelidos”. O interesse por entender as razões pelas quais os apelidos surgem e passam a denominar as pessoas, que - como relatam os próprios claudienses entrevistados para este trabalho - acabam tendo os seus nomes de batismo esquecidos por seus conterrâneos, motivou dois relevantes trabalhos sobre o tema. Pereira (2011) e Castro (2013), com objetivos distintos, pesquisaram sobre a apelação em Cláudio. Ambos autores tiveram como *corpus* de suas pesquisas os apelidos presentes na *Apelista*²¹. Pereira (2011), no entanto, inclui em seu trabalho a *Apelista* que circulava em um dos distritos de Cláudio, Monsenhor José Alexandre, bem como 59 entrevistas realizadas com alguns claudienses, o que faz com que Pereira (2011) trabalhe com dois *corpora*, a *Apelista* e as entrevistas.

Aqui, cabe o registro de que com o advento dos telefones móveis, os telefones fixos passaram a ser menos utilizados e, conseqüentemente, as listas telefônicas foram deixadas de lado, afinal, se o telefone passa a acompanhar seu dono para todos os lugares para os quais ele vai, não seria nada prático carregar junto a lista telefônica. A *Apelista* sente os mesmos reflexos das listas telefônicas convencionais e não é mais publicada.

²¹ Pereira (2011), em sua pesquisa, se utilizou da edição de 2009 da *Apelista*, Castro (2013) se utiliza da edição de 2011.

A seguir, serão descritas as investigações de cada autor, iniciando com aquela feita por Pereira (2011), por ter sido essa a que primeiro surgiu.

3.2.3 Pereira (2011)

O trabalho de Pereira (2011) tem como objetivo geral analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio. Além disso, a autora afirma que seu trabalho busca entender as motivações do hábito de apelidar, bem como sua amplitude, evolução e implicações ideológicas nas gerações claudienses. Pereira (2011) se embasa em diferentes campos: Lexicologia, Semântica, Onomástica, Antropologia Linguística e Sociolinguística. O estudo se desenvolveu a partir de análises qualitativa e quantitativa dos *corpora* anteriormente citados, a *Apelista* que circulava na cidade de Cláudio e no distrito de Monsenhor José Alexandre e 59 entrevistas com pessoas nascidas e moradoras da cidade de Cláudio, para que fosse possível entender as motivações dos apelidos. Dentre as perguntas da entrevista, estão “De onde vem seu apelido?” “Quem o apelidou?” “Todos te chamam pelo apelido?” e essas deram conta de que a apelação é um hábito que se atualiza em diferentes faixas etárias e gêneros, tanto no meio rural quanto no meio urbano.

Com relação às análises dos antropônimos, propriamente dito, a autora os classificou em três grupos distintos: *Apelidos*, *Hipocorísticos* e *Nomes com Referências*. Os *Apelidos* são nomes que substituem o nome oficial - aquele registrado em cartório -, motivados pelo sobrenome, pela procedência geográfica, aspecto físico, moral ou comportamental. Uma pessoa que tenha nascido na Bahia, por exemplo, poderia, na cidade de Cláudio, receber o apelido de *Bahia*. Uma participante desta pesquisa, informou que o seu pai tem o apelido de *Kisuco*, porque ele costumava chegar nos bares da cidade e pedir um *Kisuco*, marca de um antigo suco em pó, quando, na verdade, seu pedido tratava-se de uma cachaça, o que os donos dos bares, prontamente entendiam.

Os *Hipocorísticos* são nomes de origem carinhosa formados a partir de reduplicação de sílabas, abreviação ou redução do próprio nome, como, por exemplo, *Cacá*, para alguém cujo nome de registro seja *Camila*, ou *Ju*, para uma pessoa de nome *Júlia* registrado em cartório. Os Nomes de Referência são aqueles que se utilizam de um elemento capaz de identificar aquele de quem se fala, por exemplo, em *João Padeiro*, entende-se logo que se trata daquele João, que provavelmente, trabalha em uma padaria fazendo pão, ou mesmo de alguém que tenha uma padaria. As referências desse tipo de nome podem ser de três tipos, segundo

Pereira (2011), familiar, profissional, geográfica. Assim, uma mulher de nome Ana, casada com aquela pessoa que migrou da Bahia para Cláudio, poderia, na cidade, ser chamada de *Ana do Bahia* (referência familiar); caso o migrante da Bahia se chamasse *João*, ele poderia, em Cláudio, receber o *Nome de Referência João da Bahia* (referência geográfica); aquele Nome de Referência, anteriormente citado, *João Padeiro*, traz uma referência profissional. De acordo com Pereira (2011), há um alto índice de nomes com referência familiar na *Apelista* da zona urbana e isso confirma a influência da tessitura familiar e das redes sociais e culturais formadas, o que faz com que a autora considere que Cláudio é como uma grande família.

Há alguns pontos interessantes documentados por Pereira (2011). Em suas entrevistas, por exemplo, a autora se deparou com um claudiense de apelido *Tucano*. Ao ser questionado sobre a origem de tal apelido, o claudiense respondeu que, ao fazer parte do time de futebol local, percebeu que na camisa de todos os jogadores havia um apelido que os identificasse. Ele, no entanto, não tinha apelido para colocar em sua camisa. Sem querer se diferenciar dos jogadores de sua equipe, escolheu, ele mesmo, o apelido de *Tucano* - por causa de um de seus aspectos físicos, o tamanho de seu nariz - e pediu que esse fosse grafado na camisa.

Uma outra claudiense entrevistada, narrou à pesquisadora a origem de seu “apelido”: seu nome de registro *Maria*, é muito comum, portanto, para que tivesse um pouco mais de exclusividade em seu nome, *Maria* passou a se chamar de *Lúcia*. Além disso, ela conseguiu que seus conterrâneos a chamassem de *Lúcia* também. Tanto que quando assina notas promissórias na cidade, assina como *Lúcia*. Pereira (2011), no entanto, pondera que, nesse caso, não se trata de um apelido, mas sim de um pseudônimo. Ao que parece, a autora assim determina, porque além da própria *Maria* ter escolhido o nome, *Lúcia* não tem aquela definição apresentada para *Apelido*²², anteriormente citada.

É pertinente retomar que o trabalho de Pereira (2011) faz suas análises com base nos preceitos da Sociolinguística, sendo assim, a autora considera o gênero, a procedência geográfica e mesmo a idade daqueles que participaram de sua pesquisa deverão ser levados em conta, ao se analisar os apelidos que possuem. Nesse sentido, Pereira (2011) chegou a algumas conclusões: tanto na área urbana, quanto na área rural, há uma maior incidência de *Nomes de Referência* do que de *Apelidos e Hipocorísticos*. Além disso, em ambas as áreas, a referência familiar se sobressai sobre as outras, profissional e geográfica. O gênero masculino, de acordo com Pereira (2011), é alvo de maior ocorrência de apelação do que o gênero feminino. Além disso, os homens são os que mais atribuem apelidos às pessoas. Quando se

²² Nomes que substituem o nome oficial - aquele registrado em cartório -, motivados pelo sobrenome, pela procedência geográfica, aspecto físico, moral ou comportamental.

trata de *Hipocorísticos* por redução (*Bete*, para *Elisabeth*, por exemplo), a maior ocorrência é entre o gênero feminino. Pereira (2011) conclui também, que tanto na área urbana, quanto na área rural, a atribuição de *apelidos* é mais comum na família, quando as pessoas são ainda muito jovens. Há, inclusive, *apelidos* que são, *exclusivamente*, do meio familiar. O contexto no qual os *apelidos* - aqueles que não são de uso exclusivo da família - são utilizados não é considerado, mediante Pereira (2011), por 63% dos moradores da área urbana de Cláudio. Dessa forma, é comum que serem utilizados em igrejas, instituições bancárias, ou mesmo em locais mais formais, como em um escritório de advogados. A autora ressalta, porém, que isso não significa que os claudienses façam uso de apelido em toda e qualquer situação. O apelido com o advogado, por exemplo, acontecerá em situações nas quais a conversa seja informal. Em um julgamento, por exemplo, será utilizado o nome de registro das pessoas.

A autora finaliza seu trabalho tecendo a consideração de que tanto no meio urbano, quanto no meio rural, a presença do *apelido* é uma tradição e um índice de identidade da comunidade claudiense. As pessoas daquela cidade relataram à pesquisadora que costumam conhecer ou serem conhecidos, exclusivamente, por seus apelidos, muitas vezes desconhecem o nome de registro das pessoas com as quais convivem. Pereira (2011) ressalta que os *apelidos* claudienses evidenciam que a interação naquela cidade é intensa e reafirmam a identidade comunitária criada pela apelação.

3.2.4 Castro (2013)

Castro (2013) tem uma abordagem diferente daquela apresentada por Pereira (2011) para os apelidos. Segundo o autor, seu trabalho tem por objetivo “analisar a apelação enquanto uma prática enunciativa”, Castro (2013, p.9). Castro (2013) denomina nome jurídico aqueles nomes de registro em cartório que são atribuídos aos indivíduos logo que esses nascem. O autor não faz a distinção entre *Apelido* e *Hipocorístico* presente em Pereira (2011), em Castro (2013), ambos são denominados apelido²³. O autor trabalha embasado na Semântica do Acontecimento, perspectiva enunciativa desenvolvida por Guimarães (2002). Segundo essa perspectiva, a apelação é uma prática enunciativa de renomear e o apelido é um tipo de nome próprio de pessoa produzido a partir dessa prática. Castro (2013) se propõe a compreender três aspectos relacionados aos apelidos e à apelação de pessoa: (1) o

²³ Aqui, foi mantida a forma como cada autor grafa os termos em seus trabalhos. Pereira (2011) utiliza iniciais maiúsculas, Castro (2013) cunha apelidos sempre com inicial minúscula.

funcionamento semântico-enunciativo da apelação de pessoa, ou *nomeação lúdica*²⁴ de pessoa na relação com a nomeação de pessoa jurídica; (2) o funcionamento formal (fonético e morfosintático) e semântico-enunciativo dos apelidos de pessoa; (3) como é configurada a cena enunciativa da atribuição de um apelido a uma pessoa.

Em seu primeiro gesto de análise, Castro (2013) propõe a seu leitor a reflexão sobre quais cenas enunciativas, a cena de enunciação de uma apelido na *Apelista* traz consigo. O autor assume que uma dessas cenas é a atribuição do apelido e, sendo assim, procura detalhar as características do agenciamento político da enunciação que permitem a um Locutor²⁵ tomar a palavra de um certo lugar social de locutor para atribuir um apelido a alguém, a partir de um certo lugar de dizer (enunciador individual, coletivo, universal ou genérico). Castro (2013) explica que é um dever do pai, segundo as leis do Estado, atribuir um nome a seu filho. Nessa situação, a nomeação é feita do lugar da paternidade (locutor-pai). Com relação ao lugar social de dizer, os pais que nomeiam seus filhos o fazem como enunciador-individual. O autor pondera ainda, que, em nossa sociedade, uma das regularidades dessa prática enunciativa está em seu aspecto semântico. Os pais não podem enunciar para seus filhos nomes jurídicos jocosos ou que lhes causem quaisquer constrangimentos. Cabe à autoridade responsável pelo cartório impedir tais nomes. Castro (2013) passa então, a analisar a atribuição de apelidos na *Apelista*.

De acordo com o autor, a enunciação de cada um dos apelidos naquela lista telefônica constitui uma cena enunciativa. Para que a cena aconteça, no entanto, é necessário que os apelidos já tenham sido, anteriormente, atribuídos às pessoas cujos apelidos compõem a *Apelista*. A cena de enunciação do apelido traz consigo uma outra cena, aquela na qual há um locutor-x (a presença da variável x se deve ao fato de não se saber o lugar social do qual o apelido foi atribuído) que se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz. Nesse caso, o enunciador é coletivo. O autor justifica a afirmação da classificação de enunciador coletivo, já que para se consolidar, o apelido passa por inúmeras enunciações que o reiteram.

Em outra situação, Castro (2013) apresenta o enunciador genérico, que caracteriza por “dizer o que os outros dizem”. Ao se atribuir, por exemplo, o apelido *Alemão* a alguém que tem a pele muito clara e cabelos loiros, se utilizando da ideia de que todas as pessoas que são alemãs possuem essas características, se coloca em cena um indivíduo que escolhe falar tal como os outros indivíduos, assim, ele é denominado enunciador genérico. Segundo Castro

²⁴ Segundo o autor, o termo *lúdico*, em seu trabalho, é relativo a jogo no que se refere às regularidades da língua e a linguagem. Sendo assim, para ele, o sentido de lúdico se opõe ao sentido de jurídico no que se refere às possibilidades de jogo sobre a língua e a linguagem nas práticas enunciativas de nomeação de pessoa.

²⁵ Termo grafado com inicial maiúscula conforme o próprio autor.

(2013), a diferença entre a nomeação jurídica e a nomeação lúdica, apresentadas acima, está no fato da primeira ser construída no interior do direito civil, enquanto a segunda se constrói em quadro social mais amplo. O autor coloca ainda, que, por serem atribuídos por uma voz individual, os pseudônimos têm enunciadores individuais. Ainda de acordo com Castro (2013), mesmo que haja duas pessoas apelidadas de *Zezinho*, por exemplo, as pessoas apelidadas não são homônimas, como se costuma dizer, porque na cena enunciativa desses apelidos, o locutor-x e o alocutário não são os mesmos.

Ao partir, efetivamente, para suas investigações, Castro (2013) separa os apelidos em dois grupos: A, apelidos que retomam o nome jurídico do apelidado e B, apelidos que não retomam o nome jurídico do apelidado. Sendo assim, o apelido *Dandan*, retoma o nome jurídico *Daniel*, enquanto o apelido *Alemão* não faz nenhuma referência ao nome *Fábio*.

Em um segundo momento de sua análise, Castro (2013) passa a regularidades formais. O autor observa, por exemplo, que alguns apelidos retomam o nome de forma reduzida e sem complemento, como *Biana*, que retoma *Fabiana*; outros apelidos retomam o nome de forma reduzida sem preservação do acento e sem complemento, de *Luana M. Moura* para *Lulu*; há ainda os apelidos que retomam o nome de forma reduzida e justaposto a um nome ou adjetivo, como *Bela cozinheira*, que retoma *Isabel R. Moraes*²⁶. Castro (2013) faz um minucioso trabalho apresentando as questões formais que influenciam na apelação em Cláudio. Não serão descritas cada uma delas aqui, haja visto que este trabalho tem como foco as questões sociais que influenciam as escolhas lexicais e mesmo na apelação na cidade de Cláudio.

Em suas análises semântico-enunciativas, o autor argumenta que os apelidos apresentam maiores possibilidades de sentido (maior polissemia, menor fechamento de polissemia) e de forma (possibilidade maior de escolha lexical, trabalho sobre o som, por exemplo) do que os nomes jurídicos. Castro (2013) conclui seu trabalho com a afirmação de que os apelidos são um modo de estar em sociedade. O que significa dizer que os apelidos criam uma forma de relacionamento social insaturado, já que eles, enquanto nomes, produzem identificação social. Ser ou estar apelidado produz identificação social. Castro (2013) afirma ainda que as diferenças de sentido e no modo de produção dos apelidos e dos nomes jurídicos delineiam a política no espaço de enunciação da língua. Ainda de acordo com Castro (2013), quando se identifica um sujeito pelo seu apelido, dá-se um novo sentido ao sujeito e à relação que se tem com ele. Essa resignificação do sujeito e de suas relações é observada em Cláudio, já que, naquela cidade, os apelidos são a principal forma de se identificar os sujeitos.

²⁶ Os nomes aqui apresentados são exemplos reais de Castro (2013), eles fazem parte do *corpus* do autor.

3.2.5 Amaral, Anísio e Dias (2022)

Amaral, Anísio e Dias (2022) apresentam o percurso das atividades de lazer na cidade de Cláudio na transição entre os séculos XIX e XX. Para seu intento os autores se utilizaram de processos-crime, livros de memória, fotografias e dados censitários. O trabalho daqueles autores se inicia com a consideração de que pesquisas sobre o tema com o qual lidam, geralmente, são feitas somente com grandes cidades e isso acontece, provavelmente, porque existe uma ênfase sobre os vínculos históricos entre a urbanização e a divisão social do trabalho, processos relacionados e que ensejaram uma demarcação mais nítida entre os tempos de trabalho e de descanso. Esse pensamento, segundo os autores, fez com que as pessoas deduzissem que não havia lazer em sociedades agrícolas e tradicionais. Além disso, a documentação nas pequenas cidades é mais escassa, o que dificulta trabalhos sobre o tema. Assim, Amaral, Anísio e Dias (2022) empreendem seu trabalho de pesquisa sobre a história do lazer na cidade de Cláudio objetivando contribuir para a ampliação de referências sobre o tema. Os autores citam registros de viajantes e artigos de jornais do século XIX que noticiam que, naquela época, as cidades da região na qual Cláudio está localizada eram pouco movimentadas durante a semana. As cidades daquela época, inclusive, eram chamadas de “vilas domingueiras”. Isso porque as práticas laborais se concentravam na área rural. Aos domingos, as pessoas deixavam o campo e iam à cidade assistir missas, comprar seus bens de consumo e participar de quaisquer outras atividades sociais. O lazer em, Cláudio, entre o fim do século XIX e princípios do século XX limitava-se a festas domiciliares ou públicas - principalmente religiosas - e aos bares. De acordo com Amaral, Anísio e Dias (2022), os momentos de lazer eram utilizados também para acertos de contas entre as pessoas. Os autores, inclusive, apresentam um relato, extraído dos processos-crime da cidade de Cláudio, que narra uma briga entre dois homens que disputavam o amor de uma mulher. Os grupos das elites daquela região organizavam clubes literários, recreativos ou teatrais. Além disso, esses grupos de elite tinham acesso a companhias ambulantes que comercializavam espetáculos de teatro, circo, touradas, fantoches, ilusionismo, música e cinematógrafo. Amaral, Anísio e Dias (2022) relatam não ter a data exata das primeiras exibições cinematográficas na cidade de Cláudio, no entanto, os autores acreditam que elas devem ter acontecido por volta de 1900, já que há registros de companhias exibidoras na região nesse período. Em 1911, segundo os autores, foi inaugurado o primeiro cinema em Cláudio. Além disso, foi inaugurada também duas casas de bilhar naquela cidade. Essas inaugurações foram bastante simbólicas para a cidade, representaram as transformações pelas quais Cláudio passava, além de representar os

anseios por progresso e modernidade que os grupos letrados preconizavam. O cinema recebeu um nome em francês, *Arts et Labor* e foi instalado em um edifício considerado elegante e confortável pela imprensa local. Além das casas de bilhar e do cinema, quatro clubes sociais e um clube esportivo iniciaram suas atividades naquele ano, Elite Clube Literário e Recreativo Claudiense, Clube Recreativo Claudiense, Sociedade União Claudiense, Sociedade Cruzeiro do Sul e Independência *Foot-Ball Club*. Havia ainda duas corporações musicais que participavam das festividades que aqueles clubes promoviam, a Banda Musical Claudiense e a Banda Santa Cecília - que ainda nos dias atuais tem suas atividades na cidade. Antes dessas duas corporações musicais, segundo Amaral, Anísio e Dias (2022), há registros de outras duas outras bandas, a Euterpe Claudiense e a Corporação Lira Municipal de Cláudio. Todas as bandas atuavam em bailes e eventos sociais diversos, como festas religiosas, jogos de futebol e comemorações cívicas.

Os autores concluem seu trabalho com a consideração de que no período que compreende o final século XIX e início do século XX, a cidade apresentava um contraste, o trabalho e a moradia dos claudienses era no campo e suas diversões eram na cidade. E mesmo depois de ser transformada em cidade, Cláudio conservou suas características rurais. E, ao que parece, o contraste permanece, no entanto, de forma inversa, as indústrias levaram os claudienses a viver na área urbana, já que lá a oferta de trabalho é grande. O lazer da cidade, no entanto, passou a ser na área rural do município, os claudienses, como já mencionado, partem, assim que chega o final de semana, para sua “casa na roça”.

3.2.6 Nogueira (2016)

Nogueira (2016) apresenta um estudo interessante sobre as pequenas cidades de Minas Gerais. Segundo a autora, sua motivação para tal estudo se deve ao fato de que, apesar de serem em maior número no Brasil, pouco se estuda sobre as cidades pequenas. Nogueira (2016) aponta algo que pode explicar o fato de Cláudio ser uma cidade tão pequena e ruralizada, mas, ao mesmo tempo, ter ares de cidade grande, carregando consigo até mesmo traços negativos dos grandes centros urbanos, como a poluição e a violência²⁷. De acordo com

²⁷ Em uma de suas estadias na cidade de Cláudio, a autora deste trabalho presenciou um assalto a mão a mão armada. O que se apurou, naquela época, é que se tratavam de pessoas de fora da cidade, que, provavelmente, escolheram Cláudio por terem notícias de que a cidade é abastada de alguma forma. Além disso, nas entrevistas de coletas de dados, os claudienses relataram à pesquisadora que se preocupam, apesar da cidade ser receptiva com quem chega, com o fato de virem pessoas de várias partes do Brasil para trabalharem em sua cidade, já que,

a autora, as definições de cidade grande, ou de cidade pequena são construídas mediante parâmetros demográficos e esses são limitados para tais definições, pois a simples aglomeração de pessoas, elementos importantes como o grau de desenvolvimento socioeconômico do lugar, por exemplo, devem ser considerados. Nogueira (2016) acrescenta ainda, que a indústria e o comércio são atividades, tipicamente, urbanas, enquanto as atividades agropecuárias são do meio rural. Há, como já mencionado, a forte presença de atividades agropecuárias em Cláudio, o que confere à cidade o título de cidade pequena conforme o critério apresentado por Nogueira (2016). Além disso, Cláudio possui uma população de 30.159 habitantes, o que, mais uma vez, faz com que a cidade se encaixe no grupo das pequenas cidades, já que, segundo o critério demográfico, cidade pequena é aquela que possui população inferior a 100 mil habitantes. Há, no entanto, em Cláudio, um importante elemento das grandes cidades, a presença de indústrias, que, como já anteriormente citado, são fortíssimas naquela região. Isso traz para Cláudio os elementos dos grandes centros urbanos, como a poluição, que se materializa em cada pôr de sol alaranjado²⁸, ou mesmo na migração de pessoas.

Aliás, como mencionado, Nogueira (2016) coloca as indústrias como elemento caracterizador dos centros urbanos e, consequentemente, elemento caracterizador de cidade grande. Nesse sentido, há ainda uma pergunta intrigante sobre Cláudio, por quais razões, a cidade não se tornou de fato, um grande centro urbano com todos os seus elementos, incluindo, inclusive, os critérios demográficos? Provavelmente, muitos fatores são responsáveis para que assim seja e alguns deles podem ser encontrados naqueles trabalhos de pesquisa - mencionados anteriormente - sobre Cláudio e seus moradores.

Percebe-se, pelas pesquisas de Nakano (2019) e Rocha e Eufrásio (2019), que há entre os claudienses um grande interesse por manter suas tradições. Nakano (2019) deixa claro seu objetivo de valorizar e incentivar que as pessoas valorizem as manifestações da cultura popular na cidade de Cláudio. É interesse apontar que a autora tem ofício em uma escola, local no qual as pessoas aprendem sobre manifestações culturais mais universais, aquelas da

sendo assim, não sabem, exatamente, quem são aquelas pessoas e podem se surpreender, negativamente, com elas.

²⁸ Segundo Franco Villela, meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia, Inmet, o pôr do sol em tons como o alaranjado acontece em razão da presença de material particulado como poeira, poluição e até mesmo fuligem na atmosfera.

cultura letrada. Nakano (2019), no entanto, trabalha para que seus alunos não sobreponham, com a cultura letrada, a sua própria cultura, aquela que eles aprenderam em sua família com pessoas, às vezes, iletradas. A autora entende que aqueles alunos podem guardar consigo a cultura letrada da escola, sem jogar fora a cultura popular que faz parte de sua identidade. Rocha e Eufrásio (2019) mostram como os moradores de Cláudio fazem esforços, como se deslocar para comunidades remotas a fim de realizar suas procissões de *Encomendações das Almas*. Uma das entrevistadas dos autores, por exemplo, lamenta ao constatar uma possibilidade de perda daquela tradição por desinteresse dos mais jovens. A manutenção das tradições do reinado, assim como a manutenção das tradições das procissões de *Encomendações das Almas* mantém uma característica fundamental das pequenas cidades, o vínculo e a proximidade entre seus habitantes. Nas duas tradições, no reinado e nas procissões, há figuras de liderança que repassam seus conhecimentos ao mais novos. Esses, para aprender as práticas, precisam frequentá-las, se relacionar no grupo. O convívio próximo entre os claudienses é a mesma justificativa utilizada por Pereira (2011) e Castro (2013) para o amplo uso de apelidos na cidade de Cláudio. De acordo com Pereira (2011), os apelidos na cidade de Cláudio possuem caráter comunitário e as pessoas com quais conversou disseram que os apelidos são sua identidade máxima naquela cidade. Castro (2013) argumenta que os apelidos instauram um modo relacionamento social. Esse tipo de relacionamento só é possível, mesmo, em uma pequena cidade. Ao que parece, tendo como base os trabalhos apresentados, é que Cláudio é uma cidade que quer manter seus ares de cidade pequena, a relação entre as pessoas é algo que os nativos prezam, portanto, cultivam. Não por acaso, a cidade é intitulada, pelos próprios nativos, de “cidade carinho”.

O trabalho de Amaral, Anísio e Dias (2022) mostra as origens rurais de Cláudio, além das formas de lazer que foram incorporadas pela cidade no período que compreende a transição entre os séculos XIX e XX. É curioso constatar que, mesmo tendo se passado tanto tempo, as origens rurais continuam muito observáveis naquela cidade. Não por acaso, a grande festa de Cláudio, aquela pela qual os claudienses esperam ansiosos todos os anos, é a *ExpoCláudio*, a exposição agropecuária, como já posto por este trabalho. Mesmo que tenha havido outras formas de lazer e que algumas tenham se mantido, os claudienses querem preservar, e se orgulham disso, conforme comprovam as entrevistas realizadas por este trabalho, sua origem rural.

Com o exposto até aqui, já é possível tentar responder ao questionamento feito anteriormente: Por quais razões, a cidade de Cláudio não se tornou de fato, um grande centro urbano com todos os seus elementos, incluindo, inclusive, os critérios demográficos? O que

acontece, na verdade, é que houve, sim, uma grande expansão da cidade. Os moradores de Cláudio que foram entrevistados para esta pesquisa, mesmo os mais jovens, foram unânimes ao relatar que a cidade cresceu muito nos últimos anos. O trecho a seguir, por exemplo, foi retirado da entrevista de um claudiense de 24 anos:

(3) HM2FAF: *Intão, isso mostra que realmente, teve uma mudança... assim, urbana muito forte nos últimos 15, 20 anos aqui na cidade de Cláudio. E que a parti de 2000 ali, teve um... uma engrenada. Deu uma engrenada muito forte, uma imbalada muito grande, cresceu muito assim, geograficamente. A... o aspecto urbano. Muitos bairros novos...*

A expansão é gradativa, vivenciada no tempo e, pelos relatos dos claudienses, ela tem acontecido naquela cidade. Tomara que com ela os claudienses não percam suas tradições culturais, aquelas que os autores dos trabalhos anteriormente citados descobriram com suas pesquisas.

Com tudo o que foi apresentado por este capítulo, reitera-se a justificativa deste trabalho. Cláudio é uma cidade instigante e muito pode fornecer de material para os estudos linguísticos. E apesar de existirem vários trabalhos de pesquisa sobre Cláudio, como mostrado aqui, nenhum deles trata, exclusivamente, da identidade lexical dos moradores daquela cidade.



CAPÍTULO 4

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta e parte da análise dos dados foram executadas de acordo com os preceitos da Teorias do Léxico e da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Além disso, foram utilizadas as ideias de redes sociais defendidas por Milroy (1987), para parte das análises sociolinguísticas. Biderman (2001) afirma que, como patrimônio social preexistente aos indivíduos, a língua se classifica como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo. Labov (2008 [1972]) afirma que o fator social é decisivo nas escolhas linguísticas, sendo assim, o fato de o falante ter determinada ocupação, certa faixa etária, ou mesmo ser de determinado gênero será preponderante na forma como ele se comunica. Dessa forma, para que saber as razões pelas quais o falante faz uso de uma forma linguística em detrimento de outra, o pesquisador deve conhecer esse falante, saber onde ele mora, há quanto tempo mora ali, quantos anos tem, quais são as suas ocupações, quais locais costuma frequentar. Assim sendo, a seleção dos participantes desta pesquisa foi feita de forma que fosse possível observar 3 faixas etárias e 3 escolaridades distintas. Além disso, buscou-se por falantes dos gêneros masculino e feminino. Tudo isso com o intuito de analisar a possível influência de fatores sociais nas formas de comunicação dos claudienses. Isso posto, é importante esclarecer que o conceito de redes sociais defendido por Milroy (2002) foi também relevante para que se considerasse as formas como se dão as escolhas lexicais dos claudienses. O termo *aprear*, por exemplo, é bastante conhecido pelas pessoas que lidam com animais no campo, haja visto que ele tem como significado ‘amarrar as patas de animais, como bezerros, enquanto se ordenha as vacas’. Assim sendo, o termo será amplamente conhecido por aqueles que lidam com animais, mas pode ser completamente desconhecido por quem não tem hábitos rurais. Assim, os trabalhadores rurais, por exemplo, fazem parte de uma mesma rede social, ou seja, da mesma rede de relacionamento estabelecido em sua lida cotidiana. Em um outro momento de sua vida, como em seu lazer, por exemplo, esses mesmos trabalhadores podem estabelecer redes de relacionamento com outras pessoas, com interesses distintos daqueles de seu trabalho.

O perfil exato dos grupos de participantes da pesquisa será descrito mais adiante.

4.1 Equipamentos utilizados na coleta de dados

Assim como a seleção dos informantes é importante para a pesquisa, a escolha de equipamentos a serem utilizados na coleta e na análise de dados é de extrema importância para a obtenção de resultados confiáveis e claros. Esta pesquisa utilizou, para a gravação das entrevistas com os participantes, um gravador digital que permite armazenar os dados no formato MP3 e transferir para o computador para serem analisados. O pesquisador deve ter sempre em mente que equipamentos podem apresentar problemas e esses acontecem nos momentos mais decisivos, sendo assim, é preciso ter uma segunda opção, um “plano B”. Nos tempos atuais, os aparelhos celulares, os *smartphones*, funcionam muito bem como gravadores e, assim como o gravador citado anteriormente, permitem a transferência dos dados para o computador. Outra vantagem do *smartphone*, é o fato dele, nos dias atuais, ser bastante comum, assim, tê-lo sobre a mesa é menos intimidador para o participante do que o gravador. Dessa forma, a pesquisadora teve sempre, em mãos o seu telefone celular para qualquer imprevisto.

4.2 Os participantes da pesquisa

Para a composição do *corpus*, pensou-se, inicialmente, na seleção de 40 participante com idades entre 20 e 60 anos, divididos da seguinte forma: 5 homens e 5 mulheres com idades entre 20 e 30 anos, residentes na área rural; 5 homens e 5 mulheres com idades entre 20 e 30 anos residentes na área urbana; 5 homens e 5 mulheres com idades entre 40 e 60 anos residentes na área rural; 5 homens e 5 mulheres com idades entre 40 e 60 anos residentes na área urbana. Ao ir a campo, no entanto, percebeu-se que não seria possível manter tal configuração. Cláudio, como já dito, é um grande polo industrial, a economia daquela cidade gira em torno de suas inúmeras metalúrgicas e fundições, que se concentram na área urbana do município. Sendo assim, há uma enorme oferta de empregos naquela área, o que faz com os jovens se sintam atraídos por residir na área urbana. É comum, como se constata com as entrevistas para coletas de dados²⁹, que os jovens deixem suas famílias na área rural e se mudem para a cidade em busca de emprego. Na localidade denominada Custódios, por exemplo, o prédio da antiga escola encontra-se abandonado, por não haver ali, pessoas em idade escolar para frequentá-lo. Há, inclusive, ao final deste trabalho, uma fotografia, feita

²⁹ As entrevistas transcritas foram acomodadas em mídia a ser anexada ao trabalho.

pela autora deste trabalho, que comprove tal afirmação. A citada migração faz com que não seja possível a paridade na coleta de dados considerando a variação entre as áreas urbana e rural. Não seria possível coletar dados de participantes jovens na área rural. Sendo assim, a configuração do quadro de participantes foi reformulada. A pesquisa deixou de pretender comparar as áreas urbana e rural com relação à fala dos moradores. É interessante dizer, também, que a delimitação entre áreas rurais e urbana no município de Cláudio, apesar de, obviamente, existirem, não representam um distanciamento entre essas duas partes da cidade. Os jovens que se mudam para a cidade, voltam, todos os finais de semana para ver sua família “na roça”, como dizem os próprios claudienses. Além disso, os jovens e adultos que pertencem a famílias residentes na área urbana gostam de passar seus finais de semana “roça”. Outrossim, os mais velhos que permaneceram na área rural vão à cidade, constantemente, resolver coisas cotidianas, como ir a bancos, fazer compras, ou mesmo vender suas produções agrícolas. Essas afirmações podem, mais uma vez, serem corroboradas pelas entrevistas de coletas de dados. Considerando isso, a não comparação entre as falas dos moradores das áreas urbana e rural não representou um prejuízo à pesquisa, já que, pela citada proximidade dos moradores de cada área da cidade, tais falas, provavelmente, são bastante semelhantes. De mais a mais, a pesquisa ampliou a faixa etária dos falantes, acrescentou um grupo etário e isso enriqueceu o trabalho, pois os falantes dessa nova faixa etária produziram algumas lexias que foram arroladas pela pesquisa e enriqueceram o trabalho. Tendo em vista tudo que foi colocado até aqui, a composição do *corpus* contou com a participação de 30 pessoas, sendo elas: 5 homens e 5 mulheres com idades entre 18 e 30 anos, 5 homens e 5 mulheres com idades entre 31 e 60 anos; 5 homens e mulheres com idades entre 61 e 90 anos.

Com relação à naturalidade dos participantes, manteve-se aquilo que foi pretendido pelo projeto de pesquisa, os participantes são nativos da cidade, ou residentes em Cláudio há, pelo menos 15 anos. Não houve dificuldades quanto ao critério de naturalidade, segundo os próprios claudienses, durante as entrevistas de coleta de dados, o apelido de “cidade carinho” não é mera propaganda, a cidade é, realmente, acolhedora, as pessoas se sentem protegidas ali, de forma que não querem morar em outro lugar. Há diversos depoimentos que corroboram essa afirmação, como os que são aqui apresentados:

(4) ML2AMC: *O negócio sempre foi ficá na cidade, porque eu gosto demais. Eu acho sussegada, tudo...*

(5) ML1AMR: *Intão, assim... eu inxergo mê... minha cidade como proteção mesmo. Tanto que às vezes vô a uma cidade de fora e quando eu chego aqui eu me sinto mais protegida do quê quando eu tô fora.*

Quanto à escolaridade dos participantes, houve dificuldades para contatar pessoas com escolaridades 1 - Ensino fundamental - e 2 - Ensino médio - e que fossem da primeira faixa etária, idades entre 18 e 30 anos. Isso pode parecer negativo, no entanto, é uma constatação positiva, significa que os jovens estão frequentando usufruindo da instituição de ensino superior que têm em sua cidade, ou mesmo, que estão tendo acesso a cursos de graduação em outras cidades que não a sua. Nas faixas etárias 2, pessoas com idades entre 31 e 60 anos, e 3, pessoas com idades entre 61 e 90 anos, no entanto, foi possível contemplar a variável escolaridade.

A gravação das entrevistas, no entanto, não se deu logo que o perfil de participantes foi definido. Naquele momento, o mundo vivia uma crise sanitária, a pandemia de covid-19 e, dentre as medidas para superar tal crise, estava o isolamento social. Assim, a pesquisadora não pôde, naquele momento, viajar para Cláudio e entrevistar os participantes de sua pesquisa. Apesar de o problema da distância durante a pandemia de covid-19 ter sido amenizado com o uso da internet - por meio de vídeochamadas os professores ministraram suas aulas e os alunos as assistiram, por exemplo - não seria possível, no entanto, se valer de tal recurso para as entrevistas com os claudienses. O grupo de participantes era muito heterogêneo e o acesso a internet não era uma realidade de todas as pessoas que faziam parte dele. Além disso, a entrevista poderia não ser executada de forma satisfatória com as pessoas que não lidam bem com tecnologia, tendo em vista que essas poderiam necessitar do suporte de uma terceira pessoa e isso causar interferências nos dados a serem coletados.

Contatar os participantes para a pesquisa foi uma tarefa executada de forma bastante colaborativa. A pesquisadora, apesar de não ser claudiense, possui vínculos fortes com pessoas daquela cidade há, pelo menos, oito anos, então, ela se valeu de tais vínculos para selecionar pessoas a serem entrevistadas. Dessa forma, não foi complicado recrutar participantes para este estudo, porque os claudienses conhecidos pela entrevistadora abordaram seus conterrâneos os deixaram seguros para participarem desta pesquisa.

Para que aquelas pessoas que auxiliariam na abordagem dos participantes da pesquisa soubessem quais pessoas poderiam contatar dentre os seus conhecidos, a pesquisadora traçou um perfil das pessoas as quais precisavam entrevistar o apresentou aos seus colaboradores. Dessa forma, desenhou-se toda a busca por participantes e a efetivação das entrevistas. Vale

registrar que todos os claudienses abordados se dispuseram a participar deste estudo, não houve a necessidade de buscar por uma outra pessoa porque alguém se recusou a ser entrevistado. Isso, certamente, se deve ao fato das pessoas que intermediaram o contato gozarem de alguma confiança entre os seus conterrâneos e, por essa razão, os entrevistados para a pesquisa se sentiram seguros com a pesquisadora.

Quadro 1 - Participantes da pesquisa

Participante	Identificação	Idade	Gênero	Ocupação
01	HM1CGR	22 anos	Masculino	Vereador
02	HM1ICB	18 anos	Masculino	<i>Web designer</i>
03	HM1JGM	28 anos	Masculino	Produtor rural
04	HM1LFM	19 anos	Masculino	Administrador
05	HM1RMR	27 anos	Masculino	Advogado
06	HM2AFT	59 anos	Masculino	Serralheiro
07	HM2FAF	40 anos	Masculino	Pedreiro
08	HM2FRC	57 anos	Masculino	Servente
09	HM2JCS	36 anos	Masculino	Vereador
10	HM2JMR	52 anos	Masculino	Motorista
11	HM3APF	89 anos	Masculino	Aposentado
12	HM3FPF	85 anos	Masculino	Lavrador
13	HM3JA	72 anos	Masculino	Lavrador
14	HM3JGA	62 anos	Masculino	Administrador
15	HM3JHF	71 anos	Masculino	Aposentado
16	ML1AMR	29 anos	Feminino	Advogada
17	ML1LBM	24 anos	Feminino	Professora
18	ML1LCG	25 anos	Feminino	Professora
19	ML1MPA	25 anos	Feminino	Bibliotecária
20	ML1NAS	24 anos	Feminino	Professora
21	ML2AMC	54 anos	Feminino	Aux. Administrativa
22	ML2AMO	50 anos	Feminino	Doméstica
23	ML2EMS	45 anos	Feminino	Atendente de museu
24	ML2NCG	51 anos	Feminino	Secretária
25	ML2RMC	55 anos	Feminino	Auxiliar de Serviços
26	ML3AMM	66 anos	Feminino	Microempreendedora
27	ML3CRO	82 anos	Feminino	Dona de casa
28	ML3MCM	62 anos	Feminino	Dona de casa
29	ML3MLP	79 anos	Feminino	Dona de casa
30	ML3MQM	74 anos	Feminino	Lavradora

4.3 As entrevistas

Tendo selecionado os participantes da pesquisa, partiu-se para a coleta de dados. Em um primeiro contato, os participantes eram convidados a preencher uma ficha - que se encontra no apêndice 4 deste trabalho - na qual descreveria seus dados pessoais, bem como seu perfil. Com essa ficha, além de saber nome, idade e escolaridade dos participantes, foi possível ainda, conhecer suas preferências, como programas de TV aos quais eles assistem, os sites ou aplicativos os quais eles acessam, além de descobrir sobre o tempo de permanência dessas pessoas na cidade. Essa primeira ficha, então, tinha como propósitos iniciais, criar o primeiro contato com os participantes para que assim, eles se familiarizassem com o gravador e a dinâmica da entrevista e constatar se, realmente, os possíveis participantes tinham o perfil pretendido para a pesquisa. Com uma resposta positiva para isso - a pessoa contatada apresentasse perfil para a pesquisa - seguia-se para a entrevista, que contava com três momentos distintos: narrativa oral espontânea, entrevista com perguntas direcionadas para que surgissem as lexias pretendidas para a pesquisa e apresentação de uma lista de lexias coletadas pela pesquisadora em conversas com os claudienses durante os anos nos quais frequentou a cidade.

4.4 Narrativa oral espontânea

Nesse segundo contato com os participantes da pesquisa - considerando que o preenchimento da ficha de dados pessoais, anteriormente citado, foi o primeiro contato com a intenção de coleta de dados -, a pesquisadora iniciava seu trabalho conversando informalmente com o participante, deixando que esse tivesse maior espaço para narrar os fatos de suas vivências. A conversa, que pretendia que as lexias intentadas surgissem espontaneamente na fala daquelas pessoas, tinham como tema a vida em Cláudio, passando por memórias de infância, adolescência do participante. Além disso, falava-se sobre a vida cultural, sobre as festas e sobre meios de sobrevivência naquela cidade. Segundo Tarallo (1990), esse tipo de abordagem, a narrativa oral espontânea, é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura, já que ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, o informante deixa de se preocupar com a formalidade de sua fala. É importante demonstrar atenção e interesse pelos fatos narrados, pois isso motiva o participante a se soltar e produzir amostras de fala com baixo grau de monitoramento.

4.5 Entrevista com perguntas direcionadas

No segundo momento da abordagem para a coleta dos dados do *corpus*, foi utilizado o método de perguntas e respostas. As perguntas foram elaboradas de forma que as respostas fossem as lexias pretendidas. Assim, perguntou-se, por exemplo, *De que costumamos chamar uma criança que dá muito trabalho?*, com a intenção de que o participante respondesse, *custosa*. Segundo Labov (2008 [1972]), o método de perguntas e respostas produz amostras monitoradas de fala, no entanto, é menos formal do que seria uma entrevista de emprego. Esse método, no entanto, foi bastante produtivo, tendo em vista que fez surgir lexias que não estavam listadas por esta pesquisa, além de apresentar novos significados para lexias que já estavam arroladas. Analisar escolhas lexicais requer um direcionamento que permita ao pesquisador ter conhecimento sobre os usos dos participantes da pesquisa. Além disso, o método de perguntas e respostas é utilizado em trabalhos de grande porte como o projeto ALiB, Atlas Linguístico do Brasil, cujo principal objetivo mapear a identidade linguística do povo brasileiro em cada uma de suas regiões.

4.6 Apresentação de lexias para serem definidas pelos participantes

O terceiro e último momento das entrevistas para a coleta de dados aconteceu com a apresentação de uma lista³⁰ de lexias elaborada pela pesquisadora durante os anos de contato que ela teve com os moradores da cidade de Cláudio. Certamente, é bastante comum que os estudiosos dos fenômenos linguísticos, reconheçam tais fenômenos quando os compara com os seus próprios usos linguísticos. Assim aconteceu com a autora deste trabalho. Sua primeira visita à cidade de Cláudio aconteceu no ano de 2017, levada por uma pessoa a qual conheceu na cidade de Itaguara, Minas Gerais, cidade na qual fazia outra pesquisa linguística que não é de interesse descrever aqui. Ao travar diálogos com os claudienses, a pesquisadora percebeu, na fala daquelas pessoas, algumas manifestações lexicais bastante interessantes e passou a tomar nota de palavras e expressões (com seus devidos significados nos contextos de uso) que considerava passíveis de um estudo mais aprofundado, ou seja, que pudesse representar a possível identidade linguística dos claudienses. Dessa forma, apresentar aos claudienses uma lista de palavras coletadas na fala de seus conterrâneos, possibilitaria à pesquisadora a confirmação de que aquelas e expressões listadas são comuns no dialeto claudiense, caso os

³⁰ A lista das lexias encontra-se no apêndice 2 deste trabalho.

participantes da pesquisa as reconhecessem, ou mesmo a invalidação da lista caso os participantes da pesquisa não reconhecessem as palavras e expressões apresentadas. Nessa dinâmica, a pesquisadora apresentava a palavra ou expressão na tela do computador e pedia ao participante que - caso a conhecesse - a lesse em voz alta e dissesse o que elas significavam. Tendo todos os dados coletados, a pesquisadora poderia comparar os significados que os participantes da pesquisa atribuíram às palavras e expressões de sua lista e avaliar se o mesmo significado para determinada palavra ou expressão se repetiu de forma a estabelecer um padrão.

Para que se amenize o *paradoxo do observador*³¹, a pesquisadora disse, logo no primeiro encontro, aos sujeitos de sua pesquisa que estava fazendo um resgate da história da cidade e, para tal, estava estabelecendo contato com seu povo, ouvindo-o e conversando para conhecer um pouco mais de perto a história dos moradores do lugar. Ao final de cada entrevista - tendo coletado os dados de fala dos quais precisava -, no entanto, a pesquisadora esclareceu os reais objetivos de sua pesquisa e deu aos informantes o direito de fazer parte ou não do trabalho. Caso o informante optasse por não contribuir, seus dados de fala seriam destruídos, imediatamente, em sua presença.

Todos os informantes, no entanto, aceitaram participar deste estudo. A identidade de cada um deles, no entanto, não foi revelada. Todos foram identificados por códigos que serão melhor descritos a seguir.

4.7 A codificação dos participantes da pesquisa

A pesquisa, aprovada pela câmara de pesquisa da FALE/UFMG, Faculdade de Letras da UFMG - como consta no apêndice 2 deste trabalho - assumiu o compromisso de não expor seus participantes, sendo assim, não deveriam ser divulgados seus dados pessoais. Para apresentar os dados linguísticos coletados sem apresentar a identidade de quem os produziu, foi gerado um código de identificação para cada um dos participantes. O padrão dos códigos foi estabelecido de forma muito simples, os participantes do gênero masculino receberam os caracteres HM, as participantes do gênero feminino receberam os caracteres ML. Aqueles que são da faixa etária 1 (18 a 30 anos) foram identificados com o numeral 1, os que pertencem à

³¹ O objetivo de uma pesquisa linguística na comunidade de fala tem por objetivo descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas. No entanto, tal pesquisa só é possível de ser feita pelo linguista, quando esse observa o falante, o que, segundo Labov (2007[1972]) se configura como paradoxo, o *paradoxo do observador*.

faixa etária 2 (31 a 60 anos) foram identificados com o numeral 2 e os participantes da faixa etária 3 (61 a 90 anos) foram identificados com o numeral 3. Por fim, foram acrescentados ao código de cada participante três iniciais de seu nome. Assim, um homem que se chamasse José Pedro Barbosa e tivesse 30 anos, seria identificado pelo código HM1JPB. Uma mulher que se chamasse Ana Tavares Rosa³² e tivesse 40 anos, seria identificada pelo código ML2ATR.

4.8 A transcrição dos dados

Para a transcrição dos dados da pesquisa foi feita uma adaptação do modelo de transcrição ortográfica do projeto *Filologia Bandeirante*. Esse projeto - já finalizado - foi empreendido por pesquisadores das Universidades Federais de Minas Gerais, de Goiás e da Universidade de São Paulo com intuito de colher traços da língua portuguesa antiga ou dos séculos XVII e XVIII que tenham permanecido ou sofrido variação linguística menor desde o processo de colonização e povoamento dessa região do território nacional até os dias atuais. A pesquisa cobre o espectro geográfico que começa no Estado de São Paulo, passa por Minas Gerais e atinge os Estados de Goiás e de Mato Grosso. Aquele modelo de transcrição foi adotado por diversos pesquisadores que trabalharam com o léxico no estado de Minas Gerais, como Seabra (2004), Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012) e Cordeiro (2013) e Miranda (2015). Definir um padrão para as transcrições é importante para que os dados sejam apresentados de forma mais clara e mais intuitiva para o leitor, o que facilita sua interpretação. A seguir, será apresentado o quadro de normas do qual a transcrição deste trabalho foi adaptada:

Quadro 2 - normas das quais as transcrições da pesquisa foram adaptadas

Orientações gerais: a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos; b) deve ser adequada aos fins; c) deve permitir a compreensão do significado do texto; d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade (Ferreira Netto & Rodrigues, 2000)	
1 - Nem tudo será registrado: a) o acento das postônicas não será registrado	Continua

³² É importante salientar que o nome apresentado é, meramente, fictício.

ex.: carne = *carni* namorado = *namoradu*

(A ideia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto não precisa ser registrado)

2 - Será obrigatoriamente registrado:

a) alteamento/abaixamento das pretônicas

pirdi = *perdi* ; *reberão* = *ribeirão* // *premero* = *primeiro*

b) a redução dos ditongos [ow]; [ey]; [ay], será grafada ortograficamente como pronunciados:

dotô = *doutor*; *falô* = *falou*; *primero* = *primeiro*

c) ausência do -r no final dos nomes: *doutor* = *dotô*

- ausência do -r final em verbos: *falá* = *falar*; *comê* = *comer*

- ausência do -r- no meio de vocábulos: *pá* = *prá*; *madugada* = *madrugada*

d) ausência do -m final, desnasalização: *homem* = *home*; *garagem* = *garage*

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalados deverá ser marcada com o til: *assim*, *termos* *ilusão*

e *izame*. (Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como

e, *i* e *u* - Times New Roman).

f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas: *Izé* = *Zé*; *ieu* = *eu*;

alembirá = *lembrar*

g) supressões de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com '.

mai' ~ *mais*; *ago'* ~ *agora*

h) paragoge:

mali = *mal*

i) iotização, grafando com *i*:

fia = *filha*; *jueio* = *joelho*

j) aglutinação, com apóstrofo: ***dex'eu*** = *deixa eu*; ***pr'eu*** ~ *para eu*

k) pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* e *eu* serão grafados como realizados: *Eis* = *eles*; *ê* = *ele*; *ea* = *ela*; *eas* = *elas*

l) casos de *uma*, *alguma*, *nenhuma*, etc., marcar com til: *ũa* ~ *uma*; *algũa* ~ *alguma*

m) variação fonética do *s* – será grafada como efetivamente realizada.

Ex.:

mermo ~ *mesmo*; *memo*

3) Indicações de:

- Pausa: uso de reticências (...)
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: /
- comentários: (())
- sobreposição de fala: { }
- discurso direto: ""
- ênfase: maiúscula
- truncamento: /
- alongamentos: repetir o segmento
- começar com minúsculas
- pontuação: apenas interrogação ?
- interjeição: com *h*.

Concluído

Fonte: Adaptado de Miranda (2015)

Do quadro apresentado, as orientações gerais e os tópicos 1 e 2 tiveram todos os seus itens acatados para a transcrição desta pesquisa. No tópico 3, das indicações, no entanto, algumas orientações foram alteradas na transcrição deste trabalho. Respeitou-se o uso de reticências para as pausas, mas quando a fala era inaudível ou incompreensível, utilizou-se a marcação [*inaudível*] ou [*incompreensível*] dentro do texto. Foram mantidas as orientações para comentários, sobreposições de fala, discurso direto, ênfase maiúscula, truncamento e alongamentos. Não se acatou o item “começar com minúscula” e pontuação. Utilizou-se a

variação maiúsculas/minúsculas como se faz em qualquer gênero textual, bem como o emprego de outros sinais de pontuação, tendo em vista que as transcrições foram montadas em forma de entrevista, para que os leitores do trabalho tivessem uma melhor experiência e uma melhor noção da forma como se deram as conversas para coleta de dados. Por fim, as interjeições foram gravadas com *h*, como orienta o último item.

Como já informado, as transcrições deste trabalho foram feitas com o intuito de apresentar de forma clara e objetiva as conversas, para coleta de dados, entre pesquisadora e participantes. Sendo assim, optou-se pelo formato de entrevista, com a alternância das falas de quem questiona e de quem responde, já que este não deixa dúvidas sobre o turno de fala de cada um dos participantes da conversa. Além disso, foram incluídas indicações, semelhantes às rubricas dos textos teatrais, para que o leitor tivesse a noção mais próxima possível, dos acontecimentos em cada contexto das entrevistas.

4.9 Elaboração das fichas

Tendo sido finalizadas as transcrições de todas as entrevistas realizadas com os falantes da cidade de Cláudio, foi feito um levantamento de todas as lexias bem como de todas as unidades complexas do léxico que despertaram o interesse da pesquisadora. Na sequência, cada uma das lexias foi consultada nas obras lexicográficas selecionadas. É pertinente que se apresente tais obras lexicográficas:

- **Dicionário Houaiss digital**

Elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss, que tinha como ambição criar o mais completo dicionário da língua portuguesa já compilado, o dicionário *Houaiss* teve sua primeira versão impressa lançada em 2001. este trabalho utiliza a versão digital do *Houaiss*, produzida em 2009 e de acordo com o acordo ortográfico em vigência na língua portuguesa. O *Houaiss digital* é bastante completo, apresenta duas opções de consulta: Dicionário da língua portuguesa e Dicionário de elementos mórficos. Essa versão do *Houaiss* traz a totalidade da obra impressa, composta por mais de 228 mil verbetes, 380 mil acepções. Além disso, o *Houaiss digital* permite verificar a conjugação de mais de 15 mil verbos. É possível, ainda, fazer uso de uma ferramenta especial de aproximação ortográfica, que soluciona

dúvidas sobre a grafia de milhares de palavras, ao mostrar opções de escrita alternativa para um verbete não encontrado.

- **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**

O Dicionário Aurélio foi publicado pela primeira vez no ano de 1975 e essa compilação é resultado de um trabalho de mais de três décadas de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, lexicógrafo e imortal da Academia Brasileira de Letras. A edição consultada é de 2010 e foi elaborada conforme o atual acordo ortográfico vigente no Brasil.

- **Dicionário InFormal**

O dicionário *InFormal* é *online* e gratuito. Trata-se de um dicionário que se dispõe a apresentar definições de palavras e expressões que não constam nos dicionários normativos. De fato, trata-se de um *blog* que pode ser construído por qualquer pessoa. As acepções nesse dicionário são feitas de forma descritiva, assim, os vocábulos são apresentados em situações de uso nas mais diferentes regiões do Brasil. O *Dicionário InFormal* é construído com a contribuição de seus leitores.

- **Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza**

Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958) especializou-se no estudo dos bandeirantes (nome dado àqueles grupos, em geral provenientes de São Paulo, que, ao longo do período colonial adentravam o território brasileiro - ainda pouco conhecido - em busca de mão-de-obra, através da captura de grupos indígenas, de riquezas minerais e atuando no combate a quilombos. As atividades dos bandeirantes foram registradas entre os séculos XVII e XVIII). Taunay deu atenção especial aos vocábulos oriundos da cultura popular, o autor criticava a deficiência dos dicionários de português em relação à linguagem vulgar e ao vocabulário técnico e científico. Sendo assim, Taunay empreendeu um importante trabalho como lexicógrafo interessado em evidenciar as especificidades brasileiras em relação à língua portuguesa. O trabalho de Taunay consultado por este trabalho, *Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza*, foi publicado em Separata pela Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, v. 16, 1914. A publicação tinha como objetivo apresentar termos vulgares correntes no Brasil, principalmente no Estado de São

Paulo, além de acepções de outros vocábulos que ainda não haviam sido apontados nos grandes dicionários da língua portuguesa.

- **Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza**

O Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa, publicado em 1853, é apresentado por Braz da Costa Rubim, seu autor, como um opúsculo que compreende um grande número de vocábulos usados no Brasil e que não se encontram nos dicionários de nossa língua. Segundo o próprio Rubim, os vocábulos coletados para essa obra passaram da linguagem dos indígenas e dos africanos para o uso comum. Além disso, o autor coloca essa sua obra à disposição de lexicógrafos para futuras edições.

- **Diccionario da Lingua Brasileira (1832)**

Publicada no ano de 1832 em Ouro Preto, pela Tipografia do próprio autor, Luiz Maria da Silva Pinto, essa obra chama a atenção já no título. O autor, certo de que a expressão “língua brasileira” poderia criar ambiguidade na compreensão de seus leitores a elucida. De acordo com Pinto, a obra não se dirige ao tratamento de palavras e expressões “proferidas pelos índios”, mas sim a palavras e expressões adotadas pela língua portuguesa no Brasil. O Diccionario da Lingua Portuguesa apresenta um vasto registro de variantes do português que se usava àquela época no país.

- **VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...**

Publicado entre os anos de 1712 e 1728, o *Vocabulario portuguez e latino* possui 8 volumes e 2 suplementos. Os volumes 1-4 foram publicados em Coimbra, no Colégio das Artes da Companhia de Jesus, os volumes 5-8 foram publicados em Lisboa na Oficina de Pascoal da Silva. Os suplementos divididos em parte 1 e 2, foram impressos, respectivamente em Lisboa na José Antonio da Silva e na Patriarcal Oficina da Música.

- **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**

Publicado em 1789, o dicionário de Antônio Moraes Silva é considerado a primeira obra moderna que sistematiza o léxico da língua e serviu de exemplo para os dicionários posteriormente publicados. A obra de Silva reforma e acrescenta vocábulos e frases ao Vocabulário Portuguez e Latino produzido por Rafael Bluteau em 1712. Segundo Verdelho (2002), no entanto, a reformulação é radical, já que a obra de 1789 retira 16.000 entradas de referência histórica ou onomástica da obra de 1712 e acrescenta a essa obra 22.000 novas entradas. Além disso, as grafias foram regularizadas, as definições simplificadas e as informações gramaticais sistematizadas.

- **Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval**

Elaborado pelo lexicógrafo Antônio Geraldo da Cunha, *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval* é um amplo levantamento do léxico da língua portuguesa dos anos XIII, XIV e XV. A obra, que já teve versões em fascículos, CD-ROMs e uma versão impressa (composta por 2 volumes, num total de 2.850 páginas), foi consultada por este trabalho em uma versão *online* disponibilizada pela Fundação Casa Rui Barbosa. Nessa, é possível consultar cerca de 170.000 entradas de variantes medievais que remetem ao vocabulário na língua portuguesa atual.

Além dos dicionários e vocabulários citados, foram consultados trabalhos que descrevem o léxico de regiões que podem ter exercido algum tipo de influência, ou que tenham alguma relação com o dialeto claudiense. São eles:

- **O Dialeto Caipira**

Neste trabalho, Amadeu Amaral se propõe a caracterizar o dialeto caipira, ou, como o próprio autor coloca, um aspecto da dialetação portuguesa em São Paulo. Amaral observou, principalmente, os municípios de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, mas como o próprio autor salienta, o dialeto caipira era utilizado em toda a província, o estado de São Paulo.

- **EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**

O *EALMG* foi elaborado pelos professores José Ribeiro, Mário Roberto Loluglio Zágari, e Antônio Gaio em 1977 e é o segundo atlas linguístico elaborado no Brasil, o primeiro é o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, de 1963. Construído com uma rede de 184 localidades, com informantes dos mais diversos níveis de escolaridade, o *EALMG* alia métodos da pesquisa geolinguística com métodos da pesquisa sociolinguística, o que possibilita uma análise mais ampla da variação linguística. Os resultados do *EALMG* definem a existência de três falares diferentes em Minas, falar baiano ao norte, falar paulista ao sul-sudeste, e falar mineiro no centro-leste do estado.

Finalizadas as consultas às obras lexicográficas, passou-se à elaboração das fichas lexicográficas. Essas se encontram ao final deste trabalho em forma de apêndice. A seguir, um exemplo das fichas:

147. SOLERA (S. f.) ML2NCG: <i>Essa solera tá muito quente, tá ruim pra saí na rua.</i>	01 ocorrência
1. Houaiss - N/e 1. Aurélio - N/e 2. Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - N/e 3. Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e 4. Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e 5. Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e 6. Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e 7. VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e 8. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e 9. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Sol.	
10. O Dialeto Caipira - N/e	<i>Continua</i>

11. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

<i>Concluído</i>

4.10 Organização do glossário

O glossário foi organizado segundo o critério semasiológico. Para tal, foram adotados os princípios de Haensh et al. (1982), Biderman (1984) e Barbosa (1995). De acordo com Haensh (1982), glossário é qualquer obra lexicográfica que faz o registro e a explicação de vocábulos utilizados por autores em obras literárias, bem como aqueles que em outro tipo de texto destacam palavras cujo significado é de difícil compreensão, palavras enumeradas e organizadas em ordem alfabética ao final da obra. Segundo Biderman (1984), glossário é um pequeno vocabulário ou relação de palavras em que se explica o significado, com intuito de auxiliar o leitor na compreensão do texto que lê. Barbosa (1995), entende que o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, em uma situação de enunciação e enunciado, em uma situação de discurso exclusiva e bem determinada.

O glossário, como mencionado, é bastante específico, ele dá conta de expressões ou vocábulos que apresentam maior grau de complexidade dentro de determinado texto de determinado autor. Sendo assim, o glossário aqui elaborado, tem como objetivo elucidar o significado de lexias e unidades complexas do léxico que não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados, ou em trabalhos do mesmo tipo, como o EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. É importante salientar que o EALMG, foi consultado por ele ser o mapeamento de regiões próximas à cidade de Cláudio, o que poderia ter feito com que esse documento tivesse registrado lexias e unidades complexas do léxico utilizadas no dialeto claudiense. Além disso, foram feitas pesquisas também em Amaral (1920), já que o presente estudo encontrou semelhanças entre lexias com as quais trabalha e lexias presentes nos trabalhos de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) trabalharam - como demonstra a seção 4.5 deste trabalho - e todos autores se utilizaram de Amaral (1920) em suas pesquisas.

Para a organização do glossário seguindo o critério semasiológico, temos:

A macroestrutura:

- a) O glossário contém 16 lexias que não estão registradas nos dicionários e vocabulários consultados para este trabalho, além das 33 unidades complexas do léxico selecionadas por este trabalho;
- b) O assunto: a linguagem característica dos moradores da cidade de Cláudio, Minas Gerais. São lexias e unidades complexas do léxico que se referem à realidade social, cultural e econômica dos claudienses;
- c) Todos as lexias e unidades complexas do léxico são extraídos de sessões de interação entre pesquisador e informantes;
- d) O glossário parte do significante para o significado.

A microestrutura:

- a) A organização dos verbetes obedece a um padrão, a palavra-entrada é grafada em maiúsculo e em negrito;
- b) A palavra-entrada é classificada de acordo com a estrutura morfológica;
- c) A definição para cada lexia e unidade complexa do léxico foi feita de acordo com o significado adquirido no contexto da interação entre pesquisador e informante;
- d) São registrados, quando acontecem, casos de variação da lexia e unidade complexa do léxico.

Abaixo, um exemplo de um verbete como apresentado no glossário:

CATIOLAR • VTDI • [VTDI] • (PESQ.) Mas o que é **catiolar**? (ML1LCG) **Catiolar** é o mesmo que pegá. Eu catiolei o pequi no chão.

4.11 A análise dos dados

Tendo todas as fichas e os glossários construídos, partiu-se para a análise dos dados. Essas foram feitas de forma qualitativa e de forma quantitativa. As análises qualitativas trataram da origem etimológica de cada uma das lexias, dos campos semânticos aos quais as lexias pertencem, bem como dos contextos de uso em que cada delas surgiu na fala dos claudienses. Além disso, a análise qualitativa deu conta de uma busca por trabalhos similares a este e comparou os resultados dos autores com aqueles encontrados por este trabalho,

abordou a influência que fala tem sobre a forma como as palavras são pronunciadas e investigou as possibilidades de haver entre as lexias da pesquisa ocorrências de variação, mudança, manutenção e arcaísmos. Por fim, a análise qualitativa verificou as unidades complexas do léxico e sua cristalização no dialeto claudiense. As análises quantitativas, por sua vez, deram conta do número de lexias dicionarizadas e do número de lexias não-dicionarizadas; da quantidade de palavras que pertenciam a cada uma das origens etimológicas levantadas; do número de lexias que, no dialeto claudiense, eram utilizadas com o mesmo sentido apresentado pelas obras lexicográficas consultadas em oposição ao número de lexias que, em Cláudio, são utilizadas com sentidos distintos daqueles apresentados pelas obras lexicográficas consultadas; do número e do número de ocorrências de cada uma das lexias nas obras lexicográficas selecionadas. Por fim, foi feita uma análise sob os preceitos sociolinguísticos. Nessa análise, considerou-se gênero, faixa etária e escolaridade dos falantes. A análise sociolinguística investigou quais escolhas lexicais eram mais comuns a cada um dos grupos sociais, homens, mulheres, falantes mais escolarizados, falantes menos escolarizados, falantes mais jovens, falantes mais velhos, etc. Além disso, utilizou-se o conceito de rede social para analisar lexias que eram comuns a falantes que têm alguma ligação com o meio rural. Para as análises sociolinguísticas, foi utilizada a linguagem R, disponível para download em www.rproject.org. Essa linguagem permite customizar a análise multivariada que se intenciona realizar. Essa possibilidade faz com que o pesquisador tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Além disso, é possível realizar *scripts*, ou rotinas automatizadas para a execução de algumas tarefas. O programa R também permite incluir variáveis contínuas nas análises, como idade e nível socioeconômico, por exemplo. A análise completa dos dados é apresentada no capítulo a seguir.



Leques
Os Leques são encontrados na Ásia e em algumas partes da África e América. Foi muito usado pelas elites europeias, no período de 1600 a 1800, como um forte símbolo de status e elegância.



NÃO TOCAR NOS OBJETOS

CAPÍTULO 5

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados retirados do *corpus* constituído a partir das entrevistas realizadas com os moradores da cidade de Cláudio, localizada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais. Serão analisadas por este trabalho 158 lexias e 33 expressões, as quais em Biderman (2005) são denominadas unidades complexas do léxico, termo adotado também por este trabalho³³. Trata-se de combinatórias lexicais, ou sintagmas discursivos, que, quando amplamente utilizadas, acabaram por serem lexicalizadas. Os dados selecionados foram exibidos em fichas - as lexias - e em um glossário - as unidades complexas do léxico³⁴ e as lexias não encontradas em nenhuma das obras lexicográficas consultadas - com a finalidade de que, dessa forma, haja uma sistematização. Tanto as lexias quanto as unidades complexas do léxico foram dispostas em ordem alfabética, organização mais comum às obras lexicográficas, além de, como afirmam Haensch et al. (1982) essa ordem permitir ao usuário maior rapidez na localização das palavras. Para que houvesse melhor dinamismo na leitura, optou-se por não apresentar as fichas e o glossário completos aqui, no corpo do texto. Eles estão devidamente relacionados nos apêndices 7, 8 e 9 deste trabalho. Nesta seção, as lexias e as unidades complexas do léxico serão expostas em quadros com uma pequena definição, conforme o uso no dialeto claudiense. Assim sendo, o quadro 1 apresenta as lexias listadas pela pesquisa:

Quadro 3 - Lexias listadas para a pesquisa

Lexia	Significado no dialeto claudiense
1. Abafado	<i>Adj.</i> Diz-se do indivíduo que se encontra triste, angustiado ou com sinais de ansiedade.
2. Abafamento	<i>S.m.</i> Sensação de angústia, tristeza ou mesmo de ansiedade.
3. Aborrecido	<i>Adj.</i> Termo utilizado para caracterizar pessoas intransigentes, que não abrem mão de suas próprias vontades, ou mesmo que incomoda as pessoas.
4. Ajeitado(a)	<i>Adj.</i> Indivíduo agradável pelo qual as pessoas têm apreço, de fácil convívio. <i>Continua</i>

³³ Vale saber aqui que o termo *lexia complexa* é equivalente a *unidades complexas do léxico*.

³⁴ Neste trabalho, lexias complexas, unidades complexas do léxico e expressões são sinônimas.

Lexia	Significado no dialeto claudiense
5. Amoitar	<i>V.t.d.i.</i> Esconder-se ou esconder algo. Meter-se em moita.
6. Amolado(a)	<i>Adj.</i> Incomodado, preocupado ou angustiado com algo ou alguém.
7. Apear	<i>V.t.d.i.</i> 1. Amarrar algo com a peia, espécie de laço pequeno utilizado por pessoas que lidam com animais no meio rural. 2. Descer de algum lugar ou de um meio de transporte.
8. Aprendente	<i>S.2g.</i> Indivíduo em condição de aprender algo.
9. Arapuca	<i>S.f.</i> Armadilha construída com pedaços de pau, ou bambu, com o intuito de aprisionar pássaros.
10. Arrolhado (a)	<i>Adj.</i> 1. Aquele que se encontra endividado ou em dificuldades financeiras; 2. Indivíduo que tem muitos afazeres, principalmente, relacionado a trabalho.
11. Arrolhar	<i>V.i.</i> Endividar-se, ficar em dificuldades financeiras.
12. Arteiro (a)	<i>Adj.</i> Diz-se da criança que apronta muito, que faz bagunça e dá trabalho a seus tutores.
13. Atrapalhado (a)	<i>Adj.</i> Indivíduo engraçado, que não se preocupa muito com formalidades.
14. Assear	<i>V.i.</i> Variação de lassear, tornar-se frouxo, ceder.
15. Banzo	<i>S.m.</i> Sensação de desânimo, cansaço experimentado por aquele que acabou de fazer uma refeição completa, principalmente o almoço, e tenha comido em excesso.
16. Beberola	<i>S.f.</i> Ingestão de bebida alcoólica em excesso.
17. Beberreira	<i>S.f.</i> Variação de beberola.
18. Beirar	<i>V.t.d.</i> Ficar ao redor de algo ou alguém, circundar.
19. Berno, o mesmo que bérnio ou berne.	<i>S.m.</i> Larva de mosca que penetra na pele de mamíferos e se desenvolve sob ela causando um tumor doloroso.
20. Binga	<i>S.f.</i> O mesmo que isqueiro.
21. Bodoque	<i>S.m.</i> Artefato feito com um gancho de madeira e uma goma de látex para caçar pássaros. Atiradeira.
22. Boia	<i>S.f.</i> Refeição, principalmente, almoço ou jantar.

Continua

Lexia	Significado no dialeto claudiense
23. Boiar	<i>V.i.</i> Fazer uma refeição completa; mesmo que almoçar ou jantar.
24. Buduegue, o mesmo que beldroega.	<i>S.m.</i> Vegetal utilizado na alimentação, ou em infusões.
25. Cachopa	<i>S.f.</i> 1. Copa (arredondada) de árvore; 2. Diz-se do cabelo desgrenhado; 3. Colmeia (de abelhas).
26. Cambota	<i>S.f.</i> O mesmo que tombo, queda.
27. Canseira	<i>Adj.</i> Diz-se do indivíduo que incomoda os outros, ou que repete incessantemente a mesma coisa.
28. Capanga	<i>S.f.</i> Bolsa utilizada por pessoas que trabalham na área rural para carregar suas refeições e outros pertences.
29. Cartucho	<i>S.m.</i> Guloseima feita com amendoim inteiro envolvido em açúcar e chocolate em pó. Bastante comum em festas juninas. O mesmo que cricri.
30. Casinha	<i>S.f.</i> Cômodo (geralmente na parte externa e independente da casa) no qual são guardados mantimentos e outros suprimentos da família.
31. Catingudo	<i>Adj.</i> Quem tem mau cheiro.
32. Catiolar	<i>V. bit.</i> Apossar-se, indevidamente, de algo que pertence a outrem.
33. Catira	<i>S.f.</i> Troca, escambo. É comum, por exemplo, que no meio rural o proprietário de um terreno queira trocar parte dele por um veículo automotor, ou mesmo por outro terreno em um local diferente.
34. Catireiro	<i>Adj.</i> Diz-se do indivíduo que faz catira.
35. Changunha	<i>Adj.</i> Diz-se daquilo que está frouxo, relaxado.
36. Chitão	<i>S.m.</i> Roupa de cama utilizada para se cobrir ao dormir.
37. Choca (o)	<i>Adj.</i> Indivíduo pouco simpático e que não é afeito à socialização.
38. Chocaria	<i>S.f.</i> Atributo daquele que é choco.
39. Coisa	Termo utilizado para preencher a fala quando o falante se esquece ou não sabe o termo que deveria utilizar.
40. Coisera	<i>S.f.</i> Excesso de algo.
41. Coiserada	<i>S.f.</i> Variação de coisera.
42. Colcha	<i>S. f.</i> Roupa de cama utilizada para se cobrir ao dormir.

Continua

Lexia	Significado no dialeto claudiense
43. Courinho	<i>S.m.</i> A pele do porco.
44. Cricri	<i>S.m.</i> Guloseima feita com amendoim inteiro envolvido em açúcar e chocolate em pó. Bastante comum em festas juninas. O mesmo que cartucho.
45. Custosa (o)	<i>Adj.</i> Diz-se da pessoa que faz bagunça, ou mesmo que causa problemas.
46. Custosice	<i>S.f.</i> Atributo daquele que é custoso.
47. Derrancado	<i>Adj.</i> Aquilo que está corrompido, estragado.
48. Derrancar	<i>V.i.</i> Tornar-se corrompido, estragado.
49. Distraimento	<i>S.m.</i> O mesmo que distração.
50. Eluir	<i>V.i.</i> O mesmo que prosperar, desenvolver.
51. Embarrancado	<i>Adj.</i> Atrapalhado, confuso, em apuros.
52. Embarrancar	<i>V.i.</i> Encontrar-se em apuros ou em situação complicada.
53. Embondar	<i>V.i.</i> Desempenhar atividades fúteis ou inúteis ou sem qualquer aplicação prática.
54. Embondeiro	<i>Adj.</i> Aquele que gosta de consertar ou criar coisas.
55. Embondo	<i>S.m.</i> 1. Alimentos de baixo valor nutritivo; 2. coisas fúteis ou sem nenhuma aplicação prática.
56. Embornal	<i>S.m.</i> Bolsa utilizada, principalmente, por trabalhadores rurais para carregar suas refeições e outros pertences.
57. Encostar	<i>V.i.</i> O mesmo que descansar.
58. Enfarada (o)	<i>Adj.</i> Indivíduo de difícil convivência, ou extremamente antipático.
59. Enfaramento	<i>S.m.</i> Atributo daquele que é enfarado.
60. Enfronhado	<i>Adj.</i> O mesmo que envolvido com algo.
61. Enfronhar	<i>V.t.i.</i> Envolver-se em ou com algo.
62. Engonha	<i>S.f.</i> Indivíduo pouco esperto, bobo ou mesmo inconveniente.
63. Engonhada	<i>Adj.</i> Diz-se daquilo que é feio ou mesmo que está em desalinho.
64. Enxó	<i>S.m.</i> Instrumento de cabo curto utilizado por carpinteiros para desbastar a madeira.
65. Escanhotada (o)	<i>Adj.</i> Sem forma, desalinhado, torto.
66. Escanhotar	<i>V.i.</i> O mesmo que desalinhar, entortar.
67. Escopa	<i>S.f.</i> Jogo de cartas.
68. Espinhenta	<i>Adj.</i> Pessoa implicante, ou que fica nervosa facilmente.
	<i>Continua</i>

Lexia	Significado no dialeto claudiense
69. Estilingar	<i>V.i.</i> O mesmo que correr.
70. Estilingue	<i>S.m.</i> Artefato utilizado para atirar pedras.
71. Farra	<i>S.f.</i> Reunião de amigos na qual as pessoas bebem comem, conversam e ouvem música. As farras são feitas apenas de pessoas que se conhecem.
72. Farrear	<i>V.i.</i> Fazer farra.
73. Farrista	<i>Adj.</i> Aquele que faz farra.
74. Finca	<i>S.f.</i> 1. Bastão com a ponta afiada; 2. Brincadeira que consiste em jogar o bastão ao redor do adversário até tomar todo o espaço que pertence a ele no jogo.
75. Fintar	<i>V.t.d.</i> Deixar de cumprir com os compromissos financeiros.
76. Fumo	<i>Adj.</i> Diz-se da pessoa de conduta duvidosa.
77. Futicar	<i>V.t.i.</i> Mexer em algo, ou mesmo se intrometer na vida alheia.
78. Futico	<i>S.m.</i> Ato de mexer em algo, ou mesmo de falar da vida alheia.
79. Futiqueiro, o mesmo que futriqueiro.	<i>Adj.</i> Aquele que faz futico, ou mesmo que tem curiosidade sobre a vida alheia.
80. Gabiroba	<i>S.f.</i> Fruta silvestre semelhante à goiaba - bastante menor, no entanto - muito comum em regiões de cerrado.
81. Guaspa	<i>S.f.</i> 1. Bastão de madeira; 2. Brincadeira na qual um dos jogadores segura uma guaspa e bate em seus adversários, caso esses pisem em um espaço, previamente, definido como proibido.
82. Guimba	<i>S.f.</i> Restos de cigarro.
83. Jacá	<i>S.m.</i> Balaio utilizado na colheita de milho.
84. Janguana	<i>Adj.</i> Diz-se daquilo que é feio ou extravagante.
85. Lasseada (o)	<i>Adj.</i> Frouxa, relaxada.
86. Lassear	<i>V.i.</i> Afrouxar, relaxar.
87. Lereia	<i>S.f.</i> Conversa oca e repetitiva.
88. Lereiada	<i>S.f.</i> Excesso de lereia.
89. Lereiá	<i>V.i.</i> Falar insistentemente sobre o mesmo assunto.
90. Levada	<i>Adj.</i> Criança travessa.
91. Lombeira	<i>S.f.</i> Sensação de desânimo que se tem logo após a ingestão de uma refeição completa como o almoço, por exemplo.
92. Macuco	<i>S.m.</i> Sujeira corporal.
93. Macuquento	<i>Adj.</i> Diz-se daquele que tem sujeira corporal.

Continua

Lexia	Significado no dialeto claudiense
94. Mangada	<i>S.f.</i> O mesmo que pancada de chuva.
95. Manguara	<i>S.f.</i> Bastão utilizado para que pessoas com dificuldades de mobilidade possa se escorar.
96. Mexer	<i>V.t.i.</i> 1. O mesmo que cuidar de alguém; 2. Colocar farinha em um prato: “ <i>Põe com cebolinha, e mexe um poquim de farinha</i> ”.
97. Minchoco	<i>S.m.</i> Folha semelhante à folha de quiabo utilizada em refogados.
98. Moa	<i>Adj.</i> O mesmo que bobo.
99. Moléstia	<i>S.f.</i> Mal que acomete, definitivamente, a alguém; doença.
100. Molho	<i>S.m.</i> O mesmo que refogado.
101. Morrada	<i>Adj.</i> Aquilo que se consegue sem o uso de dinheiro; participação em qualquer evento de forma gratuita.
102. Moscar	<i>V.i.</i> O mesmo que vacilar.
103. Muriçaia	<i>S.f.</i> Restos, principalmente, de feira.
104. Orelhão	<i>S.m.</i> Biscoito feito com fubá e polvilho.
105. Paçoca	<i>Adj.</i> Diz-se da pessoa descuidada ou desprevenida.
106. Paiêro	<i>S.m.</i> Cigarro de palha.
107. Paiol	<i>S.m.</i> Cigarro de palha.
108. Pajear	<i>V.i.</i> Cuidar de crianças ou de idosos.
109. Palpite	<i>S.m.</i> O mesmo que fome.
110. Pataca	<i>S.f.</i> Pequena porção, pitada de sal, por exemplo.
111. Pataquada	<i>S.f.</i> O mesmo que mentira.
112. Pedrada	<i>Adj.</i> Estado em que uma bebida fica após ser congelada.
113. Pedrar	<i>V.i.</i> O mesmo que congelar.
114. Peia	<i>S.f.</i> Corda utilizada para laçar animais na área rural.
115. Peralta	<i>Adj.</i> Criança que apronta, que faz bagunça.
116. Petecado	<i>Adj.</i> O mesmo que enrolado, bagunçado.
117. Petecar	<i>V.i.</i> Deixar algo pendente, bagunçado ou enrolado.
118. Peteco	<i>S.m.</i> Bagunça, confusão, enrolação.
119. Pião	<i>S.m.</i> Brinquedo cônico que ao ser desenrolado - ao solo - de uma corda deve girar pelo maior tempo possível, o que depende da habilidade do jogador.
	Continua

Lexia	Significado no dialeto claudiense
120. Piorra (ô)	<i>S.f.</i> Brinquedo cônico que ao ser desenrolado - ao solo - de uma corda deve girar pelo maior tempo possível, o que depende da habilidade do jogador.
121. Pipocar	<i>V.t.d.</i> Surgir grande quantidade de algo.
122. Pirunga	<i>S.f.</i> Utensílio de cerâmica, ou de barro, utilizado para colocar água.
123. Pitar	<i>V.i.</i> O mesmo que fumar.
124. Pito	<i>S.m.</i> Cigarro.
125. Plasta	<i>S.f.</i> Pessoa lenta, tola.
126. Plasteza	<i>S.f.</i> Vacilo, ,lentidão, dificuldade de compreensão.
127. Plastice	<i>S.f.</i> Vacilo, ,lentidão, dificuldade de compreensão.
128. Porrete	<i>S.m.</i> Ingestão de bebida alcoólica em excesso. Ao contrário do que possa parecer, não é o diminutivo de porre, mas sim a associação com surra. A pessoa bêbada tem sensação de esgotamento físico semelhante àquela de quem toma uma surra, um porrete (pedaço de madeira).
129. Potoca	<i>S.f.</i> 1. Mentira; 2.falação; 3. excremento nasal.
130. Potoqueiro	<i>Adj.</i> 1. Mentiroso; 2. falador.
131. Pousar	<i>V.i.</i> Incomodar alguém ou mesmo zombar das pessoas.
132. Precata	<i>S.f.</i> 1. Espécie de calçado produzido de forma artesanal - geralmente, pela própria pessoa que o utilizará - com couro ou mesmo com pneu; 2. Vegetal, espécie de vagem.
133. Preguiça	<i>S.f.</i> Espécie de petisco feito de polvilho - com o qual se faz uma pasta bem aquosa - frito em óleo quente.
134. Quentadinho	<i>S.m.</i> Mistura feita com restos de refeição, como o almoço, por exemplo, a qual se esquentava.
135. Quento	<i>S.m.</i> Mistura feita com restos de refeição, como o almoço, por exemplo, a qual se esquentava.
136. Quirela	<i>S.f.</i> Fragmentos de grãos, arroz e milho, por exemplo, do qual se faz sopa, ou mesmo se utiliza na alimentação de animais domésticos como galinha.
	Continua

Lexia	Significado no dialeto claudiense
137. Quirera	<i>S.f.</i> Fragmentos de grãos, arroz e milho, por exemplo, do qual se faz sopa, ou mesmo se utiliza na alimentação de animais domésticos como galinha.
138. Quitanda	<i>S.f.</i> Iguarias consumidas, sobretudo, no café da manhã, ou no lanche da tarde.
139. Restolho	<i>S.m.</i> Restos de forma geral (de alimentos, de objetos, de feira...)
140. Rolão	<i>S.m.</i> Cigarro feito de palha.
141. Rolimã	<i>S.f.</i> Carrinho feito de madeira e rolamento com o qual as crianças descem ladeiras.
142. Ruço	<i>Adj.</i> Termo utilizado para se referir à pele suja, principalmente, de criança que brinca livremente.
143. Sambanga	<i>Adj.</i> Diz-se da pessoa desligada, lerda ou mesmo boba.
144. Sapeca	<i>Adj.</i> Termo utilizado para caracterizar crianças bagunceiras.
145. Sapo	<i>Adj.</i> Diz-se da pessoa que entra em lugares sem pagar ingresso, ou mesmo que se isenta de pagar o que consome em qualquer reunião ou festa.
146. Seremeia	<i>S.f.</i> 1. Bronca; 2. Falação.
147. Soca	<i>S.f.</i> Restos de comida que se reaproveita em uma nova refeição.
148. Socó	<i>Adj.</i> O mesmo que bobo.
149. Solera	<i>S.f.</i> Sol escaldante.
150. Talha	<i>S.f.</i> Utensílio de barro no qual se coloca água para que ela se mantenha fria.
151. Tareco	<i>S.m.</i> Biscoito feito de polvilho.
152. Terreiro	<i>S.m.</i> Parte externa de uma casa, geralmente, de terra batida; quintal.
153. Tiborna	<i>S.f.</i> Bebida insossa, como café frio ou refrigerante sem gás.
154. Tiú	<i>S.m.</i> Grande lagarto.
155. Toada	<i>S.f.</i> Vantagem. Ganhar de <i>toada</i> , obter grande vantagem sobre algo ou alguém.
156. Topar	<i>V.t.i.</i> Encontrar-se com alguém.
157. Vispa	<i>S.f.</i> Jogo de tabuleiro semelhante ao bingo.
158. Zinabre	<i>S.f.</i> Manchas que aparecem em utensílios de cobre devido ao acúmulo de sujeira ou falta de uso. Concluído

Na sequência, será apresentado o quadro com as unidades complexas do léxico selecionadas para esta pesquisa. Antes, porém, é relevante esclarecer as razões pelas quais

este trabalho trata, separadamente, as lexias simples das complexas. Segundo Biderman (1996, p. 33), lexias complexas, ou unidades complexas do léxico, são aquelas unidades que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da escrita. Sendo assim, o termo *dona de casa*, por exemplo, define apenas 1 ser - ‘aquela mulher que realiza trabalhos domésticos, cuida de sua casa e de sua família’ - no entanto, é composto por 3 elementos linguísticos: dona (1), de (2), casa (3).

Como afirma Biderman (2005) os dicionários tradicionais têm com um de seus maiores defeitos o fato de não se fundamentarem em uma teoria lexical, fato que, segundo a autora, possivelmente explica a razão pela qual as unidades complexas estão assistemática e inadequadamente registradas nos dicionários de língua portuguesa. Considerando as ponderações de Biderman (2005), as lexias complexas do léxico deste trabalho foram analisadas se valendo dos testes propostos por Gross (1982). Tais testes se encontram na seção 4.9 deste capítulo. A seguir, o quadro 4 apresenta as unidades complexas do léxico listadas por este trabalho:

Quadro 4 - Unidades complexas do léxico listadas para a pesquisa

Unidade complexa do léxico	Significado no dialeto claudiense
1. Aquela mexida	Expressão que corresponde a algo como “daquele jeito”.
2. Arrumar porco/galinha	Diz-se da atividade de retirar vísceras - e outras partes a serem descartadas - de animais utilizados na alimentação humana.
3. Bão ou não?	Expressão equivalente a “Tudo bem?”
4. Brincadeiras de criação	Brincadeiras criadas pela criança no momento em que esse brinca.
5. Brinquedos de criação	Brinquedos criados pela própria criança, ou por algum adulto que esteja brincando junto dela.
6. Caçar meio	Sair de algum lugar ou de uma situação que não esteja mais satisfazendo a quem se encontra ali, ou mesmo que esteja sendo alguma espécie de incômodo para aqueles que estejam próximos.
7. Cangar abelha	Fazer algo inútil.
8. Coisera de trem	Grande quantidade de objetos, ou, quando se trata de alimentos, fartura.
9. Coiserada de trem	Grande quantidade de objetos, ou, quando se trata de alimentos, fartura.
10. Comer pança	Ato de ser desatento, vacilar em situações decisivas, deixar passar oportunidades importantes na vida, por desatenção.
	<i>Continua</i>

Unidade complexa do léxico	Significado no dialeto claudiense
11. Dar certo	Combinar, entender-se com alguém.
12. Dar manota	Perder alguma oportunidade por descuido, ou por desatenção, vacilar.
13. Dar notícia	Saber de algo.
14. Encher o pote	Ingerir bebida alcoólica em excesso.
15. Empinar carroça	Se irritar, ficar bravo com algo.
16. Entortar a alça do caneco	Ingerir bebida alcoólica em excesso.
17. Estar de fogo	Estar bêbado, estado daquele que ingeriu muita bebida alcoólica.
18. Esticar as canelas	Descansar após as refeições, principalmente, após o almoço.
19. Fazer o quilo	Descansar após ter feito uma refeição completa, como o almoço, por exemplo.
20. Feijão pagão	Diz-se do feijão que acabou de ser cozido e ainda não foi temperado.
21. Garrado no golo	Ato de ingerir bebida alcoólica em excesso, por longo período de tempo.
22. Mesma mexida	Expressão que tem o significado de “a mesma coisa”
23. Nó cego	Indivíduo que não cumpre com seus compromissos, principalmente, os financeiros.
24. Passar trabalho	Passar por dificuldades, ter alguma situação complicada na vida.
25. Passar uma água	Tomar um banho rápido, quase sempre, sem o uso de sabonete, ou qualquer outro produto do tipo.
26. Passar um pedaço	Passar por uma fase ruim.
27. Pé inchado	Diz-se da pessoa que ingeriu, ou tem por hábito ingerir, muita bebida alcoólica.
28. Pé no Bete	Brincadeira na qual se utiliza uma bola, com o objetivo de destruir uma casinha construída por um dos participantes.
29. Pito de palha	Cigarro feito de palha. A locução adjetiva “de palha” é utilizada como forma de diferenciar aquele cigarro dos cigarros convencionais, já que, na cidade de Cláudio, como confirma esta pesquisa, é mais recorrente o uso de pito do que de cigarro.
30. Preguiça cozida	Preguiça em demasia, desânimo em excesso.
	<i>Continua</i>

Unidade complexa do léxico	Significado no dialeto claudiense
31. Sem tipo	Pessoa sem grandes atrativos, ou mesmo que não sabe se portar em situações mais formais.
32. Tem base?	Expressão utilizada para reafirmar o que foi dito. Algo como, “Acredita?”
33. Tô fncado	Estar em dificuldades, ter grandes problemas. Concluído

Ainda que - como afirmado por Biderman (2005) - as obras lexicográficas convencionais não dispensem a devida atenção às unidades complexas do léxico, as obras lexicográficas selecionadas para esta pesquisa foram todas consultadas para que se verificasse se alguma daquelas 33 unidades complexas do léxico apresentadas pelo quadro 4 está dicionarizada. Ao final dessa consulta, constatou-se que apenas as unidades complexas do léxico *dar certo*, *dar manota*, *dar notícia*, *estar de fogo*, *fazer o quilo* estão registradas e, ainda assim, essas aparecem somente no dicionário *InFormal*, obra virtual e, como tal, é mais flexível e mais dinâmica quanto ao registro de lexias e mesmo de unidades complexas do léxico. Há que se ressaltar, porém, que nem todos os sentidos encontrados para as unidades complexas do léxico encontrados no dicionário *InFormal* coincidem com os sentidos encontrados no dialeto claudiense. A seguir, serão descritos tais sentidos:

Dar certo - No dialeto claudiense, *dar certo* é o mesmo que ‘combinar, se entender com alguém em determinado relacionamento’:

(6) **ML2NGC:** *Eles dá certo, tem muito tempo que vive junto.*

No dicionário *InFormal*, *dar certo* é ‘obter sucesso em algo’: *Tente fazer a prova, pode dar certo de você passar.*

Estar de fogo - Tanto no dialeto claudiense, quanto no dicionário *InFormal*, *estar de fogo* tem como significado ‘estar bêbado’.

Esticar as canelas - No dicionário *InFormal*, *esticar as canelas* tem dois significados: ‘morrer; se levantar e se locomover depois de muito ócio’. No dialeto claudiense, *esticar as pernas* é o mesmo que ‘se deitar para descansar depois das refeições’.

Fazer o quilo - *Fazer o quilo* têm o mesmo sentido no dialeto claudiense e no dicionário *InFormal*: ‘descansar depois das refeições’.

Tendo sido apresentadas as lexias e as unidades complexas do léxico, serão demonstradas as análises que foram realizadas. É oportuno salientar que essas foram executadas levando em conta uma sequência. Inicialmente, logo após a transcrição de todas as entrevistas, foi feito o levantamento das lexias e unidades complexas que despertaram o interesse da pesquisadora³⁵. As lexias e unidades complexas do léxico arroladas foram dispostas nas listas anteriormente apresentadas. Na sequência, cada uma das lexias foi consultada nas obras lexicográficas selecionadas³⁶. A partir dessa consulta, foram elaboradas as fichas lexicográficas que se encontram nos anexos deste trabalho. Com os dados ordenados, partiu-se para as análises descritas nas próximas seções.

Como já mencionado, este trabalho considerou a asseveração de Gross (1982) - expressões fixas³⁷, normalmente excluídas das discussões teóricas, constituem um campo de estudo por si só - e a afirmação de Biderman (2005), as unidades complexas do léxico estão assistemática e inadequadamente registradas nos dicionários da Língua Portuguesa.

5.1 Lexias dicionarizadas e lexias não-dicionarizadas

A partir das consultas às obras lexicográficas selecionadas, levantou-se o percentual de lexias dicionarizadas em relação às lexias não-dicionarizadas. Tal análise foi fundamental para que se avaliasse, inicialmente, as citadas lexias. Saber se elas estão ou não registradas nas obras, ou mesmo saber em quais obras constam os registros pode proporcionar importantes reflexões à pesquisa. Uma lexia que consta apenas em obras mais antigas, por exemplo, pode ter caído em desuso, ao passo que uma lexia que consta apenas nas obras mais

³⁵ Vale esclarecer que tal interesse se deu por aquelas lexias e unidades complexas do léxico das quais a pesquisadora já vinha tomando nota há algum tempo, antes mesmo que este trabalho tivesse sido formalizado como projeto de pesquisa. A pesquisadora não é claudiense, no entanto, tem convívio bastante próximo com pessoas daquela cidade e, assim sendo, passou a observar, de forma assistemática, a fala dos moradores daquela cidade. Essa observação revelou algumas coisas bastante curiosas à pesquisadora, como, por exemplo, o fato de os claudienses chamarem de *choca* aquela pessoa que não gosta muito de contato, que prefere ficar distante dos outros. Esse comportamento, segundo os próprios claudienses entrevistados, se assemelha ao da galinha choca. A pesquisadora então interessou-se por descobrir outras analogias ou mesmo outros elementos no dialeto claudiense que valessem um estudo formalizado. Assim surgiu essa pesquisa.

³⁶ Há, no capítulo 3 deste trabalho, uma descrição das obras consultadas.

³⁷ O autor reconhece como expressões fixas as unidades complexas já cristalizadas. São fixas, porque o significado que expressam só é possível consideração o conjunto de seus termos.

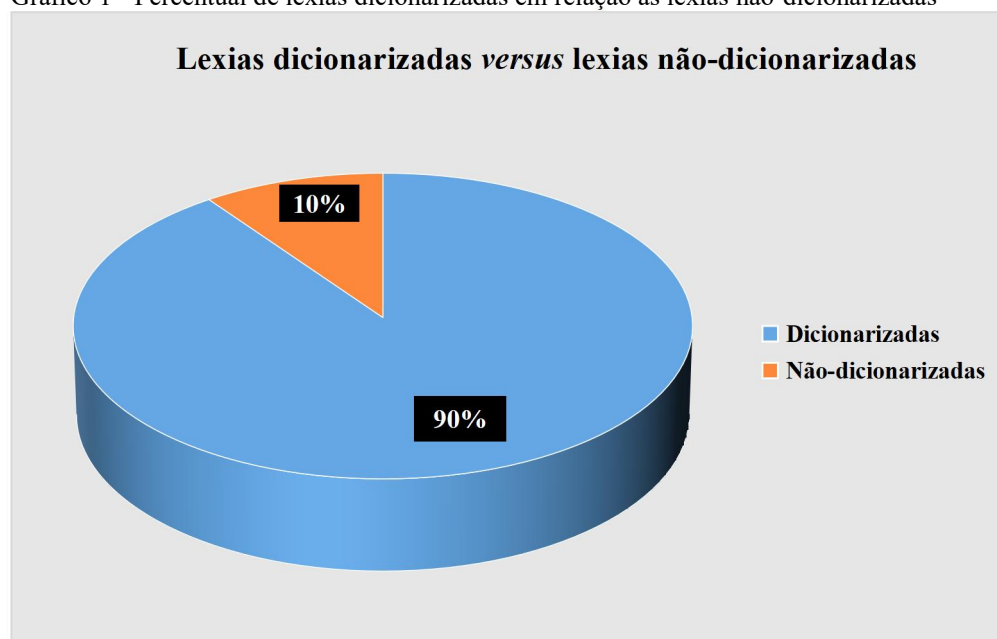
recentes pode ter surgimento mais recente. As lexias que constarem apenas naqueles dicionários que têm somente suas versões *online* e são construídos com a contribuição de seus usuários podem ainda não terem sido registradas. São inúmeras as possibilidades a serem levadas em consideração e o estudioso da língua deve estar disposto a ponderar sobre todas. Portanto, a certificação de que as lexias analisadas são dicionarizadas ou não é apenas, como já colocado, a primeira consideração a ser feita.

Com o conhecimento da dicionarização ou não-dicionarização das citadas lexias, o estudo pode realizar novas análises e chegar a novas conclusões. A algumas dessas conclusões é, relativamente, simples de se chegar. Observa-se, por exemplo - que *macuquento*³⁸, uma das lexias não encontradas nas obras lexicográficas consultadas - é uma derivação de *macuco*, lexia que consta nas obras consultadas. Como afirma Biderman (1998b, p. 88), é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. Além disso, a autora acrescenta que a nomeação é resultado de um processo de categorização. Assim sendo, os falantes, na necessidade de nomear uma nova realidade - referir-se àquela pessoa que possui *macuco* - fizeram surgir *macuquento*.

Os percentuais de lexias dicionarizadas e de lexias não-dicionarizadas serão apresentados a seguir.

O gráfico 1 apresenta o percentual de lexias dicionarizadas versus o percentual de lexias não-dicionarizadas:

Gráfico 1 - Percentual de lexias dicionarizadas em relação às lexias não-dicionarizadas



³⁸ Todos os significados das lexias analisadas constam no início deste capítulo. Para que não fique repetitivo, optou-se não apresentá-lo aqui.

Como é possível perceber através do gráfico 1, 90% das lexias listadas está registrada em, pelo menos, 1 das obras pesquisadas e 10% das lexias não foi encontrada em nenhuma das obras. Cabe esclarecer que como lexias não-dicionarizadas este trabalho entende aquelas lexias que, definitivamente, não aparecem nas obras. Aquelas que aparecem nas obras pesquisadas com sentido distinto daquele utilizado no dialeto claudiense serão tratadas como tal na seção 4.2 deste capítulo. O quadro 3, denominado “Lexias não-dicionarizadas”, apresenta todas as lexias que não foram encontradas nas consultas às obras selecionadas:

Quadro 5 - Lexias não-dicionarizadas

Lexias não-dicionarizadas
Beberola, Changuanha, Custosice, Embarrancado, Embondar, Estilingar, Futico, Janguana, Lereiar, Macuquento, Minchoco, Morrada, Muriçaia, Plasteza, Plastice, Quentadinho, Seremeia.

Como se percebe pela análise do quadro 3, as lexias não encontradas nas obras lexicográficas consultadas são de classes gramaticais³⁹ distintas. No total foram encontrados: 9 substantivos: *beberola*, *custosice*, *minchoco*, *muriçaia*, *plasteza*, *plastice*, *quentadinho*, *futico*, *seremeia*; 5 adjetivos: *changuanha*, *embarrancado*, *janguana*, *macuquento*, *morrada*; 4 verbos: *embondar*, *estilingar* e *lereiar*.

Analisando os contextos nos quais as supracitadas lexias surgiram⁴⁰, pode-se afirmar que algumas delas são derivações:

1. *beberola* de *beber*, no caso, bebida alcoólica;
2. *coiserada* de *coisa*;
3. *custosice* de *custoso*;
4. *plasteza* e *plastice* de *plasta*;
5. *quentadinho* de *quentar*;
6. *Futico* de *futicar*;
7. *Macuquento* de *macuco*;

³⁹ Aqui, considera-se a noção de classe gramatical da GT, gramática tradicional.

⁴⁰ É possível conhecer os contextos de cada lexia consultando as transcrições das entrevistas, as quais estão armazenadas em mídia anexa a este trabalho.

8. *Embondar* de *embondo*;
9. *Estilingar* de *estilingue*;
10. *Lereiar* de *lereia*.

Biderman (1998b, p. 92) assevera que “a geração do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade”. Sendo assim, à medida em que interagem com o mundo que os cerca, os falantes expandem o léxico de sua língua. Os dicionários, por sua vez, não conseguem acompanhar o ritmo com o qual novas palavras surgem. É bem verdade que com o advento da internet inúmeros dicionários foram disponibilizados de forma *online*, o que tornou mais ágil o acompanhamento da geração do léxico citada por Biderman (1998b). Mas, ainda que haja a facilidade dos dicionários *online*, nunca será possível registrar todas as palavras e expressões em uso na língua. A comprovação disso é o fato de terem sido encontradas por este trabalho lexias utilizadas no falar claudiense que não se encontram registradas nas obras lexicográficas consultadas. Além disso, a criação de novas palavras a partir de palavras já existentes é também uma confirmação daquilo que Biderman (1998b, p. 92) afirma. Consoante Biderman (1998b, p. 91), “ao nomear a realidade que o cerca, homem classifica os elementos de sua realidade”. Sendo assim, quando surge um novo objeto, ou uma nova ideia, o homem, imediatamente, os nomeia e, conseqüentemente, registra seu conhecimento do universo que o cerca. Seguramente, o termo homem aqui é utilizado de forma ampla, referindo à espécie humana e não ao indivíduo, já que língua é compartilhada. Mediante Biderman (1998b, p. 91), “somos todos dotados da mesma capacidade cognitiva, por essa razão, os interlocutores com os quais interagimos podem entender a semântica de nossos enunciados”.

Biderman (1998b, p. 90) atesta que “os significados podem expandir-se e as categorias estão sempre abertas a mudanças”. A afirmação da autora pode ser corroborada a seguir, pela seção 4.2, que trata das lexias que, no dialeto claudiense, apresentaram sentidos distintos daqueles apresentados pelas obras lexicográficas.

5.2 Lexias dicionarizadas com sentido distinto daquele encontrado no dialeto claudiense

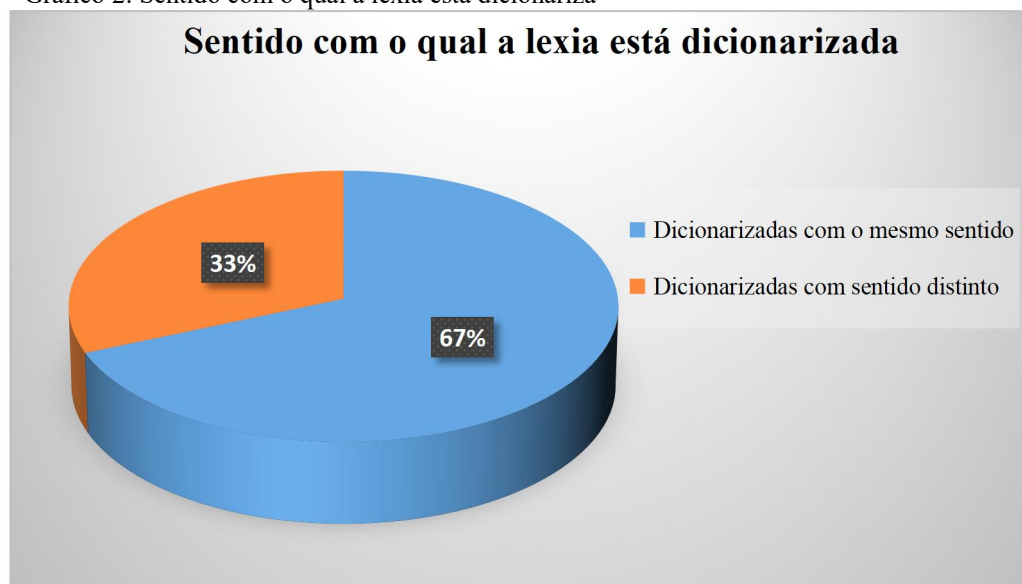
Concorde a Biderman (2006, p. 35), “é o processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais”. Por outro lado, e inversamente, esse processo está indissolúvelmente associado à cultura com que se conjuga uma língua natural. Daí resultam as

disparidades vocabulares que opõem, muitas vezes, variedades de uma mesma língua. À vista das colocações da autora, pode-se afirmar que a geração do léxico está associada à cultura daquelas pessoas responsáveis por fazer com que novas palavras surjam. Para além da criação de novas palavras, pode-se pensar na ampliação de sentido das palavras já existentes na língua. Por meio de comparações, analogias ou busca de relações de sentido, os falantes reutilizam palavras já existentes para expressar novos significados. Não é algo distinto daquilo que Biderman (2006) denomina como processo de nomeação. Nesse caso, o falante nomeia algo novo com palavras já existentes, criando, como mencionado, a ampliação de sentido daquelas palavras.

Nesta seção, serão apresentadas as lexias que, no dialeto claudiense, tiveram seu sentido ampliado para além daqueles registrados pelas obras lexicográficas consultadas. As lexias serão apresentadas por campos semânticos, pois assim é mais fácil visualizar os tipos de analogia ou relações de sentido estabelecidos pelos claudienses em suas falas. Além disso, Haensch et al. (1982) asseveram que as associações onomasiológicas devem levar em conta as associações que existem entre os conteúdos, tanto do ponto de vista da língua, quanto do ponto de vista das coisas. Essas associações podem ser consideradas de formas diversas, sem a necessidade de se utilizar o rigor da ordem alfabética.

Antes, porém, serão mostradas as diferenças percentuais entre as lexias que, no dialeto claudiense, apresentam o mesmo sentido daquele encontrado nas obras lexicográficas consultadas e as lexias que, no dialeto claudiense, apresentam sentido diverso daquele apontado pelas citadas obras lexicográficas. O gráfico 2 apresenta os percentuais:

Gráfico 2: Sentido com o qual a lexia está dicionarizada



Como demonstra o gráfico 2, 67% das lexias apresentam - no dialeto claudiense - o mesmo sentido encontrado nas obras lexicográficas consultadas, enquanto 33% das lexias assumem, no dialeto claudiense, sentido distinto daquele registrado nas obras lexicográficas consultadas.

O quadro 6 apresenta as lexias que, no dialeto claudiense, assumem sentido distinto daquele encontrado nas obras consultadas:

Quadro 6 - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense	
Ajeitada	Fumo
Apear	Guaspa
Arrolhado	Macuco
Arrolhar	Mangada
Atrapalhado	Mexer
Assear	Moa
Banzo	Molho
Beberreira	Orelhão
Cachopa	Paçoca
Cambota	Paiol
Canseira	Palpite
Casinha	Pedrada
Chitão	Pedrar
Choca	Petecado
Chocaria	Petecar
Coisa	Pirunga
Colcha	Porrete
Cricri	Pousar
Eluir	Preguiça
Embondeiro	Quento
Enfarado (a)	Rolão
Enfartamento	Ruço
Espinhenta	Sapo
Farra	Socó
Farrear	Toada
Farrista	

Para que se compreenda mais claramente a ampliação de sentido, no dialeto claudiense, das lexias apresentadas pelo quadro 4, essas serão, aqui, separadas por campos lexicais. A seguir serão apresentados cada um dos quadros:

Quadro 7 - Campos lexicais relações interpessoais: Características humanas - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Relações interpessoais		
Características humanas		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas⁴¹
Ajeitado “jeitado”	Pessoa agradável, de fácil convivência, simpática.	Pôr um jeito, acomodar.
Atrapalhado “trapaiado”	Pessoa engraçada, brincalhona, cômica.	Que se atrapalhou, incapaz de agir de forma apropriada.
Canseira	Pessoa chata, que fala muito, ou que, de alguma forma, incomode os outros.	Cansaço; esforço aturado para conseguir qualquer coisa.
Choca	Pessoa pouco sociável, ou que mantém distante dos outros; chata.	Estado fisiológico da ave que, depois de deitar certo número de ovos, fica organicamente disposta e em condições de chocá-los.
Embondeiro	Aquele que gosta de embondo, ou que gosta de consertar coisas.	Baobá, árvore do tipo angiosperma.
Enfarado	Indivíduo extremamente chato.	Indivíduo com estômago cheio.
Espinhenta	Pessoa que se irrita facilmente.	Que tem espinhos, ou espinhas.
Fumo	Pessoa inconveniente, ou de índole duvidosa.	Folha de certas plantas preparada para fumar, mascar ou cheirar
Moa	Pessoa tola, boba.	Grande ave dinornítídea, nativa da Nova Zelândia e extinta há cerca de um século
Paçoca	Pessoa descuidada, desprevenida.	Espécie de farinha resultante da mistura de vários ingredientes socados juntos no pilão
Ruço	Aquele que está com a pele suja.	Pardo claro; pardacento.
Socó	Pessoa tola, simplória.	Designação comum a várias espécies de aves ardeídeas.

⁴¹ Aqui, foram sintetizados os significados, encontrados nas obras lexicográficas consultadas, de forma que tal síntese conseguisse expressar o ponto em comum entre elas.

Quadro 8 - Relações interpessoais: comportamentos/cuidados - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Relações interpessoais		
Comportamentos/Cuidados		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Chocaria	Ato ou efeito de ser choco.	Flexão de chocar.
Enfaramento	Ato de ser enfarado.	substantivo masculino - ato de enfarar.
Mexer	O mesmo que cuidar de alguém.	Revolver, agitar o conteúdo de.
Petecar	Fazer peteco (bagunça, confusão).	Ornar exageradamente.
Pousar	Zombar de alguém.	Pôr, depor, assentar, colocar em algum lugar.

Quadro 9 - Relações interpessoais: Sentimentos e sensações - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense.

Relações interpessoais		
Sentimentos e sensações		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Banzo	Preguiça, cansaço que acomete a quem acaba de ter uma refeição farta e completa, como o almoço, por exemplo.	Nostalgia mortal que atacava os negros trazidos escravizados da África.
Palpite	Fome.	Pressentimento, suspeita

Quadro 10 - Relações interpessoais: aparência - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Relações interpessoais		
Aparência		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Cachopa	1. Copa de árvore; 2. Cabelo armado.	1. Moça, rapariga; 2. cacho ('conjunto') de flores na extremidade de um ramo.
Macuco	Sujeira.	Designação comum às aves tinamiformes, tinamídeas.
Ruço	Aparência da pele com sujeira.	Pardo claro; pardacento

Quadro 11 - relações interpessoais: Estado e mudança de estado

Relações interpessoais		
Estado e mudança de estado		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Arrolhar	Se endividar ou acumular muitas tarefas a serem feitas.	Tapar com rolha; rolhar.
Arrolhado	Endividado, cheio de tarefas a serem feitas.	Diz-se do que está tapado com rolha.
Pedrar	O mesmo que congelar.	Transar, fazer sexo.
Petecado	Bagunçado.	1. Uma jogada com peteca. 2. Pancada com a peteca.

Quadro 12 - Relações interpessoais: Festas e eventos - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense.

Relações interpessoais		
Festas e eventos		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Farra	Pequena reunião de amigos.	Diversão, festa licenciosa. [V. <i>orgia</i> (1).]
Farrear	Reunir amigos.	Fazer farra; patuscar, pandegar, farrar
Farrista	Aquele que gosta de reunir amigos para comer, beber, conversar e ouvir música.	Que, ou quem é dado a farras ou pândegas.

Quadro 13 - Objetos de uso pessoal - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense.

Objetos		
Objetos de uso pessoal		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Guaspa	Bastão, vara de bambu.	Órgão sexual masculino.
Rolão	Cigarro de palha.	rolo grande; 2. grande onda ou vaga; rolo, vagalhão.

Quadro 14 - Objetos e cômodos de casa - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense.

Casa		
Objetos e cômodos de casa		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Casinha	Despensa onde se guarda os alimentos.	Pequena casa.
Chitão	Roupa de cama utilizada para se cobrir, cobertor.	Tecido semelhante à chita, porém mais grosseiro.
Colcha	Roupa de cama utilizada para se cobrir, cobertor.	Coberta de cama.
Pirunga	Espécie de moringa para armazenar água para consumo.	Palavra indígena que define um arbusto, o mesmo que mapirunga.

Quadro 15 - Alimentação: comidas/bebidas - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Alimentação		
Comidas/bebidas		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Beberreira	Excesso de bebida alcoólica.	A planta que dá Beberas.
Cricri	Doce feito com amendoim envolvido no açúcar e no chocolate em pó.	Voz imitativa do canto dos grilos.
Mexer	Colocar farinha em um prato.	Revolver, agitar o conteúdo de.
Molho	Refogado de qualquer verdura.	Qualquer preparação culinária líquida ou cremosa.
Orelhão	Espécie de biscoito feito com polvilho e fubá.	Orelha grande.
Porrete	Excesso de bebida alcoólica	Pedaço cilíndrico e polido de madeira resistente, com uma das pontas arredondadas, us. como arma de golpear; cacete.
Preguiça	Petisco feito com pasta de polvilho frito.	Aversão ao trabalho; ócio, vadiagem.
Quento	Mistura que se faz com sobras de refeições, sobretudo, do almoço.	Flexão de quentar. O mesmo que aquento .

Quadro 16 - Derivações/transformações que deram origem a palavras já existentes - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Derivações/transformações que deram a palavras já existentes		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Apear	Amarrar com a peia (espécie de corda).	Fazer descer ou descer de montaria ou veículo.
Assear	Afrouxar.	1. Tornar limpo, varrendo ou lavando ; limpar. 2. Ant. Enfeitar, ornar, ataviar.
Cambota	Tombo, queda.	Part circular da roda de carro (1), na qual se fixam os raios e o aro externo.
Eluir	Não se desenvolver, minguar.	Provocar a eluição de; fracionar (uma mistura de partículas)
Embondeiro	Aquele que gosta de embondo, ou que gosta de consertar coisas.	Baobá, árvore do tipo angiosperma.
Paiol	Cigarro de palha.	Armazém para depósito de produtos agrícolas em geral.
Pedrada	Congelada.	1. Ato de arremessar uma pedra; 2. Pancada com pedra

Quadro 17 - Outros: vários - - Lexias dicionarizadas com sentido diferente do dialeto claudiense

Outros		
Vários		
Lexia	Em Cláudio	Nas obras lexicográficas consultadas
Coisa	Termo utilizado para substituir quaisquer outra palavra da qual o falante não se lembra.	Tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea.
Mangada	Pancada.	Flexão do verbo mangar, que significa: 1. Zombar ou caçoar, zoar; 2. Ser lento ou demorar.
Toada	Vantagem. Ganhar de toada, ganhar com muita vantagem.	1. Ato ou efeito de toar. 2. Ruído, rumor.

Observa-se, com a análise dos quadros de campos semânticos, que as relações por analogia, no falar claudiense, ampliam os significados dos dicionários. Por alguma razão, por exemplo, os claudienses encontram semelhanças entre ‘uma pessoa inconveniente, ou de índole duvidosa’ com o *fumo*, matéria-prima utilizada na fabricação de cigarros. Ou ainda, entendem que a pessoa que não gosta de socialização tem comportamento semelhante à ave *choca*, já que tanto uma quanto a outra querem que as pessoas se mantenham distantes delas. Ou mesmo que a sensação de saciedade excessiva quando se come além da conta em uma refeição pode ser, de alguma forma, comparada à nostalgia sentida pelos escravizados, já que os claudienses dão àquela sensação o nome de *banzo*⁴².

Algumas dessas analogias podem ser compreendidas com explicações dos próprios claudienses, como é o caso do adjetivo *choca*. Um dos entrevistados para esta pesquisa apresentou a seguinte explanação:

(7) **HMICGR:** *É... veio da galinha **choca**. Que galinha **choca** cê chega o dedo nela, ela te bica.*

Consoante Biderman (2006, p. 35) “a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos”. A associação citada por Biderman (2006) faz com que o léxico daquela língua natural se amplie. O falante tem à sua disposição um mecanismo riquíssimo e infinito, a recursividade da língua, que permite que novos termos, novas palavras sejam criadas constantemente. Ainda segundo Biderman (2006, p. 35), “o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. O ser humano vive em constante aprendizagem sobre o universo que o cerca, portanto, a criação de novas palavras, bem como a criação de novos significados para palavras já existentes é também constante. Os dicionários, por sua vez, não conseguem acompanhar a ampliação do léxico da forma como ela acontece. Biderman (2006) cita a explosão do léxico nas civilizações e culturas modernas e explica que tal explosão gera um contínuo movimento de neologismos designadores de novos conceitos que vão se formando e criando. Ainda mediante Biderman (2006, p. 35), “à medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo

⁴² O intuito aqui não é, de forma alguma, menosprezar os sentimentos dos escravizados africanos comparando-os a algo menor. Sabe-se, através do estudo da história, que a escravidão daqueles povos está entre as piores atrocidades já cometidas pelos seres humanos. O que se pretende aqui é tão somente mostrar como a língua é viva e como os falantes a enriquecem por meio de seu uso.

incessante”. E o léxico vai assumindo dimensões gigantescas sendo praticamente impossível registrá-la e descrevê-la por meio de um dicionário.

A análise dos quadros apresentadas nesta seção corrobora Biderman (2006). Não apenas com características ou comportamentos humanos, mas com todo o universo ao seu redor, os claudienses buscam relações de sentido por meio de analogias. Percebe-se, no entanto, que o número de lexias relacionados às relações interpessoais, sobretudo aquelas que se referem a características e comportamentos humanos, aparecem em um número bem mais elevado do que as demais. Vale lembrar que a cidade de Cláudio, como enuncia o capítulo 2 deste trabalho, é conhecida como “a cidade dos apelidos”, é comum que seus moradores observem características de seus conterrâneos e se utilizem delas para dar-lhes alcunhas. Possivelmente, algo semelhante quando os claudienses se utilizam das analogias descritas na tabela 5 desta seção. Nesse caso, no entanto, a característica atribuída ao outro acontece de forma genérica, para qualquer pessoa que tenha o comportamento que a mereça. O apelido, por sua vez, é específico de quem o recebe, como um nome próprio. Ambos, porém, surgem com as mesmas motivações. As analogias são feitas também em outros campos lexicais, como comidas e bebidas, por exemplo. Na culinária claudiense, há um biscoito cujo nome é *orelhão*, já que esse se assemelha a uma grande orelha. Além disso, o termo *porrete* é utilizado, no dialeto claudiense, com o sentido de ‘porre; excesso no consumo de bebida alcoólica’. Mas ao contrário do que possa parecer, segundo HM2JGA, um dos claudienses entrevistados para esta pesquisa, *porrete* não é o diminutivo de *porre*, mas sim a expressão da sensação de surra que se tem ao se tomar um *porre*. “A pessoa que consome bebida alcoólica em excesso sente como se tivesse apanhado com um porrete.”⁴³

Mediante Biderman (2006, p. 36), “a reutilização do vocabulário já existente na língua, atribuindo-lhe novos sentidos, é um recurso usado frequentemente”. Essa reutilização evita a criação de novas palavras, o que representa uma certa economia, já que se cada vez que o falante precisasse apresentar um novo conceito, novas palavras fossem criadas, o léxico se expandiria *ad infinitum*. A língua é uma estrutura tão bem organizada, que nem mesmo o surgimento de novas palavras acontece de forma aleatória. Ainda de acordo com Biderman (2006, p. 36), “com base em traços semânticos que a significação nuclear da palavra já possui, ampliam-se seus valores de sentido para incluir novas denotações”. Se forem levadas em consideração as ampliações de sentido analisadas nesta seção, pode-se afirmar que sempre que é possível, as palavras já existentes são reutilizadas, são atribuídos a elas novos sentidos.

⁴³ Essa explicação foi dada por um claudiense à pesquisadora. Infelizmente, não há o registro da mesma em gravação, já que ela surgiu em uma conversa informal entre os dois.

Esta seção corrobora tais afirmações. Os claudienses, ao ressignificar palavras já existentes, ampliam os sentidos de seu vocabulário. Não são criadas novas palavras caso os falantes não sintam necessidade disso. Provavelmente, é mais funcional se reutilizar de palavras já existentes, do que ampliar o léxico de forma desordenada. Provavelmente, porque é mais dinâmico reutilizar as palavras existentes, do que memorizar novas palavras a cada novo objeto, ideia ou conceito que surja. Ao mesmo tempo, novas palavras são criadas sempre que as palavras existentes não conseguem nomear novos objetos, ideias ou conceitos que surgem.

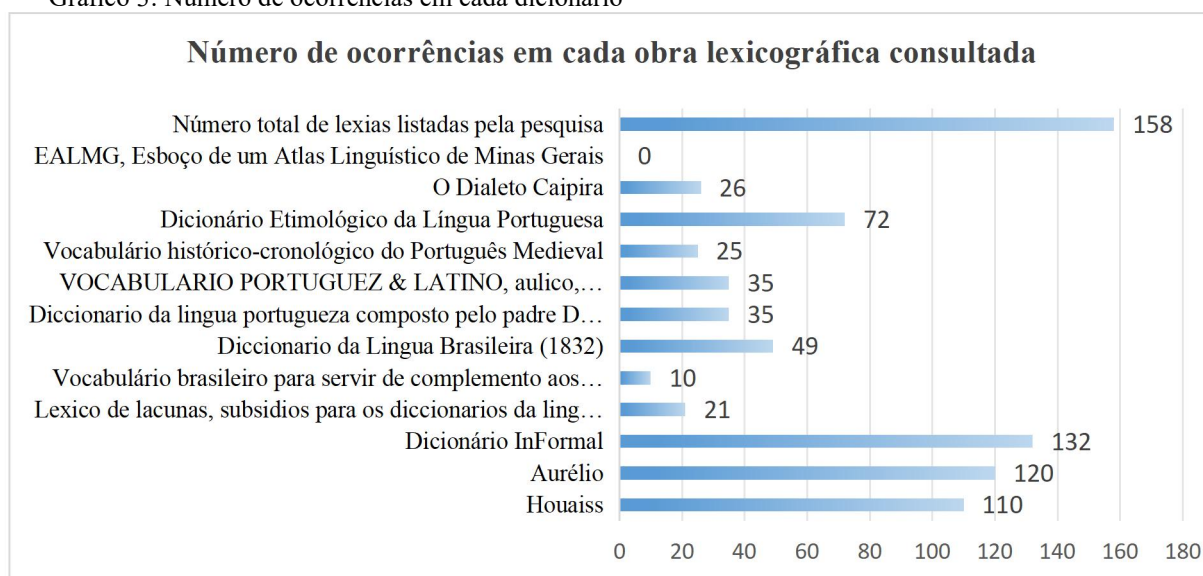
Com todo o exposto, pode-se afirmar que a língua, ao mesmo tempo que é estruturada, é dotada de variabilidade, é um sistema heterogêneo, capaz de se adaptar às mudanças pelas quais seus usuários passam. Tais mudanças são ainda mais visíveis no léxico, já que as palavras desempenham um papel central no funcionamento da língua.

5.3 Número de lexias presentes em cada dicionário

A terceira análise quantitativa tratou dos números de ocorrências das lexias em cada uma das obras lexicográficas selecionadas. Haja visto que tais obras foram editadas em épocas distintas, essa análise pode apontar indícios sobre haver casos de arcaísmos entre as lexias listadas. Na hipótese, por exemplo, de uma lexia estar presente em uma obra do século XIII e não estar presente nas obras do século XXI, é possível que essa lexia tenha se tornado arcaica. Além disso, outras possibilidades podem ser avaliadas: as lexias que estão presentes nas obras mais antigas, mas que não foram registradas pelas obras contemporâneas podem ter caído em desuso, o que pode ser, possivelmente, ser compreendido como consequência de mudanças pelas quais a língua tenha passado; a presença das lexias em obras de épocas muito distintas, pode indicar que houve manutenção daquelas formas na língua. Todas essas probabilidades, no entanto, precisam ser testadas para que seja possível chegar a conclusões. As próximas seções deste capítulo apresentarão tais testes.

O gráfico 3 apresenta os resultados sobre os números de ocorrências das lexias em cada um das obras lexicográficas consultados:

Gráfico 3: Número de ocorrências em cada dicionário



Como demonstra o gráfico 3, o dicionário *InFormal* apresentou o maior número de registros das lexias, 132 das 158. O número elevado de ocorrências no dicionário *InFormal* pode ser explicado com o fato de que se trata de uma obra virtual, construída com o auxílio de seus leitores. Sempre que um indivíduo ouve determinada palavra ou expressão que não está registrada, ele a envia aos responsáveis pelo dicionário *InFormal* que a publicam. Como tal publicação não é em uma obra física, inúmeras palavras e expressões podem ser incluídas no dicionário *InFormal* diariamente, já que o processo de inclusão das lexias em uma obra virtual não exige os mesmos procedimentos de registro em uma obra física, como a escolha por um tipo de papel, definições sobre a tiragem, etc.. Em contrapartida, nenhuma das lexias foi registrada pelo *EALMG*, o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. É possível que isso seja decorrente do fato de que o *EALMG* foi construído com cartas lexicais de campos semânticos muito específicos, ao contrário deste trabalho que listou palavras e expressões de forma ampla, sem se preocupar com o campo semântico a que pertencem. Os dicionários *Aurélio* e *Houaiss* apresentaram números bastante similares de lexias registradas, 120 e 110 respectivamente. Provavelmente, isso se explica pelo fato de que se trata de duas obras contemporâneas com propósitos semelhantes. Além disso, este estudo é sobre a língua em uso, na atualidade, em uma cidade brasileira, sendo assim, é mais provável que as palavras e expressões daquela cidade estejam registradas em obras contemporâneas. Com relação às obras mais antigas, observa-se um número considerável de ocorrências no *Diccionario da Lingua Brasileira*, publicado em 1832. Outrossim, Bluteau (1712-1728) e Silva e Bluteau (1789) apresentaram um número bastante relevante de registros, 35 ocorrências em cada uma

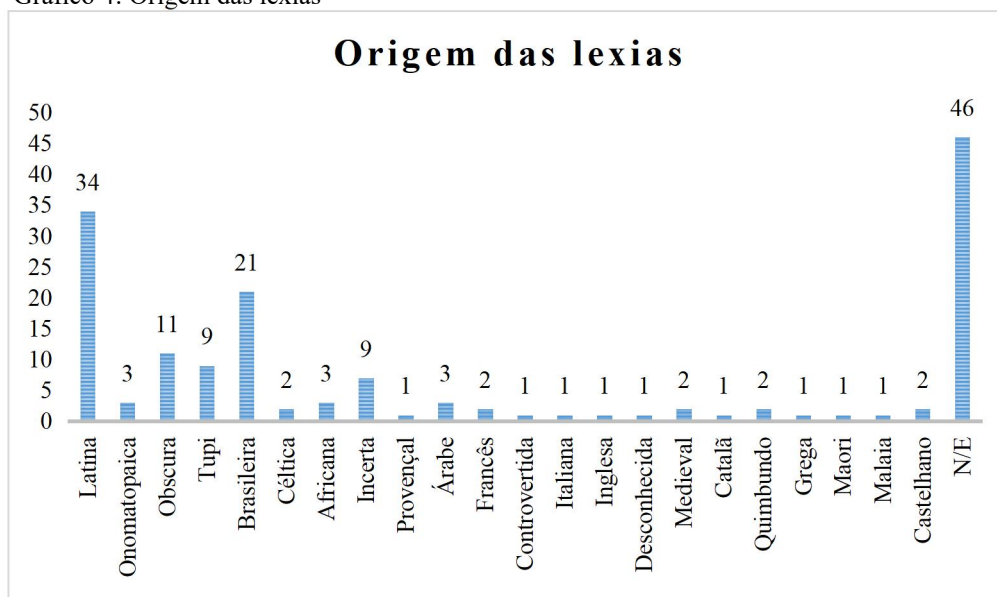
delas. O baixo número de ocorrências, 10, apresentado pela obra de Rubim (1853) pode estar relacionado ao fato de se tratar de uma obra complementar, o que faz dela uma publicação mais restrita, com um menor número de registros. Em Taunay (1914), foram encontradas 21 das lexias analisadas, número bastante considerável para uma obra que foi criada para subsidiar outros dicionários da língua portuguesa, o que faz com que essa também não seja uma obra muito extensa. Se forem comparadas as extensões de Rubim (1853) e Taunay (1914), no entanto, constata-se que a segunda é bem maior. Rubim (1853) é composta por 80 páginas, ao passo que Taunay (1914) é composta por 223 páginas. Essa seria a explicação para o fato de um número maior de lexias ter sido encontrado em Taunay (1914) em relação a Rubim (1853). Uma análise mais apurada sobre a presença das lexias em obras mais antigas será discutida de forma mais detalhada na seção 4.6 que trata de variação, manutenção e mudança em relação às lexias estudadas por este trabalho. As ocorrências das lexias em *O Dialeto Caipira*, Amaral (1976), serão melhor analisadas na seção 4.6, intitulada *Consulta a outros trabalhos lexicológicos*, que recorre a trabalhos que analisaram o léxico rural em diferentes regiões do estado de Minas Gerais. Com relação ao dicionário *Etimológico da Língua Portuguesa*, observa-se que ele apresentou menos da metade das lexias analisadas por este trabalho.

Como aponta Biderman (2006, p. 35), “à medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante”. E o léxico vai assumindo dimensões gigantescas sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário.

5.4 Origem das lexias

A seção 5.4 discorre sobre a origem das lexias. Para essa análise, tomou-se como referência principal Cunha (2010). Quando determinada lexia não foi encontrada nessa obra, acatou-se a origem etimológica apresentada por Ferreira (2010). Caso não fosse encontrada em nenhuma das duas obras a origem de determinada lexia, considerava-se as outras obras. Ainda assim, houve lexias das quais não se encontrou a origem em nenhuma das obras consultadas e, nessa situação, deu-se à origem da lexia o rótulo N/e, não encontrada. O gráfico 4 apresenta os números relacionados às origens das lexias:

Gráfico 4: Origem das lexias



Como demonstra o gráfico 4, 46 das 158 lexias não teve sua origem encontrada em nenhuma das obras consultadas. Dessas, 27 estão dicionarizadas, no entanto, as obras que as registraram não apresentaram sua origem. Além disso, 12 das 158 lexias foram encontradas apenas no dicionário *InFormal* e essa obra não registra a origem das lexias as quais publica. É importante ressaltar que dicionários como o *InFormal* não são completamente confiáveis, haja visto que são de construção livre, ou seja, o envio das lexias a serem nele incluídas é feito por seus usuários de todo o território brasileiro e, pelo que se observa, o registro é realizado da forma como foi recebido. Já que, como demonstra o exemplo, a seguir, retirado do próprio dicionário *InFormal*, até mesmo o nome da pessoa que fez o envio é citado:

1. *Macuco*

*Significado de **Macuco** Por José Luiz (SP) em 05-10-2009*

Outrossim, ao que tudo indica - tendo em vista que não há o registro dessa informação naquela obra - essas pessoas que constroem dicionários como o *InFormal* não são estudiosas da língua, portanto, alguns fatos importantes sobre a linguística acabam passando despercebidos por essas pessoas. É preciso lembrar, como assevera Haensch et al. (1982), que a missão da lexicografia, a elaboração de dicionários, deve ser empreendida em estreito contato com a linguística. Não se pode, no entanto, negar a contribuição que dicionários como o *InFormal* representam para a descrição da língua em uso, já que ele apresenta registros das

mais diversas regiões do país. Resta ao linguista, como já mencionado, consultá-lo de maneira responsável. Este estudo comparou os significados encontrados para as lexias no dialeto claudiense com os significados apresentados para o dicionário *InFormal* e em todas as consultadas percebeu-se que se os significados não eram semelhantes entre ambos, o significado do dicionário *InFormal* era semelhante aos encontrados nas outras obras lexicográficas consultadas por este trabalho.

As outras 14 lexias com origem desconhecida não apareceram na obra de Cunha (2010) e apesar de estarem nas outras obras lexicográficas, inclusive em Ferreira (2010), não tiveram sua origem esclarecida por tais obras. Para mais, 11 das palavras foram definidas por Cunha (2010) como sendo de origem obscura, 7 de origem incerta, 1 de origem controvertida e 1 de origem desconhecida. Sendo assim, 66 das lexias analisadas não têm sua origem definida. Como é possível perceber pelo gráfico, houve um número significativo de palavras de origem latina, 34, o que corresponde a 22% do total de lexias analisadas. O terceiro maior percentual referente à origem das lexias é aquele que contabiliza os brasileirismos.

O quadro 18 apresenta cada uma das lexias e suas respectivas origens:

Quadro 18 - Origem das lexias

Origem	Lexias
Latina	aborrecido, apear, arrolhado, arteiro, assear, cambota, canseira, casinha, coisa, courinho, custosa, eluir, encostar, enxó, fumo, mexer, moléstia, molho, moscar, orelhão, paiêro, palpíte, pedrada, pedrar, peia, pião, piorra, pousar, preguiça, ruço, solera, talha, terreiro, toada.
Onomatopaica	abafado, abafamento, topar,
Obscura	amoitar, enfronhado, enfronhar, farra, farrear, farrista, pajear, porrete, restolho, sapo, tiborna.
Tupi	arapuca, gabirola, jacá, paçoca, pipocar, pitar, quirera, soca, socó,
Brasileira	arrolhar, catigudo, catira, catireiro, chitão, crieri, embondo, fintar, futicar, guimba, lassear, lereia, lombeira, manguara, petecado, plasta, potoca, potoqueiro, quirela, tiú, vispa.
Céltica	atrapalhado, choca.
Africana	banzo, capanga, sambanga.
Incerta	beirar, berno, binga, boia, embornal, pataquada, peralta.
Provençal	pataca.
Árabe	bodoque, tareco, zinabre.
Francês	boiar, rolimã. <i>Continua</i>

Origem	Lexias
Controvertida	cachopa,
Italiana	cartucho.
Inglesa	estilingue.
Desconhecida	macuco.
Medieval	derrancado, levada.
Catalã	paiol.
Quimbundo	embondeiro, quitanda.
Grega	pito.
Maori	moa.
Malaia	sapeca.
Castelhano	amolada, colcha.
N/e	ajeitado, aprendente, beberola, beberreira, buduegue (baldroega), catiolar, changuanha, chocaria, coisera, coiserada, custosice, derrancar, distraimento, embarrancado, embarrancar, embondar, enfarada, enfaramento, engonha, escanhotada, escanhotar, espinhenta, estilingar, finca, futico, futiqueiro, guaspa, janguana, lasseada, lereiada, lereiar, macuquento, mangada, minchoco, morrada, muriçaia, petecar, peteco, pirunga, plasteza, plasticice, precata, quentadinho, quento, rolão, seremeia.
	<i>Concluído</i>

5.5 Consulta a outros trabalhos lexicológicos

Durante a construção dos referenciais que embasariam este trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica que revelou algumas pesquisas com traços bastante similares ao que se pretende aqui, analisar a identidade lexical de determinada comunidade. Tais pesquisas - desenvolvidas por Souza (2008), que estudou o léxico de Águas Vermelhas, no Norte de Minas Gerais, Ribeiro (2010), que analisou o léxico de Passos, na região sul do estado de Minas Gerais, Freitas (2012), que investigou o léxico da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana mineira, Cordeiro (2013), que estudou o léxico de Minas Novas, município do Vale do Jequitinhonha e Miranda (2015), que analisou o léxico da fala de moradores da cidade de Datas, localizada no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais - no entanto, assumiram como foco o léxico rural e esta pesquisa surgiu com o interesse de entender a identidade lexical da cidade de Cláudio, Minas Gerais. Não foi estipulada nenhuma delimitação, não se pretendeu estudar, exclusivamente, o léxico rural, até porque não seria possível afirmar, categoricamente, que o falar claudiense apresentava quaisquer elementos lexicais

provenientes do falar rural, já que a identidade lexical do dialeto claudiense é, justamente, o que se busca saber aqui. Ao se examinar as fichas lexicográficas e os glossários construídos por cada um dos citados trabalhos, porém, foram encontradas algumas lexias que estão presentes também no *corpus* constituído para a pesquisa sobre a cidade de Cláudio. Esse fato, certamente, não poderia ser ignorado, haja visto que há uma distância geográfica bastante considerável entre cada uma dessas localidades e a cidade de Cláudio, como demonstra os mapas⁴⁴ apresentados a seguir:

Mapa 2
Localização do município de Águas Vermelhas



Fonte: familysearch.org/pt

Mapa 3
Localização do município de Passos



Fonte: familysearch.org/pt

Mapa 4
Localização do município de Santana do Riacho



Fonte: familysearch.org/pt

Mapa 5
Localização do município de Jaboticatubas



Fonte: familysearch.org/pt

⁴⁴ Disponíveis em: <https://www.familysearch.org/pt/wiki/> acesso em dez. 2023

Mapa 6

Localização do município de Minas Novas



Fonte: familysearch.org/pt

Mapa 7

Localização do município de Datas



Fonte: familysearch.org/pt

Mapa 8

Localização do município de Cláudio



Fonte: familysearch.org/pt

Como é possível observar pelos mapas apresentados, as localidades nas quais cada um dos pesquisadores desenvolveu sua pesquisa são distantes geograficamente. Contudo, foram encontradas, como já mencionado, nos *corpora* constituídos para a pesquisa sobre Águas Vermelhas, Passos, Santana do Riacho, Jaboticatubas, Minas Novas e Datas lexias que também estão presentes no *corpus* da pesquisa sobre Cláudio. Por essa razão, achou-se conveniente fazer um estudo de cada uma das pesquisas supracitadas para que fosse possível entender as razões pelas quais essas lexias coincidem nos *corpora*. A seguir, serão apresentados resumos de cada uma das citadas pesquisas.

Souza (2008) pesquisou o léxico do município de Águas Vermelhas no Norte de Minas. O objetivo da pesquisa do autor era realizar um estudo linguístico-histórico-cultural do município em questão, tendo como foco o campo semântico do mundo rural. Souza (2008) pretendeu comprovar que, mediante um estudo lexical, é possível conhecer um pouco da

história e cultura local de um povo ou comunidade. A pesquisa contou com um *corpus* constituído com dados extraídos de 15 entrevistas orais. As idades dos entrevistados, 9 mulheres e 6 homens, variavam entre 70 e 100 anos. Todas as pessoas entrevistadas por Souza (2008) eram lavradoras ou trabalhadoras do lar. Além disso, 13 dessas pessoas eram analfabetas e as outras duas estudaram apenas até a 4ª série do ensino fundamental I. Segundo Souza (2008), seu interesse por estudar o léxico de Águas Vermelhas se deu pelo fato de que o município faz parte de uma das rotas de entradas e bandeiras mais antigas do território mineiro, a entrada de Spinosa e Navarro no ano de 1554. Ainda conforme Souza (2008), as fazendas e currais que ali se desenvolveram tornaram-se o principal motivo de povoamento da região. Para suas análises, Souza (2008) se valeu da Sociolinguística (Labov, 1972 e Milroy, 1992), da Antropologia Linguística (Duranti, 2000 e Hymes, 1964) e das teorias dos campos lexicais (Biderman, 1978, 1998 e 2001, Coseriu, 1977). Ademais, o autor consultou o conceito de região cultural de Diégues Jr. (1960) e os estudos históricos da região de Águas Vermelhas de Magalhães (1935), Zemella (1990) e Abreu (1963 e 1982). Ao final de suas investigações, Souza (2008) concluiu que há, no léxico de Águas Vermelhas, casos de retenção linguística, de variações de mudanças linguísticas ao longo do tempo, além da existência, naquela comunidade, de um vocabulário regional, bem como casos de influências lexicais da região nordeste do Brasil, sobretudo da Bahia. É pertinente esclarecer que Souza (2008) arrolou 258 lexias, as quais foram consultadas nas obras de Amaral (1976), Bluteau (1712-1728), Cunha (1996), Ferreira (1999) Freire (1957), Silva (1813) e dispostas em fichas.

Ribeiro (2010) estudou o vocabulário rural do município de Passos, localizado na mesorregião sul/sudeste do estado de Minas Gerais. Segundo a autora, o município está inserido em uma área denominada geo-historicamente como “Sertões do Jacuhy”, alvo de disputa, em épocas passadas, entre os governos de Minas e São Paulo. De acordo com Ribeiro (2010), a proposta de seu trabalho é mostrar que os estudos lexicológicos apontam estreita relação entre o homem e a cultura e o ambiente em que se inserem. O referencial teórico de Ribeiro (2010) coincide com o de Souza (2008) em Labov (1972), Milroy (1992), Biderman, (1978, 1998 e 2001), Duranti (2000), Hymes (1964) e Diégues Jr. (1960). Além disso, a autora se valeu da obra de Isquerdo (2007), Cardoso e Ferreira (1994). O trabalho de Ribeiro (2010), que seguiu o modelo laboviano e coletou dados em 15 entrevistas orais realizadas na zona rural de Passos. Os participantes da pesquisa de Ribeiro (2010), 9 homens e 6 mulheres, eram pessoas com idades entre 70 e 95 anos. 9 dessas pessoas eram lavradoras e 6 trabalhadoras do lar. Além disso, 12 das pessoas que cederam seus dados de fala a Ribeiro (2010) eram analfabetas e 3 pessoas não ultrapassaram a 4ª série do ensino fundamental I.

Após a transcrição de suas entrevistas, Ribeiro (2010) listou 337 lexias e, assim como Souza (2008), consultou Amaral (1976), Bluteau (1712-1728), Cunha (1996), Ferreira (1999) Freire (1957), Silva (1813) e construiu fichas com os dados selecionados. De acordo com a autora, foram encontrados casos de retenções, variações e mudanças linguísticas ao longo do tempo, além da existência de um vocabulário regional e de casos de influências vindos do vocabulário do interior paulista.

Freitas (2012) analisou o léxico rural da região da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana mineira. Consoante a autora, a área a qual pesquisou abrange parte de dois municípios mineiros, Jaboticatubas e Santana do Riacho, que se caracterizam por seu caráter predominantemente rural. O estudo de Freitas (2012) se propõe a tornar mais evidente a relação entre língua e sociedade. Para apresentar essa relação, Freitas (2012) buscou as obras de Labov (1972), Hymes (1964), Coseriu (1977) e Duranti (2000), além de Saussure (1989). Os dados de Freitas (2012) - 335 lexias - foram extraídos de 12 entrevistas orais. Conforme Freitas (2012), foram selecionadas lexias que pareciam retratar os costumes e a cultura da região na qual a pesquisa foi realizada. Cederam seus dados de fala para a investigação de Freitas (2012) 4 homens e 8 mulheres - cujas idades variavam entre 70 e 100 anos. Dos falantes, 8 eram lavradores e 4 eram trabalhadores do lar. Seu grau de escolaridade eram: nenhuma, 10 pessoas e 1ª à 4ª série, 2 pessoas. Tal como Souza (2008) e Ribeiro (2010), Freitas (2012) consultou Amaral (1976), Bluteau (1712-1728), Cunha (1996), Ferreira (1999) Freire (1957), Silva (1813), além dos glossários construídos por Souza (2008) e Ribeiro (2010) em seus respectivos trabalhos. Por fim, Freitas (2012) construiu fichas com as lexias analisadas.

Cordeiro (2013) investigou o vocabulário rural de Minas Novas, município do Vale do Jequitinhonha. O *corpus* foi constituído com os dados extraídos de 12 entrevistas orais com os moradores da zona rural daquela cidade. Todos os entrevistados eram de faixa etária superior a 70 anos e tinham baixo grau de escolaridade⁴⁵. Dessas entrevistas foram selecionadas 312 lexias, as quais foram consultadas nas obras de Amaral (1976), Bluteau (1712-1728), Cunha (1996), Ferreira (1999) Freire (1957), Silva (1813). Tendo consultado todos os dicionários, Cordeiro (2013) elaborou fichas nas quais apresentou os significados encontrados para cada uma das lexias descritos pelas obras lexicográficas. Mediante tais averiguações, Cordeiro (2013) concluiu que existem casos de retenções linguísticas e arcaísmos no vocabulário de Minas Novas. Além disso, Cordeiro (2013) afirma que, mediante sua pesquisa, o léxico é capaz de revelar aspectos históricos, ideológicos, sociais e culturais de um povo. Cordeiro

⁴⁵ Cordeiro (2013) não deixa claro em seu trabalho a idade e a escolaridade exatos de seus entrevistados.

(2013) detectou ainda a existência de um vocabulário próprio do meio rural, comum a outras regiões do Brasil. Não foi possível, consoante a Cordeiro (2013), confirmar que o vocabulário usado pelos falantes de Minas Novas tenha sofrido forte influência da mineração, pois foram poucas as lexias encontradas que tivessem relação com o garimpo. Vale arrazoar que o trabalho de Cordeiro (2013) se embasou em Labov (2008), Milroy (1987, 1992), Biderman (1978, 1998, 2001, 2002), em Duranti (2005) e em Diégues Jr. (1960) para a consolidação de sua pesquisa.

Miranda (2015) descreveu e analisou o léxico da fala de moradores da cidade de Datas, localizado no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. A autora assevera que seu trabalho entende que o léxico revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade de um grupo. Miranda (2015) fundamentou seu estudo em Matoré (1953), em Baldinger (1970), em Barbosa (1995), Biderman (1998, 1999 e 2001), Haensch (1982) e Labov (1972). Os dados de Miranda (2015) foram obtidos mediante entrevistas orais com 31 falantes. Tais falantes eram de faixas etárias bastante distintas, havia tanto pessoas com 27 anos de idade, quanto pessoas de 85 anos. A maior parte dessas pessoas eram trabalhadoras do garimpo, apenas uma era professora, uma dona de casa e uma fazendeira. Miranda (2015) listou 629 lexias as quais foram consultadas nas obras de Bluteau (1712-1728), Cunha (1996), Ferreira (1999) Freire (1957), Silva (1813). Após a consulta minuciosa das lexias nas obras citadas, Miranda (2015) construiu fichas que detalhavam os significados encontrados para cada uma das lexias. Em seu estudo, Miranda (2015) constatou que das 629 lexias as quais listou, 410 estão relacionadas ao meio rural e 219 lexias estão relacionadas ao garimpo. Sendo assim, a autora confirmou sua hipótese inicial, há na região estudada por Miranda (2015) um léxico bastante peculiar e a linguagem dos remanescentes de comunidades garimpeiras é o que justifica tal peculiaridade.

O quadro 19 apresenta as lexias comuns às pesquisas de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) e ao presente trabalho:

Quadro 19 - lexias comuns às pesquisas de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) e a este trabalho

Águas Vermelhas Souza (2008)	Passos Ribeiro (2010)	Serra do Cipó Freitas (2012)	Minas Novas Cordeiro (2013)	Datas Miranda (2015)	Cláudio Este trabalho
-	Apiar	Apiar	-	Apiar	Apiar
Arapuca	-	-	-	-	Arapuca
-	-	-	-	Arroiado	Arroiado
-	Berno	-	-	-	Berno
					<i>Continua</i>

Águas Vermelhas Souza (2008)	Passos Ribeiro (2010)	Serra do Cipó Freitas (2012)	Minas Novas Cordeiro (2013)	Datas Miranda (2015)	Cláudio Este trabalho
Bodoque	-	-	Bodoque	-	Bodoque
-	Cambota	-	-	-	Cambota
Capanga	-	Capanga	-	Capanga	Capanga
-	Catingudo	-	-	-	Catingudo
-	Coisera	-	-	-	Coisera
-	Coiserada	-	-	-	Coiserada
-	Feijão pagão	-	-	-	Feijão pagão
-	Gabiroba	-	-	-	Gabiroba
-	Garrar	Garrar	-	-	Garrar
-	Golo	-	-	-	Golo
-	Jacá	-	-	-	Jacá
-	Macuquento	-	-	-	Macuquento
-	-	Manguara	-	-	Manguara
-	-	-	Macuquim (macuco)	-	Macuco
-	Nó cego	-	-	-	Nó cego
-	-	-	Paçoca	Paçoca	Paçoca
-	Paiol	Paiol	-	-	Paiol
-	Pião	-	-	-	Pião
-	Posar	-	-	-	Posar
-	Precata	-	Precata	-	Precata
-	Quitanda	-	-	-	Quitanda
-	-	-	Rolão	-	Rolão
-	-	-	Taia	-	Taia (Talha)
-	Terreiro	Terreiro	-	-	Terreiro
-	-	-	-	Tibórnica	Tiborna
Topar	Topar	-	Topar	-	Topar
					Concluído

Das palavras e expressões expostas pelo quadro 5, 19 apresentam os mesmos significados em todos os trabalhos: Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) e neste trabalho. São elas:

Arapuca, berno, bodoque, capanga, catingudo, coisera, coiserada, feijão pagão, gabiroba, garrar, golo, jacá, macuquento, manguara, nó cego, quitanda, talha (taia), terreiro, topar.

Outras 11 lexias apresentaram, nos trabalhos de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015), sentidos distintos daqueles encontrados por este estudo. São elas:

1. *Apiar* - Em Cláudio, além ‘descer de alguma condução’, como aparece nas outras localidades, *apiar* é sinônimo de ‘amarrar, principalmente animais, com a *peia*, uma espécie de corda’.
2. *Arroiado*, no falar claudiense, é o mesmo que ‘endividado, ou mesmo cheio de trabalho a fazer’. Nas outras localidades, *arroiado* é o mesmo que ‘cheio, transbordando’.
3. *Cambota*, no falar claudiense é o mesmo que ‘tombo’. Nas outras localidades, o termo se refere a ‘uma peça do carro de boi’.
4. *Macuco*, em Cláudio, é o mesmo que ‘sujeira’. Nas outras localidades é uma espécie de árvore.
5. *Paçoca*, em Cláudio, é um termo utilizado para se referir a uma pessoa descuidada, desprevenida. Na outras localidades, *paçoca* é um ‘prato feito com carne socada no pilão’.
6. *Paiol*, em Cláudio, é o mesmo que ‘cigarro de palha’. Nas outras localidades, *paiol* é um ‘local para se estocar produtos de uma colheita’.
7. *Precata*, em Cláudio, é o mesmo que ‘sandália feita de couro ou de pneu’. Na outras localidades, *precata* é ‘alça de arreio’.
8. *Posar*, em Cláudio, é o mesmo que ‘zombar de alguém’. Nas outras localidades, *posar* é o mesmo que ‘se hospedar, ou parar em algum lugar’.
9. *Rolão*, em Cláudio, é o mesmo que ‘cigarro de palha’. Nas outras localidades, *rolão* é algo como o um pavio: ‘algodão e azeite para se colocar fogo’.
10. *Tiborna (tibórnia)*, em Cláudio, é ‘qualquer bebida ruim, sem gosto, fria ou fraca’. Nas outras localidades, *tibórnia* é uma ‘comida feita com raspa de angu e leite’.
11. *Pião*, em Cláudio, ‘Brinquedo cônico que ao ser desenrolado - ao solo - de uma corda deve girar pelo maior tempo possível, o que depende da habilidade do jogador’. Nas outras localidades, *pião* foi utilizado no sentido de pessoa que trabalha com gado.

As diferenças de sentido encontradas para cada uma das 11 lexias anteriormente citadas corroboram, novamente, Biderman (2006), os dicionários não conseguem acompanhar a ampliação do léxico. O surgimento de novas palavras ou a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes acontece o tempo todo, o dinamismo, assim como a heterogeneidade, é inerente a qualquer língua natural.

De acordo com Biderman (1999), o vocabulário não é criado pelo indivíduo, mas sim adquirido através do processo social da educação. Esse processo de educação social faz com que o homem adquira tanto a língua quanto o vocabulário da comunidade à qual pertence. Labov (2008, p. 21 [1972]), por sua vez, declara que as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. A presença de um léxico rural na fala dos moradores de Cláudio corrobora as afirmações dos autores. Como apresentado no capítulo 2 deste trabalho, intitulado *A cidade de Cláudio*, os claudienses possuem uma vida bastante ligada ao meio rural e, em sua fala, como se confirmou através desta pesquisa, há reflexos da vida que levam. Como já mencionado, este trabalho não teve como foco exclusivo o vocabulário rural, mas, provavelmente, se assim tivesse sido, a pesquisadora teria detectado um número bem mais elevado de lexias relacionadas ao meio rural. Nenhuma pesquisa, porém, se esgota, portanto, é possível que, posteriormente, um estudo exclusivo sobre o léxico rural da cidade de Cláudio seja empreendido.

Como se confirma mediante o quadro 19, 28 lexias e duas unidades complexas do léxico que fazem parte do *corpus* constituído para a pesquisa sobre a cidade de Cláudio⁴⁶ estão presentes também no *corpus* de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015). Esse número representa 14% do total das lexias e unidades complexas do léxico extraídas da fala dos moradores de Cláudio. Como já mencionado, este trabalho não teve como foco exclusivo o estudo do léxico rural, no entanto, encontrar no dialeto claudiense elementos lexicais pertencentes ao meio rural desperta o interesse da autora deste trabalho por empreender uma pesquisa com aquele foco.

Como já mencionado, todos os trabalhos - Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) - foram classificados por seus autores como sendo estudos do léxico rural. Sendo assim, todas as lexias arroladas pelos autores são pertencentes à fala rural. E se essas estão presentes também no falar claudiense, pode-se dizer que o meio rural influencia a fala dos moradores de Cláudio.

Como apontado na seção 3.1.4 do capítulo 3 deste trabalho, os moradores da cidade de Cláudio apreciam bastante o meio rural, é comum que tanto os mais jovens, quanto os mais velhos, passem seus finais de semana “na roça” como dizem. Aliás, é recorrente que os claudienses vivam na cidade e mantenham uma propriedade rural, na qual se instalam aos

⁴⁶ Para se chegar aos percentuais de lexias deste estudo presentes também nos outros trabalhos, somou-se as lexias e as unidades complexas do léxico, já que nos referidos trabalhos, Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015), esses dados são colocados no mesmo rol. Sendo assim, considerou-se neste estudo 191 ocorrências, que isoladas são 158 lexias e 33 unidades complexas do léxico.

finais de semana. Além disso, as pessoas da área rural frequentam bastante a área urbana, é muito comum que elas se desloquem até a área urbana para vender produtos de suas propriedades, como ovos, verduras, queijos, doces, polvilho, ou mesmo que venham pagar suas contas em redes bancárias, comprar suprimentos e mesmo visitar os que estimam. A pequena distância geográfica entre as áreas urbana e rural propicia o constante deslocamento dos claudienses. Sendo assim, o contato entre as pessoas da área urbana e as pessoas da área rural é bastante intenso e, conseqüentemente, isso se reflete na língua, pois, como assevera Labov (2008 [1972]), língua e sociedade são indissociáveis.

5.6 Número de ocorrências das lexias

Nesta seção serão apresentados os números de ocorrências de cada lexia. Optou-se por apresentar todas as ocorrências, inclusive aquelas pouco expressivas, porque as lexias aqui apresentadas surgiram para a pesquisa de formas distintas, portanto, o fato de apresentar uma pequena ocorrência, não significa que a palavra não seja, amplamente, utilizada. Inicialmente, ao criar seus primeiros vínculos com a cidade de Cláudio, a pesquisadora interessou-se por algumas palavras que ouviu naquela cidade, sendo assim, tomou nota delas. Ao iniciar a coleta dos dados, as conversas foram conduzidas - com perguntas direcionadas⁴⁷- de forma que se confirmasse, ou não, o uso daquelas palavras no falar dos moradores de Cláudio. Desde as primeiras entrevistas, portanto, as lexias listadas pela pesquisadora já apareceram nas conversas para coleta de dados. Ao longo das entrevistas, contudo, novas lexias despertaram o interesse da pesquisadora e essas foram adicionadas à lista de palavras a serem analisadas. Dessa forma, não há paridade com relação ao número de ocorrências das lexias, considerando que algumas delas passaram a fazer parte do roteiro das entrevistas muito posteriormente às outras. Apresentar o número de ocorrências, todavia, é relevante para que novas pesquisas que venham a ser realizadas sobre o falar claudiense avaliem se, realmente, aquelas lexias são mesmo recorrentes na fala dos moradores de Cláudio, ou mesmo se elas estão em variação com outras palavras não citadas por este trabalho. Enfim, muito se pode explorar sobre essas ocorrências, o que não se pode é ignorar tais lexias por elas terem aparecido pouco ao longo das entrevistas. A seguir o número de ocorrências de cada lexia:

⁴⁷ O roteiro de entrevista com tais perguntas encontra-se no apêndice 6 deste trabalho.

Quadro 20 - Número de ocorrências de cada lexia

Lexia	Número de ocorrências
abafamento, amolada, aprendente, arapuca, arrolhar, beberola, bodoque, casinha, catingudo, chitão, eluir, embarrancado, embarrancar, enfronhado, escanhotar, farrear, farrista, futico, futiqueiro, guimba, laseada, lereiada, levada, mangada, moa, moléstia, muriçaia, orelhão, paçoca, paiol, pajear, pataca, pataquada, peia, pipocar, pirunga, porrete, pousar, rolão, ruço, sapeca, socó, solera, tiú, toada, topar, vispa	1
berno, buduegue, cartucho, catireiro, coisa, derrancado, derrancar, enxó, estilingue, fintar, fumo, molho, piorra, plasta, plasteza, plasticice, quentadinho, rolimã, tareco	2
pedrada, beirar, aborrecido, courinho, distraimento, embondar, embornal, guaspa, janguana, moscar, minchoco, pião, quento, restolho, sapo, talha	3
arteiro, binga, assear, finca, gabirola, moscar, terreiro.	4
coiserada, preguiça, quitanda, seremeia	5
coisera, mexer, quirera	6
changuanha, embondo, escanhotado, peralta, petecado, potoqueiro	7
lombeira	9
cambota	10
encostar, paiero, petecar	12
abafado, estilingar	13
enfronhar	14
apear	15
espinhenta	16
beberreira, palpite	17
amoitar, peteco	18
boiar, banzo	19
lereiar, quirela	20
cachopa, canseira	21
custosice, potoca	22
atrapalhado ('trapaiado'), catiolar, colcha, pitar	23
boia, pedrar, sambanga	24
macuquento, zinabre	25
ajeitado ('jeitado')	26
catira, manguara	27
jacá	28
arrolhado ('arroiado')	29
embondeiro, futicar	31
lereia	34
tiborna	35
enfaramento, engonha	36
enfarada	38
precata, soca	43
capanga	44
cricri, macuco	46
	<i>Continua</i>

pito	55
chocaria	57
choca, custosa	59
lassear	60
farra, morrada	62
	Concluído

5.7 Das influências que a fala exerce sobre as palavras

Amadeu Amaral, que em sua conhecida obra, *O Dialeto Caipira*, tece algumas considerações ao citar a importância de se descrever a língua falada nas diversas regiões brasileiras, faz as seguintes recomendações:

[...]

- b) Indicar, sempre que for possível, se se trata de dicção pouco usada ou frequente, e se geralmente empregada ou apenas corrente em determinado grupo social;
- c) Grafá-la sempre tal qual for ouvida. Por exemplo, se ouvirem pronunciar *capuêra*, escrever *capuêra* e não capoeira. Isto é essencial, e há muitíssimas coleções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando, ou passando pouco de meras curiosidades;
- d) Se houver diferentes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade;
- e) Sempre que se possa dar-se má interpretação à grafia adotada, explicar cumpridamente os pontos duvidosos [...] (Amaral, 1920, p. 44).

Amaral, certamente, tinha conhecimento das influências que a fala exerce sobre a língua. Segundo Koch et al. (1990), a escrita é o resultado de um processo, portanto, ela é estática. A fala, ao contrário, é o próprio processo e, como tal, é dinâmica. Assim sendo, enquanto no texto escrito há a possibilidade de planejamento, de correções ou mesmo de revisões, a fala emerge no momento da interação, ela é o seu próprio rascunho. Ainda que de autoria desconhecida e de uso extremamente popular, é possível citar um excerto muito utilizado pelas pessoas que querem ressaltar a importância de se pensar bem naquilo que se diz: “Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”. De acordo com a citação, algo dito jamais poderá ser corrigido, aquilo que o interlocutor entender é o que será. Verdade é que a fala, como já posto, é dinâmica, o que pode fazer com que a variação linguística aconteça de forma mais ágil na fala do que na escrita. Em uma situação de comunicação, por exemplo, o falante pode dizer algo ao seu interlocutor e esse pode entender o que foi dito de forma equivocada e, ao reproduzir o que ouviu, fazê-lo não da forma como aquele falante pronunciou. Além disso, é possível que, por

alguma razão, o falante não consiga pronunciar determinada palavra da forma como ela está grafada nas obras lexicográficas normativas e, ao se comunicar com alguém, pronuncie tal palavra da forma como lhe é correta. Seu interlocutor, que nunca havia ouvido aquela palavra antes, entende que essa é a única forma que ela possui. Todas essas situações fazem com que as palavras e expressões de uma língua sofram variações, a fala, por ser dinâmica, como dito, exerce uma grande influência na língua. A língua faz com que a escrita mude, por exemplo, é comum que as obras lexicográficas normativas acabem por registrar termos modificados pela fala que adquiriram amplo uso entre os falantes. Ferreira (2010), por exemplo, registra o termo *zinabre* como variação para *azinhavre*⁴⁸. Não se afirma aqui que *zinabre* seja uma modificação - provocada pela fala - da palavra *azinhavre*. Para tal afirmação, seria necessário ter acompanhado esse processo de modificação. No entanto, se são registradas duas formas para o mesmo significante, houve, em algum momento, alguma variação na forma desse significante. Pois como assevera Biderman:

a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais. (Biderman, 2006, p. 35).

Durante o levantamento das lexias analisadas por este trabalho, observou-se algumas variações entre as formas como essas lexias são pronunciadas. Isso, muitas vezes, fez com que a pesquisadora ficasse em dúvida com relação àquilo que o falante queria dizer. Em outros momentos, pensou-se que aquela palavra pronunciada pelo entrevistado era uma forma inovadora. Desfazer tais equívocos só foi possível mediante uma busca aprofundada nas obras lexicográficas selecionadas, mas, sobretudo, a consulta a outros trabalhos lexicológicos - como aquela demonstrada na seção 5.5 deste trabalho - e a documentos e dicionários disponibilizados pela internet. Esses últimos, como já mencionado, são mais democráticos e mais dinâmicos, dessa forma, é mais fácil que se encontre neles um maior número de registros. Além disso, por serem construídos por falantes que observam a língua em uso, as palavras registradas não sofrem o rigor da norma padrão, elas são registradas da forma como são pronunciadas, como recomenda Amaral (1920).

⁴⁸ Camada verde de carbonato de cobre que se forma nos objetos de cobre expostos ao ar e à umidade. Ferreira (2010)

Com o exposto, esta seção se dispõe a apresentar palavras que, ao serem analisadas, apresentaram variação na forma como produzidas. O quadro 21 apresenta tais palavras:

Quadro 21 - Palavras que apresentam variação

Palavras que apresentam variação
assear, berno, buduegue, cambota, coiserada, eluir, futiqueiro, plasteza, plasticice, precata, quirela, quirera, tiborna, vispa, zinabre

Assear e lassear - Dentre as lexias listadas para esta pesquisa, foram arroladas *lassear* e *assear*. Ambas apresentaram - no dialeto claudiense - o mesmo significado ‘afrouxar, relaxar.’ Tendo em vista que apenas *lassear* está dicionarizada com aquele sentido encontrado no dialeto claudiense, provavelmente, *assear* surgiu como variação de *lassear*.

Berno - *Berno* aparece em Ribeiro (2010) e, segundo a autora, essa lexia é pertencente ao vocabulário rural. Ferreira (2010) registra 3 formas para essa lexia: *berno*, *berne* e *bérnio*. Em Cláudio, assim como aconteceu com o trabalho de Ribeiro (2010), apareceu apenas a forma *berno*, o que fez com que este trabalho concluísse que há em do dialeto claudiense elementos da fala rural.

Buduegue - Inicialmente, ao se deparar com a lexia *buduegue*, a pesquisadora não foi capaz de entender exatamente do que se tratava. Sabia-se apenas que se tratava de um vegetal, mas não se sabia de qual espécie. Foi apenas em uma conversa com a orientadora deste trabalho que o termo *beldroega* surgiu como possibilidade para se referir àquilo que uma das pessoas entrevistadas para esta pesquisa se referiu como *buduegue*. Tendo em vista a semelhança entre o significado para *buduegue* apresentado pelo falante entrevistado e o significado de *beldroega* apresentado por Ferreira (2010), constatou-se que *buduegue* e *beldroega* são variações do mesmo termo.

Cambota e Eluir - Com relação a essas duas lexias, será apenas levantada uma hipótese. *Cambota* e *eluir*, no dialeto claudiense, significam, respectivamente, ‘tomar um tombo’ e ‘não desenvolver’. Assim, tendo em vista os seus significados, considerou-se aqui a possibilidade de que *cambota* seria uma espécie de encurtamento de *cambalhota* e *eluir* seria uma espécie de encurtamento de *evoluir*. Como exposto, porém, essa é apenas uma hipótese e, como tal, fica como objeto de estudo para um trabalho futuro que a pesquisadora pretende realizar.

Coiserada - Essas duas lexias, *coiserada* e *futiqueiro*, não foram encontradas nas obras lexicográficas consultadas, no entanto, foram encontradas *coisarada* e *futriqueiro* no dicionário *InFormal*. Percebeu-se que *coiserada* é uma variação de *coisarada*, já que ambas

apresentam o mesmo significado: *coiserada*, no dialeto claudiense, é ‘um monte de coisas’, assim como *coisarada* o é no dicionário *InFormal*. O mesmo acontece com *futiqueiro* e *futriqueiro*, no dialeto claudiense, *futiqueiro* tem como significado ‘aquele que faz futico, que fala muito’, significado semelhante àquele encontrado para *futriqueiro* no dicionário *InFormal*.

Plasteza e *plastice* - Plasteza e plastice não estão dicionarizadas, mas, no dialeto claudiense, são variações para nomear o mesmo significado: Diz-se do ato de ser *plasta*, pessoa lenta que tem dificuldades para entender ou realizar algo.

Precata - Durante as entrevistas, com as definições que os falantes apresentavam para *precata*, a pesquisadora percebeu a semelhança entre as pronúncias de *precata* e *alpercata*. A consulta às obras lexicográficas selecionadas revelou que *precata* não é dicionarizada, no entanto, seu significado no dialeto claudiense é igual ao significado de *alpercata* que aparece em Ferreira (2010) como ‘sandália feita de couro’.

Quirela e *Quirera* - São apresentadas por Ferreira (2010) como variações uma da outra e isso foi constatado no dialeto claudiense. Ambas as lexias são utilizadas com o mesmo sentido na fala dos claudienses, ‘milho, ou mesmo outros grãos, como o arroz, quebradinho’.

Tiborna - Miranda (2015) apresenta em seu trabalho a lexia *tibórnia*, no entanto, o sentido apresentado pela autora é distinto daquele encontrado no dialeto claudiense. Enquanto em Cláudio *tiborna* é ‘qualquer bebida ruim, sem gosto, fria ou fraca’. Em Datas, localidade pesquisada por Miranda (2015), *tibórnia* é uma ‘comida feita com raspa de angu e leite’. A semelhança entre as duas formas no entanto, *tiborna* e *tibórnia* faz com que a pesquisadora acredite que ambas são variações uma da outra. Além disso, novos significados são atribuídos às palavras sempre que o falante percebe tal necessidade e isso pode ter acontecido com as lexias em questão.

Vispa - As obras consultadas não apresentam o termo *vispa*, no entanto, *vispora* aparece naquelas obras com o mesmo significado de vispa no dialeto claudiense, ‘jogo, nos dias atuais, conhecido como loto ou bingo’.

Zinabre - Ferreira (2010) apresenta o termo *zinabre* como uma variação para *azinhavre*.

5.8 Variação, mudança e manutenção

As línguas naturais são intrinsecamente dinâmicas, o que faz com que elas sejam também heterogêneas. À vista disso, não é raro que a língua apresente a seus falantes mais de

uma forma para o mesmo referente, seja esse referente um elemento do léxico, da semântica, da pragmática, ou mesmo da fonética ou da fonologia. A essa alternância das formas para o mesmo referente, Weinreich Labov e Herzog (2006 [1975]) denominam variação. Desse modo, é variação, por exemplo, a alternância entre dois termos como *custosa* e *peralta*, utilizados na cidade de Cláudio para se referir àquelas crianças que são bagunceiras⁴⁹. A variação não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico, ao contrário, ela permite que os falantes tenham mais possibilidades para a elaboração daquilo que querem dizer a seus interlocutores. É possível, contudo, que aquelas formas que coocorrem - como *peralta* e *custosa*, por exemplo - passem a “concorrer” entre si e uma delas “vença a batalha”, ou seja, é possível que, por alguma razão, os falantes passem a utilizar mais uma forma do que outra e, com o passar do tempo, a forma não utilizada seja deixada de lado. Quando uma variante - uma das formas possíveis para se dizer a mesma coisa - se sobrepõe à outra, acontece a mudança linguística.

Com a consulta às obras selecionadas para esta pesquisa, percebeu-se algumas situações distintas: algumas das lexias analisadas estão registradas tanto nas obras mais antigas, como a de Bluteau (1712), como nas obras mais recentes como a de Ferreira (2010) ou Houaiss (2021), com o mesmo sentido; lexias que estão presentes nas obras mais antigas, como a de Bluteau (1712), com sentido diferente daquele apresentado pelas obras mais atuais; lexias que estão presentes apenas nas obras mais recentes, como Ferreira (2010); lexias que estão presentes nas obras mais recentes, no entanto, com sentidos diferentes daqueles encontrados na fala dos moradores de Cláudio e lexias que não estão registradas nas obras lexicográficas consultadas. A seguir serão apresentadas as ocorrências supracitadas.

Inicialmente, são apresentadas aquelas palavras que apareceram nas obras mais antigas e nas obras atuais com o mesmo sentido:

Quadro 22 - Palavras que apareceram nas obras mais antigas e nas obras atuais com o mesmo sentido

Palavras que apareceram nas obras mais antigas e nas obras atuais com o mesmo sentido
arapuca, binga, bodoque, catingudo, courinho, distraimento, embarrancar, embornal, embarrancar, enfronhado, enfronhar, enxó, estilingue, fintar, gabirola, jacá, moléstia, pataca, peia, pião, piorra, quitanda, sambanga, talha, tareco, terreiro, topar, vispa, zinabre.

⁴⁹ Há, nos anexos deste trabalho, uma descrição completa dos usos desses termos no dialeto claudiense.

As lexias anteriormente apresentadas estão registradas em obras editadas entre os anos de 1712 e 1914 e continuam fazendo parte de obras mais atuais como Ferreira (2010) e Houaiss (2021), o que confirma a manutenção dessas palavras na língua. Como afirma Biderman (1998, p. 88), “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Se as palavras se mantiveram em uso, elas continuam conseguindo nomear e identificar as entidades da realidade observadas pelos seus usuários. Ainda mediante Biderman (1998, p. 88), “o homem organiza o mundo sensorial representando-o com a linguagem e mais especificamente com palavras”. Dessa forma, sempre que novas realidades do mundo sensorial forem colocadas diante do homem, esse sentirá a necessidade de ampliar seu vocabulário, precisará criar novas palavras para nomear suas novas descobertas. Por outro lado, o homem também tem a capacidade de relacionar novas realidades a palavras já existentes, ampliar os sentidos de termos já utilizados em sua comunicação. Assim, é bastante comum que as palavras de uma língua tenham seus sentidos ampliados e isso é perceptível entre as palavras listadas para este trabalho. As palavras a seguir aparecem, nos dicionários mais recentes, Ferreira (2010) e Houaiss (2021), com novos sentidos, com definições além daquelas encontrados nas obras editadas entre os anos de 1712 e 1914:

Quadro 23 - Palavras que aparecem nas obras atuais com novos sentidos

Palavras que aparecem nas obras atuais com novos sentidos
amolado, arteiro, boiar, canseira, capanga casinha, colcha, custoso, levada, moscar, orelhão, palheiro, pataquada, sapeca, soca

As palavras *arteiro* e *custoso* foram encontradas nas obras editadas entre os anos de 1712 e 1914 e nas obras atuais. No entanto, nas obras mais recentes foram acrescentados novos significados a elas. *Arteiro* nas obras mais antigas é um adjetivo utilizado para se referir somente a pessoas adultas e tem por definição ‘aquele que sabe artes de viver’, ou ‘aquele que é astuto, malicioso ou mesmo artiloso’. nas obras mais atuais, *arteiro* é utilizado para se referir àquelas crianças que aprontam, que bagunçam, ‘fazem artes’. *Custoso*, por sua vez, nas obras mais antigas, tem como definição ‘aquilo que é feito com custo, com grande despesa’. Nas obras mais recentes, *custoso* é também atribuído a crianças que dão trabalho a seus tutores, que aprontam bagunça e confusão. Aconteceu, como mencionado, a ampliação dos significados das duas lexias.

A *boiar* foi adicionado nas obras atuais o sentido de ‘almoçar, ou comer a boia’.

A *canseira*, nas obras atuais, foi acrescentado o sentido de ‘aquela pessoa cansativa, repetitiva’.

Capanga nos dicionários editados entre os anos 1712 e 1914 aparece com o sentido de ‘valentão que serve de guarda costas a algum fazendeiro ou senhor de engenho.’ Nos dicionários atuais, *capanga* é também ‘uma espécie de bolsa usada a tiracolo para que trabalhadores do campo guardem seus pertences.’

Casinha, que nas obras mais antigas era apenas o diminutivo de casa, nas obras atuais passa a ser também sinônimo de ‘latrina’ e de ‘posto de fiscalização alfandegária nas fronteiras ou portos’.

A *colcha*, nos dicionários atuais, foi acrescido o significado regionalista de ‘lugar onde o caldo cai’.

Levada, nas obras atuais, passa a ser também, sinônimo de ‘criança bagunceira’.

Moscar, nas obras atuais, passou a ser sinônimo de ‘não perceber, não compreender algo’.

Orelhão, nas obras mais recentes, passou a denominar ‘telefone público’. É interessante observar que esse “novo” uso para orelhão já não é mais tão novo, haja visto que os telefones públicos são muito raros na atualidade. Possivelmente, esse uso da lexia está em vias de deixar de ser recorrente na língua, já que o telefone não é mais utilizado.

Palheiro, nas obras atuais, passa a ser também sinônimo de ‘cigarro de palha.’

Pataquada, em obras atuais, é também sinônimo de ‘ato ou dito idiota ou fútil’.

A *sapeca*, nas obras atuais, foi adicionado o significado de criança bagunceira.

Soca, nas obras atuais, recebe o sinônimo de ‘ser colhido e agitado (o banhista) por uma grande onda; ir na *soca*’.

Em conformidade com Biderman:

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-linguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo.[...]: “Os critérios de classificação podem alterar-se e expandir-se para incluir realidades até então inexistentes como invenções novas, ou novas criações mentais dos seres humanos. (Biderman, 1998, pp. 88 e 90).

Assim sendo, novas palavras surgem sempre que as palavras já existentes não são suficientes para categorizar, para classificar os objetos pertencentes à realidade dos seres

humanos. Quando o vocabulário que os humanos têm à sua disposição não consegue transmitir a exata noção daquilo que querem nomear, eles criam novos termos, novas palavras. Essa afirmação é corroborada com a análise das lexias listadas para esta pesquisa. Foram encontradas lexias que não aparecem nas obras editadas entre os anos de 1712 e 1914, mas estão presentes nas obras mais recentes, Ferreira (2010) e Houaiss (2021), o que indica que essas lexias surgiram depois da edição das obras mais antigas.

A seguir, são apresentadas as lexias que aparecem apenas nas obras mais recentes, Ferreira (2010) Houaiss (2021):

Quadro 24 - Lexias que aparecem apenas nas obras mais recentes

Lexias que aparecem apenas nas obras mais recentes
amoitar, amolado, binga, boiar, capanga, cartucho, catingudo, catira, catireiro, coisera, embondo, embornal, enfaramento, engonha, escanhotar, finca, futicar, guimba, lasseada, lassear, lereia, levada, lombeira, moscar, pajear, pataquada, peralta, peteco, pipocar, pitar, pito, plasta, potoca, potoqueiro, quirela, quirera, rolimã, terreiro, tiú, vispa.

Biderman (2006, p.36) assevera que “os dicionários de uma língua visam a descrever e documentar o tesouro lexical que é armazenado ao longo dos anos”. A autora acrescenta, no entanto, que esse ideal é inatingível, já que o léxico cresce em progressão geométrica e esse processo nunca cessa enquanto a língua for viva. Em outras palavras, nenhum dicionário dará conta de todas palavras e expressões de uma língua, haja visto que a língua, por ser viva, está em constante movimento. Sempre surgirão palavras e expressões as quais os lexicógrafos terão que publicar em novas obras ou em reedições, porque ao publicarem seus dicionários, não conheciam aqueles termos, ou eles nem existiam. Isso é um eterno ciclo.

Na sequência, serão apresentadas as palavras não-dicionarizadas e dicionarizadas com sentidos distintos daqueles encontrados no dialeto claudiense⁵⁰, conforme já apresentado nas seções 4.1. e 4.2:

⁵⁰ As seções 4.1 e 4.2 apresentam, respectivamente, quais são as palavras não-dicionarizadas e quais são palavras não dicionarizadas. Nesta seção, optou-se por uni-las, já que para os efeitos de análise isso não fará diferença.

Quadro 25 - palavras não-dicionarizadas e dicionarizadas com sentidos distintos daqueles encontrados no dialeto claudiense

Palavras não-dicionarizadas e palavras dicionarizadas com sentidos distintos daqueles encontrados no dialeto claudiense
apear, aprendente, arrolhado, arrolhar, assear, atrapalhado, banzo, beberola, bebrerra, beirar, berno, buduegue, cachopa, cambota, catiolar, changuanha, chitão, choca, chocaria, coisa, coiserada, colcha, cricri, custosice, eluir, embondar, embondeiro, encostar, enfarada, espinhenta, estilingar, farra, farrear, farrista, fumo, futico, futiqueiro, guaspa, janguana, lereiada, lereiara, macuco, macuquento, mangada, mexer, minchoco, moa, molho, morrada, muriçaia, orelhão, paçoca, paiero, paiol, palpite, pedrada, pedrar, petecado, petecar, pirunga, plasteza, plasticice, porrete, pousar, preguiça, quentadinho, quento, rolão, ruço, sapo, seremeia, socó, soleira, tiborna, toada.

Língua e sociedade evoluem continuamente e o processo interativo entre elas faz com que novos elementos sejam acrescentados ou mesmo deixados de lado na língua sempre que algo acontece na vida social de seus falantes. Segundo Labov (2008, p. 21 [1972]), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. As mudanças nas obras lexicográficas, anteriormente apresentadas, são provenientes das mudanças pelas quais a sociedade foi passando ao longo do tempo. Novos objetos ou ideias surgem, novas palavras precisam surgir. Mas também, as palavras já existentes são ressignificadas e assim as obras lexicográficas precisam ser reformuladas. Mas ainda que os lexicógrafos se disponham a atualizar, constantemente, suas obras, nunca conseguirão abarcar todas as novas palavras ou os novos conceitos que surgem na língua. Retomando Biderman (2006, p. 36), “o ideal de esgotar o léxico de uma língua em obras lexicográficas é inatingível, já que o léxico cresce em progressão geométrica e esse processo nunca cessa enquanto a língua for viva”.

Reavendo Labov (2008, p. 20 [1972]), nenhuma mudança linguística ocorre num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos. As colocações labovianas corroboram aquilo que se observou com as mudanças observadas nas obras lexicográficas consultadas. Essas obras mudam, porque elas acompanham as mudanças na sociedade. Antes do advento da internet, por exemplo, muitos dos termos relacionados a esse meio não eram utilizados. Ao mesmo tempo, termos que eram amplamente utilizados são deixados de lado, porque o objeto ou mesmo a ideia ao qual nomeavam não existem mais. Isso reitera Labov (2008 [1972]), as mudanças linguísticas ocorrem, porque a sociedade muda. A língua vive em constante movimento, porque a

sociedade se movimenta e isso acontece de forma tão ágil, que a lexicografia não consegue acompanhar em tempo real.

5.8.1 Arcaísmos

Consoante Mattos e Silva (2002, p. 29), “as características linguísticas que caracterizam o período arcaico do português são representadas pelos documentos remanescentes dos séculos XIII e XIV”. Até a segunda metade do século XVI, algumas dessas características linguísticas permaneceram e outras desapareceram. Sendo assim, nas propostas de periodização da língua portuguesa, é comum que se proponha uma primeira fase do português arcaico até os fins do século XIV e uma segunda, *português médio* para alguns autores, cujo limite final não é preciso, além de divergente entre os estudiosos da história do português.

Castro (1996) (*Apud* Mattos e Silva 2002) define como data simbólica para o limite final o ano 1536, já que nesse período foi representado o último auto de Gil Vicente, *Florestas de enganos*, Garcia Rezende falece, e a *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira - primeiro estudo metalinguístico do português - é publicada.

Este trabalho adota a cronologia proposta por Castro (1996) e, dessa forma, considera como arcaísmos os vocábulos usuais entre os séculos XIII e XV, os quais, por razões diversas, foram perdendo espaço ao longo do tempo, deixaram de ser usuais na língua portuguesa padrão e ficaram restritos à linguagem popular e à linguagem do meio rural. Nos dados deste estudo, foram encontradas 12 lexias registradas como sendo pertencentes ao período entre os séculos XIII e XV, no entanto, tais lexias não perderam espaço na língua portuguesa, já que estão registradas também nas obras mais atuais, como Ferreira (2010). Considerando o exposto, pode-se afirmar que não há arcaísmos dentre as lexias selecionadas para este trabalho.

As palavras a seguir são aquelas que estão registradas como sendo pertencentes ao período compreendido pelos séculos XIII e XV, mas continuam em uso na atualidade:

Quadro 26 - Palavras registradas entre os séculos XII e XV, mas que continuam em uso

Palavras registradas entre os séculos XIII e XV, mas que continuam em uso
Abafado, abafamento, aborrecido, amolado, arteira, boia, custoso, derrancado, derrancar, encostar, restolho, talha.

5.9 Unidades complexas do léxico

Segundo Biderman (2005), sequências combinatórias como, por exemplo, *de longe em longe*, *a olho nu* e *longe disso*, são numerosas e não devem ser negligenciadas como formas excepcionais. Além disso, a autora acrescenta que os dicionários tradicionais têm como um de seus maiores defeitos o fato de não se fundamentarem em uma teoria lexical, sobretudo, em um conceito bem estabelecido de unidade lexical. De acordo com Biderman (2005), isso explica o porquê de unidades complexas do léxico - principalmente as expressões idiomáticas - estarem assistemática e inadequadamente registradas nos dicionários da Língua Portuguesa. Biderman (2005) discorre ainda sobre a lexicalização, ou seja, sobre a consolidação de unidades complexas do léxico de forma que essas fiquem cristalizadas na língua. Segundo a autora, algumas unidades complexas estão completamente cristalizadas, enquanto outras se encontram em estágio intermediário de lexicalização e há aquelas que não são cristalizadas.

As expressões cristalizadas já estão estocadas no tesouro do léxico, enquanto as combinatórias discursivas não estão. No entanto, consoante Biderman (2005, p.747), o processo de lexicalização não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável. Além disso, segundo a autora, os falantes, quase sempre, discordam sobre o grau de cristalização dessas sequências. Dessa forma, os limites entre aquilo que é cristalizado e o que combinatória discursiva são fluídos. Para que se avalie o grau de cristalização de unidades complexas do léxico, Biderman (2005) apresenta uma série de testes que fazem parte de um estudo realizado por Gross (1982).

Este trabalho se utilizará dos testes de Gross (1982) *apud* Biderman (2005) para avaliar o grau de cristalização daquelas unidades complexas do léxico encontradas na fala dos moradores da cidade de Cláudio. Como apresentado na introdução deste capítulo, foram encontradas 33 unidades complexas do léxico no *corpus* constituído a partir das entrevistas realizadas com os claudienses.

Inicialmente, são testadas as sequências compostas por Adj. + N. Dentre os dados selecionados por esta pesquisa, as unidades complexas do léxico que se encaixam nesse perfil são:

Feijão pagão, Nó cego, Pé inchado, Pito de palha, Preguiça cozida

Nas unidades complexas compostas por Adj. + N, o adjetivo caracteriza o nome, no entanto, constitui uma unidade com ele, não se trata de predicação. Assim, não é possível que haja em tais lexias complexas a nominalização:

*Feijão pagão/*O paganismo do feijão*

*Nó cego/*A cegueira do nó*

*Pé inchado/*O inchaço do pé*

*Preguiça cozida/*O cozimento da preguiça*

Além disso, não é possível que a modificação adverbial seja feita em lexias complexas cristalizadas:

*Nó cego/*Nó muito cego*

*Pé inchado/*Pé muito inchado/Pé inchado demais*

*Preguiça cozida/*Preguiça muito cozida*

A coordenação - que é sempre possível com elementos que exercem o mesmo papel sintático - não é possível com as unidades complexas que já se cristalizaram:

*Nó cego/*Nó cego e idiota*

*Pé inchado/*Pé inchado e gordo*

*Preguiça cozida?/*Preguiça cozida e feia*

O adjetivo das lexias complexas cristalizadas, às vezes, podem ser utilizados sozinhos e expressar o sentido da unidade, no entanto, isso não acontece sempre:

*Nó cego/*O cego sempre engana as pessoas*

*Pé inchado/*O inchado não muda de vida*

*Preguiça cozida?/*A cozida faz mal à saúde*

Algumas das lexias complexas já cristalizadas são utilizadas somente no plural, como *bodas de ouro*, outras são utilizadas apenas no singular, como *prata da casa*, por exemplo. E há ainda aquelas que se alternam entre singular e plural, *jogo de azar/jogos de azar*.

Uma outra observação sobre as unidades complexas cristalizadas é que apenas um número restrito de adjetivos pode combinar com os nomes e vice-versa. São as restrições de coocorrência:

*Nó cego/*Nó deficiente visual*

*Pé inchado/*Pé dilatado*

*Preguiça cozida/*Preguiça assada*

As próximas estruturas a serem testadas são aquelas formadas por sequências com verbo. Nos dados do *corpus* desta pesquisa foram encontradas as seguintes sequências:

Caçar meio, Cangar abelha, Comer pança, Dar manota, Dar notícia, Dar certo, Encher o pote, Empinar carroça, Entortar a alça do caneco, Estar de fogo, Esticar as canelas, Fazer o quilo, Passar trabalho, Passar uma água, Passar um pedaço, Tem base?, Tô fincado

Com relação às sequências com verbo, o primeiro teste é o da inserção. Se, ao inserir uma palavra à expressão, essa continuar com o sentido pretendido, ela não é cristalizada. Nas inserções a seguir, o sinal (*) significa que a expressão perdeu o seu sentido.

Caçar meio/Caçar rapidamente meio

*Cangar abelha/*Cangar muitas abelhas*

*Comer pança/*Comer muita pança*

Dar manota/Dar muita manota

Dar notícia/Dar muita notícia

Dar certo/Dar muito certo

*Encher o pote/*Encher potes e potes*

*Empinar carroça/*Empinar rapidamente a carroça*

*Entortar a alça do caneco/*Entortar muito a alça do caneco*

Estar de fogo/Estar muito de fogo

*Esticar as canelas/*Esticar rapidamente as canelas*

*Fazer o quilo/*Fazer muito o quilo*

Passar trabalho/Passar muito trabalho

*Passar uma água/*Passar rápido uma água*

*Passar um pedaço/*Passar um grande pedaço*

*Tem base?/*Tem grande base?*

Tô fincado/Tô muito fincado

O segundo teste com os verbos é feito com a extração de um dos elementos da unidade complexa por meio da aplicação da passivação ou da relativização dos elementos restantes. As unidades complexas já cristalizadas não permitem tais alterações:

*Caçar meio/*Os meios foram caçados*
*Cangar abelha/*As abelhas que foram cangadas pelo menino*
*Comer pança/*A pança foi comida*
Dar manota/A manota foi dada por você
*Dar notícia/*A notícia foi dada por você*
*Dar certo/*O certo foi dado*
*Encher o pote/*O pote foi enchido*
*Empinar carroça/*A carroça foi empinada*
*Entortar a alça do caneco/*A alça do caneco foi entortada*
*Estar de fogo/*O fogo foi estado*
*Esticar as canelas/*As canelas foram esticadas*
*Fazer o quilo/*O quilo foi feito por ele*
Passar trabalho/O trabalho foi passado por mim
*Passar uma água/*A água foi passada*
*Passar um pedaço/*O pedaço foi passado por todos*
*Tem base?/*A base foi tida?*
*Tô fincado/*Fui fincado*

O próximo teste prevê a substituição por uma pro-forma. As expressões cristalizadas não permitem a substituição de um ou mais elementos da expressão por um pronome:

*Caçar meio/*Caçá-lo*
*Cangar abelha/*O menino as havia cangado*
*Comer pança/*Ela foi comida*
Dar manota/Você a deu
*Dar notícia/*Dá-la*
*Dar certo/*Dá-lo*
*Encher o pote/*Enchê-lo*
*Empinar carroça/*Empiná-la*
*Entortar a alça do caneco/*Entortá-la*

*Estar de fogo/*Está-lo*

*Esticar as canelas/*Esticá-las*

*Fazer o quilo/*Fazê-lo*

Passar trabalho/O trabalho foi passado por mim

*Passar uma água/*Eu a passei*

*Passar um pedaço/*Eu o havia passado*

*Tem base?/*Ela foi tida?*

*Tô fincado/*Eu o tô*

O último teste das sequências com verbos a ser apresentado aqui é feito através da modificação - flexão, comutação de determinante, adjetivo:

*Caçar meio/*Caçar meios*

*Cangar abelha/*Cangar abelhas*

*Comer pança/*Comer panças*

Dar manota/Dar manotas

*Dar notícia/*Dar notícias*

*Dar certo/*Dar certos*

*Encher o pote/*Encher um pote*

*Empinar carroça/*Empinar carroças*

*Entortar a alça do caneco/*Entortar uma alça do caneco/*Entortar as alças dos canecos*

*Estar de fogo/*Estão de fogos/Estão de fogo*

*Esticar as canelas/*Esticar uma canela*

*Fazer o quilo/*Fazer uns quilos/*Fazer um quilo*

*Passar trabalho/*Passar trabalhos*

*Passar uma água/*Passar umas águas/*Passar a água*

*Passar um pedaço/Passar uns pedaços/*Passar o pedaço*

*Tem base?/*Tem bases?*

Tô fincado/Tamos/Estamos fincados

As expressões formadas por N (nome) + prep. (preposição) + N (nome) são, em Gross (1982), consideradas equivalentes a substantivos compostos e, assim sendo, elas se tornam entradas comuns de dicionário. O autor acrescenta ainda que aquelas expressões aparecem em distribuições nominais nas quais são indistinguíveis de substantivos simples. Os substantivos

compostos, segundo Gross (1982), têm conteúdo e forma heterogêneos e podem ter todas as funções gramaticais dos substantivos simples, como, por exemplo, sujeito e objeto.

Nos dados de fala dos moradores de Cláudio, foram encontradas 6 unidades complexas que correspondem ao perfil citado por Gross (1982) como substantivo composto. São elas:

brincadeiras de criação, brinquedos de criação, coisera de trem, coiserada de trem, pé no beto, pito de palha

Sobre os advérbios, Gross (1982) observa que não é possível separar as preposições das sequências nominais que a seguem, como, por exemplo, em:

a) *Max a mangé le rôti à belles dents*⁵¹

A única sequência com advérbio encontrada nos dados de fala dos moradores da cidade de Cláudio é:

b) *bão, ou não?*

Como é possível observar, a unidade complexa acima apresentada não é semelhante à aquela apresentada por Gross (1982). A expressão encontrada na sequência b é o encurtamento de duas orações. Na cidade de Cláudio, quando os moradores se cumprimentam é comum que digam: *Bão, ou não?* com o exato valor de *Você está bom, ou não está bom?*

Outro encurtamento de oração encontrado no falar claudiense é *sem tipo*, que tem a equivalência de *Fulano é sem tipo*.

Em relação a encurtamentos de oração, há ainda no falar claudiense *garrado no golo*. Nota-se que o verbo no particípio aparece sem o verbo auxiliar.

Das três unidades complexas do léxico acima apresentadas, no *corpus* deste trabalho, foram encontradas ainda as duas unidades complexas :

a) *Aquela mexida*

b) *Mesma mexida*

⁵¹ Exemplo original de Gross (1982).

Consoante Gross (1982), o significado das palavras não está envolvido na interpretação de expressões fixas. Nas duas expressões apresentadas, no entanto, pode-se depreender para o substantivo *mexida* o sentido movimento em relação às coisas da vida. Quando se pergunta a alguém de Cláudio, por exemplo: *Como anda a vida?* É possível que os claudienses respondam: *Ah, aquela mexida!* Algo como ‘seguindo seu curso, com todas as dificuldades e as coisas boas que a vida tem’. Ou ‘daquele jeito de sempre’. os claudienses podem também responder àquela pergunta com *a mesma mexida*. Querendo dizer que as coisas andam com sempre estiveram em sua vida, que não mudou. O sentido de *mexida* em ambas as unidades complexas é o mesmo, o que pode alterar um pouco o sentido das unidades complexas é a palavra que antecede *mexida*. O pronome demonstrativo *aquela* aponta para uma situação já conhecida pelo interlocutor de quem responde à pergunta sobre a vida. A vida é cheia de altos e baixos e todos os humanos passam por situações desse tipo, portanto, a pessoa que faz a pergunta consegue entender a referência do pronome demonstrativo. Com *mesma mexida* acontece algo semelhante. *Mesma* retoma algo que o interlocutor de quem responde à pergunta sobre a vida já conhece. É a *mesma*, nada mudou.

Tendo em vista o exposto, pode-se acreditar que por ser a palavra precedente a *mexida*, em cada uma das unidades complexas, a responsável por variar o sentido das expressões - o que pode fazer com que ela carregue um significado próprio - essas não se configurem com expressões fixas, pois, como já mencionado, Gross (1982) assevera que em expressões fixas, não interpreta palavra a palavra e sim o conjunto formado por elas. Apesar disso, observa-se que no falar claudiense, existe um número limitado de palavras possíveis de serem precedentes a *mexida* em sequências como as supracitadas. Fazendo uso mais uma vez do exemplo da pergunta sobre a vida, ao ser questionado com *Como anda a vida?* O claudiense não responderá *Uma mexida*, *Outra mexida*, ou ainda *Nova mexida*. A pesquisa realizada por este trabalho detectou apenas as duas variações como possível, *aquela mexida* e *mesma mexida*. Além disso, os sentidos dos termos de cada uma das expressões não se descolam, eles só fazem sentido juntos. Ao mesmo tempo em que *mexida* pode sugerir uma equivalência a jeito, os claudienses não utilizam *mesmo jeito* no lugar de *mesma mexida*. A permuta, nesse caso, poderia sugerir algum problema, ou a estagnação da vida. Nada mudou, tudo continua igual, e não é esse o sentido que a expressão carrega. A ideia transmitida pela expressão é que a pessoa que responde àquela pergunta, *Como anda a vida?*, continua vivendo, seguindo o curso natural da vida.

Gross (1982) afirma que expressões fixas⁵², normalmente excluídas das discussões teóricas, constituem um campo de estudo por si só. Biderman (2005, p. 747), por sua vez, assevera que não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma. Por considerar as colocações dos autores, este trabalho optou por analisar as unidades complexas separadamente das lexias simples⁵³. Outrossim, das unidades complexas aqui analisadas, apenas cinco foram encontradas nas obras lexicográficas consultadas, portanto, não seriam possíveis análises como aquelas feitas com as lexias simples como, por exemplo, a consulta sobre a origem de cada uma delas, os testes sobre a possibilidade de se tratarem ou não de arcaísmos, o levantamento sobre o número de ocorrências em cada dicionário e todas as outras investigações realizadas com as lexias simples. Mesmo que se tenha discutido, neste trabalho, as lexias complexas separadamente das lexias simples, o problema apontado por Biderman (2005) e por Gross (1982) - a falta de critérios teóricos abrangente e bem estabelecidos para reconhecimento das unidades complexas - permanece. Além disso, como assevera Biderman (2005), definir quais lexias complexas estão, suficientemente, cristalizadas a ponto de se tornarem dicionarizadas não é tarefa simples, porque a intuição dos falantes não basta para que se determine o grau de fixidez das combinatórias, ou mesmo vitalidade de seu uso. Os testes realizados com os dados de fala dos claudienses demonstram que algumas das unidades complexas utilizadas por aqueles falantes já se encontram em vias de cristalização ou já estão cristalizadas no falar claudiense, no entanto, podem ser completamente desconhecidas por falantes de outras cidades ou regiões. Retomando Biderman (2005, p. 747), os falantes muitas vezes discordam sobre o grau de cristalização das combinatórias lexicais.

As análises aqui apresentadas, não esgotam o assunto, haja vista a complexidade do tema. Como afiançam Haensch et al. (1982), nenhum linguista jamais irá descrever de modo exaustivo o sistema coletivo de uma língua, tampouco, um único sistema individual. Dessa forma, sempre haverá um novo ponto de vista, uma nova ótica pela qual o mesmo tema pode ser estudado. Além disso, a língua é viva e os dados aqui apresentados não são eternizados, novas formas de se comunicar sempre surgirão e o linguista precisará rever seus estudos. Diante do exposto, fica descerrada a possibilidade de novos estudos sobre as lexias complexas no dialeto claudiense, já que, na fala dos moradores daquela cidade, elas são bastante corriqueiras.

⁵² O autor reconhece como expressões fixas as unidades complexas já cristalizadas. São fixas, porque o significado que expressam só é possível consideração o conjunto de seus termos.

⁵³ O termo simples aqui é utilizado da mesma forma utilizada pela gramática normativa para distinguir termos como substantivo simples e substantivo composto.

5.10 Análises sociolinguísticas

Para as análises sociolinguísticas, foram seguidos os preceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística - Labov (2008 [(1972)]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) -, sobretudo no que diz respeito à indissociabilidade de língua e sociedade, o que significa dizer que estas análises foram feitas com a consideração de que as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua. Assim, considerou-se Labov (2008, p.19 [1972]) que assevera que a correlação entre o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social permite que se isole os fatores que incidem diretamente sobre o processo linguístico. As análises adotaram ainda os preceitos de Milroy (1987) e Milroy (1992) :

- a) a língua deve ser analisada em contextos situacionais e sociais;
- b) a descrição completa da estrutura de uma variedade só será bem sucedida se as decisões substanciais, ou julgamentos de natureza social são considerados nas descrições;
- c) A língua é mantida por pressões sociais, dessa forma, a língua muda, mas às vezes ela se mantém inalterada.

Além disso, as análises acataram as noções de redes sociais de Milroy (1992), segundo as quais os indivíduos estabelecem redes de relacionamentos em sua vida cotidiana. As noções de redes sociais possibilitam o estudo de pequenos grupos sociais, o que favorece a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística.

As seguir, serão descritas as formas como se deram as análises. Como mencionado no capítulo 4 deste trabalho, dentre as estratégias para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista - uma espécie de questionário semântico-lexical - com os participantes da pesquisa. Essa estratégia foi utilizada como forma de observar se um grupo de lexias das quais a pesquisadora tomou nota ao longo de sua convivência com um claudiense⁵⁴ era comum na fala de outros claudienses. Além disso, havia o interesse por avaliar se os significados relacionados àquelas lexias por aquele claudiense seriam os mesmos encontrados na fala de outras pessoas da cidade, ou mesmo se tais significados poderiam se expandir. Ou ainda seria possível observar se determinado significado poderia ser relacionado a outra lexia. Por exemplo, em uma conversa com aquele primeiro claudiense com o qual conviveu, a pesquisadora ouviu a palavra *banzo* sendo utilizada por ele para se referir à sensação de desânimo e “corpo mole” logo após ter feito uma refeição farta. Para avaliar se esse uso era comum no dialeto claudiense, a pesquisadora formulou a pergunta: *Geralmente, depois do*

⁵⁴ A pesquisadora, antes de empreender de maneira formal este trabalho, já tomava nota de palavras que ouvia.

almoço, o corpo fica mole, “querendo cama”. Como se chama essa sensação?. Como dito, esperava-se que a resposta dessa pergunta fosse *banzo*, no entanto, seria normal que outras respostas surgissem também. A lexia *banzo* apareceu durante as entrevistas, assim, foi avaliada a quantidade de vezes em que a ela apareceu, qual dos grupos mais se utilizou dela para responder ao questionamento, enfim, todas as análises possíveis foram realizadas. Dessa forma, se, por exemplo, em um grupo de 10 falantes entrevistados, 8 responderam a pergunta com a lexia *banzo*, significa que tal lexia é recorrente no dialeto claudiense. Seria possível que a lexia não aparecesse nas respostas de nenhum dos entrevistados. Nesse caso, o pesquisador deveria avaliar tal situação. Vale ressaltar que o questionário é uma pequena amostra, dos dados analisados por este trabalho, foram elaboradas 19 perguntas - as quais a pesquisadora esperava que fossem respondidas com as lexias e unidades complexas do léxico apresentadas no quadro 29 - e este trabalho analisa um total de 156 lexias e 39 unidades complexas do léxico. É importante que se esclareça que o código que precede cada uma das lexias foi criado para que os dados fossem submetidos à linguagem R, descrita no capítulo 4 deste trabalho. O significado desse código é bem simples, P é a abreviação de pergunta e o algarismo corresponde ao número da pergunta, assim, P1 significa pergunta 1, P2 pergunta 2 e assim consecutivamente. A seguir, o quadro 27:

Quadro 27 - Lexias testadas pela entrevista

Lexias testadas pela entrevista		
P1 - Embondo	P8 - Choca	P15 - Comer pança
P2 - Pito	P9 - Feijão pagão	P16 - Sem tipo
P3 - Farra	P10 - Banzo	P17 - Soca
P4 - Quirela	P11 - Lasseia	P18 - Colcha
P5 - Custosa	P12 - Morrada	P19 - Capanga
P6 - Cricri	P13 - Pedra	
P7 - Tiborna	P14 - Encher o pote	

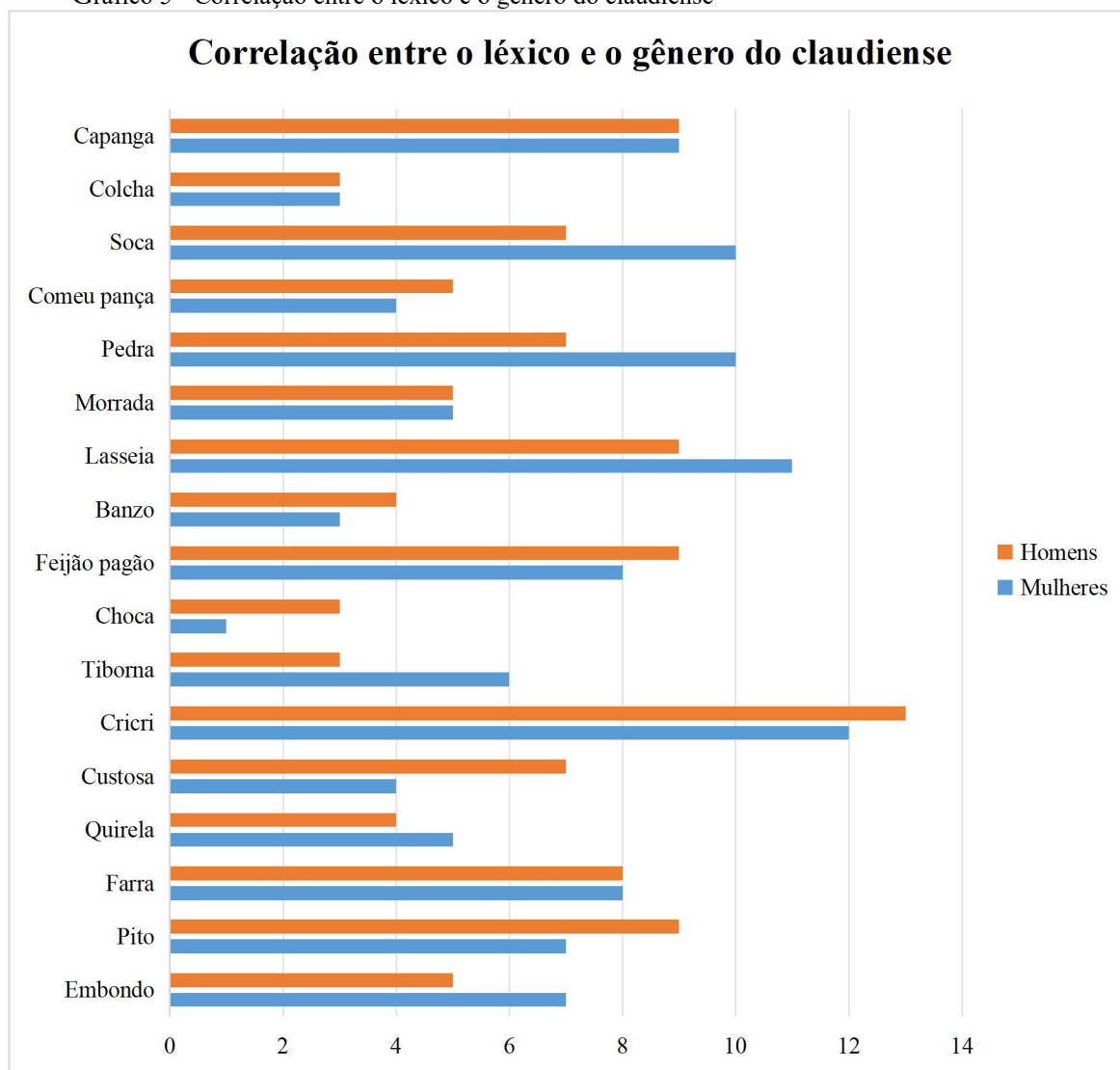
Além dos já mencionados interesses com os quais as entrevistas foram realizadas, este trabalho buscou também fazer uma análise sociolinguística com os dados encontrados. Tendo em vista que a entrevista foi realizada com todos falantes - mulheres e homens de 3 faixas etárias distintas e com escolarização diversificada - seria possível analisar a influência das variáveis sociais nas respostas dos entrevistados. As respostas de todas as entrevistas foram

organizadas em uma planilha para que assim fossem submetidas à linguagem de programação R. Assim, as respostas das entrevistas foram agrupadas de acordo com as três variáveis:

- a) Variável gênero** - 15 mulheres - 15 homens;
- b) Variável escolaridade** - 13 falantes com escolaridade 1 (Ensino fundamental) - 5 falantes com escolaridade 2 (Ensino médio) - 12 falantes com escolaridade 3 (Ensino superior);
- c) Variável faixa etária** - 10 falantes da faixa etária 1 (pessoas com idade entre 18 e 30 anos) - 10 falantes da faixa etária 2 (pessoas com idade entre 31 e 60 anos) - 10 falantes da faixa etária 3 (pessoas com idade entre 61 e 90 anos).

Para que fossem apresentadas aqui, foi feito um recorte - levando-se em consideração as variáveis anteriormente apresentadas - das análises realizadas na linguagem R. As análises de cada uma das variáveis serão descritas a seguir. Inicialmente, a variável gênero. O gráfico 5 apresenta os resultados de tal variável:

Gráfico 5 - Correlação entre o léxico e o gênero do claudiense

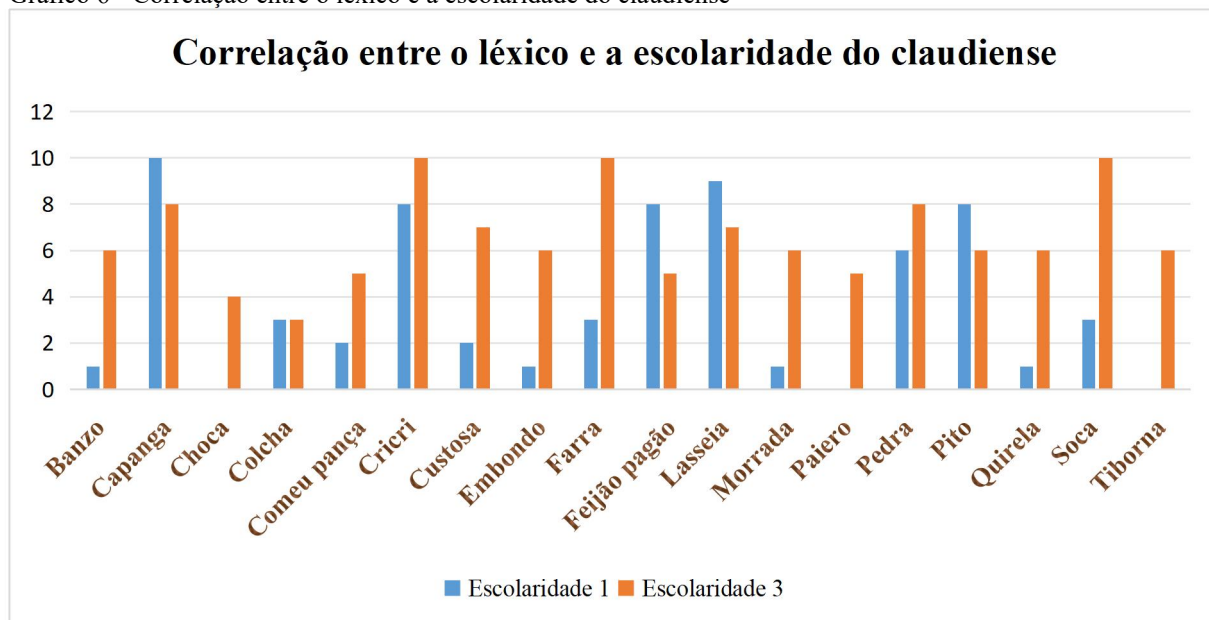


Como é possível observar através do gráfico 5, as lexias *capanga*, *colcha*, *farra* e *morrada* apresentaram o mesmo número de ocorrências na fala de mulheres e homens. As lexias *soca*, *pedra*, *lasseia*, *tiborna*, *quirela* e *embondo*, por sua vez, ocorreram mais na fala de mulheres do que de homens. Das 15 mulheres entrevistadas, 10 se utilizaram da lexia *soca*, (67%), enquanto a mesma lexia foi utilizada por quatro dos 15 homens (47%); seis (40%) das 15 mulheres se utilizaram da lexia *tiborna*, enquanto *tiborna* apareceu na fala de três (20%) dos 15 homens; *Embondo*, por sua vez, foi utilizada por sete das 15 mulheres (47%) e por cinco dos 15 homens (33%); *Lasseia* apareceu 11 vezes na fala das 15 mulheres (73%), enquanto na fala dos 15 homens essa lexia apareceu nove vezes (60%); 10 das 15 mulheres se utilizaram da lexia *pedra* (67%), enquanto a mesma lexia foi utilizada por sete dos 15 homens (47%); *quirela* apareceu cinco vezes na fala das 15 mulheres (33%) e quatro vezes (27%) na

fala dos 15 homens. As lexias que apareceram mais na fala dos homens do que das mulheres foram *choca*, *cricri*, *custosa* e *pito*. Além disso, as unidades complexas do léxico *comeu pança* e *feijão pagão* foram também mais utilizadas pelos homens. *Choca* apareceu uma vez na fala das mulheres (7%) e três vezes (20%) na fala dos 15 homens; *cricri* foi utilizada por 12 das 15 mulheres (80%) e por 13 dos 15 homens (87%); *custosa* foi utilizada quatro das 15 mulheres (27%) e por sete dos 15 homens (47%); *pito*, por sua vez, foi utilizada por sete das 15 mulheres (47%) e por nove dos 15 homens (60%). A unidade complexa do léxico *comeu pança* foi utilizada por quatro das 15 mulheres (27%) e por cinco dos 15 homens (33%), enquanto *feijão pagão* foi utilizada por oito das 15 mulheres (53%) e nove dos 15 homens (60%).

A seguir serão apresentadas as correlações entre o léxico e a escolaridade dos participantes da pesquisa. Tendo em vista a diferença entre o número de entrevistados de escolaridade 2 - cinco pessoas - e o número de entrevistados de escolaridade 1 e 3 - 13 e 12 respectivamente - optou-se por apresentar os resultados em gráficos distintos. O gráfico 6 apresenta os resultados das entrevistas com falantes de escolaridades 1 e 3:

Gráfico 6 - Correlação entre o léxico e a escolaridade do claudiense

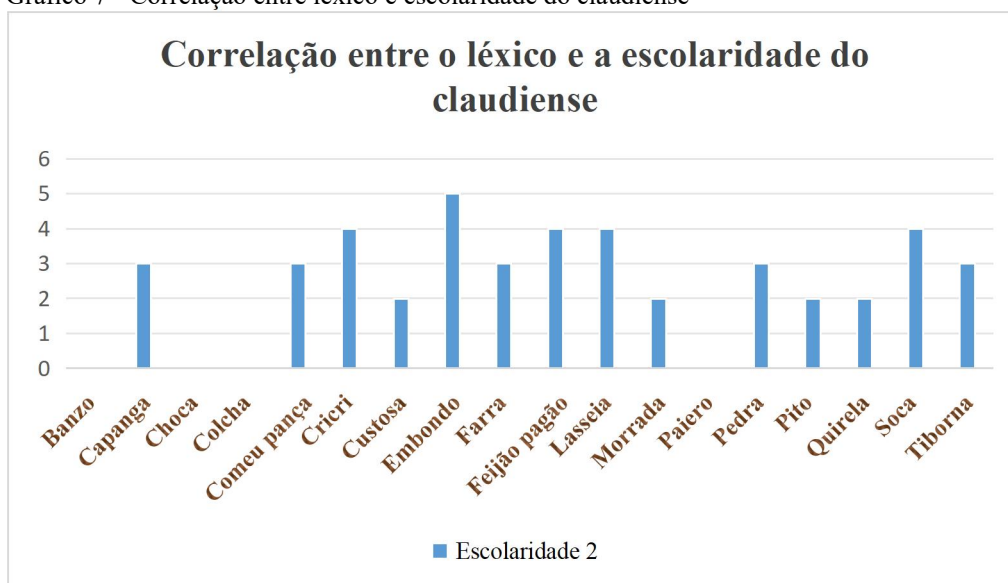


Com demonstra o gráfico 6, as lexias *tiborna*, *paiero* e *choca* não apareceram na fala dos entrevistados de escolaridade 1 - Ensino Fundamental. Todas as lexias apresentadas pelo gráfico aparecem na fala das pessoas de escolaridade 3 - Ensino superior. As lexias que mais ocorreram nas entrevistas dos 13 falantes de escolaridade 1 foram *capanga*, 10 vezes

(77%); *lasseia*, nove vezes (69%); *cricri* oito vezes (61,5%) e *pedra* seis vezes (46%). Outrossim, a unidade complexa *feijão pagão* apareceu oito vezes (61,5%) na fala dos entrevistados de escolaridade 1. As lexias *morrada*, *banzo*, *quirela* e *embondo* apareceram apenas uma vez (7,6%) nas entrevistas das pessoas de escolaridade 1. *custosa* e *comer pança* apareceram duas vezes (15%) e *colcha*, *soca* e *custosa* apareceram três vezes (23%). Nas entrevistas dos 12 falantes de escolaridade 3 - Ensino superior - as lexias que mais apareceram foram *farra*, *soca* e *cricri*, 10 vezes (83%) cada uma delas. *Pedra* e *capanga* apareceram oito vezes nas entrevistas (67%); *custosa* e *lasseia* apareceram sete vezes (58%); *tiborna*, *banzo*, *morrada*, *pito* e *quirela* apareceram seis vezes; *comer pança* e *feijão pagão* apareceram cinco vezes (42%); *choca* apareceu quatro vezes (33%) e *colcha* apareceu três vezes (25%).

A seguir, serão apresentados os números percentuais das respostas dos entrevistados de escolaridade 2:

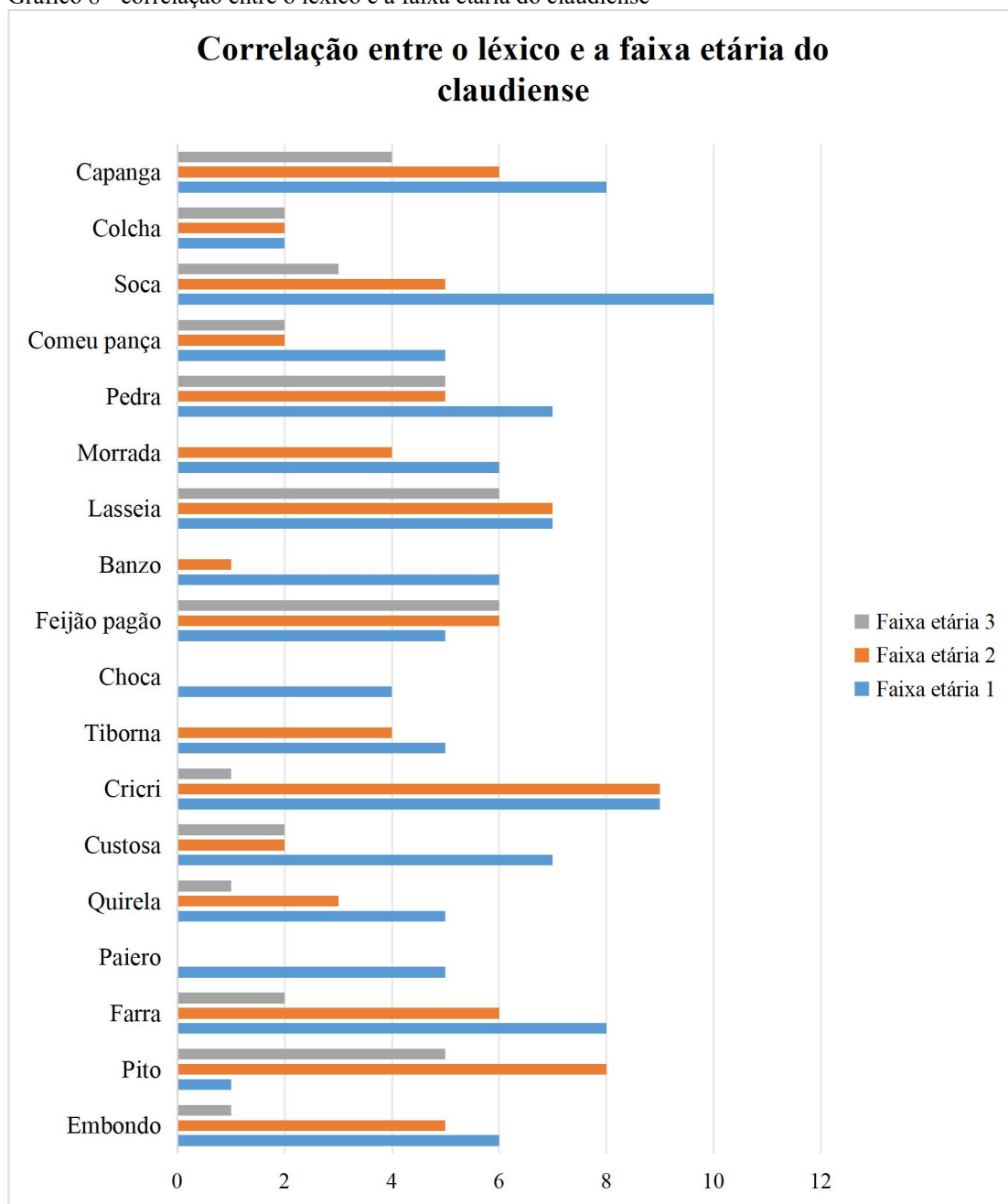
Gráfico 7 - Correlação entre léxico e escolaridade do claudiense



Nas entrevistas dos 5 falantes de escolaridade 2 - Ensino médio - *embondo*, *cricri*, *feijão pagão*, *lasseia* e *soca* apareceram quatro vezes (80%); *comeu pança*, *farra*, *tiborna*, *pedra* e *capanga* apareceram três vezes (60%); *quirela*, *pito*, *custosa* e *morrada* pareceram duas vezes (40%). As lexias *paiêro*, *colcha*, *choca* e *banzo* não apareceram na fala dos entrevistados de escolaridade 2.

A última análise dá conta da correlação entre o léxico e a faixa etária dos entrevistados. O gráfico 8 apresenta os resultados a que chegou tal análise:

Gráfico 8 - correlação entre o léxico e a faixa etária do claudiense



Dos 10 entrevistados da faixa etária 1 - 18 a 30 anos - 10 (100%) se utilizaram da lexia *soca*; nove se utilizaram da lexia *cricri* (90%); oito (80%) se utilizaram das lexias *capanga* e *farra*; sete (70%) se utilizaram das lexias *pedra*, *lasseia* e *custosa*; seis (60%) se utilizaram das lexias *morrada*, *banzo* e *embondo*; cinco (50%) se utilizaram das lexias *tiborna* e *paiêro*; cinco (50%) se utilizaram das unidades complexas *feijão pagão* e *comer pança*; quatro (40%) se utilizaram da lexia *choca* e duas (20%) se utilizaram da lexia *colcha*. Na faixa etária 2 - 21 a 60 anos - *cricri* apareceu nove vezes (90%); *pito* apareceu oito vezes (80%); *lasseia* apareceu sete vezes (70%); *feijão pagão*, *farra* e *capanga* apareceram seis vezes (60%);

embondo, *pedra* e *soca* apareceram cinco vezes (50%); *tiborna* e *morrada* apareceram quatro vezes (40%); *custosa*, *comeu pança* e *colcha* apareceram duas vezes (20%). Na faixa etária 3 - 61 a 90 anos -, por fim, *cricri* apareceu sete vezes (70%), *feijão pagão* e *lasseia* apareceram seis vezes (60%); *pito* e *pedra* apareceram cinco vezes (50%); *capanga* apareceu quatro vezes (40%); *soca* apareceu três vezes (30%); *colcha*, *farra* e *custosa* apareceram duas vezes (20%); *quirela* e *embondo* apareceram uma vez (10%).

Tendo apresentado todas as ocorrências de acordo com as variáveis sociais, há que se fazer algumas considerações. Como mencionado anteriormente, as entrevistas tinham por objetivo verificar quais lexias e unidades complexas do léxico surgiriam em contextos específicos de comunicação e, conseqüentemente, avaliar se seus significados coincidiam com aqueles dos quais a pesquisadora tomou nota. Com as ocorrências supracitadas, a pesquisadora confirmou os significados que havia anotado para cada uma das lexias e unidades complexas do léxico demonstradas nos gráficos 5 e 7, já que elas esses foram relacionados às lexias por mais de um dos falantes. Uma das perguntas da entrevistas, no entanto, não foi respondida por nenhum dos entrevistados, *O que se diz de uma pessoa que não sabe se portar em situações mais formais?*. Nas anotações da pesquisadora constava que essa pessoa é *sem tipo*. A recorrência de tal unidade complexa no dialeto claudiense foi confirmada com as outras estratégias de coletas de dados apresentadas no capítulo 4 deste trabalho. Além disso, observou-se nessas ocorrências de *sem tipo* o acréscimo de um significado, ‘pessoa sem grandes atrativos’. Assim, no dialeto claudiense, *sem tipo* é o mesmo que ‘Pessoa sem grandes atrativos, ou mesmo que não sabe se portar em situações mais formais’. A pergunta *Qual expressão se utiliza para dizer que uma pessoa bebeu muita bebida alcoólica?* Não apresentou a resposta esperada pela pesquisadora, *encheu o pote*, no entanto, revelou uma lexia que ainda não havia sido arrolada pela pesquisa, *porrete*. Essa, porém, apareceu em apenas uma das respostas e não apareceu com as outras estratégia de coletadas de dados. Dessa forma, pesquisas futuras deverão investigá-la melhor.

Com relação à análise quanto ao gênero do entrevistado, observa-se que não houve grande desequilíbrio entre os percentuais encontrados na fala das mulheres e na fala dos homens. Além disso, todas as lexias apresentadas pelos gráficos 5, 6 e 7 apareceram tanto na fala das mulheres quanto na fala dos homens. Um fato curioso sobre isso inclusive, aconteceu quando uma das mulheres entrevistadas ao ouvir o questionamento *Quando uma pessoa vai a um evento sem pagar nada, diz-se que ela foi de...*, respondeu:

(8) **ML1AMR:** *Que eu acho a palavra de **morrada** muito feio. Mais o pessoal aqui fala tudo, ó, tô ino de **morrada**. Inda fala junto. DIMORRADA.*

Ainda que - como ela mesma disse - ela considerasse feia tal palavra, a falante tem consciência de que ela faz parte do léxico de sua cidade.

As análises que consideraram a escolaridade dos falantes revelaram que dentre os falantes de escolaridade 3 todas as palavras apresentadas pelos gráficos foram utilizadas. Além disso, as ocorrências apresentaram percentuais bastante elevados. Uma pesquisa futura pode dar conta de avaliar as razões para tais percentuais e o fato de que a maioria dos falantes de escolaridade 3 - 10 dos 12 falantes - é composta por jovens é uma pista relevante a ser considerada. Se os resultados forem considerados de forma global, pode-se afirmar que a escolaridade, por si só, não define as escolhas lexicais dos claudienses. Apesar de *choca* e *paiero* terem surgido somente na fala dos claudienses de escolaridade 3, percebe-se que a variável idade está também relacionada a tais ocorrências. Todos os entrevistados que se utilizaram de *choca* e *paiero* em suas respostas pertencem à faixa etária 1. observou-se ainda que *pito* não é muito utilizada pelos falantes da faixa etária 1, o que faz com que conclua que esses falantes se utilizam mais de *paiero* em detrimento de *pito*, haja visto que são palavras sinônimas no dialeto claudiense. Outra lexia que esteve presente mais nas respostas dos entrevistados da faixa etária 1 é *banzo*. Essa lexia foi utilizada por apenas um dos falantes da faixa etária 2 e não apareceu entre os falantes da faixa etária 3. Um dado interessante sobre a relação entre léxico e faixa etária foi a ocorrência de *quitanda* na fala dos entrevistados da faixa etária 3 quando esses receberam o questionamento, *Criança, geralmente, não gosta muito de comer arroz, feijão, verdura... o que a criança prefere no lugar do almoço?*. Como já mencionado, a maioria dos entrevistados responderam a essa pergunta com *embondo*. Provavelmente, *embondo* tem surgimento mais recente do que *quitanda* no dialeto claudiense, pesquisas futuras poderão dar conta dessa informação.

As entrevistas foram uma estratégia bastante relevante para a pesquisa, pois revelaram informações importantes à pesquisa, como lexias que até então não haviam sido arroladas pelo presente trabalho, bem como novos significados relacionados a tais lexias. Isso confirma Bagno (2014, p. 17), “língua é contexto”, ou seja, falar uma língua é criar um ambiente sociocultural, e sociocognitivo moldado pelos falantes daquela língua.

5.11 As relações entre língua e sociedade no dialeto claudiense

Biderman (1999) pondera que as relações sociais dos indivíduos se refletem, nitidamente, no léxico, já que o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Labov (2008 [1972]) afirma que correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico. À vista das asseverações dos autores é possível considerar que um indivíduo que cresce em uma grande cidade, como a capital do estado de São Paulo, por exemplo, terá uma educação social distinta daquela recebida por um indivíduo que nasceu em uma pequena cidade do interior, como a cidade de Cláudio.

Mediante Milroy (1992), as redes sociais são redes de relacionamento estabelecidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana. Assim, em uma sociedade há médicos, engenheiros, advogados, professores, etc. e esses estabelecem relações em decorrência de seu trabalho, o médico quando vai para o hospital exercer seu trabalho, por exemplo, se encontra com enfermeiros, com outros médicos e mesmo com pacientes. O professor vai para a escola e lá se encontra cotidianamente com alunos, com pedagogos e com outros professores. Além disso, aquele médico, em seu tempo livre, tem por hábito atividades como frequentar academias de ginástica, estudar um idioma e comparecer a reuniões de seu grupo de amigos. O mesmo acontece com o professor, com o engenheiro ou com qualquer outro indivíduo. As pessoas estabelecem relações distintas com distintos grupos de pessoas dentro da sociedade, as redes sociais como nomeia Milroy (2002). As relações entre esses diversos grupos são mais ou menos íntimas dependendo da formação de tal grupo. Por exemplo, as relações daquele médico com seus amigos, certamente, será mais íntima do que aquela estabelecida com as pessoas da academia de ginástica a qual frequenta, o que não impede, obviamente, que ele faça amizades nesse local. Além disso, as interações linguísticas do citado médico com seus colegas de hospital serão distintas daquelas estabelecidas com os outros grupos, há um vocabulário muito específico de sua área de trabalho que não será compreendida facilmente por pessoas que não são da área da saúde. Além disso, esse vocabulário é utilizado em momentos muito específicos, aqueles nos quais aquele profissional atua como médico. Esse tipo de situação acontece com os outros profissionais, cada um, em seu ambiente de trabalho, compartilha de um vocabulário pertencente àquele meio.

Ao se realizar as interações com os entrevistados para a coleta de dados do presente trabalho, foi possível observar é a vida no campo é muito apreciada pelos claudienses. Além

disso, como já mencionado no capítulo 3, as atividades de agricultura e pecuária fazem parte da economia da cidade de Cláudio. Durante a coleta de dados, dois dos entrevistados, inclusive, relataram suas experiências com o trabalho no campo. Nesses relatos, surgiu a lexia *apear* com o sentido de amarrar com a peia, uma espécie de corda. Segundo os dois entrevistados:

(9) HM1CGR: *eu falo puquê eu já lacei bezerro já e **apeá** é quando cê amarra as pernas do bezerro. Então, **apeá**, eu... eu já vi e vejo muita gente usando no sentido de amarrá.*

(10) HM1JGM: ***Apeá** é amarrá.*

Esse sentido para a palavra *apear* não apareceu em outros contextos que não fossem esse do trabalho rural. Pode-se dizer com isso que esse significado de *apear* faz parte do vocabulário daqueles que trabalham no campo, principalmente, dos que lidam com animais. Outrossim, esses trabalhadores formam uma rede social, como aquela citada por Milroy (2002).

Labov (2001) aponta a relevância de se estudar as redes sociais. Estudos de pessoas inseridas em suas redes sociais oferecem resultados significativos para a identificação das causas e do mecanismo social da mudança linguística principalmente com relação ao papel dos líderes da mudança. Esses são aqueles que ocupam papéis centrais em suas redes sociais e são, possivelmente, o veículo de expansão de características dessas redes para outros locais.

Essa expansão de características de uma rede social para outros locais, provavelmente, foi o que aconteceu com algumas das lexias arroladas por este trabalho. *Choca, jacá, restolho soca* e *tiborna* são também palavras que apresentam significados relacionados ao meio rural, à lida no campo, como costumam dizer as pessoas que dela vivem. Esses significados foram incorporados pelo dialeto claudiense de forma ampla, ou seja, ultrapassaram os limites daquela rede social formada por pessoas que trabalham no campo e passaram a ser utilizados por pessoas que não fazem parte do meio rural. Os significados serão descritos a seguir:

1. Choca - No dialeto claudiense - é aquela pessoa que não gosta de muito contato, assim como a galinha *choca*, que é bastante arisca. Segundo um dos claudienses entrevistados:

(11) **HM1CGR:** *Choca é a pessoa que num deixa você chegar nela, pessoa choca, [...] É... veio da galinha choca. Que galinha choca cê chega o dedo nela, ela te bica, ela num num... ela num dá muito assunto pro cê não.*

2. *Jacá* - é uma espécie de balaio bastante específico que, segundo os claudienses, é utilizado para recolher milho. Essa lexia, no entanto, surgiu, como uma analogia a algo largo, na fala de uma das pessoas entrevistadas por este trabalho e tal pessoa não trabalha no campo, ao contrário, ela vive, exclusivamente, na área urbana. Segundo essa pessoa:

(12) **ML1LCG:** *Jacá? É uma coisa larga, bamba, relaxada.*

3. *Soca* - Nas obras lexicográficas consultadas, há para soca o significado de ‘segunda colheita do fumo; segunda colheita do arroz’. Algo bastante semelhante ao que se encontra na dialeto claudiense, mas que não está relacionado, especificamente, ao meio rural:

(13) **PESQUISADORA:** *É muito comum a gente juntá no dia seguinte pra fazê uma nova festa com aqueles restos ali, a gente faiz uma otra festa, como que chama essa festa?*

ML2RMC: *Soca, a gente fala soca.*

4. *Tiborna* - Ferreira (2010) apresenta como um dos significados para *tiborna* ‘fezes do alambique, depois da destilação’. No dialeto claudiense:

(14) **HM3JHF:** *Tiborna é aqueles café que cê põe no copo olha de um lado e do outro.*

Língua e sociedade evoluem sempre, o processo interativo entre elas faz com que novos elementos sejam acrescentados ou mesmo deixados de lado na língua sempre que algo acontece na vida social de seus falantes. Segundo Labov (2008, p. 21 [1972]), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Os usos linguísticos dos moradores da cidade de Cláudio, anteriormente apresentados, são, como se pôde perceber, provenientes de suas atividades sociais. O amplo uso na área urbana de lexias relacionadas ao trabalho rural na cidade de Cláudio é possível, porque os limites geográficos entre as duas

áreas são pequenos, mas também porque houve a expansão de uma rede social, aquela formada pelas pessoas que trabalham na área rural. Essa expansão, porém, só aconteceu porque aquelas figuras centrais das redes sociais citadas por Labov (2001) foram o veículo responsável por apresentar aos que não fazem parte dessa sua rede social uma ressignificação de palavras e significados. Como afirma Biderman (1999), o vocabulário não é criado pelo indivíduo, mas sim adquirido através do processo social da educação. Esse processo de educação social faz com que o homem adquira tanto a língua quanto o vocabulário da comunidade à qual pertence.

Foto 6 - Pôr do sol na área urbana de Cláudio



CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi constituído no intuito de responder os questionamentos:

- a) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a identidade lexical dos nativos de Cláudio?
- b) Com qual frequência, considerando uma análise quantitativa, e em quais situações comunicativas os claudienses utilizam itens lexicais característicos de seu falar?
- c) Os vocábulos com significação característica do falar claudiense aparecem em situações específicas de comunicação? Em caso afirmativo, em quais contextos seriam mais frequentes?
- d) Com qual frequência e em quais situações comunicativas ocorrem derivações peculiares do tipo *trenhera*⁵⁵, *embondeiro*⁵⁶ e *custosice*⁵⁷?
- e) Tendo em vista a história da formação da cidade de Cláudio, seria possível afirmar que seu léxico característico se configura como caso de retenção ou arcaísmo linguísticos?
- f) Caso o léxico característico do falar claudiense se configure como retenção ou arcaísmo, esse comportamento linguístico está presente tanto na fala dos mais jovens quanto na fala dos mais velhos?

Tendo chegado ao final oficial - já que um estudo linguístico como este, que trata da língua em variação nunca se encerra - deste estudo, faz-se necessário avaliar se os questionamentos apresentados receberam suas devidas respostas.

Com relação aos fatores que influenciam as escolhas lexicais dos claudienses, não houve, neste estudo, nenhuma análise intralinguística, portanto, não se pode afirmar que fatores linguísticos influenciam nas escolhas lexicais dos claudienses. Fica inclusive aberta a possibilidade de pesquisas futuras fazerem tal análise. No entanto, há fatores extralinguísticos

⁵⁵ Dicionarizada pelo *Houaiss* com o significado de ‘profusão de trens’, o mesmo sentido utilizado na fala dos nativos de Cláudio.

⁵⁶ É interessante considerar a palavra *embondeiro* consta no dicionário *Houaiss*, no entanto, o significado naquela obra é apenas como *baobá*, ‘árvore da família das bombáceas’. Em Cláudio, *embondeiro*, é o mesmo que ‘indivíduo do gênero masculino que gosta de *embondos*, coisas supérfluas’.

⁵⁷ *Custosice* não foi encontrada nos dicionários pesquisados, *Houaiss* e *Aurélio*, no entanto, Em Cláudio, a palavra é utilizada como substantivo, e dá nome ao ato de ser custoso.

influenciadores das escolhas lexicais dos moradores de Cláudio. A consulta a outros trabalhos lexicológicos, Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015), fez com que fossem descobertas 30 ocorrências deste trabalho que estão também presentes nos estudos daqueles autores. Tendo em vista que todos os trabalhos citados trataram do léxico rural, concluiu-se que o meio rural influencia a fala dos moradores de Cláudio. Essa influência é explicável, como apresentado no capítulo 3 deste trabalho, porque os claudienses apreciam bastante a vida no campo, sendo o contato entre as pessoas da área urbana e as pessoas da área rural bastante intenso. Consequentemente, isso se reflete na língua, pois, como assevera Labov (2008 [1972]), língua e sociedade são indissociáveis. O estudo investigou ainda 3 variáveis sociais: gênero, escolaridade e faixa etária. Concluiu-se que - com relação aos dados analisados por este trabalho - a variável gênero não exerce influência nas escolhas lexicais dos claudienses, apesar de ter havido uma mulher que disse achar a lexia *morrada* muito feia. Tal mulher, no entanto - ao ouvir a pergunta 12 do questionário aplicado aos participantes da pesquisa, que tinha como resposta esperada pela pesquisadora a lexia *morrada* - respondeu *morrada*. Os percentuais de ocorrências das lexias entre mulheres e homens ficou bastante equilibrado. A variável escolaridade, por si só, também não exerceu influência nas escolhas lexicais dos claudienses. No entanto, os percentuais de respostas dos falantes de escolaridade 3 - Ensino superior - foram bastante elevados. Há que se considerar, porém, que a grande maioria dos entrevistados que são da escolaridade 3 são os jovens de 18 a 30 anos, 10 de 12 entrevistados. Assim, possivelmente, a influência, nesse caso, é mais da variável faixa etária. Foi detectado que a lexia *paiero* apareceu somente na fala dos entrevistados de 18 a 30 anos, que a lexia *banzo* ocorreu apenas 1 uma única vez entre os entrevistados que não pertenciam à faixa etária 1 - 18 a 30 anos. Tendo em vista que as lexias surgiram em momentos distintos para a pesquisadora - antes de redigir o projeto, a pesquisadora já tomava nota de lexias que ouvia em suas conversas com os claudienses, durante as entrevistas surgiram novas lexias e essas foram acrescentadas à lista, ao longo da coleta de dados, ao interagir com claudienses que nem mesmo faziam parte deste trabalho surgiram outras novas lexias e essas eram arroladas para serem testadas... - não foi possível elaborar um questionário semântico-lexical que abordasse todas as lexias e unidades complexas do léxico analisadas por este trabalho. Essa inclusive é uma possibilidade para trabalhos futuros na cidade de Cláudio.

O questionamento 2 é sobre a frequência com que as lexias e unidades complexas do léxico selecionadas por este estudo aparecem na fala dos claudienses e quais contextos essas ocorrências se dão. Tendo em vista que, como já mencionado, essas lexias e unidades

complexas do léxico surgiram para a pesquisa em momentos distintos, não houve a possibilidade de testar todas quantitativamente. Algumas, por exemplo, apareceram uma única vez e, quando aconteceu, a coleta dos dados já estava no fim, portanto, não seria possível voltar a todos os participantes da pesquisa para verificar se eles conheciam aquela lexia ou unidade complexa do léxico. Com relação ao contexto no qual tais lexias e unidades complexas do léxico costumam aparecer, pode-se afirmar que as três estratégias utilizadas pela pesquisa para a coleta de dados descritas no capítulo 4 deste trabalho - narrativa oral espontânea, entrevista com perguntas direcionadas e apresentação de lexias para serem definidas pelos participantes - fizeram com que as lexias e unidades complexas do léxico surgissem. Como citado anteriormente, essas estratégias fizeram inclusive com que novos elementos surgissem e esses foram acrescentados ao *corpus* da pesquisa.

O próximo questionamento é sobre a frequência e os contextos nos quais os componentes lexicais característicos do dialeto claudienses apresentam derivações. É possível afirmar que tais derivações acontecem do dialeto claudiense de forma natural. Biderman (2006, p. 35) afirma que é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. O léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. À vista disso, sempre que algo novo surge na vida dos seres humanos esses sentem a necessidade de nomeá-lo. Dessa forma, podem surgir novos elementos lexicais, mas também pode acontecer de elementos lexicais já existentes na língua serem ressignificados, ganharem novos usos. Dentre as formas de se criar novas palavras está a derivação. No dialeto claudiense, por exemplo, é comum que se ouça o adjetivo *macuquento*, derivado de *macuco*, para se referir a uma pessoa que tem sujeira, já que na fala dos claudienses *macuco* é o mesmo que sujeira. Macuquento não está registrado nas obras lexicográficas consultadas, mas isso não impede que essa lexia seja utilizada, já que, como dito, as palavras surgem da necessidade de se nomear os elementos do mundo em que o falante vive e esse não espera uma licença oficial para se utilizar dos elementos da língua.

O último dos questionamentos apresentados refere-se à possibilidade de haver casos de arcaísmo no dialeto claudiense. Este trabalho adota a cronologia proposta por Castro (1996) (*Apud* Mattos e Silva 2002, p. 29) e, dessa forma, considera como arcaísmos os vocábulos usuais entre os séculos XIII e XV, os quais, por razões diversas, foram perdendo espaço ao longo do tempo e deixaram de ser usados na língua portuguesa padrão e ficaram restritos à linguagem popular e à linguagem do meio rural. Nos dados deste estudo, foram encontradas dez lexias registradas pela primeira vez no período entre os séculos XIII e XV, segundo Cunha (2014). Tais lexias - *abafado*, *abafamento*, *aborrecido*, *amolado*, *arteira*, *boia*, *custoso*,

derrancado, derrancar, encostar, restolho, talha - , no entanto, continuam em uso, e estão registradas também nas obras mais atuais, como Ferreira (2010). Considerando o exposto, pode-se afirmar que não há arcaísmos dentre as lexias selecionadas para este trabalho.

Tendo respondido os questionamentos apresentados, novas questões surgem para este estudo, afinal, uma pesquisa linguística que entende que a língua é viva e que, por essa razão, está em constante movimento nunca está acabada. Novos elementos sempre surgirão, já que, como afirma Biderman (1987, p. 81), “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Antes mesmo que este trabalho chegasse a este momento, a apresentação dos resultados, mas depois que seus dados já haviam sido tratados, a pesquisadora ouviu lexias e unidades complexas do léxico que mereciam ter sido arroladas para a pesquisa, no entanto, não seria viável voltar a cada um dos participantes deste estudo para que se conferisse em sua fala tais lexias e unidades complexas do léxico.

Dos questionamentos para uma pesquisa futura, a autora deste trabalho destaca:

- a) Além daquelas lexias e unidades complexas do léxico descritas no capítulo 5 deste estudo, há outras lexias no dialeto claudiense que se configuram como sendo pertencentes ao dialeto rural? Para que se responda a esse questionamento, pode-se ter como referência os dados dos *corpora* de Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012), Cordeiro (2013), Miranda (2015) e outros que apareçam ao longo do trabalho.
- b) Houve ocorrência de algumas lexias, como *banzo* e *catiolar*, que são de origem africana. Há outras, tendo em vista que a presença dos africanos é registrada naquela cidade? Um desses africanos inclusive emprestou seu nome à cidade, conforme demonstra o capítulo 3 deste trabalho.
- c) Além disso, há que se investigar as lexias que apresentaram baixa ocorrência: elas, realmente, fazer parte do léxico comum aos claudienses, ou trata-se de idioleto?

Consoante a Biderman:

a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura. E o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre. De um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do

indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar. (Biderman, 1996, p. 44)

Dessa forma, a realização deste estudo apresentou aos Estudos Linguísticos a herança cultural da cidade de Cláudio manifestada em suas escolhas lexicais. E essa vem sendo passada às novas gerações, tendo em vista que as lexias utilizadas pelos mais velhos estão presentes também na fala dos jovens.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

AINIALA, Terhi. Names in society. *In*: HOUGH, Carole (org.). **The Oxford handbook of names and naming**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 371-381.

AINIALA, Terhi; ÖSTMAN, Jan-Ola. Introduction. *In*: AINIALA, Terhi; ÖSTMAN, Jan-Ola (orgs.). **Socio-onomastics: the pragmatics of names**. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 2-18.

ALKMIM, Tânia. Um texto inaugural: o Visconde de Pedra Branca e o português do Brasil. **Stockholm Review of Latin American Studies**, v. 8, 2012 p. 21-33. Disponível em: <https://www4.iel.unicamp.br/projetos/afrolatinos/AlkmimSROLAS2012.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua 116 estrangeira. 334 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/201490>>. Acesso em: 01 jan. 2024.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1920.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; ANÍSIO, Edimar Reni; DIAS, Cleber. História do lazer em Cláudio, Minas Gerais, C. 1888-1920. **Movimento, Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/123222/86841>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **O português falado em Minas**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2013.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Edgard Blücher, 2020.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SANTOS, Marcos Paulo. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). **Domínios de Linguagem**, v. 10, n. 3, p. 1172-1201, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32827/18779>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Governo do Estado. **Mapas das cidades mineiras**. Minas Gerais, 2010. Disponível em:

<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtbusca/index.php?query=via+publica&mid=65&action=showall&andor=AND&start=140>> . Acesso em: 26 mai. 2024.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**. São Paulo, Parábola 2014.

BALDINGER, Kurt. **Teoria semántica**: hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970.

BARBOSA, Maria Aparecida. Modelos em Lexicologia. **Língua e Literatura**, São Paulo, v. 9, p. 261 - 279, 1980. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115872/113375>>. Acesso em 03 mar. 2024.

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 8, n. 1, Plêiade, 1995, p. 15-30.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23 - 45.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: SALUM, Isaac Nicolau (org.). **Estudos de filologia e linguística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981, p.131-145.

BIBERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984, p. 27-43. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 22, , 1987, p. 81-96. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>>. Acesso em 03 mar. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Lexicon and basic vocabulary. **Alia**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida; ALVES, Ieda Maria (orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 2, 1998b, p. 81-118. Disponível em: <https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. *In*: BASÍLIO, Margarida (org.). **Palavra**. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O português brasileiro e o português europeu: identidade e contrastes. **Revue belge de philologie et d'histire**, tome 79, fasc. 3, 2001b, p. 963-975.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001c, p. 27-46. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>>. Acesso em: 03 mar. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. *In*: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima (orgs.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 747-757.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**, v. 58, 2006, p. 35-37. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014>. Acesso em: 26 mai. 2024.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5446>> Acesso em jan. 2023.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 10, p. 265-283, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BUENO, Ana Lúcia Dacome. A produção do sexismo na linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: FEMINISMOS, IDENTIDADES DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, IV. **Anais IV SIES**, Maringá, 2015.

CÂMARA, Marcelo. **Cachaça**: prazer brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, p. 1-12, 1972. Disponível em:

<<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3214695&forceview=1>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. **Cadernos do CNLF: Livro dos Minicursos**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, v. 11, n. 2, 2007.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, Rio de Janeiro, v. 11, n.11 - Léxico e Semântica, p. 177-194, 2009. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/Cad11_XICNLF.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Estudo do léxico toponímico mineiro: os topônimos relativos aos membros de associações religiosas. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 23, n. 1, 2019, p. 17-35. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/lep.v23i1.63869>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CARVALHO, David de. História do Município de Cláudio. In: HORIZONTE, Prefeitura Municipal de Belo. **Atlas histórico, geográfico e cultural do município de Cláudio**. Belo Horizonte: Editora Cultural Brasileira, 2011.

CASTRO, Ivo. Para uma história do português clássico. In: FLUP. **Actas do Congresso Internacional sobre o português**. Lisboa: Colibri, 1996, p. 135-150

CASTRO, Maria Célia Dias de. Revisitação aos graus de motivação na toponímia Maranhense. In: AGUIAR, Sueli; CASTRO, Maria Célia; DIAS, Ana Lurdes (orgs.). **Onomástica e a identidade do homem em seu meio**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018, p. 33-55.

CASTRO, Queren Souza de; APONTES, Selmo Azevedo. A morte/desaparecimento das línguas e suas consequências: Extinção das línguas indígenas dentro das comunidades. **ARIGÓ – Revista do Grupo PET e Acadêmicos de Geografia da Ufac**, v. 3, , n. 2, 2020.

CASTRO, Vinícius Massad. **A nomeação lúdica**: um estudo enunciativo da apelidação e dos apelidos da pessoa. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2013, 157 p. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/907141>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CLÁUDIO. Câmara Municipal de Cláudio. **História da cidade**. Cláudio, 2020. Disponível em: <<https://www.claudio.mg.gov.br/porta/servicos/1002/cidade/>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CLÁUDIO. Câmara Municipal de Cláudio. **Igrejas e Capelas**. Cláudio, 2020. Disponível em: <<https://www.camaraaudio.mg.gov.br/pontos-turisticos/item/1718-igrejas-e-capelas>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. **Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. 291 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-98BJJX>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário histórico: cronológico do português medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. Disponível em: <<http://medieval.rb.gov.br/index.php>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux: origine et évolution**. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos**. (Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo). São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. São Paulo: Impresso pelo Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Atlas Toponímico: um Estudo de Caso. **Acta Semiótica et Linguística**, São Paulo, v. 6, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/18274>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Regiões Culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: INEP, 1960.

DUBOIS, Jean. **Introduction à la lexicographie: le dictionnaire**. Paris, Larousse, 1971.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia Linguística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. New York: Cambridge University Press, 2005

ECKERT, Penelope. **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

FERNANDES, Sania Fontoura Fernandes. **Da trilha ao caminho**: um estudo do rural e do urbano no léxico de falantes da região Sudeste do Brasil. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021. 210 p. Disponível em: <[https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4700/1/Disserta%
c3%a7%c3%a3o%20vers%c3%a3o%20final%20pdf.pdf](https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4700/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20vers%c3%a3o%20final%20pdf.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2024.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. **Aurélio Séc. XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FREITAS, Cassiane Josefina de. **Café com quebra torto**: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 302 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-8ZDNDV5/1/1468m.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

GABRIEL, Rachel Omoto. Na trilha das bandeiras. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 7, 2005, p. 155-165. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/issue/view/4912>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

GARCÍA-PAGE, Mario Sánchez. **Introducción a la fraseología española**: estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008.

GARRETT, Peter. **Attitudes to language**. New York: Cambridge University Press, 2010.

GONZÁLEZ, Encarna Bodelón; CASTRO, Ana Rubio. **Lenguaje jurídico y género**. Sobre el sexismo en el lenguaje jurídico. Madrid: Consejo General Del Poder Judicial, 2012.

GRIMM, Jacob. **Kleinere Schriften**, Gütersloh: Hildesheim, 1966.

GROSS, Maurice. Une classification des phrases “figées” du français. **Revue québécoise de linguistique**, v. 11, n. 2, 1982, p. 151-185.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, 2005, p. 24-28.

HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica.** Madrid: Gredos, 1982.

HERMANN, J. Cenário de encontro dos povos: a construção do território. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento.** Rio de Janeiro, 2000.

HOUAISS Antônio. **Dicionário Digital da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Online da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#9>. Acesso em: 10 jun. 2023.

HYMES, Dell. **Language in culture and society: A Reader in Linguistics and Antropology.** New York: Harper and Row, 1964.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo de 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sociocultural.** Tese (Doutorado em Letras - UNESP). Araraquara, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras: Revista de História**, Campo Grande, v. 1, n. 2, 1997, p. 31- 32. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/12920>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs.). **As ciências do léxico: volume III.** Campo Grande: Editora UFMS/Humanitas, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115- 139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos.** Campo Grande: Editora UFMS, 2019.

KOCH, Ingedore *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português Falado: v.1.** Campinas: Edunicamp/FAPESP, 2003, p. 143-84.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida (org.). **O léxico em estudo.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, p. 157-171.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LISTA telefônica em MG traz apelidos ao invés de nomes. **G1 Centro-Oeste**. Minas Gerais, 30 mai. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2014/05/lista-telefonica-em-mg-traz-apelidos-a-o-inves-de-nomes-dos-moradores.html>> Acesso em: 26 mai. 2024.

MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão Geographica do Brasil Colonial**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MARCOS, Francisco García. **Sociolingüística**. Madrid: Síntesis, 2015.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. **O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012. 307 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1820>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MARTÍNEZ, Inmaculada Penadés. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco/Libros, 1999.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie: domaine français**. 2ª ed. Paris: Didier, 1973.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (orgs.). **O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS; 2002.

MEYERHOFF, Miriam. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 526-547. Disponível em: <https://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Content_store/WWW_Content/9780631218036/01Prelim.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2024.

MILARDO, Robert. Families and social networks: an overview of theory and methodology. In: MILARDO, Roberto (org.). **Families and Social Networks**. Newbury Park: Sage, 1988, p. 13-47.

MILROY, James. **Linguistic Variation and Change: on the historical sociolinguistics of English**. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, Leslie. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, Leslie. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1987. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/lesley-milroy-language-and-social-networks-2nd-edoxford-basil-blackwell-1987-pp-vii-232/74C6357DCA004F96FB2A39EB6FF74603>>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MILROY, Leslie. Social Network. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (orgs.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 549-571. Disponível em: <https://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Content_store/WWW_Content/9780631218036/25Chap22.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MIRANDA, Lília Soares. **O léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha/MG**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 128 p. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9VYQ4X/1/tese_de_l_lia_vers_o_final_10_04_2015.pdf>. Acesso em 01 abr. 2022.

NAKANO, Sarah Satsuki Oliveira. **Cantos e Contos do Reinado**: o acesso ao texto literário por meio das memórias da cultura afro-brasileira. Dissertação (Mestrado profissional em Letras - PROFLETRAS). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BALH9C>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

NOGUEIRA, Marly. As pequenas cidades de Minas Gerais: uma tipologia. **Geoingá**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 38-57, 2016. <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49368>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NUNES, Paulo César Ribeiro. **Estudo do léxico policial militar**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 127 p. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-96NQRS/1/disserta_o_vers_o_final_paulo_cesar_r_nunes.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2024.

OLIVEIRA, Luanna de Souza do Nascimento. **Fraseologismos formados por homem e mulher no português brasileiro**: estudo de campos lexicais e de variação lexical. Tese (doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/48870/1/Tese%20-%20vers%C3%A3o%20reposit%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

PEREIRA, Fernanda Flores Amorim. **Uma descrição do uso dos apelidos em Cláudio**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2011. 196 p. Disponível em:

<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-8SSTDZ/1/1407m.pdf>> . Acesso em: 20 jan. 2023.

PEREIRA, Maurício Alves de Souza. **O léxico da cachaça em Salinas, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2021. 376 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35419/1/MAURICIO%20PEREIRA%20-%20O%20l%3%a9xico%20da%20cacha%3%a7a%20em%20Salinas-MG.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PRESTON, D. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (orgs.). **The handbook of language variation and change**. 2ª ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2013.

RIBEIRO, Gisele Aparecido. **O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuy**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-8TBNKY/1/o_vocabul_rio_rural_de_passos.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2024.

RIBEIRO, José *et al.* **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROCHA, Edite; EUFRÁSIO, Vinícius. “Pedir pras almas”: práticas de sufrágio e cantoria na memória de cidadãos claudienses. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 12, n. 34, p. 258-312, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/47007/751375139724>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ROCHA, Shirlene Aparecida da. **Léxico toponímico do Médio Jequitinhonha - MG: reflexo de aspectos históricos e socioculturais**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/51312/1/L%3%89XICO%20TOPON%3%8dMICO%20DO%20M%3%89DIO%20JEQUITINHONHA-MG%20%20%20%20reflexo%20de%20aspectos%20hist%3%b3ricos%20e%20socioculturais.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

R-PROJECT. **Software livre**. Versão 4.3.3 (Angel FOOD Cake). Nova Zelândia: Universidade de Auckland, 1993. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>> . Acesso em: 26 mai. 2024.

RUBIM, Braz da Costa. **Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da língua portugueza**. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial, 1853. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3886>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

SANDRE, Sandra. **Cachaça: patrimônio brasileiro**. Monografia (especialização em gastronomia), Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/564/1/2004_SandraSandre.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2020.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. **A unidade lexicográfica**: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas. Dissertação (Doutorado em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada). Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2000. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2024.

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais**: A Toponímia da região do Carmo. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006a.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sulei de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (orgs.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2006b, p. 1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Toponímia do Vale: passado e presente. In: SOUZA, João Valdir Alves de; HENRIQUES, Márcio Simeone (orgs.). **Vale do Jequitinhonha**: formação histórica, populações e movimentos. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010, p.83-96.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. **Linguagem, Sociedade e Discurso**, v. 4, 2015. p. 65-84. Disponível em: <<https://pdf.blucher.com.br/openaccess/linguagem-sociedade-discurso/completo.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SILVA, António de Moraes. **Diccionario da Lingua Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portugueza-recompilado-do-s-vocabularios-impresos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-em-ndado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/>> Acesso em jan. 2023.

SILVA, António de Moraes; BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>> Acesso em jan. 2023

SILVA, Suelen Cristina da; GONÇALVES, Clézio Roberto. A variação *tu* e *você* no falar ressaquinense. **Caletroscópio**, Mariana, 2018, p. 87-100. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3907>>. Acesso em 20 mar. 2024.

SOUZA, Vander Lúcio de. **Caminho do boi, caminho do homem**: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras,, 2008. 248 p. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DHP7P/1/vanderlucio_souza_diss.pdf>
Acesso em: 05 nov. 2024.

STEWART, George. A classification of place names. *Names*, Beckerley, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1954.

STURTEVANT, Edgar. **An Introduction to Linguistic Science**. New Haven: Yale University Press, 1947.

TAUNAY, Afonso de Escragnolle. **Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza**. Tours: E. Arrault, 1914. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6962> Acesso em jan. 2023

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 3ª edição. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

XATARA, Cláudia.; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português/português-francês**. São Paulo: Cultura, 2002.

ZAVAGLIA, Claudia. Sexismo em dicionários brasileiros. *In*: MOREIRA, Glauber Lima; COSTA, Lucimara Alves; ALVES, Ieda Maria (orgs). **Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 127-150.

ZEMELLA, Mafalda. **O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII**. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

Apêndices

Apêndice 1 - Álbum de fotos da *cidade carinho*



Foto 7 - Vista parcial do *Jardim Monte Castelo*
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 8 - Fachada da E. M. Coronel Joaquim da Silva Guimarães
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 9 - Fachada do museu histórico e artístico de Cláudio
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 10 - Fachada de estabelecimento comercial com o "apelido" de Cláudio
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 11 - Fachada de casa no *Jardim Monte Castelo*
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 12 - Fachada da E. M. Dr. Wilson Veado
Fonte: dos arquivos da autora

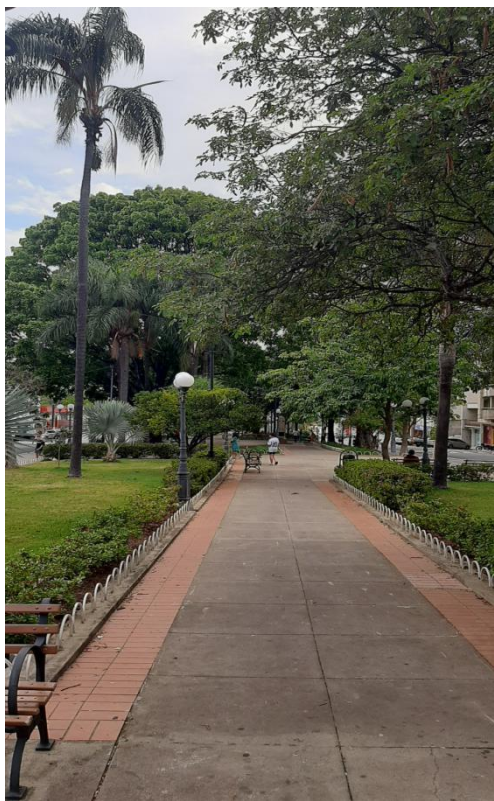


Foto 13 - Vista parcial do *Jardim Monte Castelo*
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 14 - Intervenção do artista Saulo Pico - natural da cidade de Cláudio - na escadaria José Neves de Souza
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 15 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Câmara Municipal de Cláudio/MG

Disponível em:

<https://www.camaracaudio.mg.gov.br/pontos-turisticos/item/1718-igrejas-e-capelas> acesso em mar. 2024



Foto 16 - Brinquedoteca Municipal

Fonte: dos arquivos da autora



Foto 17 - Biblioteca Municipal

Fonte: dos arquivos da autora



Foto 18 - Pequi, fruto bastante presente na alimentação dos claudienses
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 19 - Pequizeiro, árvore da qual se extrai o pequi
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 20 - *Articum*, fruta bastante comum no cerrado
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 21 - Interior do *Articum*
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 22 - Fachada de escola, na área rural, abandonada por falta de alunos
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 23 - Vista geral de propriedade na área rural
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 24 - Propriedade rural no povoado dos Souzas
Fonte: dos arquivos da autora



Foto 25 - Área rural da cidade de Cláudio
Fonte: dos arquivos da autora

Apêndice 2 - Lista de lexias e unidades complexas do léxico listadas para a pesquisa

Lexias

01. Abafado	30. Catingudo	60. Engonha
02. Abafamento	31. Catiolar	61. Engonhada
03. Aborrecido	32. Catira	62. Enxó
04. Ajeitado (jeitado)	33. Catireiro	63. Escanhotado
05. Amoitar	34. Changuanha	64. Escanhotar
06. Amolada	35. Chitão	65. Escopa
07. Apear	36. Chocaria	66. Espinhenta
08. Aprendente	37. Choco	67. Estilingar
09. Arapuca	38. Coisa	68. Estilingue
10. Arrolhado	39. Coisera	69. Farra
11. Arrolhar	40. Coiserada	70. Farrear
12. Arteiro	41. Colcha	71. Farrista
13. Atrapalhado (Trapaiado)	42. Courinho	72. Finca
14. Assear	43. Cricri	73. Fintar
15. Banzo	44. Custosice	74. Fumo
16. Beberola	45. Custoso	75. Futicar
17. Beberreira	46. Derrancado	76. Futico
18. Beirar	47. Derrancar	77. Futiqueiro
19. Binga	48. Distraimento	78. Gabiroba
20. Bodoque	49. Eluir	79. Guaspa
21. Boia	50. Embarrancado	80. Guimba
22. Boiar	51. Embondar	81. Jacá
23. Buduegue/Beldroega	52. Embondeiro	82. Janguana
24. Cachopa	53. Embondo	83. Lasseada
25. Cambota	54. Embornal/Bornal	84. Lassear
26. Canseira	55. Encostar	85. Lereia
27. Capanga	56. Enfarado	86. Lereiada
28. Cartucho	57. Enfaramento	87. Lereiar
29. Casinha	58. Enfronhado	88. Levada
	59. Enfronhar	89. Lombeira

90. Macuco	124. Plasteza
91. Macuquento	125. Plastice
92. Mangada	126. Porrete
93. Manguara	127. Potoca
94. Mexer (cuidar)	128. Potoqueiro
95. Minchoco	129. Pousar
96. Moa	130. Precata
97. Moléstia	131. Preguiça
98. Molho	132. Quentadinho
99. Morrada	133. Quento
100. Moscar	134. Quirela
101. Muriçaia	135. Quirera
102. Orelhão	136. Quitanda
103. Paçoca	137. Restolho
104. Paiero	138. Rolão
105. Paiol	139. Rolimã
106. Pajear	140. Ruço
107. Palpite	141. Sambanga
108. Pataca	142. Sapeca
109. Pataquada	143. Sapo
110. Pedrada	144. Seremeia
111. Pedrar	145. Soca
112. Peia	146. Socó
113. Peralta	147. Solera
114. Petecado	148. Talha
115. Petecar	149. Tareco
116. Peteco	150. Terreiro
117. Pião	151. Tiborna
118. Piorra	152. Tiú
119. Pipocar	153. Toada
120. Pirunga	154. Topar
121. Pitar	155. Vipa (Víspora)
122. Pito	156. Zinabre
123. Plasta	

Unidades complexas do léxico

1. Aquela mexida
2. Arrumar porco/galinha
3. Brincadeiras de criação
4. Bão ou não?
5. Brinquedos de criação
6. Caçar meio
7. Cangar abelha
8. Coisera de trem
9. Coiserada de trem
10. Comer pança
11. Dar certo
12. Dar manota
13. Dar notícia
14. Encher o pote
15. Empinar carroça
16. Entortar a alça do caneco
17. Estar de fogo
18. Esticar as canelas
19. Fazer o quilo
20. Feijão pagão
21. Garrado no golo
22. Mesma mexida
23. Nó cego
24. Passar trabalho
25. Passar uma água
26. Passar um pedaço
27. Pé inchado
28. Pé no Bete
29. Pito de palha
30. Preguiça cozida
31. Sem tipo
32. Tem base?
33. Tô fincado

Apêndice 3 - Parecer da câmara de pesquisa da FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PARECER CONSUBSTANCIADO A PROJETO DE PESQUISA DE DOUTORADO

TÍTULO DO PROJETO

A identidade lexical de Cláudio, Minas Gerais: uma análise sociolinguística

PROPONENTE

Doutoranda: Juraci da Silva Carmo

ORIENTADORA

Prof a . Dr a . Aléxia Teles Duchowny

ÁREA: Linguística teórica e descritiva

LINHA DE PESQUISA: Estudo da variação e mudança linguística

I - HISTÓRICO

Em 29 de dezembro de 2021, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (POSLIN) encaminhou-me, para apreciação e emissão de parecer, o projeto de tese intitulado *A identidade lexical de Cláudio, Minas Gerais: uma análise baseada no uso*, de autoria da doutoranda **Juraci da Silva Carmo**, que possui objetivo de executá-lo sob a orientação da Prof a . Dr a . **Aléxia Teles Duchowny**. Em 6 de janeiro de 2022, enviei ao POSLIN parecer consubstanciado, no qual indicava a relevância do projeto para os estudos linguísticos, mas indicava a necessidade de **reformulação parcial do texto**.

Em 27 de janeiro de 2022, o POSLIN encaminhou-me a versão reformulada pela autora, a qual apresenta novo título: *A identidade lexical de Cláudio, Minas Gerais: uma análise sociolinguística*. Esta segunda versão contém 21 páginas, não assinadas nem rubricadas, e apresenta as seguintes partes: introdução; justificativa; estado da arte; comunidade de fala da pesquisa; problema de pesquisa; objetivos; referencial teórico; metodologia; referências; cronograma; apêndice - ficha social dos informantes.

Passa-se, a seguir, à análise do mérito da versão reformulada do projeto, tendo como fundamento: a) o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG; b) a Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes; c) carta não datada nem assinada, de suposta autoria do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-UFMG), enviada às Câmaras Departamentais da UFMG e reencaminhada aos docentes do POSLIN pela coordenação do Programa em mensagem eletrônica de 21 de janeiro de 2022.

II - MÉRITO

O **objetivo** principal do projeto é analisar o léxico de falantes nativos do município de Cláudio. Constituem ainda objetivos do trabalho verificar se determinadas unidades lexicais da comunidade linguística em questão constituem casos de retenção ou arcaísmo linguístico, analisando seu contexto de uso, bem como elaborar um glossário com tais itens. Nesse sentido, a proposta é relevante e meritória, pois contribuirá para os estudos descritivos do léxico de Minas Gerais, o qual vem despertando o interesse dos pesquisadores desde o final do século XIX. Além disso, propõe-se uma coleta de dados em uma localidade cuja variedade se conhece pouco e a execução do projeto contribuirá para estabelecer relações entre o português de Cláudio e o de outras variedades.

Conforme expõe a autora, o trabalho “se justifica por seu caráter investigativo e pela necessidade de se mapear todas as manifestações possíveis ao longo do imenso território brasileiro” (p. 6). Embora seja uma tarefa quase utópica mapear todas as manifestações linguísticas ao longo do território, a **justificativa** do projeto é pertinente e sua execução contribuirá para o conhecimento do léxico claudiense, que conta, pelo que consta, apenas de um estudo sobre os apelidos da cidade (Pereira, 2011). Além do mais, o projeto se justifica pela contribuição lexicográfica proposta (a elaboração de um glossário), ou seja, a produção de um material que “sirva de consulta para que professores, principalmente aqueles que atuam na cidade de Cláudio, aprofundem seu conhecimento da realidade linguística da região e possam, assim, mostrar a seus alunos como suas escolhas lexicais estão intimamente conectadas com o lugar ao qual pertencem” (p. 6). Logo, está nítida a contribuição social que haverá com o desenvolvimento do trabalho proposto.

As **questões de pesquisa** se encontram sob forma de perguntas, as quais estão claras e são pertinentes em relação aos objetivos teóricos e metodológicos. Entre as questões levantadas, destacam-se as seguintes: “Quais fatores linguísticos e extra-linguísticos [sic] influenciam na [sic] identidade lexical dos nativos de Cláudio?; Com qual frequência, considerando uma análise quantitativa, e em quais situações comunicativas os claudienses utilizam itens lexicais 2 característicos de seu falar?; Os vocábulos com significação característica do falar claudiense aparecem em situações específicas de comunicação? Em caso afirmativo, em qual contexto seriam mais frequentes?” (p. 10).

O **referencial teórico** se baseia em pressupostos dos estudos lexicais e dos estudos sociolinguísticos de corte variacionista. Para o primeiro caso, são mencionados os trabalhos de Biderman (1988; 1999; 2001a; 2001b), Barbosa (1995; 2001), Haensch (1982), entre outros e, para o segundo caso, são citados Labov (2008 [1972]) e Moreno Fernández (2009), entre outros. Tais obras são pertinentes e conseguirão oferecer apoio teórico ao estudo. No entanto, não se discute nada sobre a elaboração de glossário. Considerando que o objetivo específico III do projeto (p. 11) é construir um glossário, faz-se necessário que a autora discuta, na produção da tese, questões teóricas e práticas sobre a elaboração de glossários. Portanto, a bibliografia específica deverá ser ampliada ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Com relação à **metodologia** de coleta de dados, o projeto prevê a coleta de dados com 40 participantes, distribuídos em diferentes variáveis, como idade, gênero, escolaridade e origem (rural ou urbana). A escolha das variáveis está adequada ao propósito da pesquisa e bem fundamentada. Entretanto, não é informado como será feita a seleção dos participantes que serão entrevistados. Infere-se que seja pelo tradicional método de *bola de neve*, a partir dos contatos iniciais da própria pesquisadora.

De acordo com a autora, “com o intuito de conhecer o perfil social dos sujeitos [...], será criada uma ficha social de cada sujeito” (p. 15) e “nesse contato prévio, haverá a formalização da participação do sujeito na pesquisa” (p. 15). Não se informa, contudo, como o participante poderá ou não dar o consentimento, se de forma oral, escrita ou por outro meio, conforme previsto no art. 5º da Resolução CNS nº 510/2016. Supõe-se, contudo, que essa informação constará em termo de consentimento livre e esclarecido que será submetido ao COEP-UFMG. Ao informar que a pesquisadora esclarecerá, no final da entrevista, “os reais objetivos de sua pesquisa” (p. 16) e que dará ao participante a possibilidade de decidir se fará parte ou não do trabalho, a autora propõe, acertadamente, procedimento que minimiza o paradoxo do observador, questão de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, ao mesmo tempo

que respeita as normas previstas na Resolução CNS nº 51/2016. Além disso, quando se aponta que, "caso o informante opte por não contribuir, seus dados de fala serão destruídos, imediatamente, em sua presença", a autora respeita o direito previsto no inciso II do art. 9º da mesma resolução, segundo o qual é direito dos participantes desistir a qualquer momento de participar da pesquisa.

O **cronograma** proposto está adequado e existe tempo hábil para que sejam realizadas todas as etapas da pesquisa e para que seja escrita a tese, cuja defesa está prevista para o primeiro semestre de 2024.

O projeto não apresenta **orçamento**. Como a realização da coleta de dados demandará custos, sobretudo de transporte, infere-se que a doutoranda já possui (ou deverá adquirir por meios próprios) os recursos necessários para a execução da pesquisa.

Com relação aos **aspectos linguísticos**, o projeto está bem escrito, com uso adequado dos elementos de coesão e de coerência. Precisa, no entanto, de uma revisão para corrigir pequenos erros, os quais não tiram o mérito da proposta. Nesse sentido, é necessário, por exemplo, rever o uso de sinais de pontuação (“entender que ∅ para o falante...” (p. 5); “dicionarizados, Souza” (p. 8), entre outros); revisar a entrada das referências dos dicionários mencionados na nota 4 (p. 10); adequar as referências às atuais normas da ABNT (eliminar parênteses angulares (<>) dos *hyperlinks*; padronizar o uso de maiúsculas e minúsculas nos títulos e subtítulos das obras; incluir dois-pontos após a expressão “Acesso em”).

III - PARECER FINAL

Considerando a relevância da pesquisa proposta para os estudos linguísticos e as adequações realizadas para a versão reformulada do projeto, sou, *s. m. j.*, pela sua

APROVAÇÃO.

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2022.



A handwritten signature in blue ink that reads "Eduardo Tadeu Roque Amaral".

Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

Apêndice 4 - Ficha social do informante**Ficha social do informante****1. Nome:****2. Data de nascimento:****3. Sexo:** () Feminino () Masculino**4. Idade:****5. Naturalidade:****6. Você vive na cidade de Cláudio desde que nasceu?****7. Caso sua resposta anterior tenha sido negativa, descreva quanto tempo você viveu longe de Cláudio e cite os locais nos quais morou.****8. Estado Civil:** () Solteiro () Casado () Viúvo () Outro**9. Escolaridade:****10. Assiste TV?**

() Todos os dias () Às vezes () Nunca

11. Programas preferidos

() Novelas () Programas de Esportes () Noticiários () Filmes

() Programas de Auditório () Programas Religiosos () Outros

12. Faz uso de internet?

() Todos os dias () Às vezes () Nunca

13. Quais tipos de site ou aplicativos costuma acessar?

Apêndice 5 - TCLE - Termo de consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a). está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa ***A IDENTIDADE LEXICAL DE CLÁUDIO, MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA***, que tem como objetivo analisar o léxico específico dos moradores da cidade de Cláudio, Minas Gerais, construindo um glossário com as lexias que se configurarem, ao final da pesquisa, como características de Cláudio, ou da região na qual a cidade está inserida. A pesquisa é realizada pela doutoranda Juraci da Silva Carmo, sob orientação da Prof^a Dr^a Aléxia Teles Duchowny, no programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. O motivo deste convite é que o(a) Sr(a). se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: é claudiense(a), ou mora na cidade há mais de 15 anos, é maior de idade, mora na cidade de Cláudio e tem o português como primeira língua.

Este estudo é motivado pela necessidade de se descrever a língua em uso, bem como pela importância de se compreender que cada localidade tem sua identidade linguística.. Seus benefícios incluem a contribuição com os estudos s lexicológicos do português brasileiro de forma a construir material que sirva de consulta para que professores, principalmente aqueles que atuam na cidade de Cláudio, aprofundem seu conhecimento da realidade linguística da região e possam, assim, mostrar a seus alunos como suas escolhas lexicais estão intimamente conectadas com o lugar ao qual pertencem. Além disso, este estudo pode servir para que futuros trabalhos analisem se, realmente, o falar claudiense se configura como paulista, já que a cidade, apesar de estar de estar em uma região definida pelo EALMG, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, como sendo de falar paulista, não teve seus dados de fala coletados para aquele documento.

Para este estudo será adotado, inicialmente, questionário sociolinguístico, através de entrevista sobre sua história de vida e de sua relação com a cidade na qual vive. Em seguida, o(a) Sr(a). será exposto(a) a perguntas, às quais poderão favorecer o surgimento de palavras específicas do dialeto claudiense. Em um breve terceiro momento, será pedido que o(a) Sr(a). defina palavras - ouvidas, anteriormente, na fala de outros nativos de Cláudio - para que o pesquisador possa avaliar se tais palavras são utilizadas da mesma forma pelos claudienses. É importante salientar, que os voluntários da pesquisa não serão pressionados, caso digam não conhecer determinada palavra, toda entrevista será conduzida de forma que o entrevistado sinta-se confortável.

Para participar deste estudo o(a) Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, mas será garantido, se necessário, o ressarcimento de suas despesas, e de seu acompanhante, como transporte e alimentação. A entrevista será realizada em local de sua preferência, podendo ser

lugar público, sua residência, ou outro. Caso seja necessário ou o(a) Sr(a). prefira, a entrevista será realizada de maneira remota, através de ferramenta de comunicação virtual (Skype, Google Meet ou Whatsapp). Ela tem duração estimada de 90 minutos, mas, caso o(a) Sr(a). deseje, pode conter intervalo ou ser segmentada em mais de um encontro.

Em consideração à Res. 466/12 do Conselho Nacional de Pesquisa, devem ser esclarecidos os riscos associados à pesquisa. Algumas perguntas referentes à história familiar ou ao conhecimento da língua podem ser consideradas de caráter pessoal e gerar constrangimento. Caso o(a) Sr(a). opte pela entrevista remota, pode haver constrangimento quanto a sua familiaridade com a tecnologia, além de problemas técnicos não previstos. O distanciamento pode, também, acarretar perda de informações devido à não percepção de sutilezas e ao ruído. O(A) Sr(a). será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento, por qualquer motivo, que não necessitará ser revelado. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. Caso, ainda assim, sinta que haja danos provenientes da pesquisa, o(a) Sr(a). poderá buscar indenização nos termos da Res. 466/12 do Conselho Nacional de Pesquisa.

	Rubrica participante	Rubrica
pesquisador		

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que, em caso de obtenção de documentos, fotografias ou gravações de voz, os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável durante dois anos após a conclusão do estudo, após os quais poderão ser mantidos como banco de dados para pesquisas futuras, ou devolvidos a seus respectivos donos. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr(a). não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo sem autorização prévia. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Minas Gerais e a outra será fornecida a(o) Sr(a).

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, nascido(a) em ____/____/_____, residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado _____, podendo ser contatado(a) pelo número telefônico (_____) _____ e e-mail _____ fui informado(a) dos objetivos do estudo **A**

IDENTIDADE LEXICAL DE CLÁUDIO, MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo em conceder entrevista, sob as seguintes condições:

Autorizo:	SIM	NÃO
Publicação do meu nome completo na pesquisa em questão		
Utilização somente de abreviação do meu nome na pesquisa em questão		
Gravação de áudio da entrevista		
Disponibilização do áudio da entrevista na pesquisa em questão		
Disponibilização da transcrição da entrevista na pesquisa em questão		

Os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que atendidas as condições acima. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

pesquisador _____ Rubrica participante _____ Rubrica

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador responsável: Aléxia Teles Duchowny
Fone: (31) 98881-0227 E-mail: alexiaduchowny@gmail.com

Assistente de pesquisa: Juraci da Silva Carmo
Fone: (31) 98473-5394 E-mail: silvacarmo.juraci@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901
Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005
Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Apêndice 6 - Roteiro de entrevista

1. Criança, geralmente, não gosta muito de comer arroz, feijão, verdura... o que a criança prefere no lugar do almoço?
2. Qual é o nome daquele objeto feito com fumo enrolado na palha que as pessoas acendem para satisfazer um vício?
3. Amigos se reúnem para beber, comer, conversar, ouvir música... como é o nome desse tipo de reunião?
4. Como se chama aquela sopa feita com milho quebradinho?
5. Uma criança que dá muito trabalho, é uma criança...
6. Como se chama aquele prato, muito comum nas festas juninas, que se faz com amendoim inteiro, açúcar e chocolate em pó?
7. Um refrigerante aberto, que fica muito tempo na geladeira, é uma...
8. Uma pessoa que não gosta de nada, que vive reclamando da vida e de tudo, é uma pessoa...
9. Como se chama aquele feijão que acabou de ser cozido e ainda não foi temperado?
10. Geralmente, depois do almoço, o corpo fica mole, “querendo cama”. Como se chama essa sensação?
11. Quando compramos um sapato, ele é justo no pé, mas, depois de alguns usos, o que acontece com ele?
12. Quando uma pessoa vai a um evento sem pagar nada, diz-se que ela foi de...
13. O que acontece com uma cerveja fica muito tempo do congelador?
14. Qual expressão se utiliza para dizer que uma pessoa bebeu muita bebida alcoólica?
15. Em um jogo, uma pessoa, por descuido, perde uma oportunidade de vencer. Dizemos que essa pessoa...
16. O que se diz de uma pessoa que não sabe se portar em situações mais formais?
17. Como se chama aquela festa que é feita com sobras de uma festa anterior?
18. Qual é o nome daquela roupa de cama que utilizamos para nos cobrir quando vamos dormir?
19. Como se chama aquele utensílio que, geralmente, os cavaleiros utilizam de forma transversal em seu corpo e serve para guardar seus pertences?

Apêndice 7 - Fichas lexicográficas

01. ABAFADO (*Adj.*)

13 ocorrências

ML3CRO: *Abafado é quando a gente se sente assim, amolada, fica perturbada com alguma coisa. A gente...*

ML1MPA: *Abafado é ansioso, né? Nervoso.*

1.Houaiss - que se abafou -**1.** coberto para manter o calor; tapado -**2.** em que mal se pode respirar, Ex.: *banheiro a*. **3.** que não consegue ou é impedido de respirar; sufocado, asfixiado, Ex.: *estava se sentindo a*. **4.** Derivação: por extensão de sentido. em que a má ventilação e/ou o calor excessivo prejudicam a respiração ou causam desconforto, Exs.: *floresta a. manhã a. verão a*. **5.** Derivação: por extensão de sentido. enroupado ou agasalhado em excesso, Ex.: *sentia-se a. naquelas roupas*. **6.** Derivação: por extensão de sentido. morto por asfixia; sufocado, Ex.: *não resistiu, a. pela almofada*. **7.** Derivação: por metáfora. que se reprime ou dissimula, Ex.: *choro a*. **8.** Derivação: por metáfora. impedido de desenvolver-se ou de ter prosseguimento, Ex.: *denúncia a*.

2.Aurélio - [part. de *abafar*.] *Adj.* **1.** Pesado, sufocante, abafante abafadiço, abafador: *atmosfera abafada*. **2.** Em que se respira mal; irrespirável, abafadiço; *sala abafada*. **3.** Privado do ar; sufocado, oprimido, asfixiado. **4.** Contido, reprimido, sofreado: *Soluções abafadas*. **5.** Enroupado, agasalhado, para evitar o frio. **6.** Disfarçado, dissimulado, velado: *riso abafado*. **7.** Que não se divulgou, não veio a público: *escândalo abafado*. **8.** De pouca ressonância; surdo, sumido: *voz abafada*. **9.** Oprimido pela angústia; apertado, esmagado: *Sente o coração abafado*. **10.** *Bras. Pop.* Extremamente ocupado; abafado. **11.** *Bras. Pop.* Agoniado, ansiado, aflito. **12.** *Bras. PE Pop.* Zangado, irritado. - V. Vinho - .

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Sufocado, sem ar, apertado, tampado. Ex.: Depois que reclamaram que a sala de aula estava muito *abafada*, a professora resolveu abrir as janelas.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - adj. part. de abafar. Tapado coberto de sorte que se embarace a comunicação com o ar livre. Basto. Occulto. Sem se saber. Opprimido.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - adj. Tapado, coberto de forma que se embarace a comunicação com o ar livre: preso, sem saída v.g. ar § Coberto, embuçado. Prov. Da Hist. Geneal. t. 5. p. 58 i. ., *A Rainha vinha abafada do rosto com huma enxaravia*. § Bastos, espertos v.g. matos. § *Horisonte ____ de nuvens, de montes*. § ____ o coração, apertado, oprimido. § Oculto, não sabido *Castan. I. 5. c. 75. ficou sua morte abafada*.

Continua

9. VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... - Abafado. Bem coberto cõ pano, ou qualquer outra couza, de maneira, que não possa facilmente transpirar a materia coberta. *Bene tectus, opertus, ou coopertus, a, um.* [...] Abafado de gordo [...] *morria o gado abafado de gordo.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: abafados | p.adj. Séc. XV, ZURD, 270.16 [...] abafemos muy bem as cabeças e os rostros [...] estes mouros cuydaram que hymos mudar estas colmeas e que por causa das abelhas hymos assy abafados [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Abaf. ado, -amento - Bafo. Sm. Ar exalado dos pulmões. Abafado xvi. De origem onomatopaica.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Onomatopaica

Concluído

02. ABAFAMENTO (S.m.)

1 ocorrência

ML3MQM: *Abafado. É quando a gente tá às vezes muito chateado, a gente fica naquele abafamento, naquela coisa ruim.*

1.Houaiss - substantivo masculino - 1.ato ou efeito de abafar(-se); abafação, abafadura, abafo - 2. falta de ar, de ventilação; sufocação - 3. Derivação: por extensão de sentido. aflição ou cansaço provocados por falta de ar; fadiga - 4. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. apropriação indébita de qualquer objeto ou dinheiro; furto, abafo.

2.Aurélio - [De abafar + -mento] S.m. 1. Ato de abafar(se), abafadura. 2. Falta de ar; sufocação; abafadura, abafo. 3. Apagamento, desaparecimento. 4. *Bras. Gir.* Ação de abafar, de apropriar-se indebitamente de objeto ou quantia, abafo. [Sin. ger.: abafação.]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Falta de ar (Principalmente após o ato sexual).

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s.m. (gir.). Subtracção de uma quantia. “O thesoureiro ao dar o balanço verificou o *abafamento* de dez contos de reis por parte de um fiel.”

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. Accção de abafar suffocação. Fig. Opressão.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - f.m. Accção de abafar. *B. Pereira.*

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Suffocação. *Suffocatio, onis.* Fem. *Plin. Histor.* Da palavra abafamento se usa mais no sentido metaphorico, que no natural, & val qase tão, como oppressão. *Oppressio, onis.* Fem. *Terent.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: abafamento | Substantivo - Séc. XV, ZURD, 193.16 [...] e enderençaram camjnho da aldea pero ante que chegassem a ella.os mouros auisados de huum porto que se fazya em huum regato onde auya muyta pedra com grande abafamento de adaaroeiras. saltarom dyante [...]. Medieval: abaffamêto | Substantivo Séc. XV, VITA, 159c36 [...] que a chama da sua deuoçõ acreçête os fiees atees a fim do mûdo. e ã per o sopro ã abaffamêto de ãõ fiees ãõ de ondas ãõ seja apaguado.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Abaf. ado, -amento - Bafo. Sm. Ar exalado dos pulmões. Abafado xvi. De origem onomatopaica.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e *Continua*

Origem: Onomatopaica

Concluído

03. ABORRECIDO (Adj.)

3 ocorrências

ML2NCG: *Tudo tem que sê do jiitinho dela, né? Num pode fazê nada que num seja do jeito dela. É muito é chato, né? Uma pessoa assim, num sei tamém. Como que eu falo? Uai... **Aborrecida**, né? Pra mim é **aborrecido**. Quê, se você tá na mina casa, ocê vai arrumá a cozinha, cê vai arrumá do seu jeito.*

1.Houaiss - adjetivo - **1.** que causa tédio, enfado; maçante, desagradável, Ex.: *foi um espetáculo tão longo quanto a*. **2.** dominado por aborrecimento, enfado, má disposição, Ex.: *aquele senhor está sempre a*. **3.** que demonstra ou exhibe aborrecimento, Ex.: *esboçou um gesto a. e foi embora.*

2.Aurélio - [Part. de *aborrecer*.] **Adj.** **1.** Que causa aborrecimento ou horror; detestado, abominado: *É o cantor mais aborrecido de quantos conheço: ninguém o tolera*. **2.** V. aborrecível (1). **3.** Que aborreceu entedia; tedioso, maçante, fastidioso, aborrecível: *“Chuvinha aborrecida peneirava-se.”* (Alberto Rangel, *Quando o Brasil Amanhecia*, p. 175), **4.** Que sente aborrecimento, enfado; amolado: *Fez um ar aborrecido e deu as costas.*

3.Dicionário InFormal - **Por dicionário InFormal** - ADJ. Aquele que sofreu aborrecimento. Enfadonho, maçador. Ex.: *Ele está aborrecido porque a namorada terminou com ele.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - adj. Desgostoso, que de tudo se desgosta. Que causa aborrecimento.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. Pass. De aborrecer. Ativamente, o que tem aborrecimento v.g. aborrecido da vida, Palmer. 4. p. 44.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Aborrecido de alguém. *Alicui invisus, odiosus, exosus, a, um.* Exosus neste sentido he de Aulo-Gellio, no cap.18.do livro 2. aonde diz, *Ex quibus latenter intelligas, non omnes omnimodis Dijs exosus esse, qui c.* Isto vos faz ainda mais aborrecido. *Hoc te invidiosiore facit.* Aborrecido dos bons. *Invidiosos apud bonos.* Cic. Aborrecido de Deos & dos homens. *Deo, hominibus odiosos, ou invisus.* Ser muito aborrecido. *Pervenire in maximam invidiam. Opprimi, ou & stuari invidia. Ex invidia plurimum laborare.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: aborrecidos | p.adj. Séc. XV, VITA, 152c50 [...] faz mēço dos de sodoma e gomorra por demostrar q̃ aqlles peccados sō mais aborrecidos de deus os quaes sã cōtra natura [...]. Medieval: auorecidos | p.adj. Séc. XV, REIX, II.132.126 [...] alguns maldizemtes que com tigo ujuem, auorecidos de Deus, buscando rezões prazemteiras [...].

Continua

Medieval: auorreçada | p.adj. Séc. XV, BENF, 62.24 E antes queyra chegar ao desgastamento que ficar em scaçesa apertada que do nobre e rreal coração he sempre auorreçada . Medieval: auorreçada | p.adj. Séc. XV, VITA, 9c26 [...] como podera seer a morte boa. A qual soo de sse nomear he auorreçada e spantosa [...]. Medieval: auorrecido | p.adj. Séc. XIV, ORTO, 99.23 [...] he o homẽ criado e mãtheudo do sangue do mestrũũ que uem aas molheres, o qual he tam auorrecido e tam çuyo e tam peçonhẽto, que, se caae sobre as meses, faze-as que nõ dam fruyto [...]. Medieval: avoreçada | p.adj. Séc. XV, FRAD, 384.7 [...] e de dar de comer alguns pobres em no dia de sua festa, se livrasse a filha de aquella avoreçada infirmitade. Medieval: avoreçados | p.adj. Séc. XV, REIX, I.43.18 [...] que me torne de Teu santo serujço, nem que os meus feytos sejam tays que sejam avoreçados ante ty. Medieval: avorecydas | p.adj. Séc. XV, REIX, I.239.40 [...] sermos costramgidos a comermos tam mas vyandas e tam avorecydas cousas. Medieval: avoreçydos | p.adj. Séc. XV, REIX, II.344.198 [...] suas molheres e filhos, que aly traziam offrecydos aos defesos e avoreçydos ajumtamemtos carnaís dos Christãos [...]. Medieval: avorrecido | p.adj. Séc. XV, OFIC, 30.1 Mas todavia o engano he mais digno de sseer avorrecido . Medieval: avorrecidos | p.adj. Séc. XV, BENT², 26.21 [...] Corruptos e avorrecidos som fectos os que vão segundo suas voontades. Medieval: avorrecidos | p.adj. Séc. XV, LEAL, 243.1 [...] somos com sobeja piedade so fegura de virtude tornados, e outros per crueldade muyto avorrecidos ! Medieval: avorrecidos | Adjetivo Séc. XV, TERS, 55.14 [...] hos lugares que, antes disto eram desejados e deleitosos, ficavam depois como hermos avorrecidos e desemparados. Medieval: avorrecjdos | p.adj. Séc. XV, BERN, 79 Outrosy por que fugamos aaquello que diz a escpritura ã outro llugar. Dos que som negligẽtes Onde diz Corrutos e auorrecjdos som ã as suas uoõtades. Medieval: avorreçada | p.adj. Séc. XIII, CSM, 196.10 [...] o nome groriosos / dela oyr non queria, tanto ll'era avorreçada . Medieval: avorrida | p.adj. Séc. XIII, CSM, 222.29 [...] ãa aranna grand' e negr' e avorrida .

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - |xv MONT 110.9, avorreçado xiii csm 196.10.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

04. AJEITADO (Adj.)	26 ocorrências
HM3FPF: <i>Jeitada é a pessoa que... conversa com os outro, procura assim, convive com os outros... ter baum, baum humor pra conversá com as pessoa.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - Por Luiz Gonzaga da Silva (DF) - Pôr um jeito; acomodar: Conseguir, alcançar, por Meios hábeis.	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

05. AMOITAR (V.t. d.)

18 ocorrências

HM1CGR: *Amoítá é de escondê, de moita mesmo. De co... de colocá na moita, escondê.*

1.Houaiss - verbo transitivo direto e pronominal - **1.** meter(-se) em moita, bosque, mata etc., Exs.: *amoitou o gado entre as árvores/ o animal amoitou-se no bosque* transitivo direto e pronominal - **2.** Derivação: por extensão de sentido. esconder(-se) em qualquer lugar; ocultar(-se), Exs.: *amoitou o dinheiro sob uma pedra descoberto, o ladrão tratou de se a.* pronominal - **3.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Sul do Brasil. colocar-se em abrigo; proteger-se, agasalhar-se, Ex.: *amoitaram-se debaixo da ponte* - pronominal - **4.** Derivação: por analogia. Regionalismo: Sul do Brasil. ficar agachado; acachapar-se - transitivo direto - **5.** Regionalismo: Sul do Brasil. fazer cair; derrubar, Ex.: *amoitou o desafeto com uma paulada* - transitivo direto - **6.** raptar ou seduzir, levando para o mato - intransitivo - **7.** Derivação: por metáfora. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. silenciar o que pensa ou sabe; ficar na moita; moitar, Ex.: *conhecia o segredo, mas amoitou* - pronominal - **8.** Regionalismo: Sul do Brasil. formar moita, Ex.: *naquele ponto as samambaias amoitavam-se* - pronominal - **9.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil.firmar-se nas decisões; agarrar-se, segurar-se com insistência.

2.Aurélio - [De a-² + moita + ar-².] *V. int. 1. Bras.* Esconder-se, ocultar-se, amoitar-se. **2. Bras. Gír. V. moitar. P. 3. Bras.** Amoitar (1)

3.Dicionário InFormal - Por Yago Oliveira Lima (GO) - Sinônimo de esconder.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - De origem obscura||Amoitar| amoutar 1844||

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

06. AMOLADA (Adj.) 1 ocorrência
ML3CRO: *Abafado é quando a gente se sente assim, amolada, fica perturbada com alguma coisa. A gente...*

1.Houaiss - adjetivo - que se amolou- **1.** que foi afiado; que se tornou cortante; aguçado - **2.** Regionalismo: Brasil. que se encontra aborrecido; apoquentado.

2.Aurélio - [Part. De *amolar*.] *Adj.* **1.** Afiado, aguçado. **2.** Bras. V. Aborrecido (4 e 5).

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Estar doente.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. Pass. de amolar § *Amolado de sobre mão, bem afiado*, feito com descanço; e f., lealdade amolada de sobre mão,, que corta por tudo que pode fazer, com que ella desminta. Palmer. 3.p. 149 v.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: amolado | p.adj. Séc. XIV, TROY, I.222.24 [...] o elmo que era todo rroto et amolado [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do cast. *amolar* || amolado 1813.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Castelhana

7. APEAR (V. t. d.)

15 ocorrências

HM1CGR: *Apear é... Eu a... acredito que seja de peia. É peia é uma... é uma... tipo um laço pequeno, sabe? vamo por um laço pequeno, tem o mesmo nó de laço, só que pequeno e mais fino, aí usa pá ma... eu falo puquê eu já lacei bezerro já e apeá é quando cê amarra as pernas do bezerro. Então, **apeá**, eu... eu já vi e vejo muita gente usando no sentido de amarrá.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto, bitransitivo, intransitivo e pronominal - 1. fazer descer ou descer de montaria ou veículo; desmontar(-se), Exs.: *apeou a carga/apeou(-o) do cavalo o vaqueiro apeou/apeou-se da montaria* - transitivo direto - 2 pôr abaixo; demolir, derrubar, Ex.: *a. uma parede/* bitransitivo e pronominal - 3 Derivação: sentido figurado. demitir(-se) de (cargo, emprego, comando etc.); exonerar(-se), destituir(-se), Exs.: *apearam-no da direção da empresa/foi obrigado a a.-se do cargo* - bitransitivo - 4 Derivação: sentido figurado. pôr fim a, acabar com; rebaixar, humilhar, Ex.: *a falência apeou-o do seu orgulho* - intransitivo e pronominal - 5 Derivação: por extensão de sentido (da acp. 1). Regionalismo: Brasil. hospedar-se ao chegar de viagem, Ex.: *apeou(-se) na casa do amigo*

2.Aurélio - [De a-²+pé+ar-²] **V.t. d.** 1. Fazer pôr o pé em terra; fazer descer; desmontar: *Tomando-anos braços, apeou-a da cavalgada.* 2. Pôr abaixo; derrubar: *A verdade reconstituída apeou o ídolo que o povo criara.* **T.d. e i.** 3. Fazer descer. 4. Privar ou destituir de emprego, cargo, honraria, dignidade, etc.: *Finalmente, o apearam do poder.* **T.c.** 5. Hospedar-se, ao chegar de viagem; apear-se. 6. Descer de montaria ou viatura; apear(-se): “A marquesa apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres.” (Camilo Castelo Branco. Perfil do Marquês de Pombal. P. 16) Int. 7. Apear (6) “Iam todos apeando e penetrando na sala depois de terem amarrado os animais às árvores e às estacas do cercado” Antônio Sales, *Aves de Arribação*, p. 32). **P.** 8. Apear (5): *Apeou-se da casa do compadre.* [Conjug.: v. frear. Part. Apeado. C.f. apiado do v. apiadar-se (ant.) ou apiedar-se (q.v.)]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Fazer descer, colocar no chão. O cantar de **apear** ao boi.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v. a Ajudar a desmontar, a pôr se a pé. v. refl. Pôr se a pé. Desmontar-se.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v. at. Fazer por a pé. § Ajudar a desmontar do cavallo, ou coche. § *Apear a sege*, ou coche, tirar-lhe as bestas. § *Apear o canhão*, ou tirá-lo do reparo, desencarretá-lo. § ___ do ofício, privar, dar missão não honesta. § ___ se, descer-sedo cavallo fege.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... *Continua*

Tirar alguém do cavallo. *Alicui equon eripere*. Apear a outrem para o castigar. Aliquem equo multare. Apear ou apear-se do cavallo. Ex equo descenso, onis. Fem. *on descensus, us*. Masc. Apear o coche. *Equos, ou mulas à Rhedâ, ou curru disjungere, ou abjungere, (go, junxi, junctum.) Columella disjungere. Disjungere boves ab opere*. Apear hum canhão. *Murale tormentu exilinea compage, deponere, ou dejicere*. Duas peças de Artilharia, huma das quaes estava Apeada, para sobirem a huma torre. Commentar. Das guerras do AlemTejo. 183. Apear alguém do officio, do cargo, dignidade, &c. *Aliquem munere abdicare, ordine movere. Cuipiam abrogarem unus*. Cicero diz *Abrogare alicium imperium*, Tito-Livio diz, *Magistratum*. Apear hum official de guerra. *Exauctorare decurionem, centurionem*. Apeou alguns Alteres. *Nonnullos signiferos loco movit. Cas*.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Derivado de pé, do lat. *Pes pēdis* || *Apear xvi*.

11.O Dialeto Caipira - v.i. - voc. Port., que no dail. Apresenta a particularidade de envolver, corretamente, a ideia de “hospedar-se”: “Quando chegô? Adonde apeô? - Apeei na casa do Chico, perto de onde tenho meus que fazê”.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

08. APRENDENTE (S. 2 g.)

1 ocorrência

ML1LBM: *Acho que é o ponto que nós temos que levantá a bandeira mesmo de educação justa, duma educação que garanta ao **aprendente** o direito de... de crítica, de construção social, pra ele podê tê... sê de verdade, um cidadão né?*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Aquele que aprende, o aprendiz, aquele que está em constante busca pelo conhecimento.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

09. ARAPUCA (S. f.)

1 ocorrência

HM2FRC: *É ainda... a gente brincava de... Ih! Armava arapuca antigamente... né? Isso é coisa de minino, né? A gente... diversão nossa era essa.*

1.Houaiss - Regionalismo: Brasil. **1.** armadilha para caçar pequenos pássaros; ger. uma pirâmide feita com pauzinhos ou talas de bambu; urupuca. **2.** Derivação: por extensão de sentido. armação para surpreender, emboscar; cilada, armadilha. **3.** Derivação: por extensão de sentido. lugar ermo ou de aspecto suspeito onde um assaltante poderia ocultar-se. **4.** Derivação: por extensão de sentido. emprego de esperteza com a finalidade de enganar; engodo, embuste, conto do vigário. **5.** Derivação: por analogia. casa muito velha, ou em péssimo estado de conservação, quase a desabar. **5.1** estabelecimento público, esp. casa de espetáculos, de aspecto desagradável, sujo, conhecido pelo mau atendimento ao cliente. **6.** Derivação: por analogia. estabelecimento mal-afamado que trabalha com crédito, seguro, sorteios etc.

2.Aurélio - [Do tupi] *S.f. Bras.* **1.** Armadilha para apanhar pássaros pequenos, formada de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal; urupuca: “os braços roliços de fora, o colo trigueiro à vista, armando arapucas aos pássaros pela aba do morro” (Herman Lima, *Tijipió*, p. 123). **2.** P. ext. Cilada, armadilha. **3.** Estabelecimento mal-afamado de crédito, seguros, sorteios, etc. **4.** Engodo, logro, embuste. **5.** P. ext. Pop. Negócio ou transação fraudulenta. **6.** Local ou estabelecimento em que se pratica esse tipo de negócio ou transação. **7.** Casa velha, esburacada, que ameaça ruir. **8.** Arataca (1). **Cair na arapuca.** *Bras.* Deixar-se apanhar.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Arapuca (arataca ou urupuca) é um artefacto, de origem indígena no Brasil, que consiste numa armadilha, feita de paus, com formato piramidal, e destinada a pegar vivos aves, pequenos mamíferos, ou outros animais de caça.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - Armadilha para apanhar pássaros.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘armadilha para apanhar pássaros’ 1865; ‘est. Negócio suspeito’ 1872. Do tupi **ara’puka*.

11.O Dialeto Caipira - *s.f.* - armadilha para apanhar pássaros, feita de pequenos paus arranjados horizontalmente e em forma de pirâmide. | B. Rodrigues registra “arapuca” e “urapuca”, do nheegatu.

Continua

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e
Origem: Tupi <i>Concluído</i>

10. ARROLHADO (Adj.)

29 ocorrências

ML3MQM: *Arroiado* é... é... às veiz tem gente que tá tão individado to... ele costuma falá, “eu tô **arroiado** de dívida.” De dinheiro, né?

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Diz-se do que está tapado com rolha.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. pass. De arrolhar.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - -ar - rolha - *sf.* ‘peça geralmente cilíndrica, de cortiça, borracha, plástico etc., usada para tapar gargalo de garrafa e outros frascos’ vxi. Do lat. *Rotûla* -ae ‘(>*rocla.*rogla>*royla>rolha) || ARrolhADO 1813 || ARolhAR 1813.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

11. ARROLHAR (V. i.)

1 ocorrência

ML3MCM: *Que eles falam aqui. Arroiar. arroiado assim, quando você vai comprar, aí, você faz aquela dívida, e não tem como você pagar. Entendeu? Você vai ficar arroiado.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto- **1.** tapar com rolha; rolhar, Ex.: *a. garrafas* - transitivo direto - **2.** Regionalismo: Brasil. causar medo; assustar, intimidar, Ex.: *com o grito, arrolhou os companheiros* - intransitivo e pronominal - **3.** Regionalismo: Sul do Brasil. fugir de maneira covarde, Exs.: *após a derrota, o inimigo arrolhou diante da ameaça, o homem arrolhou-se* - transitivo direto **4.** Regionalismo: Sul do Brasil. derrotar (adversário); vencer, Ex.: *depois de uma longa luta, arrolhou o inimigo* - transitivo direto - **5.** provocar o silêncio de; fazer calar, Ex.: *o olhar da professora arrolhou o aluno falador* - intransitivo e pronominal - **6.** Regionalismo: Sul do Brasil.
arquear a corcova (o cavalo), encolhendo-se.

2.Aurélio - [De *ar*⁻¹ + *rolha* + *ar*².] **V. t. d. 1.** Colocar rolha em; rolhar. **2.** Bras. Fazer calar; silenciar: *Arrolharam a testemunha, subornando-a.* **3.** Bras. Intimidar, assustar. **4.** Bras. Vencer, derrotar (o adversário). **Int. P. 5.** Calar-se ou fugir, vencido ou acovardado. **6.** Bras. S. Encolher-se (o cavalo), ameaçando corcovear. [Pres. Ind.: arrolho, etc. Cf. arrolho (ô) e arrulhar.]. **V. int. Bras. S. 7.** Reunir animais cavaleares. **8.** Desfolhar a erva-mate. [Pres. Ind.: arrolho, etc. Cf. Arrolho e arrulhar.].

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Tapar com rolha.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - *sf.* Acção de desfolhar a herva matte. (Fonte citada)

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. Tapar com rolha.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v. at. Tapar com rolha.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

12. ARTEIRO (Adj.)

4 ocorrências

PESQUISADORA: *Ãham. É. e... que tipo de criança que o sinhô foi assim. Como que o sinhô era como criança assim?*

HM2FRC: *Assim... **arteiro** assim? Uai, meio **arteiro**, subia nas árvore, né? Brigava com os muleque, né? Às veiz, no caminho, da iscola brigava. Foi muito bom.*

1.Houaiss - adjetivo **1.** que promove artes ou manhas; esperto, artiloso, sagaz - **2.** Regionalismo: Brasil. Que apronta artes ou travessuras.

2.Aurélio - [De arte¹ + -eiro] **Adj. 1.** Que revela arte ou artifício; manhoso, astucioso, artiloso. **2. Bras.** Que faz ou traquinices; traquinas, travesso, artioso. [Sin., bras., GO: *custoso*].

3.Dicionário InFormal - Por Ana Regina (MG) - Aquele que faz bagunça; faz coisa errada; aquele que procede mal.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - Adj. Que sabe artes de viver; manhos, sagaz, astuto, sousa.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

10. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: arteira | Adjetivo

Séc. XIV, TEST, 25.18 A serpente era mais arteira , que todalas animalhas da terra [...]. Medieval: arteira | Adjetivo Séc. XV, LOPF, 37.28 Gill Fernandez [...] começou de dizer: "Amigos, esforçaae e nom ajaaes temor; e se algũuas gentes veherem a nós com ousança e ssem rreceo, pellegemos com elles". Entom husou d'hũa arteira sajaria e boom avisamento em este modo [...]. Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XIII, CSM, 213.93 [...] o dem' arteiro . Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XIII, CSM, 312.72 [...] mais pero seer non soube tan sabedor nen arteiro . Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XV, CESA, I.3§5.2 E Julio Cesar nom curou da sua companhia, por que era arteiro [...]. Medieval: arteiro | Substantivo Séc. XV, FRAD, I.84.16 [...] o emigo arteiro trazia tal emgano ao seu coração [...]. Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XV, OFIC, 114.7 [...] por que quanto cadahuũ he mais arteiro e mais mallecioso, tanto delle teerãm mayor duvida e peyor sospeita. Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XV, OFIC, 65.17 Anibal Africano foi homem muyto arteiro . Medieval: arteiro | Adjetivo Séc. XV, VITA, 74b49 [...] e ã elle santificou e jejuũ dãdo ensinaça que no deserto deuemos entrar em batalha com jmijgo arteiro . Medieval: arteiros | Substantivo Séc. XV, LEAL, 187.10 Dos arteiros e mallecyosos, derrybados aos fallycymentos suso

Continua

scriptos, filhar seus dictos e feitos aa peor parte, nom pera os julgar, mas pera delles nos guardar, discreçom he. Medieval: arteyra | Adjetivo Séc. XIII, CSM, 383.43 [...] cuidou a seer arteyra / de sobir tost'. Medieval: arteyra | Adjetivo Séc. XV, ZURD, 48.9 Jente muy audaz e arteyra como adyante melhor direy [...]. Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XIV, AVES, XXIV.21 Diz aqui a glosa sobr' este vesso que o passaro arteyro voa de ramo a ramo en alto [...]. Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XIV, ORTO, 129.28 E diz Plinio que ha hi hũũs scorpiõões que parẽ onze filhos, e a madre mata-os, afora hũũ delles que he mais arteyro , que sobe sobre a cabeça da madre, em loguar que esta seguro do aguilhõ della, que tẽ ãno cabo. Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XIV, TROY, II.221.6 [...] auia outro fillo engeñoso et arteyro et rreuoluedor. Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XV, BENF, 312.7 O v modo en que sse toma costume, podemos chamar, de louco desprezo, de que usam muytos per modo arteyro . Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XV, BENF, 319.22 Per este modo o caualeyro quer guerra, e o logar ou tempo doentyo enche a bolsa do arteyro fisico. Medieval: arteyro | Adjetivo Séc. XV, VITA, 35d46 E pore m o apostollo emcomenda e louuoa a circumcisom escondida no coraçom arteyro ou auisado.

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *adj.* 'astuto, ardiloso' xiii

11. O Dialeto Caipira - q. - ardiloso, astuto. || J. J. Nunes, "Crest. Arc.", registra **arteiro** como fora do uso corrente. O "Novo Dic." registra-o sem essa menção.

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

13. ATRAPALHADO (Adj.)

23 ocorrências

ML1NAS: *Trapaiada é uma pessoa doida.*

1.Houaiss - adjetivo - que se atrapalhou - **1.** malfeito, confuso, desordenado, Ex.: *o que é feito às pressas costuma sair a.* **2.** em apuros; em situação embaraçosa; em dificuldades, esp. Financeiras, Ex.: *os gastos com médicos deixaram-no muito a.* **3.** incapaz de ligar ideias; sem saber o que fazer ou dizer; embaraçado, atarantado, perplexo, Ex.: *a crise política deixou os governantes a., sem saber o que fazer*

2.Aurélio - [Part. De *atrapalhar*.] **Adj.** **1.** Incapaz de agir de maneira apropriada; perturbado, perplexo, embaraçado: *Fiquei todo atrapalhado, incapaz de contornar a situação.* **2.** Em situação embaraçosa; em dificuldades, especialmente financeiras: *Com a doença do menino, este mês fiquei atrapalhado.* **3.** Desconexo, incoerente: *Veio uma conversa atrapalhada que não me convenceu.* **4.** Que não está arrumado; confuso, desordenado, tumultuado: *É preciso pôr em ordem meus papéis, que estão muito atrapalhados.*

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Bagunçar o que está organizado.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Adj. Part. De Atrapalhar. Coberto de trapos.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. pass. de atrapalhar, coberto de trapos. § F. pleb. Posto em desordem, confusão.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Trapo - de origem céltica-atrapalhado xvii

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Céltica

14. ASSEAR (V. i.)

4 ocorrências

HM1CGR: *lassear* é tipo *assear*... *chi...* é quando a... o couro ele... se... ele esquenta, *cê mexe muito ele abre. Ou sapato mesmo de pano ele estica, ele se ajeita, lassear, ô... eu já ouvi falar assear. Então... é lassear.*

1.Houaiss - verbo transitivo direto e pronominal **1.**tornar(-se) limpo; limpar, lavar; Exs.: *a. a casa/ Asseia-se com cuidado todas manhãs.* Transitivo direto. **2.** Diacronismo: antigo. enfeitar, adornar. Pronominal. **3.** vestir-se com apuro.

2.Aurélio - [Do lat. vulg. **assedare*, ‘pôr as coisas na sua sede, no seu lugar’.] *V.t.d.*
1. Tornar limpo, varrendo ou lavando ; limpar. **2.** Ant. Enfeitar, ornar, ataviar. **P. 3.** Fazer a higiene de si mesmo; limpar-se. **4.** Vestir-se com apuro, com esmero. [Conjug.: v. frear]

3.Dicionário InFormal - Por Carlos Lins (RJ) - Limpar ou lavar o corpo bem como demais objetos.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - asseio. v com c.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Vb. ‘Limpar(-se)’ xvii. De um lat.**assēdāre* ‘sentar, pôr as coisas em seu lugar’, de *sēdē* -is ‘assento, morada, centro’.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

15. BANZO (S.m.)

19 ocorrências

HM1CGR: *Banzo*, é... é quando cê... fica tipo depois... depois do almoço, quando cê come muito, e fica ali, aquela preguiça, né?

1.Houaiss - substantivo masculino - processo psicológico causado pela desculturação, que levava os negros africanos escravizados, transportados para terras distantes, a um estado inicial de forte excitação, seguido de ímpetos de destruição e depois de uma nostalgia profunda, que induzia à apatia, à inanição e, por vezes, à loucura ou à morte. Adjetivo - **2** Derivação: por extensão de sentido. afetado por tristeza ou por um infortúnio; que revela abatimento; desgostoso **3**Regionalismo:

Norte do Brasil. tomado pelo fortuito ou pelo inesperado; surpreso, pasmo. **4**

Regionalismo: Minas Gerais. sem jeito, sem graça; encabulado. Ex.: *o gesto de desdém deixou b. o rapaz.*

2.Aurélio - Banzo¹ [Dev. De *banzar*.] **S. m.** **1.** Nostalgia mortal que atacava os negros trazidos escravizados da África: “Uma moléstia estranha, que é a saudade da pátria, uma espécie de loucura nostálgica ou suicídio forçado, o *banzo*, dizima-os pela inanição e fastio, ou os torna apáticos e idiotas.” (João Ribeiro, *História do Brasil*, p.207.) **2.** P. ext. Nostalgia, tristeza. • **Adj.** **3. Bras.** Triste, abatido; pensativo. **4. Bras.** N. surpreendido, pasmado. **5. Bras.** MG Sem jeito, sem graça; encafifado: *Meteu-se a galanteador, e saiu banzo.*

Banzo² [De or. obs.] **S. m.** **1. Arquít.** Cada uma das peças ou vigas laterais das escadas fixas e de mão, onde se apoiam os degraus. **2.** Braço do andor, do esquife. ♦

Banzo da bomba. Banzo externo. **Banzo externo.** Aquele que, nas escadas fixas e encostadas a uma parede, se encontra do lado oposto a esta, ou do lado da bomba. **Banzo interno.** Aquele que, nas escadas fixas, se encontra junto a uma parede.

3.Dicionário InFormal - Por Kaire (SC) - Saudades, falta. Originada com os escravos que ficavam com "**banzo**". Eles geralmente usavam esta palavra quando sentiam saudades ou falta muito dolorosa de seu lugar de origem ou de uma pessoa em especial, muitos morriam de **banzo**, ou melhor, durante o período do **banzo**.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.m. Da escada de mão, as duas peças paralelas, onde estão embebidos os degraus: as serras braçães, também tem banzos, a folha está no meyo delles. Barreir. Corogr.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

Continua

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Banzo¹ - adj. s.m. ‘triste, abatido’ ‘nostalgia dos escravos africanos’ xix. De origem africana; relaciona-se, provavelmente, com BANZA ‘povoação dos negros africanos’ em alusão às ‘saudades da *banza*, terra natal’. **Banzo²** - sm. ‘cada uma das peças ou vigas laterais das escadas, onde se apoiam os degraus’ 1813. De origem obscura.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Africana/De origem obscura

Concluído

16. BEBEROLA (S. f.)

1 ocorrência

ML2EMS: *O* teve uma fase da vida dele de... de adolescência, de andá com os amigos dos meus primos. Amigos, primos mesmo, e... vivia na **beberola**. E um dia eles resolveram, “Mãe, vou passá o carnaval na Canção Nova”.*

1.Houaiss - N/e**2.Aurélio - N/e****3.Dicionário InFormal - N/e****4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e****5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e****6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

17. BEBERREIRA (S. f.) HM1CGR: <i>Beberreira... é de beberrão, de tonto, de bebedeira.</i>	17 ocorrências
HM3JA: <i>Beberrera é quando a... a pessoa bebe além da conta, fica tonto, né?</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... A planta que dá Beberas, <i>Vid.</i> Bebera.	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

18. BEIRAR (V. t. d.)

3 ocorrências

ML1LCG: *Os meninos me **beiravam** querendo que eu brincasse com eles.*

HM2GCG: *Você vai ser preso se ficar **beirando** lá de noite. Afinal, eles não querem gente de outra região **beirando** lá.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** deslocar-se à beira de; ir pela margem de; costear, ladear, margear, Ex.: *corre a jangada, beirando os recifes* - transitivo direto e transitivo indireto - **2.** fazer limite (com), confinar (com), Ex.: *a lagoa beira (com) o nosso quintal* - transitivo direto e transitivo indireto - **3.** contar aproximadamente; abeirar-se de, Ex.: *ela já está beirando (pel)os 30 anos* - transitivo direto - **4.** estar a ponto de atingir; aproximar-se de, Ex.: *isso beira o desrespeito.*

2.Aurélio - [De beira + -ar².] *V. t. d.* **1.** Caminhar, ou movimentar-se, à beira ou à margem de: “Ei-los que vão, beirando precipícios” (Venceslau Queirós, *Poemas Escolhidos* p. 85.). **2.** Ficar situado à beira, ou à margem de: A casa beira o rio; “De luz o vácuo se inunda/ A estrada, beirando a mata./ Parece agora uma larga./ Imensa faixa de prata.” (B. Lopes, *Val de Lirios*, p. 126.) **3.** Abeirar-se, aproximar-se de: “Vivia em companhia de sua mãe, velhinha encarquilhada, beirando os noventa.” (Moreira Campos, *Portas Fechadas*, p.23.); “O peixe-boi está beirando o seu fim.” (Tiago de Melo, *Mormaço na Floresta*, p. 92); “aquela cabecinha alongada e trepidante [das lagartixas], os dedinhos vertiginosos me causaram um desgosto que beirava o horror.” (Maria Julieta Drummond de Andrade, *O Valor da Vida*, p. 89). **T. c. 4.** Confinar, limitar(se): A mata beirava com o ranchinho. **5.** Ter aproximadamente; orçar: *Beira pelos 60 anos.*

3.Dicionário InFormal - Por Arlete Fernandes (PR) - Quase encostar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Beira - Beirar 1899. De origem incerta.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Continua

Origem: Incerta.***Concluído***

19. BERNO (S. m.)

2 ocorrências

ML2NCG: *Com fumo. Antigamente, eles falava que punha o...o... pra car...que pra berno! Isquentava o... o... guimba do cigarro aquela... o fumo, né? Isquentava e punha assim quente assim no coisa pra ele podê ... eles fazia muito isso... pá ele podê... ficá tonto e querê saí... o berno.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** deslocar-se à beira de; ir pela margem de; costear, ladear, margear, Ex.: *corre a jangada, beirando os recifes* - transitivo direto e transitivo indireto - **2.** fazer limite (com), confinar (com), Ex.: *a lagoa beira (com) o nosso quintal* - transitivo direto e transitivo indireto - **3.** contar aproximadamente; abeirar-se de, Ex.: *ela já está beirando (pel)os 30 anos* - transitivo direto - **4.** estar a ponto de atingir; aproximar-se de, Ex.: *isso beira o desrespeito.*

2.Aurélio - [De beira + -ar².] *V. t. d.* **1.** Caminhar, ou movimentar-se, à beira ou à margem de: “Ei-los que vão, beirando precipícios” (Venceslau Queirós, *Poemas Escolhidos* p. 85.). **2.** Ficar situado à beira, ou à margem de: A casa beira o rio; “De luz o vácuo se inunda/ A estrada, beirando a mata./ Parece agora uma larga./ Imensa faixa de prata.” (B. Lopes, *Val de Lirios*, p. 126.) **3.** Abeirar-se, aproximar-se de: “Vivia em companhia de sua mãe, velhinha encarquilhada, beirando os noventa.” (Moreira Campos, *Portas Fechadas*, p.23.); “O peixe-boi está beirando o seu fim.” (Tiago de Melo, *Mormaço na Floresta*, p. 92); “aquela cabecinha alongada e trepidante [das lagartixas], os dedinhos vertiginosos me causaram um desgosto que beirava o horror.” (Maria Julieta Drummond de Andrade, *O Valor da Vida*, p. 89). **T. c. 4.** Confinar, limitar(se): A mata beirava com o ranchinho. **5.** Ter aproximadamente; orçar: *Beira pelos 60 anos.*

3.Dicionário InFormal - Por Arlete Fernandes (PR) - Quase encostar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Beira - Beirar 1899. De origem incerta.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta

20. BINGA (S. f.)

4 ocorrências

ML2EMS: *Binga*, parece uma bala de revólver, mas é uma **binga**. Minino fica perguntano, “É bala de revólver?” Não, é uma **binga**. É um isqueiro.

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** Rubrica: anatomia zoológica. Regionalismo: Brasil. m.q. ¹**cornio** ('apêndice ósseo') - **2.** Derivação: por metonímia. Regionalismo: Brasil. isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra, que se atrita com uma lâmina de ferro ou de aço (ger. um pedaço de lima), provocando uma faísca que inflama a bucha de algodão; artifício, fuzil, papa-fogo - **3.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. estojo para guardar esse isqueiro - **4.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. **cornimboque** **5.** Regionalismo: Pernambuco. espécie de copo feito de chifre - **6.** Regionalismo: Brasil. lampião de querosene - **7.** Regionalismo: Brasil. espécie de cascalho - **8.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. matéria fecal; titica, bosta, merda - **9.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. coisa imprestável ou desagradável - **10.** Regionalismo: Bahia. Uso: informal. pênis de criança ou pênis pouco desenvolvido

2.Aurélio - [Do quimb. *mbinga*] *S.f. e m. Bras.* **1.** Zool. V. corno² (1). **2.** Tabaqueiro de chifre. **3.** espécie de piçarra ou cascalho. **4.** Lampião de querosene: “Escutava-se ...a voz pigarrosa do caipira, batendo fogo, assoprando o chumaço da binga.” (Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 23). **5.** Isqueiro tosco usado no interior. **6.** Zool. V. beija-flor (1). S.f.. **7.** Bras. BA O pênis. **8.** Bras. PB Bosta (1 a 3).

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - Significa uma espécie de isqueiro rudimentar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s. f. Estojo onde se guarda o isqueiro.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

Continua

11. O Dialeto Caipira - s. f. - isqueiro de chifre: “Enrola o cigarro, amarra-lhe uma palhinha para que não desaperte, bate a *binga*, e acende-o vagarosamente”. (A. S.). ‖ Na Baía significa simplesmente chifre, seg. B. ~R. Atribui-se-lhe o étimo “mbinga”, chifre, do bundo.

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta.

Concluído

21. BODOQUE (S.m)

1 ocorrência

HM3JA: *Ah, é... a brincadeira de criança, que eu mais gostava, era jogá futibol. Eu adorava jogá futibol com os otros minino, né? E gostava tamém de... caça passarinho, é com **bodoque**, né? Matava passarinho, às veiz pegava, colocava na gaiola...*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** Diacronismo: antigo. pelota de argila cozida que se arremessava com certo tipo de besta - **2.** Derivação: por extensão de sentido. Diacronismo: antigo. besta us. para arremessá-la - **3.** Regionalismo: Brasil. m.q. **atiradeira**

2.Aurélio - [Do ár. *Bunduq* < gr. *Pontikón (káryon)*, ‘(noz) do Ponto (i. e., avelã).’] **S.m.** **1.** Ant. Bola de barro que se disparava com besta. **2.** *Bras.* Arco para atirar bolas de barro endurecido ao fogo, pedrinhas, etc. **3.** *Bras.* Qualquer dessas bolas. **4.** *Bras.* V. **atiradeira**.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - S.m.- Palavra da língua espanhola, que entre outros significados quer dizer:- esfera de barro e/ou lama, moldada para secagem ao sol, e utilizada para ser arremessada por funda, estilingue ou outro tipo de atiradeira manual.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - *s.m.* Espécie de bésta, cujo projectil é uma pedrinha, uma bala de barro cozido, etc.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s. m.* Arco com duas cordas e huma rede para atirar com balas de barro.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - *s. m.* Arco com duas cordas, e huma rede no meio, na qual se põe a balla, ou pelouro de barro, com que se atira. § *Besta de bodoque*, aquella a que estava unido o bodoque, o qual hoje se atira à mão.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Bodôque. Bala de barro. *Vid.* Besta.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sm.* ‘arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas etc.’ 1813. O voc. port. talvez remonte , com visível extensão de sentido, ao ár. *bunduq* ‘noz, avelã’ ‘bala de espingarda’, deriv. do gr. *Pontikón* (noz) pântica’.

11.O Dialeto Caipira - *s.m.* - arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, sei, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos: “E o caboclo perdeu meio dia de serviço para fazer o *bodoque*, bem raspado com um caco de vidro que levou da cidade, encordoando-o com corda de linha “clarck” encerada a capricho, **Continua**

rematando com gosto de artista a obra, desde o cabo até a malha”. (C.P.) || O “Novo Dic.” dá como ant., significando “bola de barro, que se atirava com bésta” e aponta-lhe o étimo no ar. “bandoque”. V. PELÓTE.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Árabe

Concluído

22. BOIA (S. f.)

24 ocorrências

HM3JHF: *Boia. É, a gente chama cumida de boia, né? Boiar, vamo almoça.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** Rubrica: termo de marinha. objeto flutuante, esférico, cilíndrico ou cônico, us. para balizar uma passagem, assinalar um obstáculo à navegação, amarrar uma embarcação etc. **2.** qualquer flutuador móvel utilizado para manter algo ou alguém à superfície da água - **2.1.** Rubrica: pesca. corpo de material flutuante (cortiça, espuma de poliestireno, cabaça etc.) que se adapta às linhas e redes de pesca, para que não afundem completamente **2.2.** nas caixas-d'água, esfera oca que flutua e ergue a peça que veda a entrada do líquido, quando o espaço interno está cheio - **2.3** Rubrica: engenharia mecânica. peça flutuante que marca a altura do carburante dentro do tanque de combustível dos veículos automotores - **3.** Derivação: por extensão de sentido (da acp. 2). Regionalismo: Brasil. grão de café engelhado que, durante a lavagem, flutua na água do tanque **4.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. rancho ('refeição') de soldados - **5.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. - refeição, comida - **6.** Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Brasil.- m.q. *xixá* (*Sterculia chicha*) - **7.** Rubrica: comércio. sobra de estoque encalhada - **8.** Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. borboleta (*Morpho hercules*) da fam. dos ninfalídeos, de coloração marrom, com complexo conjunto de ocelos e máculas contrastantes de diversas matizes [Voa alto sobre a mata nas horas quentes do dia.]

2.Aurélio - **Boia**¹(ói) [Do francês **baukan*, 'sinal', por uma var. ant. ou dial. do fr. *bouée*.] S. f. **1.** *Mar.* Flutuador cilíndrico, esférico, cônico, etc., usado para vários fins, tais como balizamento, amarração de navios, e outros, e aguentando no seu lugar fundeado ou amarrado. **2.** Peça de material flutuante (cortiça, isopor, etc.) adaptada às redes de pesca para que não afundem. **3.** Cortiça ou outro material flutuante ligada à corda em que se apoiam aqueles que aprendem a nadar. **4.** *P. ext.* Qualquer objeto flutuante sobre a água e que auxilie a natação. **5.** Peça flutuante existente nas caixas d'água, que serve para vedar a entrada do líquido quando o reservatório se enche. **6.** *Bras.* Etapa (1) de soldados. **7.** Comida, refeição, rancho. **8.** Grão de café chocho que sobrenada nos lavadouros. **9.** Sobra de mercadoria que não foi vendida. **10.** *Bras. Bot.* V. *xixá*. ♦ **Boia cega.** *Náut.* Boia empregada em balizamento e que não tem aparelho iluminativo. **Boia luminosa.** *Náut.* Boia empregada em balizamento e que mostra um sinal luminoso, em geral montado no topo de uma torre ou armação metálica. **Boia salva-vidas.** *Marinh.* Objeto feito de cortiça ou de outro material de grande flutuabilidade, ou constituído de uma câmara de borracha inflável com ar ou com outro gás, e destinado a sustentar alguém à tona da água. **Boia sonora.** *Náut.* Boia empregada em balizamento, em local de frequentes nevoeiros, e munida de dispositivo (apito, sino, etc.) que produz um sinal sonoro. ∴

Boia² (ói) [Do tupi (v. *mboia*).] S. f. *Bras. Zool.* V. cobra¹ (1). [outras f.: *mboia* e *moia*.] ∴

3.Dicionário InFormal - Por Dami (RS) - 1. objeto que flutua; 2.(verbo) ato de boiar (3 do sing.)

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - Boia¹ s.m. Grão de café chocho que sobrenada nos lavadores. **Boia**² s.f. (gíria). Refeição. "São horas do almoço, da boia."

Continua

5.Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa - N/e

6.Dicionário da Língua Brasileira (1832) - Pedaco de páo atado a ancora que se move sobre a água, e serve para mostrar, onde ella está. Roda de cortiça da rede de pescar.

7.Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.f. pedaco de madeira leve, que anda sobreaguada, e atada à ancora para mostrar onde ella esta surgida. § *Boia de salvação*, barril todo tapado, com huma bandeirinha, que se deita, quando cahe homem ao mar, para se soster pegado a ella. § As rodas de cortiça que acompanhão a rede de pescar.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval -Medieval: boyas | Substantivo - Séc. XV, LOPF, 124.52 [...] deu estonce tam gram vista a algũus pescadores que a duas e tres legoas virom boyas de rredes que no mar jaziam [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘flutuador usado para balizamento, amarração de navios etc., e aguentando no seu lugar fundeado ou amarrado’ | *boya* xv | De uma var. Antiga ou dialetal do fr. *bouée*, provavelmente deriv. Do francês **baukan* ‘sinal, boia’ || **AboiAR**¹ vb. ‘boiar’ | aboyar xvi || **boiAR** vb. ‘flutuar’| xv, boyar xiii.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta.

Concluído

23. BOIAR (V. int.)

19 ocorrências

HM1CGR: *Boiá é comê.***ML3CRO:** *Boiá é a gente sem... igual antigamente, chamava, “Falava, fulano, vem boiá! O almoço tá pronto, vem boiá!” Talvez, cê já viu alguém falá isso. “Vem boiá!”*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** deslocar à tona da água; prender a boia(s) para que flutue, Exs.: *boiamos os toros de madeira rio abaixo b. um aparelho de pesca* - intransitivo - **2.** manter-se à tona de água, líquido; flutuar, Exs.: *atirada à água, a cesta boiou - ensinou o filho a b. intransitivo* - **3.** alçar, balouçar, oscilar, Ex.: *folhas secas boiavam ao vento*. Intransitivo - **4.** Derivação: sentido figurado. estar ou ficar indeciso; hesitar, vacilar, Ex.: *boiava entre as opções de viagem*. Intransitivo - **5.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. não perceber ou não entender, Ex.: *no que se refere à matemática, ele boia* - intransitivo - **6.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. comer a boia ('refeição'); alimentar-se, Ex.: *só vamos depois de b.*

2.Aurélio - [De *boia*¹ + -ar².] **V.t.d. 1.** Pôr a flutuar, prendendo a boia¹: *Boiou a rede para tentar a sorte, e nada de peixe. T.c. 2.* Flutuar, sobrenadar: “Como ao rijo soprar das ventanias/Os mortos boiam sobre as águas frias!” (Fagundes Varela, Poesias Completas, 1, p. 145.) **Int. 3.** Boiar (2): *Aprendeu a boiar e a nadar muito cedo. 4.* Balançar, oscilar: *Penduradas, as roupas boiavam ao vento. 5.* Estar irresoluto, hesitar. **6.** Sobrar, restar (mercadoria que não se conseguiu vender). **7.** Bras. Gír. Não entender; ficar na mesma: *Explicou-me de que se trata, mas continuei boiando. 8.* Bras. Tomar a boia¹ (6 e 7); comer. [Conjug.: v. apoiar].

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Estar por fora do assunto, não entender, sem saber o que está acontecendo. Ex.: *Fui numa palestra sobre nanotecnologia e fiquei boiando o tempo inteiro.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: boiaua | Verbo - Séc. XV, ZURD, 284.9 E como quer que o mar estaua de calma que nom boiaua uento. fezse a gallee porem prestes com o mauyo do pescado e foram demandar a carauella.

Continua

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - De uma var. Antiga ou dialetal do fr. *bouée*, provavelmente deriv. Do francês **baukan* ‘sinal, boia’ || **AboiAR**¹ vb. ‘boiar’ | aboyar xvi || **boiAR** vb. ‘flutuar’ | xv, boyar xiii.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: De uma variação antiga do francês.

Concluído

24. BUDUEGUE (Beldroega)(S.f.)

02 ocorrências

ML2RMC: *Então, tipo assim, papai plantava milho, essas coisa, a gente pegava negócio que parece ba... ba... bo... é... buduegue sei lá, acho que é buduegue que fala, então, cariru de porco, essas coisa a gente, entendeu?*

1.Houaiss - substantivo feminino - Rubrica: angiospermas. **1** design. comum a ervas da fam. das aizoáceas, das urticáceas e, esp., das portulacáceas, ger. comestíveis e ricas em ácido salicílico **1.1** erva (*Pilea serpyllifolia*) da fam. das urticáceas, nativa do Brasil (MG), de folhas assimétricas e flores branco-róseas; cariru **1.2** erva (*Portulaca halimoides*) da fam. das portulacáceas, nativa do Brasil (esp. do litoral), de folhas purpúreas, carnosas e comestíveis, e flores sésseis, muito vilosas; portulaca **1.3**m.q. *alecrim-de-são-josé* (*Portulaca pilosa*) **1.4** m.q. *joão-gomes* (*Portulaca mucronata*) adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros Uso: informal ou pejorativo. **2** menos us. que *beldroegas*

2.Aurélio - Erva urticácea.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - também conhecida como berdoega, verde-laga, ora-pro-nobis, bredo-de-porco, salada-de-negro, caaponga, é uma planta, rasteira, da família das Portulacáceas, gênero Portulaca, com várias espécies. Sua origem é controversa, mas acredita-se que seja da Índia ou China. Tem propriedades medicinais, sendo usada com laxativo, diurético, vermífugo, anti-inflamatório e anti-bacteriana. Seus princípios ativos são: ácido oxálico, sais de potássio e derivados da catecolamina e dopamina. Suas folhas também podem ser apicadas como compressas em hematomas e inflamações oculares. Pode ser consumida em saladas .

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - S.f. Planta ficoidacea.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Erva

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Erva conhecida.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

25. CACHOPA (S. f.)

21 ocorrências

HM3JA: *Cachopa* é... assim um facho, uma copa duma árvore, ou um fa... um negócio assim de capim... que forma assim, mais ou menos, uma bola, eles fala que é *cachopa*.

ML3CRO: *Cachopa* é aquelas *cachopa* que eles fazia antigamente, pra enfiá pur baixo, mor de chuva, não?

HM2FAF: Num sei. *Cachopa*. É... *cachopa* quando a gente tira... ia tirá muito abelha tamém, que a gente... aí, a gente usava muito, “Achei uma *cachopa* de abelha ali, vão lá tirá ela?” Nós tirava o mel no caso, né?

ML1MPA: Posso falar, tipo assim, meu cabelo tá uma *cachopa*, né? Tá muito alto. Desgrenhado.

1.Houaiss - substantivo feminino, Regionalismo: Rio Grande do Sul. cacho ('conjunto') de flores na extremidade de um ramo.

2.Aurélio - Cachopa¹ (ô) [Fem. de *cachopo¹*.] *S. f. Lus.* Moça, rapariga: “um rapagão valente e decidido que costumava namorar as cachopas de cravo vermelho na boca” (João da Silva Correia, *Farândola*, p. 104).; **Cachopa²** (ó) [De *cacho¹*. poss.] *S. f. Bras. RS Mad.* Cacho (1) na extremidade de um ramo.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Moça bonita e sapeca.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.f. Menina, rapariga. *Cbron. F.* l. c. 12. V. *Cachópo*. as cachopas de *Omfale Barr. Gramm. F.* 304.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Cachôpa. Menina. Rapariga. *Vid.* Nos seus lugares.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *Cachopo sm.* ‘rapaz’ xv; ‘escolho, recife’ xvi. De origem controvertida; talvez se ligue a CACHO || **cachopa sf.** ‘moça’ xvi.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Controvertida

26. **CAMBOTA (S. f.)**

10 ocorrências

GHCFG: *Eu tava correndo, trupiquei e tomei uma cambota.*

1.Houaiss - - substantivo feminino - **1.** Rubrica: arquitetura, construção. armação arqueada, de madeira, que serve de molde e de suporte para a construção de arcos e abóbadas; cimbrio, gambota - **2.** Rubrica: carpintaria. peça, ger. de madeira, em arco, que assenta horizontalmente no alto de nichos, altares etc. para servir de apoio ao dossel - **3.** m.q. ¹**camba** ('peça curva de roda de veículo') - **4.** Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: obsoleto. cada uma das peças em arco que formam, com outras que lhe servem de apoio ou de complemento, o arcabouço de certos tipos de popa de embarcação ou a estrutura de sustentação de escotilhas - **5.** Rubrica: engenharia mecânica. Regionalismo: Portugal. nos motores a explosão, eixo de transmissão com uma ou mais manivelas - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros - Regionalismo: Maranhão, Rio Grande do Sul. **6.** m.q. **cambaio** ('de pernas tortas', 'coxo').

2.Aurélio - [Da raiz de camba] **S.f.1.** Constr. V. cimbre. **2.** Part circular da roda de carro (1), na qual se fixam os raios e o aro externo. **S.f. Bras. Fam.** V. cambalhota. **Adj. 2 g. S. 2 g. Bras.** MA RSV. Cambaio (1 e 5)

3.Dicionário InFormal - Por João (MG) - Homem que tem as pernas arqueadas para fora ou a padieira da porta em madeira, em forma curva. Ex.: *João é cambota, suas pernas parecem cabo de alicate./O marceneiro fez uma cambota para o marco da porta.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - s.f. Cambalhota (fam.).

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.f. páo com meia volta, com que se usão os armadores, faz hum arco que assenta horizontalmente no alto dos nichos, e altares, para talvez nascer della o sobreceo. § *Volta cambota*, dar cambalhota. fam.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do latim *cambiare*, sem dúvida de um radical celta *camb-* 'arqueado, curvo' alterado trocado'. **Continua**

11.O Dialeto Caipira - s. f. - cada uma das duas peças, em figura de segmento de círculo, que, com o meeão, formam a roda do carro de bois.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

27. CANSEIRA (Adj.)

21 ocorrências

HM1RMR: *É uma pessoa assim... que cansa, cê cansa, uma pessoa **canseira**, né? Que é... muito repetitiva, às vezes, assim, fica batendo na tecla.*

HM2FAF: ***Canseira**, pessoa chata! Tudo que fala num... gosta de ... nossa mãe! Pessoa num dá pro cê conviver, num dá pro cê ficar perto. Nem! Só gosta de contar vantagem dela, “Ah, porque eu fiz isso, ah, porque na minha família tem isso, ah, porque eu comprei um carro isso...”*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1** m.q. **cansaço** ('efeito', 'estado'); **2** labuta em prol de algo; trabalho, faina, Ex.: *a mudança foi uma enorme c.*

2.Aurélio - [De *cansar* + *eira*.] S.f. **1.** V. **cansaço**. **2.** Esforço aturado para conseguir qualquer coisa.

3.Dicionário InFormal - Por Alexandre (SP) - Condição pertinente àquele que está cansado.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Canceira. Vid. Cansaço, tom. 2 do Vocabulário. O Adagio Portuguez diz, A quem tem mulher fermosa, castello em fronteira, vinha na carreira, não lhe falta canceira.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. ‘fatigar(-se)’ | xiv, *canssar* xiii | Do lat. *Campsare*, provavelmente || **cansAÇO** | câ-xiv || **cansADO** | xiv, *canssado* xiii || **cansAMENTO** xv || **cansATIVO** xvi || **canSEIRA** | -cei-xvi | **DEScansADO** | -çado 1842 || **DEScansAR** xiv || **DEScanso** | -ço xvi | Dev. De *descansar* || **INCansÁVEL** | -sabil 1572.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

28. CAPANGA (S. f.)

44 ocorrências

HM2FAF: *Capanga é o... que a gente carrega a marmita, garrafa de café....***ML1NAS:** *Capanga é Bolsa.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Brasil. **1.** bolsa pequena, de tecido, couro ou plástico, us. a tiracolo por viajantes, esp. comerciantes de pedras preciosas; bocó, mocó - **2.** Derivação: por extensão de sentido. pequena bolsa, us. na mão ou presa à cintura e destinada a carregar objetos menores, ger. de uso pessoal. **3.** Derivação: por metonímia. Rubrica: garimpo. Regionalismo: Mato Grosso. partida de diamantes comprada por capangueiro - substantivo masculino - Regionalismo: Brasil. **4.** homem de confiança, ger. contratado como guarda-costas; curimbaba.

2.Aurélio - [De or. afr.] *S. f.* **1.** *Bras.* Espécie de bolsa pequena que os viajantes usam a tiracolo para conduzir pequenos objetos. **2.** *Bras. Neol.* Pequena bolsa de mão, usada, sobretudo, por homens. **3.** *Bras.* Rel. Capanga (1) us. como atributo (2) por Oxoce, Oxaguiã e Logunedé. • *S.m.* **4.** *Bras.* BA MT Valentão (1) que se coloca ao serviço de quem lhe paga. [Sin., nesta acepç.: *cabra, cabra de peia, cacundeiro, curimbaba, espoleta, guarda-costas, jagunço, mumbava, peito-largo, pistoleiro, quatro-paus, satélite, sombra.*] **5.** *Bras.* BA MT o montante das compras de diamantes feitas pelos capangueiros; partida de diamantes. ♦ **Capanga de Oxóssi.** *Bras.* BA Rel. O fetiche de Oxóssi.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - 1- Valentão assalariado para proteger uma pessoa; guarda-costas. 2- Desordeiro; caceteiro.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - Valentão que serve de guarda costas a algum fazendeiro ou senhor de engenho, usado na província do Rio de Janeiro.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *Sf.* ‘espécie de bolsa’ 1881; ‘assassino a serviço de quem lhe paga’ 1889. De origem africana, mas de étimo indeterminado || **capangADA** 1889.

12. O Dialeto Caipira - s.m. - indivíduo assalariado para guarda e defesa de alguém; “guarda-costas”. || Em bundo, “kapanga” é uma loc. Adv.: no sovaco. Talvez se

Continua

dissesse, nesse idioma, do indivíduo forte e valente, que “tinha cabelo no sovaco”, com se diz ainda hoje, na roça, que “tem cabêlo no apá”, isto é, na pá, que é justamente a parte do ombro correspondente à axila.

EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

12.Origem: Africana

Concluído

29. CARTUCHO (S. m.)

02 ocorrências

HM2FRC: *É... nós chamava **cartucho**, né? Antigamente. É assim, umas bolinha de açúcar e amendoim, né?*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - [Do it. *Cartoccio*, pelo fr. *Cartouche*.] **S.m.** **1.** Invólucro oblongo, de papel ou cartão: *um **cartucho** de amendoim*. **2.** Invólucro, outrora de papel, depois de cartão e de sarja, e por fim de metal, que contém a carga de projeção da boca de fogo. **3.** Recipiente com filme cinematográfico ou fita magnética, que se introduz em projetor, gravador ou em drive de computador. [Pode não utilizar sistema de dois carretéis, como o magazine **(3)**. [Cf., nesta acepç., chassi (2) e cassete (1).] **4.** V. *cártula* (1). **5.** *Anat.* Corneto. **6.** *Art.* Graf. Caixinha para embalagem de medicamentos, cosméticos, etc., feita de uma só peça de cartão dobrada, vincada e colada. **7.** *Autom.* Elemento filtrante dos filtros de óleo externos, que deve ser substituído após determinado número de quilômetros rodados. **8.** *Cartogr.* Pequeno mapa inserto em mapa maior, do qual amplia detalhe. **9.** *Exérc.* Conjunto constituído essencialmente de um estojo cilíndrico metálico (ger. De latão), no interior do qual estão arrumadas a carga de projeção e a estopilha, e em cujo topo se engasta o projétil de uma arma de fogo. **10.** *Inform.* Recipiente descartável, com tinta, (e, eventualmente, outros componentes), para impressora. **11.** *Paleogr.* Moldura oblonga que na escrita hieroglífica egípcia encerra o nome de soberano. [Cf. *Cartuxo*.] **Queimar o último cartucho.** Lançar mão do(s) último(s) recurso(s) para conseguir algo; recorrer ao(s) meio(s) extremo(s); jogar a última cartada.

3.Dicionário InFormal - Por **dicionário InFormal** - Cartucho é onde fica a tinta da impressora.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - O mesmo que cartuche - s.m. “Compro uma espingarda que nem aquela de seu padrinho: de botá cratuche...” (C. P.). ‖Cp. *Guspe* por **cuspo**, *aspre* por áspero, *fixe* por **fixo**.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Continua

Origem: Italiana***Concluído***

30. CASINHA (S. f.)

1 ocorrências

Um membro da família do informante: *Cadê o resto da minha ropa?*

ML3MLP: *Tá lá na casinha* (espécie de despensa).

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** pequena casa - **2.** casa de almotacé - **3.** Diacronismo: antigo. cárcere da Inquisição - **4.** Uso: informal. posto de fiscalização alfandegária nas fronteiras ou portos - **5.** Uso: informal. m.q. *latrina* ('local ou compartimento').

2.Aurélio - [Dimin. De casa.] **S. f.** **1.** V. casa (1). **2.** *Ant.* Casa de Almotacel. **3.** *Ant.* Cárcere da Inquisição. **4.** *Ant.* Casa onde se despachavam mercês. **5.** *pop.* Posto oficial. **6.** *pop.* V. Latrina (1).

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz - Termo popular que define uma latrina; privada. Definição dada por Antenor Nascentes, em "O Linguajar Carioca".

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s. f. Casa pequena.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.f. Casa pequena. § Por excellencia se entende da *Casa de Almotacé*, ou dos *Carceres da Inquisição*. § *Desembargadores da Casinha.*, erão antigamente chamados os do Paço, ou antes dois, que despachavão com el Rei, e chamarão-se assim depois do Senhor D. Manuel. *Mariz*, D. 4. s. 534. "na mesma Sexta feira depois de comer despachava com os Desembargadores do Paço, mas não tinham *casinha* como agora; e nunca erão mais de dous, de muita autoridade e doutrina." E lembra-se de Damião de Goes, que viu servir juntos D. Pedro, Bispo da Guarda, ... e D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal. Parece que estes da *Casinha*, ainda que do Paço, tinham commissões, e attribuições diferentes dos mencionados na Ord. As.I. T. 4.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... CASINHA, Casinha. Casa pequena. *Ædicule, arum. Fœm. Plr. Ou parva domus, us. Cic.* A casinha He na Ribeira de Lisboa huma casa pequena, em que se accusão, & se condenão as Regateiras.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

Continua

11. O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

31. CATINGUDO (Adj.)

01 ocorrência

ML1LCG: *Cê tá muito **catigudo**, tem que tomá banho.***1.Houaiss** - adjetivo - Regionalismo: Brasil. m.q. *catiguento***2.Aurélio** - [De catinga + udo] *Adj. Bras.* V. catingoso.**3.Dicionário InFormal** - Mau cheiro.**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - adj. Catingueiro, catiguento: forma do Brazil central. cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 6 8.**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - q. - que tem catinga, que cheira mal.**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Brasileira

32. CATIOLAR (V. t. d.)	23 ocorrências
HM3JA: <i>Catiolar é pegá sem permissão. Catiolô.</i>	
ML3MLP: <i>Catiolá é a pessoa pegá as coisa dos oto.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

33. CATIRA (S. f.)

27 ocorrências

HM1CGR: *Ah, catira é... troca! No sentido... de catira mesmo, aquelas venda.*

1.Houaiss - substantivo de dois gêneros - Rubrica: dança, etnografia. Regionalismo: Sul do Brasil, Minas Gerais, Goiás. m.q. *cateretê*

2.Aurélio - De cateretê, poss.] *S.m. e f. Bras.* MG S GO Cateretê (1): “Viera depois o ‘catira’ com os saracoteios voluptuosos das caboclas” (João Lúcio, Bom-Viver, p. 96). [Parece que é muito m. us. Masc.].

3.Dicionário InFormal - Por Wagner (SP) - Fazer troca. Expressão usada algumas cidades de Minas Gerais.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - s .f . - dança caipira: “João Penso levava pau no piolho... por amor dela, e, ainda mê e tanto atrás, saíra cinza num *catira*, num despique entre o Biscoito e o Tacuara”. (C. P.).

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

34. CATIREIRO (Adj.)

02 ocorrências

HM1CGR: [...] *tem os **catireros** que, por exemplo, tem um colega meu assim, que ele é **catirero**, ele vive de comprá e vendê coisa. Vai de carro, telefone, casa, gado... qualquer coisa. É troca.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por Marcelinho (MG) - Aquele que faz catira, troca, permuta.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

35. CHANGUANHA (Adj.)

7 ocorrências

PESQUISADORA: *quando a gente compra um sapato, ele é justo no pé, mais depois de algum tempo, que cê vai usano, ele fê... o que que... como que ele fica?*

ML1LCG: *Changuanha, que nós fala, relaxado, **changuanha**, a gente fala assim.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

36. CHITÃO (S.m.)

1 ocorrência

PESQUISADORA: *Tudo bem! Qual o nome daquela roupa de cama que a gente usa pra cobri quando vai dormir?*

HM2FAF: *Chitão.*

1.Houaiss - interjeição - Estatística: pouco usado. ordena silêncio; chitom, caluda

2.Aurélio - [De *chita'* + *-ão'*] **S.m.** Bras. Tec. Têxt. Tecido semelhante à chita, porém mais grosseiro: “Saia comprida de chitão, casaco vermelho, ... lá vai ela se balançando.” (Gilvã Lemos, *Jutaí Menino*, p. 53).

3.Dicionário InFormal - Por Augusto (BA) - Palavra usada para definir uma festa com características juninas. Nome dado ao evento junino. Festa junina típica do nordeste brasileiro.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

37. CHOCA (O) (Adj.)

57 ocorrências

HM1CGR: *Choca é a pessoa que num deixa você chegar nela, pessoa **choca**, tipo... emburrada, assim.*

ML3MQM: *Choco? É? Uma pessoa sem graça, né?*

ML2NCG: *...a gente achava uma pessoa, não gostava da pessoa, num tinha assim simpatia por ela, né? Aí, a gente falava, nó, que pessoa **choca**!*

ML3MLP: *Choca é uma pessoa intipática, tudo que fala tá... sempre num aceita nada que a gente fala, né?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1** ato de ²chocar ('incubar'); **2** o tempo que dura o processo de chocar ovos; **3** estado fisiológico da ave que, depois de deitar certo número de ovos, fica organicamente disposta e em condições de chocá-los; **4** Derivação: por analogia (da acp. 1). Regionalismo: Brasil. Uso: informal, jocoso. relação de namorados; ato de namorar; adjetivo - **1** diz-se do ovo (de ave) com o embrião em desenvolvimento; **2** Derivação: por extensão de sentido. que está chocando ovos (diz-se de ave) Ex.: *galinha c.*; **3** Derivação: por extensão de sentido. que gorou (diz-se de ovo); goro, chocho; **4** Derivação: por extensão de sentido. que se deteriorou; podre, estragado; **5** Derivação: por analogia. que perdeu a efervescência (diz-se de bebida) Ex.: *cerveja c.*; **6** Derivação: por extensão de sentido. diz-se da água estagnada, em decomposição; substantivo masculino Rubrica: malacologia.; **7** m.q. *siba* (gên. *Sepia*).

2.Aurélio - Choca¹ [De or.basca, poss.].**S.f.** **1.** Jogo de bola em que esta é rebatida com um grosso pau. **2.** A bola desse jogo. **3.** O pau com que, nesse jogo, se rebate a bola. **Choca²** [Do lat. tard. *clocca*.] **S.f.** **1.** Chocalho grande. **2.** Vaca que guia os touros bravos. **Choca³** **S.f.** *Farm.* Salpico ou mancha de lama na barra de uma roupa. **Choca⁴** [De or. Obsc.] **S.f.** *Bras. De Zool.* Designação comum a várias espécies de aves passeiformes, formicarídeas, com numerosos gêneros e espécies no Brasil, especialmente *Thamnophilus*, com 11 espécies de algumas subespécies. Têm a extremidade do bico fortemente curva, em forma de gancho. [Sin.: *batará* (q.v.), *matará*, *mbatará* e *embetera*. C.f. *borralhara*.]

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - [Zool.]- **Choca** é o nome popular e genérico de várias aves da Ordem Passeriformes, família Thamnophilidae, que ocorrem na América do Sul, muitas delas no Brasil. Podemos citar as espécies:

- **choca-da-mata** = *Thamnophilus Caerulescens*
- **choca-d'água** = *Sakesphorus luctuosus*
- **choca-boi** = *Taraba Major*
- **choca-preta** = *Neotantes Niger*

Algumas das espécies de **chocas** estão em perigo de extinção.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portuguesa - s. f. Passarinho (*Thamnochillus doliatus*).

5. Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa - N/e

Continua

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s. f - Jog o de rapazes. A bola de jogar a choca. chocalho, NO plur. Nodras de lama.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - £ £ bola, cem que os rapazes jógão , dando-lhe com huma vara groffa ; o jogo tem o mesmo nome ; *jogar a choca. Manuel de Faria , e Soufa.* § Chocalho.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Choca¹ - sf. ‘jogo de bola em que esta é recebida com um grosso pau’ | *choqua* xvi | De origem incerta. **Choca² sf.** ‘chocalho grande’ xiii. Do lat. Tard. Cloca ‘sino’, de provável origem céltica || **chocAD-EIRA sf.** ‘aparelho de chocar ovos’1899 || **chocALH-AR** xviii || **chocALHO sm.** ‘instrumento de metal, provido de badalo’ xiii || **chocAR¹** vb. ‘incubar’ xiv || **choco sm.** ‘incubação’ 1813. Dev. De *chocar¹*.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: De provável origem céltica

Concluído

38. CHOCARIA (S. f.)

57 ocorrências

HM1CGR: *Chocaria*, é a pessoa que fica né? Com.... *choca*... que fica *choca* por muito tempo. É o... é o... o... digamos assim, é o que a pessoa tem. E ela tem *chocaria*. *Cê mexe com ela, ela num... num... num... te corresponde, isso... isso é... e eu acho que é só aqui da nossa cidade. É... veio da galinha chocar. Que galinha chocar cê chega o dedo nela, ela te bica, ela num num... ela num dá muito assunto pro cê não.*

1.Houaiss - N/e**2.Aurélio - N/e**

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Flexão de chocar. 1. Que cobriria e aqueceria os ovos (a ave) para favorecer a germinação.; 2. [Fig.] Que premeditaria, maquinaria.; 3. [Brasil] Melindraria, ofenderia a sensibilidade ou o pudor de alguém.; 4. Que iria de encontro a; colidiria. *Ex1. A galinha chocaria os seus ovos.; Ex2. Ela chocaria o mal.; Ex3. você me chocaria com tais palavras.; Ex 4. O meu carro não chocaria o poste.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e****6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

39. COISA (V. int.)

2 ocorrências

HM3JHF: *Às vezes eu ia lá, vê um poquinho o povo coisa lá na rua coisa, mas num ia não. Agora, quando é igual era reinado, exposição, aí, eu ia. Mas esse negócio de... é porque Carnaval, toda vida, foi um trem meio bagunçado, né? Trem meio bobo.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea - **2.** qualquer ser inanimado, Ex.: *os viventes e as c.* **3.** realidade, fato concreto, em relação ao que é abstrato ou assim considerado, Ex.: *importam mais as c. que as palavras.* **4.** algo que não se quer ou não se pode nomear, Ex.: *uma porção de coisas.* **5.** aquilo de que se está tratando ou falando, Ex.: *aqui ninguém fala noutra c.* **6.** relação, ligação, vínculo, Ex.: *não temos c. alguma com eles.* **7.** interesse próprio, negócio, ocupação, Ex.: *cada qual trata de suas c.* **8.** ato, empreendimento, empresa, Ex.: *c. espetacular foi a chegada do homem à Lua.* **9.** o que acontece; ocorrência, evento, caso, Ex.: *a c. se deu enquanto ele dormia.* **10.** assunto, tema, matéria, Ex.: *a reunião era para tratar de c. importantes.* **11.** motivo, causa, Ex.: *disse que não faria isso por c. nenhuma.* **12.** mal-estar ou indisposição súbita; ataque. **13.** Uso: informal. algo imprestável, velho ou maltratado; traste, troço. substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. **14.** o diabo. *Coisas.* substantivo feminino plural. **15.** bens, propriedades, valores. **16.** órgãos genitais externos do homem ou da mulher.

2.Aurélio - [Var. De *cousa*] *S.f.* **1.** Aquilo que existiu pode existir. **2.** Objeto inanimado. **3.** Realidade, fato. **4.** Negócio, interesse. **5.** Empreendimento, empresa. **6.** Acontecimento, ocorrência. **7.** Assunto, matéria. **8.** Causa, motivo. **9.** Mistério, enigma. **10.** Pop. Perda dos sentidos. **11.** *Bras. Gír.* V. troço. **12.** *Bras. PB.* V. baseado. *S.m.* **13.** *Bras. Pop.* V. diabo.

2. Dicionário InFormal - Por Tom Ghirotti (SP) - Gramaticalmente, "coisa" pode ser substantivo, adjetivo, advérbio. Também pode ser verbo: o Houaiss registra a forma "coisificar". E no Nordeste há "coisar": "Ô, seu coisinha, você já coisou aquela coisa que eu mandei você coisar?". A palavra "coisa" é um bombril do idioma. Tem mil e uma utilidades. É aquele tipo de termo-muleta ao qual a gente recorre sempre que nos faltam palavras para exprimir uma ideia. Coisas do português. A palavra "coisa" é um bombril do idioma. Tem mil e uma utilidades. É aquele tipo de termo-muleta ao qual a gente recorre sempre que nos faltam palavras para exprimir uma ideia. Coisas do português. Coisar, em Portugal, equivale ao ato sexual, lembra Josué Machado. Já as "coisas" nordestinas são sinônimas dos órgãos genitais, registra o Aurélio. "E deixava-se possuir pelo amante, que lhe beijava os pés, as coisas, os seios" (Riacho Doce, José Lins do Rego). Na Paraíba e em Pernambuco, "coisa" também é cigarro de maconha.. Em Olinda, o bloco carnavalesco Segura a Coisa tem um baseado como símbolo em seu estandarte. Alceu Valença canta: "Segura a coisa com muito cuidado / Que eu chego já." E, como em Olinda sempre há bloco mirim equivalente ao de gente grande, há também o Segura a Coisinha. [Incentivando crianças ao uso de baseado????!!] Na literatura, a "coisa" é coisa antiga. Antiga, mas modernista: Oswald de Andrade escreveu a crônica "O Coisa" em 1943." A Coisa" é título de romance de Stephen King. Simone de Beauvoir escreveu "A Força das Coisas", e Michel Foucault, "As Palavras e as Coisas." Em Minas Gerais, todas as coisas são chamadas de trem. Menos o trem, que lá é chamado de "a coisa". A mãe está com a filha na estação, o trem se aproxima e ela diz: "Minha filha, pega os trem que lá vem a coisa!".

Continua

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Coisa, cousa *sf.* ‘aquilo que existe ou pode existir’ ‘objeto inanimado’ | *cousa* xiii, *coussa* xiii, *coysa* xvi | do lat. *causa*.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

40. COISERA (S. f.)

6 ocorrências

HM3FPF: ...quando eu estudei no meio daquela **coisera** de minino... é puquê os pais num insinava eles num tinha medo dos pai, né? Aí num tinha da professora também não.

HM1CGR: *coisera é muita coisa, intão... é muita coisa...muita... de coisa.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Aumentativo de "coisa" ou a substituição para um palavrão.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

41. COISERADA (S. f.)	5 ocorrências
MI2NCG: <i>Aquela coiserada tava atrapalhando o caminho.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

42. COLCHA (S. f.)

23 ocorrências

ML1NAS: *Colcha é cobertor.***PESQUISADORA:** Como que chama aquela roupa de cama que a gente usa pra cobrir o corpo?**HM2FRC:** *É... colcha, né?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** coberta de cama, ger. com lavores ou estampada, us. por vezes para enfeitar janelas, sacadas e paredes - **2.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. nas moendas dos banguês, lugar onde o caldo cai.

2.Aurélio - (ô) [Do esp. *colcha*.] **S. f.** Coberta de cama, ger. us. por cima dos lençóis e cobertor: “tomamos café sentados na cama gigantesca (a maior que já vi), coberta por uma colcha azul.” (Maria Julieta Drummond de Andrade, *Um Buquê de Alcachofras*, p. 26).

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Cobertor de cama.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s.f.* cobertor de seda, ou de chita fina para a cama, colcha de monteria. V. motaria.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - *s.f.* cobertor de cama lavrado, de seda, ou algodão, chitas, § colcha de montaria. V. montaria.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Deriva-se do castelhano *Colchar*, que he fazer lavôres de Embutidos. *Colcha*, he cobertor da cama, sem lãa lavrado, & pespontado, com embutidos de algodão; também há colchas de olanda fina, de tafetá, & outras sedas. *Colcha Stragulum*, i. Neut. Cic. Colcha pespontada. *Stragulum acu pictum*.

9. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: colcha | Substantivo - Séc. XIV, TROY, I.361.4 [...] sobre lo leyto iazia moyta Roupa preçada [...] sobre todo lançaron hũa colcha estrada que era feyta dum pano dourient. Medieval: colchas | Substantivo Séc. XV, CESA, III.15§16.5 As colchas das camas eram cubertas [...]. Medieval: collcha | Substantivo Séc. XV, LOPF, 103.67 [...] e seendo a ella cuidado de cobrir as vergonçosas partes, nom teve outro acorrimento se nom hũa branca collcha [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘coberta de cama’ xiii. Do cast. *colcha*, deriv. Do a. fr. *colche* (hoje *couche*) e, este do lat. *collōcāre* ‘situar’ colocar na cama’ || **Acolcho**AR 1813 || **colch**ÃO *sm.* ‘coxim grande, cheio de

Continua

substância flexível , que se estende sobre o estrado da cama' | *-cham* xv || **colcho**ARIA
xx || **colcho**EIRO xvi.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Castelhana

Concluído

43. COURINHO (S. m.)

3 ocorrências

ML3MCM: *Eu vi ela arruma, não, corta o courinho do porco, a minha mãe falava courinho, mas num é courinho, né? Num sei como é que fala, é... a pele do porco. Isso mesmo, é a pele.*

1.Houaiss - couro - substantivo masculino - **1.** pele espessa e resistente de certos animais, esp. a curtida e us. como matéria-prima na confecção de roupa, calçados, móveis etc. **2.** Derivação: por metonímia. chicote, vergasta. **3.** Derivação: por metonímia. Regionalismo: Brasil. bola de futebol. **4.** Uso: informal. pessoa feia e/ou decrépita. **5.** Uso: pejorativo. prostituta velha e abjeta. *Couros.* substantivo masculino plural. Regionalismo: Nordeste do Brasil. **6.** trajes de couro, us. por vaqueiro; courama.

2.Aurélio - [De *couro*¹ + *inho*¹.] *S.m. Bras. CE* **1.** O couro ou pele de cabra. **2.** Chulo O prepúcio.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Mulher fácil que expõe seu "couro" (pele) usando roupas diminutas (como shortinhos), na gíria de cidades do interior de alguns estados.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. Pelle de animaes.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.m. a pelle dos animaes como cavallo, boi, bufalo, vaca &c. *Murmuração que fique entre o couro e a carne*, que toque levemente os defeitos, ou vícios, sem o asseiar muito nem lezar a reputação como o pelloiro, que não se embebe muito no corpo. *Lobo Corte.* D. i.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Couro - *sm.* ‘pele espessa e/ou curtida de certos animais’ | xiv, coi- xiii, coy- xiii | do lat. *cōrium* || **coriária** *sf.* Substância usada no curtume de couros ‘planta (sumagre) que a produz’ 1873. Do lat. Cient. *coriãria*, do adj. *coriãrius* ‘de couro’ || **corÍCULO** *sm.* ‘tira de couro’ 1899 || *coura* *sf.* ‘antigo gibão de couro usado pelos guerreiro’ xvi || **courAÇA** | coi- xv || **courAÇ-ADO** *sm.* ‘navio dotado de couraça’ ‘cascudo-espinho’ 1873 || **courAMA** xvi || **ENCourAC-ADO** adj. ‘couraçado’; *sm.* Navio de combate fortemente protegido por couraças’ | 1844, -coi- 1881 || **ENCourAÇ-AR** || 1844, coi-1844. **Continua**

11. O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

44. CRICRI (S. m.)

46 ocorrências

HM1CGR: *Cricri é a comida lá, né? De milho. De milho não, de amendoim. Com... com açúcar queimado.*

HM3FPF: *Cricri é... a pessoa cricri lá um com o outro, nada tá bão, nada tá...*

1.Houaiss - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros - **Regionalismo: Brasil. Uso: informal.** 1 que ou o que gira apenas em torno de crianças e criados (diz-se de conversa); **2 Derivação: por extensão de sentido.** que ou aquele que é insuportavelmente maçante, que só fala de coisas sem nenhum interesse para os seus circunstantes.

2.Aurélio - [Reduplicação do som do grilo.] *S. m. Bras.* Voz imitativa do canto dos grilos; cricrido: “E pelas moitas altas da estrada, o cri-cri fino e metálico dos grilos.” (Virgílio Várzea, *Mares e Campos*. p. 30) [Pl.: cri-cris.]; [De *cri(ança)* + *cri(ada)*.] *Adj. 2g. S. 2g. Bras. Gir. 1.* Diz-se de, ou pessoa muito tediosa, chatíssima, que só fala de assuntos de pouco ou nenhum interesse.

3.Dicionário InFormal - Por Fernando (MT) - Pessoa chata, enjoada, moagenta.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

45. CUSTOSA (O) (Adj.)

59 ocorrências

ML3MLP: *Custosa, né? Tudo que faiz tá... renegano.*

HM1CG: *Custoso é a pessoa, é o menino que faz bagunça. Tipo, é a pessoa que também mais velha que faz bagunça, fala custoso.*

1.Houaiss - adjetivo - que custa; **1.** que requer certo gasto, despesa; caro, dispendioso; **2.** que apresenta dificuldade; penoso, trabalhoso, árduo Ex.: *missão c.*; **3.** Regionalismo: Brasil. sem pressa; vagaroso, lento Ex.: *criança c.*; **4.** Regionalismo: Goiás. Uso: informal. que faz bagunça, que tumultua; arteiro

2.Aurélio - [De *custo* + *osa*.] **Adj.** **1.** Que custa muito dinheiro; de alto custo: *vestes custosas*; *vinhos custosos*. **2.** Árdua, difícil, trabalhosa. **3.** Bras. Diz-se de coisa demorada. **4.** Bras. GO V. arteiro (2).

3.Dicionário InFormal - Por Kael (MG) - Danado, serelepe, difícil.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Adj. Feito com grande despesa. Trabalhoso difficultoso, que molesta.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - Adj. Feito com grande custo, e despesa. § Trabalhoso, molesto, enfadoso. § Adornado precisamente. Humilde, e nua está, não tão custosa.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Cousa feita com grande gasto.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Moderno: custoso | Adjetivo Séc. XIV, ORTO, 58.3 [...] nom som eu cobijçoso dauar nẽ custoso [...]. Moderno: custoso | Adjetivo Séc. XV, VITA, 155c49 [...] se trabalhaua de auer ho mâtijmêto do trabalho e obras das suas mãos porque nom fosse custoso algua pessoa.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *custar* - vb. ‘orig. ser difícil ou doloroso, tardar’ ‘ext. Ter determinado preço ou valor’ xiii. Do lat. *constare* || **custa** sf. ‘gasto com manutenção’ xiii. Der. regre. De *custar* || **custEAR** vb. ‘correr com as despesas de’ 1844 || **custeio** 1881. Dev. De *custear* || **custo** sm. ‘quantia pela qual de adquiriu algo’ xiii || custoso | xiii, cos- xii.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

46. CUSTOSICE (S. f.)

22 ocorrências

HM1CGR: *Custosice é a bagunça em si. Tipo... mais no sentido de coisa errada.*

HM2FAF: *Custosice. É... um... faz uma bagunça duas, três, dez vezes seguida, né? Aí, vira custosice.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

47. DERRANCADO (Adj.)

02 ocorrência

PESQUISADORA: *Que que vira esse refrigerante que fica lá guardado muitos dias na geladeira?*

HM2FRC: *Uai, ele fica sem... derrancano, né? Ele perde o gais. Nós fala derrancado. Muita gente toma, né? Ele fica lá, abriu, sai o gais.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Flexão de derrancar. 1. Que está destruído, corrompido, estragado; 2. [Fig.] Perverso, depravado.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. pass. de derrancar.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: derrancados | p.adj. Ano 1325, CORT, 16.7 [...] per esta razom fican derrancados non poden auer con que guarescan.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Medieval

48. DERRANCAR (V. int.)

02 ocorrências

PESQUISADORA: *Que que vira esse refrigerante que fica lá guardado muitos dias na geladeira?*

HM2FRC: *Uai, ele fica sem... derrancano, né? Ele perde o gais. Nós fala derrancado. Muita gente toma, né? Ele fica lá, abriu, sai o gais.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** Diacronismo: arcaico. Arrancar - intransitivo e pronominal - **2.** Regionalismo: São Paulo. sair do local em que se está; retirar-se

2.Aurélio - [De de + lat. *rancor*, ‘ranço’; ‘ranço’, + -ar.] **V.t. d. 1.** Tornar rançoso; estragar, estragar, deteriorar: *O calor derrancou a manteiga.* **2.** Molestar, afetar, irritar. **3.** Depravar, corromper, perverter: derrancar os costumes. **4.** Encolerizar, irritar, enraivecer, enfurecer: *O insulto derrancou-o.* **P. 5.** Tornar-se rançoso; estragar-se, deteriorar-se, alterar-se; **6.** Corromper-se, perverter-se, depravar-se. **7.** Encolerizar-se, irar-se. [Conjug.: V. *trancar*.]. Derrancar² - [De arrancar, com var. pref., poss.] **V.t. d. 1.** Desarraigar, arrancar: *Tais ideias derrancam as nossas crenças.* **Int. P. 2.** Bras. SP. Abalar(se), arrancar(se), fugir (q.v.) [Conjug.: V. *trancar*.].

3.Dicionário InFormal - Por Santita S. Braga (MG) - Perder o sabor e o aroma, perder a consistência. Para substâncias em pó.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. quei - Fazer corromper-se o líquido. Fig. Depravar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v. at. Fazer apodrecer os líquidos, matérias oleosas, espirituosas, espíritos, algumas aromáticas. § f. Depravar v. g. „, *o gosto em matérias de crítica.*

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: derrancar | Verbo - Séc. XIV, TROY, I.217.12 [...] collia assy suas conpañas moyto amjude. Et nõnos leixaua derrancar [...]. Medieval: derrancarem | Verbo Ano 1340, CORT, 119.3 [...] algũs destes [...] usam del [sc. privilégio] chamando mujtos aa nossa Corte pera os derrancarem . Medieval: derrancasse | Verbo Séc. XIII, CSM, 369.76 [...] mandou a ãu seu ome que tam muito a coitasse, / ata que de quant' avia de todo a derrancasse . Medieval: derrençar | Verbo Séc. XV, CAVA, 111.8 E guardesse de pee husar barra ou algũa cousa pesada, nem muy leve, per que possa seu braço derrençar [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

Continua

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

Concluído

49. DISTRAIMENTO (S. m.)

03 ocorrências

HM3FPF: *Discuido. Distrair. **Distraimento**. Né discuido não, é **distraimento**.*

PESQUISADORA: *Ela podia ganhá no jogo, mas aí, ela perdeu. Ela discuidô e perdeu. A gente diz que essa pessoa fez o quê?*

ML3MCM: Uai, foi... foi um tan... um piqueno **distraimento** dela.

1.Houaiss - substantivo masculino - m.q. *distração*

2.Aurélio - (a-i) [De *distrair* + *mento*] *S.m.* P. us. V. *distração*.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - O mesmo que divertimento, distração, coisas que são feitas para relaxar; passatempo. Essa relação foi um distraimento enquanto ela sofria com a doença.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s. m. Distração, Devassidão nos costumes-.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - DISTRAHIMENTO , £ m. distração. § Devaffidáo , soltura , dissolução nos costumes. *M. Lufit.* 7. 513-

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

50. ELUIR (*V. int.*)

01 ocorrência

ML2NCG: *O pão de queijo não eluiu, não sei o que eu fiz de errado.***1.Houaiss** - verbo - Rubrica: físicoquímica. transitivo direto - provocar a eluição de; fracionar (uma mistura de partículas)**2.Aurélio** - [Do lat. *eluere*] **V.t.d. Quím.** Provocar a eluição de. [Conjug.: v. *atribuir*.]**3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal** - Passar por. Uma substância eluiu por uma coluna cromatográfica.**4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza** - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - N/e**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Latina

51. EMBARRANCADO (Adj.)

01 ocorrência

ML3CRO: *Tô fincado? É quando a gente tá meio... **embarrancado**. Ah, esse agora pra mim, tá me **embarrancando** (atrapalhando).*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. pass. de embarrancar.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

52. EMBARRANCAR (V. int.)

1 ocorrência

ML3CRO: *Tô fincado? É quando a gente tá meio... **embarrancado**. Ah, esse agora pra mim, tá me **embarrancando** (atrapalhando).*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** fazer despencar em barranco - transitivo direto - **2.** impedir com algum tipo de obstáculo; atravancar, embaraçar, obstaculizar Intransitivo - **3.** chocar-se com um barranco - pronominal - **4.** atolar-se no lodo; atascar-se

2.Aurélio - [De *em* + *barranco* + *-ar*²] *V. t. d.* **1.** Fazer cair em barranco. **2.** Atravancar, embaraçar. *Int.* **3.** Ie de encontro a um barranco. *P.* **4.** Embaraçar-se; atolar-se. [Conjug. v. *trancar*.]

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - Dificultar; atravancar; embaraçar; impedir; obstruir.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v. n. Não poder começar, ou continuar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v.n. ficar atalhado, e embaraçado, não podendo começar, ou continuar algum discurso, ou acção, negócio.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Começar, v.g. hum Soneto, & não achando meio para o acabar, ficar suspenso, & como se se cahira em hum barranco. *Hesitare, ou hærerere. (Tractum re nautica, nam navis hærerere dictur, quando in brevia acta, syrtes, a renæ agere, ut Virgilius loquitur, cingitur, sistiturque.* Embarrancou no meyo do discurso. In medio sermone memoria e um defecit, ou reliquit. Embarranquei. Não sey, que meyo achar para sahir deste negocio, deste discurso, deste embaraço. *In hac causa mihi aqua baret. Cic. (Manutius banc rationem loquendi à clepsydris ductam existimat, in quibus, inquit, non semper fluebat aqua, sed interdum bærebat immobilis).*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

53. EMBONDAR (V. int.)

3 ocorrências

ML1NAS: *Embondeiro é uma pessoa que imbonda, né? Muito as coisas, tem muita ideia.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

54. EMBONDEIRO (Adj.)

31 ocorrências

ML3MQM: ...*imbondero* é gente que conserta uma coisa, que conserta outra, que já num tá dano mais pra consertá, tá fazeno aquela... *imbondero*. Lá na cidade mesmo tem um, o Zé *imbondero*. Conserta tudo enquanto há. Faz *imbondo*.

1.Houaiss - substantivo masculino - Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Portugal. m.q. *baobá* (*Adansonia digitata*)

2.Aurélio - [Do quimb. *mbondo* + *eiro*.] *S. m. Bot. V. baobá*: “O meu marido ressonava, um arganaz em desespero piou nos embondeiros.” (Lobo Antunes, *O esplendor de Portugal*, p. 52).

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - [Bot.]- **Embondeiro** ou bondo, é o nome vulgar de uma árvore o mesmo que baobá.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Quimbundo

55. EMBONDO (S.m.)

7 ocorrências

HM1CGR: *Ah, **embondo**, **imbondo** é... é... é tipo coisa que num precisa de fazer, por exemplo, cê tá... cê tem um computador novo, cê vai mexer nele, desmontar, arrancar tecla, tentar inventar uma moda, e fazer uma coisa que num... que num... que num tem necessidade, cê tá caçando um **imbondo**. Cê tá fazendo uma coisa que num... num... num tem necessidade de fazer, mas por fazer mesmo.*

ML1LCG: ***Imbondo**, besteiras...*

ML3MQM: *Ah, vô fazê qualqué um **imbondo** aqui pra mim comê.*

1.Houaiss - substantivo masculino - Regionalismo: Minas Gerais, Rio de Janeiro. Uso: informal. aquilo que dificulta, que embaraça; estorvo, impedimento.

2.Aurélio - *S. m. Bras. MG RJ Pop.* Dificuldade, embaraço.

3.Dicionário InFormal - Por Maria (MG) - Alimento sem valor nutricional que acaba atrapalhando o apetite para as refeições principais.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

56. EMBORNAL (S. m.)

03 ocorrências

PESQUISADORA: *Aquele utensílio que a gente põe, geralmente... que geralmente, os cavaleiro, ô quem trabalha na roça, usa assim. Uma... é tipo uma bolsa. Põe a marmitta lá dentro...*

ML3MLP: *A gente fala **bornal**, **capanga**, essas coisa assim.*

HM3JHF: *Bão, como eu sou do tempo antigo, eu chamo aquilo... tem gente que fala **embornal** ou **capanga**.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** saco que contém a comida das cavalgadas; bornal - **2.** Regionalismo: Brasil. m.q. **bornal** ('sacola').

2.Aurélio - [De *em*² + *bornal*.] **S.m.** **1.** Saco que se põe no focinho das bestas; cevadeira, bornal. **2. Bras.** Saco ou bolsa, ger. Usada a tiracolo para transportar alimentos, ferramentas, etc.; bornal.

3.Dicionário InFormal - Por Joel dos Santos (BA) - Sacola confeccionada em tecido grosso (lona,mescla,brim), com alças laterais do mesmo tecido, usada à tira-colo.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s.m.* O saco com cevada, ou milho em que se mete o toucinho da besta. (T. naut.) Buracos no costado do navio para escoar água que cahe na coberta.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - ou *ambornal*, *s.m.* saco, em que se dá cevada, ou milho às bestas, metendo-lho no focinho. § *Embornaes naut.* Buracos no costado do navio ao nível das cobertas, por onde escoar a água, que cai nellas. *Amaral 51 .v. v. burnaes.*

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Embornaes . (Termo de Navio) São huns buracos nos costados da náó, junto das cobertas, donde sahe a agoa dellas para o mar. *For amina in navis lateribus and emittendas a foris aquas.* Há outros *Embornaes* nos *Trincanizes* da cuberta, por onde a agoa vay para o porão, donde despois se tira com a bomba.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Bornal - *s.m.* ‘saco de pano utilizado para transportar provisões, ferramentas etc.’ 1813. De origem incerta || **EMbornal** 1813.

Continua

11.O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta

Concluído

57. ENCOSTAR (V. int.)

12 ocorrências

ML3CRO: *Quando cê tá cansada, cê **incosta**.***ML2AMO:** *Encostar é discansá.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto e pronominal - **1.** dar apoio a ou apoiar-se; arrimar(-se), firmar(-se) - transitivo direto, bitransitivo e pronominal - **2.** aproximar(-se) até tocar, Exs.: *encostou o rosto (no dele).* *encostaram-se para conversar.* intransitivo e pronominal - **3.** deitar(-se) ou estender(-se) durante algum tempo, para repousar; reclinar(-se), Ex.: *encostou(-se) para tirar uma soneca.* transitivo direto - **4.** fechar ou cerrar (porta, janela), sem trancá-las, Ex.: *encostou a porta para escapar de um raio de sol.* transitivo direto - **5.** triunfar de; vencer - transitivo direto - **6** deixar de lado, de parte; não dar nenhuma atenção a; abandonar Ex.: *encostou o trabalho e foi passear* - transitivo direto - **7.** importunar com pedidos de ajuda, de favores, esp. de dinheiro, Ex.: *encostou o sócio com dez reais.* transitivo direto - **8.** Regionalismo: Brasil. cotejar (cavalos) em corrida - bitransitivo - **9.** espancar com (cacete, bengala, mão etc.); surrar, castigar, Ex.: *encostaram-lhe o cassete com vontade.* Pronominal - **10.** apegar-se a; estribar-se, ater-se, Ex.: *encostava-se no saber do irmão* - **11.** ficar sob a proteção ou o amparo de, Ex.: *encostou-se na aposentadoria e descansou o corpo* - pronominal - **12.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. mostrar disposição mínima para o trabalho; escapar ou tentar escapar dele

2.Aurélio - [De *en*⁻² + *costa* + *ar*⁻²] **V. t. d.** **1.** Pôr junto; aproximar: *Encostou as duas camas.* **2.** Reclinar, deitar, recostar: *Encostou a cabeça e logo adormeceu.* **3.** Fechar, cerrar (porta, janela, etc.). **4.** Triunfar de; vencer: *No concurso, o adversário encostou-o.* **5.** Pôr de lado, de parte; não fazer caos de; abandonar: “Embora anuncie [Monteiro Lobato] aos amigos, desde 1916, que anda a preparar um livro de contos ... o certo é que hesita, e indeciso encosta os originais” (Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato*, 1. p. 176). **6.** Importunar pedindo favores ou, principalmente, dinheiro: *Aproximou-se do milionário, e encostou-o.* **7.** Bras. Cotejar (cavalos) em corrida. **T. d. e c.** **8.** Apoiar, arrimar, firmar: *Encostou a escada na parede.* **T. c.** **9.** Parar, estacionar: O automóvel encostou em frente ao prédio. **T. d. e i.** **10.** Castigar, esbordoar com (relho, cacete, bengala na mão, etc.): *Saiu-se mal da briga: encostaram-lhe o cacete.* **11.** Fazer aproximar (a fêmea) com o reprodutor para ser coberta. **P.** **12.** Firmar-se apoiar-se, arrimar-se. **13.** Recostar-se, reclinar-se. **14.** Deitar-se por algum tempo. **15.** Acostar-se, estribar-se, ater-se: *Em coisas de linguagem, sempre se encosta aos clássicos.* **16.** Ficar sob a proteção, amparo, arrimo de alguém: *Encostou-se no tio ricoço e não quer saber de trabalhar.* **17.** Bras. Fam. Não mostrar-se com disposição para o trabalho; fugir ou tentar fugir dele; esforçar-se o mínimo possível. [Pres. Ind.: encosto, etc. Cf encosto (ô)].

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - V.T. Colocar lado a lado. Apoiar-se em algum objeto. Fechar portas ou janelas sem que esta se encoste no trinco.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - v. at. Arrimar alguma coisa a outra que a sustente, apoiar v.

Continua

g. *encostar-se a huma árvore, na lança, no bastão, no cotovelo.* § Buscar o amparo, patrocínio v.g. *encostar-se a alguém.* § *Acostar-se v.g., a alguma doutrina, opinião.* § *Encostar o bastão, a vara,* renunciar ao cargo, dignidade, de que ella he infignia, dar baixa.

6. Dicionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. Arrimar uma cousa a outra para soste. Encostar-se, v. a. refl. Arrimar-se. Fig. Buscar o patrocínio.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Segundo o Mestre Venegas. *Acostar, & Encostar* se derivão de *Costa*, donde parece, que o próprio *Acostar*, não há de ser nem de hombros, nem de barriga, se não de costado, ou lado direyto ou esquerdo. Porem segundo o uso tomase geralmente por Arrimar, ou cousa semelhante. Encostarse a huma arvore. *Applicare se ad arborem cæs.* Encostarse na lança. *Niti hastaVir.* Encostandose no bordaõ. *Baculo imitens, ou incunmbens.* *Ovid.* Encostaraõ-se huns nos outros. *Premiebalur terqus ter gore.* *Virgil.* Encostarse no cotovelo. *Cubito innit. Virg. (nitor, mixus sum).*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: êcostã | Verbo - Séc. XIV, ORTO, 110.20 O mûdo he êmiigo de todollos seus amigos e de todos aqueles que fazê a sua uõtade. Elle destruy cruelmête todos aquelles que se êcostã sobre elle [...]. Medieval: êcosta | Verbo Séc. XIV, ORTO, 148.26 Ca elle se êcosta aa nobreza da linhagê, que he hũa roda [...]. Medieval: êcostaua | Verbo Séc. XIV, ORTO, 109.36 Estando assy Diomedes muy uiçoso, mãdou Dionisio pendurar sobre a cabeça delles hũa espada nua muy aguda [...], Quando Diomedes esto vio, nõ curaua de olhar [...] nõ se êcostaua êno leyto [...]. Medieval: encosta | Verbo Séc. XV, VITA, 131c34 [...] nõ ha hy reçeoo alguũ nõ medo alguũ aquelle que tem fundada a casa sobre a pedra s. sobre christo ao qual se encosta e arrima guardando os preceptos [...]. Medieval: encosta | Verbo Séc. XV, VITA, 57c43 [...] o corpo que sta na metade [sc. da aruor] demostra quaaes deste ramos sam mais pesados, e pera aaquelles se encosta a aruor ou corpo. Medieval: encostade | Verbo Séc. XV, CONT, 102.25 [...] Oo senhor meu se al uos nom posso fazer encostade uos sobre o meu rregaço [...]. Medieval: encostam | Verbo Séc. XV, CAVA, 15.11 Pero esto suso scripto melhor se declarar, he de saber que geeralmente hi ha cinco geitos de cavalgar que som certos, e a que todollos outros se encostam . Medieval: encostando | Verbo Séc. XV, ZURD, 335.16 E encostando sse aquelles a elRey de castella que os defendesse [...]. Medieval: encostando | Verbo Séc. XV, ZURD, 68.20 [...] allargoulhe as cousas o mais que pode encostando as ao que elle sentya que elle deseiaua. Medieval: encostar | Verbo Séc. XV, BENF, 269.9 E per tal guisa era feyta sua obra, que non sse podia encostar o que dentro steuesse, em parte algũa, que nom achasse nouo tormento. Medieval: encostar | Verbo Séc. XV, CAVA, 67.3 [...] e andando porem prestes de se endereitar ou encostar [a c] a dahũa das partes [...]. Medieval: encostar | Verbo Séc. XV, CESA, II.16§7.2 [...] quando aquelas bestas viinham por se encostar , caiam com elas [...]. Medieval: encostarõ | Verbo Séc. XV, VITA, 94b40 [...] com razõ se encostarõ e assentarõ com o senhor em no cõuite os pecadores e publicanos. Medieval: encostarseam | Verbo Séc. XV, VITA, 136b30 [E

Continua

encostarseam] [...] [cõ abrahã ysac e jacob] [...] [no regno dos ceeos] [...]. Medieval: encostasse | Verbo Séc. XV, VITA, 132.27 A casa outrosy he combatida e mouida na tẽptaçom e encostasse na dilleytaçõ e caae no consentimẽto [...]. Medieval: encostasse | Verbo Séc. XV, VITA, 94.46 [...] e ally çertas de grado entra o senhor e encostasse em a sua voõtade. Medieval: encostavam | Verbo Séc. XV, CESA, II.4§27.1 [...] os Romãaos, que eram derribados e feridos e se encostavam sobre seus escudos [...]. Medieval: encostou | Verbo Séc. XV, VESP, 17.6 [...] e / o emperador / encostou se aquelle lugar [...]. Medieval: encostou | Verbo Séc. XV, VITA, 31d39 [...] e assy como pobre molher o enuorilhou nom em pannos de sirgo mas em trapos de pouco vallor, e o encostou na manjadoyra. Medieval: escostar | Verbo Séc. XIV, TEST, 356.21 [...] nom poderom alçar os muros do tenplo, senom quanto se podia homen escostar .

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - costa - sf. ‘(no pl.) espáduas’ xiii; ‘costela’xiii; ‘litoral’ xiv. Do lat. *Cōsta* ‘costela,ilharga,lado flanco’ | AcostAMENTO xiv | AcostAR xiii | costADO sm. Xiii | costAL xvi | castALG-IA 1899 | costAN- EIRA | xiv -eyra xiii | costEIRO xv | costELA xv | costEL - AR xx | cost - ETA 1881 | DES - ENcostar 1813 | ENcosta xviii | ENcostAMENTO xv | ENcostAR xiv | ENcostO 1706 | ENTREcostADO xvii | ENTREcostO xvii | INTERcostAL 1813 | REcostADO 1572 | REcostAR 1813 | REcostO xvi.

11. O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

58. ENFARADA (Adj.)

38 ocorrências

HM1CGR: *Infarado*, é um... um... uma pessoa que é mais chata do que um chato, mais é diferente do **choco**. *Infarado* é tipo assim, ó, um indivíduo muito, muito, muito chato. *Intão*, é um chato ao extremo.

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Indivíduo com estômago cheio.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - p. pass. De Enfarar. Enfastiado de faro, ou sabor de algum comer.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Enfastiado do faro, ou da substancia de algum manjar particular. Está enfarado de arroz. Até os porcos estão *Enfarados* delle. Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, fol. 39. col. 4. Falla da abundancia de certo peyxe.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. Pass. de enfarar , enfastiado do faro , ou sabor de algum comer.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

59. ENFARAMENTO (S. m.)

36 ocorrências

ML2NCG: *Enfaramento. Enfaramento, às vezes é uma pessoa que.. que... fica te amolano, ali, né? Te insultano, implicano, e a gente num... num... num acha muita graça nessa pessoa, e a gente fala, nó, que pessoa enfarada! Enfaramento dessa pessoa, né? É isso! Que a gente fala!*

HM1CGR: *Enfaramento, é... é... vem de enfarado, né? Que a pesso... É o que a pessoa tem. Ela... a pessoa enfarada, ela tem enfaramento.*

1.Houaiss - substantivo masculino - ato de enfarar.

2.Aurélio - [De enfarar + - mento.] **S. m.** V. enfarar.

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

60. ENFRONHADO (Adj.)

01 ocorrência

HM2JCS: *Aí, é... intão, tipo assim, a gente tinha as amizade, mas eu... quando eu comecei a namorá, eu fiquei muito **enfronzado** em família, sabe? Ela já tinha as irmãs dela que era um pouco mais velha, já namorava também, então, a gente já saía mais junto.*

1.Houaiss - adjetivo - que se enfronzou.

2.Aurélio - [Part. de *enfronzar*.] **Adj.1.** Metido em fronha. **2.** Instruído, informado, versado.

3.Dicionário InFormal - Por Hugo Marconi Ribeiro (PB) - Diz-se de um indivíduo que está bem vestido, ou que vestiu uma roupa nova, também é usada na acepção de investidura em algo, estar animado ou entusiasmado para algo novo.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Adj. Disfarsado part. De enfronzar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - part. pass. de enfronzar. F. disfarçado,, filosofias _____, H. P. Tribulação c. 5. § f. *Hum pobre fradinho enfronzado em huma pouca de estamenha*., V. do Arceb. Fol. 135. v. § Enfronzado em fidalguia, o que presume, e quer passar praça de fidalgo.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Vide Enfronzar, As vezes v. lo mesmo que mettido. Hum pobre Fradinho Enfronzado em huma pouca de estamenha. Vida de D. Fr. Bartholam 135. col. 3. Enfronzado em fidalguias. Que prezume de fidalgo.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

61. ENFRONHAR (V. t. d.)

14 ocorrências

ML1LBM: *Infronha* é colocá fronha no travesseiro.

ML3MCM: *Infronha* é um travesseiro, né? Que você tem que *infronha* ele. Como é que cê vai dormi com o travesseiro sem *infronha* ele? Não tem como.

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** colocar fronha em, Ex.: *e. uma almofada para usar como travesseiro.* transitivo direto - **2.** vestir, colocar rapidamente, Ex.: *enfronhou o paletó enquanto corria* - transitivo direto e pronominal - **3.** tornar(-se) versado, instruir(-se), fazer tomar ou tomar conhecimento pleno de um assunto, Exs.: *enfronhar o genro nos negócios e.-se nos assuntos da família.*

2.Aurélio - [De en² + fronha + -ar²] *V. t. d.* **1.** Meter em fronha (travesseiro, almofada, etc.) **2.** Revestir, encapar. **3.** Vestir; calçar. *T.d. e i.* **4.** Tornar versado, instruído: *Enfronhou as filhas no negócio.* **P. 5.** Tomar conhecimento de um assunto; instruir-se.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - **1.** Colocar fronha no travesseiro - **2.** Embrenhar-se, meter-se, envolver-se. **3.** Ficar informado.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Meter o travesseiro na fronha. Enfronhar-se, v. a. refl. Introduzir-se com alguém. *Enfronhar-se em fidalguia.* Arrogar-se a qualidade de fidalgo.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v. at. Metter a fronha no travesseiro. § *Enfronhar as mãos, em luvas; enfronhar as mãos, no f.* dar-se ao ócio. § _____ *se em fidalguia*, empor-se em fidalgo. Arrogar essa qualidade. § Introduzir-se com alguém. *Prestes.*

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Meter a fronha dentro do travesseiro. *Cervical linteo involucro induere, ou lintuon inte uomentum cervicale inlacere.* Enfronhar as mãos. Dar-se ao ócio. Passar a vida sem trabalhar. *Agere ætatem desidiose Lecret. Langori desidere, e dedere.* Cic. Enfronhão as mãos & ateni não os corpos. *Fabula dos Planetas*, pag. 15.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - fronha - *sf.* ‘capa que envolve o travesseiro’ xiv. De origem obscura || 1des -ENfronhAR 1844 || ENfronhAR xvi.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

62. ENGONHA (S. f.)

36 ocorrências

ML3MLP: *Ingonha* é que num intende nada que a gente fala. É a pessoa chata. A pessoa *ingonha*, eles fala pessoa engonhada. Todo desajeitado, né?

HM1CGR: *Ingonha* - é tipo pejorativo, mais, é... num... num é uma coisa ruim. Por exemplo, cê chama uma pessoa que cê gosta, que às vezes num... num é uma ofensa, tão grande, mais é tipo, “ah, *ingonha*,” como a pessoa for boba, sabe? Tipo... é como se fosse chamando a pessoa de boba, mais num é uma... uma... uma coisa tão pejorativa assim não.

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por Guanais (RJ) - Pessoa burra, lerda.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

63. ENGONHADA (Adj.)

01 ocorrência

ML3MLP: *Ingonha é que num intende nada que a gente fala. É a pessoa chata. A pessoa ingonha, eles fala pessoa **engonhada**. Todo desajeitado, né?*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3. Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

64. ENXÓ (S.m.)

02 ocorrências

ML2EMS: *É... materiais de fazê... de marcenaria, tá? Aquele de tijolo? Também, de marcenaria. De fazê... uma negócio de madeira. Quem trabalha... ele fala... fala... fala pra gente é enxó.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** instrumento que consiste em uma chapa de metal cortante e um cabo curvo, us. esp. em carpintaria e tanoaria para desbastar peças grossas de madeira - **2.** Regionalismo: Bahia. armadilha para pequenos roedores, esp. preás, que consiste em uma escavação tapada por um alçapão encoberto.

2.Aurélio - [Do lat. *asciola*, dim. De *ascia*, *enxó*.] **S.m. e f.** **1.** Instrumentos de cabo curto e com chapa de aço cortante, usado por carpinteiros e tanoeiros para desbastar madeira. **2. Bras.** BA Escavação retangular em uma trilha, com alçapão dissimulado na superfície, para apanhar preás e outros pequenos roedores.

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.f. He hum instrumento de carpinteiro para desbastar tabuas etc. e consta de uma chapa de gume e hum cabo curvo de páo.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - f. f. Instrumento de carpinteiro com cabo de páo curvo, e chapa cortante, para desbastar taboas, & c.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Instrumento com cabo curto, & chapa pouco encurvada, com que se tira o grosso de madeira. *Ascia*, & *Fem. Cic. Vitruv. Pliu.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘instrumento de cabo curto e com chapa de aço cortante, usado por carpinteiros e tanoeiros para desbastar madeira’ | xvi, eyxola xv, yxola xv | do lat. *Ascīola* -*ae.* de *ascīa* -*ae.* Cp. ENXADA.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

65. ESCANHOTADA (Adj.)	07 ocorrências
HM3JA: <i>Escanhotada? É quando quebra. É... tá quereno desmanchá.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - Por dicionário informal - O mesmo que desalinhado, que errado.	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

66. ESCANHOTAR (<i>V. int.</i>)	01 ocorrência
ML3CRO: <i>Iscanhotado é um trem que iscanhota, num tem conserto.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - Por Vanessa Oliveira Nascimento (SP) - Afrouxar, desprender, desmunhecar. errado.	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

67. ESCOPA (S.f.)

01 ocorrência

HM3JA: *Escopa é o jogo de baralho, de carta. É igual 21, só que com 15.*

1.Houaiss - substantivo variedade de jogo de cartas

2.Aurélio - *s.f.* jogo de cartas.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Ato de acabar, finalizar, não sobrar nada (de acordo com o jogo). A busca final do jogo é quem deixa a mesa vazia, portanto, **escopa** funciona quando você quer dizer pra acabar com algo, não deixar sobra.

4. Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

68. ESPINHENTA (Adj.)

16 ocorrências

HM3JA: *Espinhenta?* *É aquela que tá sempre é, implicano, sabe? Com tudo? Então, fala de é... é... tudo quanto há tem que falá, o... o... o... o quanto há, ela acha que tá... tá pono defeito... então, eles fala que é **espinhenta**. É, fica nervosa à toa...*

1.Houaiss - adjetivo - **1.** cheio de espinhas; Ex.: *rosto e.*; **2.** que tem espinhos; espinhoso, espinhado Ex.: *o tronco e. da paineira*; **3.** que espeta Exs.: *cobertor e. grama e.*

2.Aurélio - [De espinho¹ + -ento.] *Adj.* Que tem ou cria espinhos; espinhoso.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Que possui espinho.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

69. ESTILINGAR (V. int.)

13 ocorrências

ML3MQM: *Estilingá é quando a pessoa sai correno fala, “Eu vô **estilingá**, pra ir...” É andá depressa, né?*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

70. ESTILINGUE (S. m.)

02 ocorrências

HM3JA: *Ah, sei! É... pur exemplo, o... é... a gente usava primero, falá que é esti... pra jogá pedra nos passarim, falava que é **istilingue**. Né?*

ML3MCM: *É aqueles **estilingue** que eles faz de goma. Eles vão na farmácia, compra aquela goma, faz aquele **estilingue** pra podê tá **estilingando** os p... assim...**estilingando** os pássaro, essas coisa, né?*

1.Houaiss - substantivo masculino - Regionalismo: Brasil. arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atiradeira, bodoque.

2.Aurélio - [Do ingl. *Sling*. Com epêntese, poss.] **S.m.** *Bras. MG C.O.S.V. atiradeira:* “Quando tinha seus dez anos e ainda não servia para serviço nenhum, pegava um estilingue e ficava matando passarinho aí pelo mato.” (Rute Guimarães, Água Funda, pp. 152-153.)

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - Arma feita de uma forquilha de galho e tiras de borracha.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s.m. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - sm. ‘atiradeira’ xx. Provavelmente do ing. *Sling* ‘funda’ com espêntese de um t para ajudar a pronúncia.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Inglesa

71. FARRA (S. f.)

62 ocorrências

ML2EMS: *Aqui fala **farra**! Aqui em Cláudio fala “Vão fazê uma **farra**?” Aí, colocam bibidas, ou faz o que tem que fazê, cumidas, bebem, bebem, bebem... curtem, falem, é... riem... é uma **farra**.*

HM2FAF: *Ah, a **farra** é reunião de amigo, de pescaria, de truço, de sinuca...*

1.Houaiss - substantivo feminino -**1.** momento de diversão ou de comemoração, caracterizado por comportamento eufórico e ruidoso, muitas vezes com danças, cantos e bebidas e ger. reunindo várias pessoas; patuscada, bebedeira - **2.** baile ou festa muito animada, muito alegre - **3.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. troça ou brincadeira que se faz a propósito de alguém ou algo; brincadeira, Ex.: *falava mal do namorado só por f.*

2.Aurélio - [Do lunfardo (2) *farra*] **S. f.** **1.** Diversão, festa licenciosa. [V. *orgia* (1).] **2.** *Bras. Fam.* Troça, caçoada, brincadeira: *Falei aquilo só por farra.*

3.Dicionário InFormal - Por Fernando (MT) - Festa, diversão, folia, orgia.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s.f. (chul.) Bordel de infima espécie “As farras da rua Bonita são habitadas por meretrizes sórdidas.”

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘pândega, diversão ruidosa’ xx. De origem obscura, podendo tratar-se de palavra onomatopaica || **farr**EAR xx || **farr**ISTA xx.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

72. FARREAR (V. int.)

01 ocorrência

ML1LCG: É, as pessoas reuniram, foram pras roças com... com esse mesmo intuito, de **farrear** mesmo. Música, bebida.

1.Houaiss - verbo - intransitivo - participar de farra, fazer farra; patuscar.

2.Aurélio - [De *farra* + *-ear*².] *V. int. Bras. Angol.* Fazer farra; patuscar, pandegar, farrar: “O brasileiro, com raríssimas exceções, quando viaja pela Europa só pensa em gastar e farrear.” (Antônio de Alcântara Machado, *Cavaquinho e Saxofone*, p. 137.) [Conjug.: v. *frear*.]

3.Dicionário InFormal - Por Wendell Velozo Pereira (SP) - O mesmo que festejar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘pândega, diversão ruidosa’ xx. De origem obscura, podendo tratar-se de palavra onomatopaica || **farrEAR** xx || **farrISTA** xx.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

73. FARRISTA (Adj.)

01 ocorrência

HM2JCS: *Aí já começô, na hora que deu uns 15 anos, igual nós falô de **farrista**, já começô as **farrinha**.*

1.Houaiss - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros - que ou aquele que freq. toma parte em farras; que ou aquele que farreia.

2.Aurélio - [De *farra* + *-ista*.] *Adj. 2 g. S. 2 g. Bras. Angol.. Cabo-Verd. Moç.* Que, ou quem é dado a farras ou pândegas.

3.Dicionário InFormal - Por Gustavo (RJ) - Aquele que vive na farra.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘pândega, diversão ruidosa’ xx. De origem obscura, podendo tratar-se de palavra onomatopaica || **farr**EAR xx || **farr**ISTA xx.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

74. FINCA (S. f.)

04 ocorrências

HM3JGA: *A finca era cada um tinha finca, um... um... um... como se fosse um vergalhão com a ponta afinada, e num terreno já molhado de chuva, a gente marcava um... um... círculo de cá, otro de cá e o...e o...o... a...a...a... o objetivo era cer... com a finca você cercá todo o círculo do oponente. Intão, cê jogava sua finca no chão, se ela parasse em pé, aí ocê puxava um risco, jogava de novo, ela ia fincano até você consegui tomá o otro, a bola do.... do... otro menino, intão, o chão ficava todo riscado, né?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** peça para sustentar, firmar; escora, estaca, esteio **2.** Derivação: sentido figurado. o que sustenta, protege; apoio, arrimo, proteção **3.** Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. jogo de pião ('brinquedo') - **4.** Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. disputa entre dois participantes que consiste basicamente em um adversário alcançar a posição do outro e retornar, sem se cruzarem, cada qual traçando o seu caminho com um ferrinho que é arremessado ao chão; ferrinho, fincão, precipício.

2.Aurélio - [Der. De *fincar*] **S. f.** **1.** Escora, espeque. **2. Fig.** Arrimo, amparo, proteção. **3. Jog. Inf.** Jogo disputado por dois participantes, que vão fincando no chão, com arremessos curtos, um ferrinho (haste metálica com ponta afiada) para riscar na terra o trajeto por percorrer, sendo obrigatório sair da própria casa (um triângulo marcado num lado do campo), dirigir-se à casa do adversário (situada no lado oposto), contorná-la e retornar ao ponto de partida. [São regras básicas que as linhas traçadas pelos dois adversários não se superponham nem se cruzem, e que o jogador ceda a vez ao oponente sempre que seu ferrinho cair ao chão. Sin., nesta acepç., *ferrinho, fincão* e (MG) *precipício*.]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - **1.** Peça que serve para sustentar ou escorar - **2.** Proteção **3.** Conjugação do verbo **fincar**.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

Continua

11.O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

Concluído

75. FINTAR (V. t. d.)

02 ocorrências

HM1CGR: *Eles... simplesmente **fintô** o Sicoob. A Copermec. Em muitos milhões. Hoje, é como se ele fosse outro banco, ele empresta dinheiro, mexe com essas coisa, né?*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** imputar finta ou tributo sobre - pronominal - **2.** cotizar-se voluntariamente; contribuir, subscrever.

2.Aurélio - [De *finta* + -ar²] **V. t. d. 1.** *Bras.* Calotear; enganar, logar. **2. Esport.** Ludibriar o adversário com movimentos corporais sem tocar na bola.

3.Dicionário InFormal - Por Rita de Cássia (SP) - Enganar o adversário.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. Lançar finta. v.n. *Fallando do pão*, acabar de levedar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - v.at. lançar finta v.g. „, *fintar huma Província*. § ____ se at. Refle. Contribuir de moto proprio, espontaneamente v.g. „, *alguns patriotas se fintarão para desafrontarem a Nação erigindo-lhe hum momento*. § Fintar o pão n. acabar de levedar. B. P.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Lançar finta. Fintar huma Provincia, ou *singulis provincie familis certam aliquam pecunie summam imperare*. Cicero diz, *Tributum populo imperare*. Os Censores foraõ fintados em trezentos denarios para estatua do Pretor. *Singulus Censoribus denarij trecenti ad statuam Prætoris imperati junt*. Cic. Sepultura, para cuja construcção varias pessoas se fintaraõ. *Sepultura collatita e Femin Quintil*. Fintar o pão No Thesouro da Ling. Portug. do P. Bento Pereyra he Levedar-se de todo.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

76. FUMO (Adj.)

02 ocorrências

PESQUISADORA: *Uma pessoa que é reclamona só... tudo pra ela tá ruim...***HM2AFT:** *Aqui, todo mundo fala é fumo. É um fumo.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** produto gasoso que se desprende dos corpos em combustão; fumaça - **2.** vapor que se exala de um corpo úmido e mais quente que a temperatura ambiente; fumaça - **3.** Derivação: por extensão de sentido. nuvem formada pelas ínfimas partículas que se desprendem da água, quando esta cai do alto e faz espuma - **4.** preparado vegetal que se faz queimar em cigarros, cachimbos etc., para aspirar sua fumaça de propriedades aromáticas ou inebriantes - **5.** folha de certas plantas preparada para fumar, mascar ou cheirar - **6.** fuligem que entra na composição de certas tintas - **7.** Derivação: sentido figurado. coisa transitória, perecível; fumaça, Ex.: *uma grande fortuna que virou f.* **8.** Derivação: sentido figurado. vício, hábito de fumar, Ex.: *não consegue deixar o f.* **9.** Derivação: sentido figurado. faixa de crepe us. em sinal de luto - **10.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. exalação desagradável que se emana de corpos em decomposição; miasma - **11.** Derivação: sentido figurado. m.q. **fumaças** - **12.** Rubrica: angiospermas. m.q. **tabaco** (*Nicotiana langsdorffii*, *N. rustica*, *N. tabacum*) - **13** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. m.q. **maconha** ('droga') - **fumos** - substantivo masculino plural - **14** m.q. **fumaças**.

2.Aurélio - [Do lat. *fumu*.] **S. m.** **1.** Vapor pardacento-azulado que sobe dos corpos em combustão ou muito aquecidos: “através do fumo denso dos cigarros, o Azevedo reconheceu nos grupos o velho Galvão, o Loureiro, o João Gualberto” (Conde de Ficalho, *Uma Eleição Perdida*, p. 13). [Sin., bras.: fumaça (1).] **2.** Exalação de cheiro desagradável que sobe de corpos em decomposição. **3.** Evaporação de água que se despenha. **4.** Faixa de crepe para luto: “Foi então que Carlos reparou que ele estava carregado de luto, com fumo no chapéu, luvas pretas, polainas pretas” (Eça de Queirós, *Os Maias II*, p.31). **5.** Bot. Tabaco (1). **6.** Tabaco para fumar; tabaco. [Sin., bras., nesta acepç.,: *petum*, *petume*, *petema*, *petima*, *pintura*.] **7.** Bras. Gír. *V. maconha* (2). **8.** Fig. O ato ou hábito de fumar: “E o pior é que aos fumantes nem ao menos resta o consolo de saber que estão afugentando a morte quando abandonam o fumo.” (Fernando Sabino, *A Falta Que Ela Me Faz*, p.55); não sei como o fumo de manhã não ten enjoa. **9.** Fig. *V. fumaças*. **10.** Fig. Aquilo que se esvaece, ou que é transitório. **11.** Fuligem que entra na composição de certas tintas. ~ *V. fumos*. **Fumo crioulo.** Bras. *V. fumo de rolo*. **Fumo de corda.** Bras. *V. Fumo de rolo*. **Fumo de palha.** **1.** Coisa de pouca monta. **2.** Palavras sonoras, porém ocas. **Fumo de rolo.** Bras. Fumo¹ (6) empacavirado (*q. v.*), torcido em forma de corda e enrolado em uma haste de madeira. **Beber fumo.** Bras. *N.E. Pop.* Fumar, pitar. Puxar fumo. Bras. *Gír.* Fumar maconha. [Tb se diz apenas puxar.]

Fumo² [Do *chissena* e do *chuabo*.] **S. m.** Moç. Chefe de povoação (2): “A morte da fome está na nossa vontade. Ela virá dos lábios do fumo que é o orador tradicional da prece coletiva.” (Aníbal Aleluia, *Mbele e Outros Contos*, p.16.)

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - ou tabaco é um produto processado a partir das folhas de plantas da família das solanáceas(VIDE), gênero nicotiana, que tem cerca de 60 espécies. É considerado como uma droga recreativa sob a forma de cigarro, charuto, rapé, cachimbo, narquilé (VIDE) ou **fumo** mascado. É também usado como pesticida sob a forma de tártaro de nicotina e em alguns remédios. Sua origem á o continente americano onde era usado pelos nativos. É considerado prejudicial à saúde, podendo causar moléstias, inclusive alguns tipos de câncer.

Continua

4. Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5. Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6. Dicionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. As partes oleosas humidas e de diversas naturezas, que exhalão os corpos expostos ao fogo. Vapor que exalão os liquidos quando fervem e tudo o que fermenta. Fig. Presumpção vaidade. Certo tecido fino, e transparente de cor preta de que se usa os lutos.

7. Dicionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.m. a humidade, e outras partes oleosas, e heterogeneas, que o fogo desenvolve e faz subir ao aere corpo mais ou menos denso. § O vapor denso, que se exala v.g. do vinho, do esterco, &c. § f. Vaidade, presunção. Sá Mir. § Tecido de seda preta, crua, que se traz por luto, he mui raro. § *Fumo da terra* herba molarinha, capnos. § *Carne de fumo*, chacinada, curada ao fumeiro. F. M. c. 97.

8. VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Humidade, que com o calor do fogo, se exhala em vapor negro. Fumus, i. Masc. Cic.

9. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: ffumo | Substantivo - Séc. XIV, BARL, 8.20 As maas cuydaçoões affugentã a graça do spritu sancto assy como o ffumo faz ffugir as abelhas. Medieval: fum' | Substantivo Séc. XIII, CSM, 365.14 se desfazia come fum' . Medieval: fumes | Substantivo Séc. XIV, TROY, II.182.8 [...] os fogos erã tã grandes et os fumes que pareçiã muyto alonge [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, ORTO, 15.30 E, segundo diz meestre Alexandre, o parayso terreal chega ataa o aar asesegado, que he encima deste aar toruado hu ha fumo e uapores humidos [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, ORTO, 227.9 [...] onde diz Pedro de Rauena que muy grande cuydado acõpanha senpre as riquezas e as hõrras, que nũca se parte dellas, e a ponpa do mũdo he fumo e uẽto que subpitamente esuaece e se sume [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, ORTO, 262.33 Em aquella ora que o arcebispo de Tolledo hũgio rey Banba, pareceo perante todos que o viam, hũũ uapor que sse leuãtaba daquelle luguar hu o arcebispo quirco hũtaua elrey cõ o sancto oleo, e aquelle vapor era assy como fumo delgado que sobia pera cima. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, TEST, 179.18 [...] com fogo, e com fumo morrerom aly mil barões [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, TROY, I.300.26 [...] fumo [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XIV, TUND, 22 [...] ouvyo muy grande arroydo de hũu rryo que corrya per ell do quall saya gram fumo e gram fedor [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, BERN, 590 E pois por que ensoberueçe o que he cinjnza e poo e fumo que se desffaz a sua ora que cousa he o homẽ senõ podridon. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, CESA, II.20§10.3 [...] a chama e o fumo foe tam grande [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, CITR¹, 438 [...] e sam postas en alcandoras, en que se não ousão curar, e en casas de fumo . Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, FRAD, I.280.26 [...] do quall poço pareçiam sair chamas espamtosas e sobiam ata o çeoo; outro sy saia delle fumo muy espersso, negro e fedoremto, [...]. Medieval: fumo |

Continua

Substantivo Séc. XV, FRAD, II.122.25 [...]. e o cavalo, asy como fumo , desapareço. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, LOPJ, II.36.29 [...] com o gram fumo e labareda que hija a(o) outro sobrado [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, PAUL, 21.29 E assi enguanados per çeguidade do diaboo creem que aquelles finados casam em ho outro mundo quando veem ho fumo das cartas queymadas sobir no aar. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, REIS, 165.6 [...] lancaraõ os Mouros muito fogo que fazia fumo [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, REIX, I.195.16 E lançarom os Mourros foguo que fazia mujto fumo que os fizerrom d ahy partir. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, REIX, II.216.39 E curarjamos d apagar o fumo na casa alhea, leixando a nosa arder de todo. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, SEGR, 48v [...] E com descricam se cozam com piqueno fogo E de todo sem fumo E quite sse toda a escuma [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, VERT, 90.13 Ca he jmpossuiel leuantar sse fogo sem fumo [...]. Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, VITA, 136c3 [...] [aly sera choro] dos olhos cõ o fumo e quentura do fogo. fumaça Medieval: fumo | Substantivo Séc. XV, VITA, 161d30 [...] tu aue todo por huũ pouco de fumo que anda no aar voãdo [...]. Medieval: fumos | Substantivo Séc. XV, CESA, II.12§25.5 Desi virom longe os fumos da hoste de Cesar [...]. Medieval: fumos | Substantivo Séc. XV, PEST, 127 [...] dos corpos apeçonhêtados procedem humores e fumos peçõhêtos q̃ corrompẽ ho aar [...]. Medieval: fumos | Substantivo Séc. XV, ZURD, 193.10 [...] os fumos que sahyam da aldea eram grande ajuda pera o auisamento da terra.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - sm. ‘vapor que se eleva dos corpos em combustão’ ‘tabaco’ ‘faixa de crepe para luto’ xii. Do lat. *Fūmūs -i* | **DEfumaÇÃO** xx | **DEfumADOR** 1873 | **DEfumAR** xiii | **ENfumaÇ** - **ADO** xx | **ENfumaÇ-AR** xx | **ESfumADO** 1844. Do it. *Sfumato* | **ESfumAR** 1844. Do it. *Sfumare* | **ESfumATURA** xx. Do it. *Sfumatura* **ESfumINHO** 1844. Do it. *sfumino* | **fumaÇA** xv | **fumAC-EIRA** 1899 | **fumADA** *sf.* ‘Sinal que se dá através da fumaça’ xv | **fumÁDEGO** xvi. Do Lat. **fumaticū* | **fumAGINA** 1873. Do fr. *Fumagine* | **fumANTE** xvii | **fumAR** xvi. Do lat. *Fumāre* | **fumAR -ADA** xvii | **fumAR -OLA** 1899. Do it. *Fumaròle* | **fumê** xx. Do fr. *Fumée* | **fumEGANTE** xix | **fumEGAR** xvi. Do lat. *Fumīgāre* | **fumEIRO** | **fumeyro** xv | **fúmEO** xix. Do lat. *Fumēus* | **fumI** -**CULT** -**OR** xx | **fumI** -**CUL** -**TURA** xx | **fúmIDO** 1899. Do lat. *Fumīdus* | **fumi** -**FERRO** xvii. Do lat. *Fumifērum* | **fumí** -**FICO** 1858. Do lat. *fumīficus* | **fumi** -**FLAM** -**ANTE** xix. | **fum** -**FUGO** 1873. | **fumigaÇÃO** 1858. Do lat. *Fūmigātio -ōnis* | **fumigAR** xvi. Do lat. *Fumīgāre* | **fumigATORIO** 1858 | **fumi** -**VOMO** 1899 | **fumi** -**VORO** 1873 | **fumos** -**IDADE** xv | **fumOSO** xiii. Do lat. *Fumosūs* | **SUfumEIRO** | -**eeiro** xv | **SUfumigaÇÃO** xvii. Do lat. *Suffmigātio -ōnis* | **SUfumigAR** xx.

11.O Dialeto Caipira- N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

77. FUTICAR (V. t. i.)

31 ocorrências

HM2FAF: *Futicá. Isso aí é curiosidade.*

MI3MCM: *Futicar é uma coisa também, que você vai... mexer, por exemplo, vou mexer na minha gaveta, que seja, ou a pessoa vem e mexe na minha gaveta. Aí, você tá futicando. Entendeu? É que a gente fala aqui, futicar.*

ML3MQM: *Ih, tem vez que a gente fala “Vô futicá ali naquele tecido ali, pra remendá um poquim, futicá nele pra vê se fica melhor.”*

1.Houaiss -verbo - Regionalismo: Brasil. Uso: informal. transitivo direto - **1.** causar rugas, vincos etc. por compressão desajeitada; amarrotar, amarfanhar, enxovalhar, fuxicar, Ex.: *o chique era f. uma roupa de linho depois de muito bem passada* - transitivo direto e intransitivo - **2.** coser com pontos largos; alinhar, fuxicar, Exs.: *passou a manhã inteira futicando a bainha da saia* - *uma costureira que não usa f.* transitivo direto - **2.1.** furar, espetar, Ex.: *futicou o dedo com a agulha* - transitivo direto - **3.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. ser inoportuno; amolar, aborrecer, importunar, fuxicar, Ex.: *futicou-a durante toda a festa.*

2.Aurélio - *V. t. d.* **1.** Bras. Pop. Fuxicar (4). **2.** Furar, espetar. **3.** Importunar, aborrecer amolar. [Var.: *futucar*. Conjug.: v. *trancar*, Cf. *futricar*.]

3.Dicionário InFormal - Por Rita de Cássia (SP) - Mexer, enfiar a mão.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. ‘espetar, mexer, importunar’ xx. Trata-se, provavelmente, de palavra expressiva.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

78. FUTICO (S. m.)

01 ocorrência

HM1CGR: *...futico, de... falar da vida dos outros, intrometer na vida dos outros. É... no sentido de procurar mesmo... ou... ou entrar em alguma coisa muita das vezes.*

1.Houaiss - N/e**2.Aurélio - N/e****3.Dicionário InFormal - N/e****4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e****5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e****6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. ‘espetar, mexer, importunar’ xx. Trata-se, provavelmente, de palavra expressiva.****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

79. FUTIQUEIRO (Adj.)

01 ocorrência

HM2FAF: *Futiquero é pessoa curioso, né? Que fica mexeno nas coisas que às vezes num é da pessoa, às vezes caçano alguma ferramenta, também.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. 'espetar, mexer, importunar' xx. Trata-se, provavelmente, de palavra expressiva.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

80. GABIROBA (S. f.)

04 ocorrências

ML2AMC: *Era no mato, procuran... tipo assim, procurando **gabiropa**, o que mais tinha aqui era **gabiropa** nessa redondeza aqui, agora, nunca mais vi. Nó! **Gabiropa** é o... acho que é o chero e o gosto de criança, é a tal da **gabiropa**.*

1.Houaiss -substantivo feminino - Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Brasil. m.q. **guabiropa**

2.Aurélio - [Do tupi.] *S. f. Bras. Bot.* 1. Nome comum a várias arvoretas e arbustos mirtáceos do gênero *Campomanesia* (v. *campomanésia*). [Sin.: *gabirobeira* ou *guabirobeira*, *guabirobeira-do-mato*.] 2. *V. araçá-felpudo* (1 e 2). 3. O fruto dessas árvores. [Var.: *guabiraba*, *guabirova*, *guavirova*, *gabiropa*, *gabirova*, e *guavirova*.]

3.Dicionário InFormal - Por Laércio Silva (SP) - Fruto campestre, amarelo quando maduro, doce e tem pequenas sementes e caldo, geralmente são do tamanho um pouco maior que uma ervilha. Por perto deste fruto, quando maduros, costuma-se encontrar cobras, principalmente a cascavel.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - Árvore frutífera do mato virgem.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

81. GUASPA (S. f.)

03 ocorrências

HM2JGA: *A guaspa era um brinquedo assim, era ua.... ua... ua... até um pouco, de certa forma, é... perigoso. Puquê ficava... escolhia entre os meninos... na sorte. Quem que ia sê o pegadô. Então... determinados passeios, da cidade, era um campo neutro, cê num podia batê na criança e essa otra criança que era o pegadô, pegava uma vara de bambu e todo mundo saía correno. Se ele conseguisse te pegá fora da zona de proteção, que seria aqueles passeios determinados, ele podia te batê... com essa vara que a gente falava **guaspa**!*

1.Houaiss - N/e**2.Aurélio - N/e****3.Dicionário InFormal - Por Doido (MG) - Órgão sexual masculino.****4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e****5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e****6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

82. GUIMBA (S. f.)

01 ocorrência

ML2NCG: *Com fumo. Antigamente, eles falava que punha o...o... pra car...que pra berno! Isquentava o... o... **guimba** do cigarro aquela... o fumo, né? Isquentava e punha assim quente assim no coisa pra ele podê ... eles fazia muito isso... pá ele podê... ficá tonto e querê saí... o berno.*

1.Houaiss - substantivo feminino - a parte restante de um charuto, cigarro ou ²baseado já fumado.

2.Aurélio - S. f. Bras. Pop. A parte que resta do charuto, do cigarro ou do baseado, depois de fumados; bagana, beata, bituca, chica, goia, menor, piola, ponta, prisca, puxo, vinte, vintes, xepa.

3.Dicionário InFormal - Por Marina (SP) - Bituca de cigarro.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

83. JACÁ (S. m.)

28 ocorrências

HM2FAF: *Jacá? Jacá era tipo dum balaio que a gente usava pra... pra colhê, no caso, o milho, né? Que tira... pegava, dava na hora de tirá o milho do... colhê o milho, né? Aí, usava **jacá**.*

ML1LCG: *Jacá? É uma coisa larga, bamba, relaxada.*

1.Houaiss - substantivo masculino - cesto trançado de taquara ou cipó us. no transporte de cargas, sobretudo preso ao lombo de animais.

2.Aurélio - [Do tupi.] *S. m. Bras.* Espécie de cesto feito de taquara ou de cipó, e de forma variável, para conduzir carga, em geral de comestíveis, às costas de animais: “berços de cipó e balaio de taquara; jacás sem fundo” (Euclides da Cunha, Os Sertões, p. 581).

3.Dicionário InFormal - Por Marina (SP) - Recipiente produzido de tala de taquara (bambu), que serve para transportar animal de carga (mula-cavalo-jegue)..

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - Cesto feito de taquára.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sm.* ‘cesto feito de taquara’ | jacázes pl. C 1698 etc. | Do tupi aia’ ka.

11.O Dialeto Caipira - s. m. - cesto de tacuara. - Ha-os de diferentes dimensões e formas, para vários usos. Dá-se, notadamente, esse nome a um cesto estreito e comprido de metro e meio a dois metros, usado para o transporte de galinhas e grangos. || Do tupi “aijacá”.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

84. JANGUANA (S. f.)

03 ocorrências

HM2FAF: *Janguana é uma coisa muito feia, uma coisa muito extravagante, aquele trem muito estatalado, no caso. A gente falava, “Nó, **janguana**, hein?”*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

85. LASSEADA (O) (Adj.)

01 ocorrência

PESQUISADORA: *Quando a gente compra um sapato, ele fica, geralmente, ele fica bem justo no pé, né? Depois de alguns, de alguns usos, depois que a gente usou um pouquinho...*

ML2NCG: *Fica **lasseado**...*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Afrouxada, alargada.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

86. LASSEAR (V. int.)

60 ocorrências

HM3JA: *Ah, é, **lasseou**. É, por exemplo, antigamente eles, é, a pessoa comprava uma botina, essa botina tá apertada. Ah, não, mais vai andano, aí ela vai **lasseá**. Ela vai ficar mais folgada com o movimento, é... a... botina tende a não mais machucá o pé.*

HM3JHF: ***Lassear**, é o... é... calça um sapato pra eleabri um mucado, pra ele num ficar apertano no pé.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto e pronominal - fazer ficar ou ficar lasso, frouxo; afrouxar(-se), desapertar(-se), Exs.: *l. a cinta - com o golpe, a faixa lasseou-se.*

2.Aurélio - [De *lasso* + *-ear*².] **V. int.** *Bras. MG* Tornar-se lasso, frouxo; afrouxar. [Conjug.: *V. frear*.]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Afrouxar, alargar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

87. LEREIA (S. f.)

34 ocorrências

ML3CRO: *Lereia é quando fica falano muito na cabeça da gente. Cé fala, “mas ô lereia, vão pará com isso!”*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Brasil. conversa inútil, estéril, oca, sem nenhum resultado prático; conversa fiada, conversa mole; léria.

2.Aurélio - [Alter. De léria.] *S. f. Bras.* Conversa vazia, oca. V. conversa mole.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Conversa inútil, estéril, oca, sem nenhum resultado prático; conversa fiada, conversa mole; léria.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

88. LEREIADA (S. f.)

01 ocorrência

ML3MQM: *Fica lereiando, pra qui, pra li, falando, falando, que num para mais. Ai, “Ah, não, para com essa lereiada aí.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

89. LEREIAR (V. int.)

20 ocorrências

HM3JHF: *Lereia.* A pessoa que fica assim, no ouvido da gente, com uma falação, num deixa nem a gente respondê. *Lereiando*, pior.

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

90. LEVADA (Adj.)

01 ocorrência

PESQUISADORA: *Uma criança que dá muito trabalho, é uma criança...***HM3JA:** *Levada!*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** torrente de água que se desvia de um rio para mover moinhos, fábricas etc., para irrigar terrenos, para alimentar reservatórios etc. **2.** queda-d'água em que a água ger. escorre por entre pedras - **3.** construção de terra, pedra etc. que se destina a represar as águas dos rios, para que sejam us. no abastecimento, na agricultura etc.; açude - **4.** Regionalismo: Ceará, Madeira. sulco por onde passa a água destinada à irrigação - **5.** Regionalismo: Bahia. sulco por onde as águas pluviais passam para os tanques - **6.** Regionalismo: Brasil. corte feito nas orelhas das reses, para que sejam reconhecidas pelos proprietários - **7.** Regionalismo: Norte do Brasil. parte elevada de um terreno; colina, morro, cerro - **8.** Rubrica: termo militar. m.q. *levantamento* ('ação de levantar um cerco') - **9.** Rubrica: Música. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. m.q. *ritmo* - **10.** Rubrica: música. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. modo de executar uma melodia ou harmonia - **11.** Rubrica: hipismo. pulo empinado dado repentinamente pela cavalgadura - **12.** Diacronismo: antigo. bote, golpe, investida.

2.Aurélio - [De *levar* + *-ada*']. **S.f.** **1.** Ato de levar. **2.** Corrente de água que se desvia de um rio para regar ou para mover algum engenho: "Por entre as vinhas aparecia em malhas o verde mais fechado das hortas..., enquanto ao lado sussurrava a levada correndo pelas regueiras." (Rebello da Silva, *Contos e Lendas*, p. 12). **3.** Cascata, cachoeira. **4.** Levantamento do cerco de uma praça, de uma cidade; levantamento. **5.** *Bras. N.* Elevação de terreno. **6.** *Bras. CE* Rego que conduz para os tanques águas pluviais. **7.** *Bras. BA* Corte feito nas orelhas das reses para marcá-las.

3.Dicionário InFormal - Que foi carregada. Que foi transportada. Também pode significar uma pessoa bagunceira, atentada.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. Torrente de água. Acção de levar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Água, que levada do seu curso natural, ou apartada em rego, ou espaço estreito, corre em mayor força, e serve de regar campos, ou de fazer andar moinhos. Mais particularmente, levada he água tirada da madre., & que com a açude, ou cousa semelhante se desvia de sua corrente, & he levada a outra parte.

10.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: levada | Expressão - Séc. XIII, CSM, 241.74 [...] o moço deu levada / do leit' [...].

Continua

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: Medieval	<i>Concluído</i>

91. LOMBEIRA (S. f.)

09 ocorrências

PESQUISADORA: *A gente fica com o corpo mole, quereno cama... como que chama essa sensação mesmo?*

ML2RMC: *Ah... eu considero **lombera**. Geralmente, a gente fala **lombera**. “Ah, tô numa **lombera**”...*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Brasil e Portugal (reg.). **1.** Uso: informal. preguiça física; moleza, indolência, lomba - **2.** Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. estado sonolento; sonolência, modorra.

2.Aurélio - [F. subst. Do adj. *lombeiro*.] *S. f. Bras. Prov. port.* **1.** Moleza de corpo; quebrantamento de forças. **2.** v. *sonolência* (2 e 4). **3.** V. *lomba*².

3.Dicionário InFormal - Por João Lúcio (MG) - Corpo mole, preguiça, cansaço...

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - s. f. - derreamento, preguiça: “... era só lombeira pr aamor da calma do dia, ...” (V. S.).

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

92. MACUCO (S.m.)

46 ocorrências

HM1CGR: Macuco? *Macuco pode ser... uma pessoa é, tipo... digamos assim, muito mal educada, ignorante, ou sujeira. É, geralmente, fala de sujeira, quando, você fica... eles fala ruço, né? De que... a pele fica... a pele... fica suja é macuco.*

1.Houaiss - substantivo masculino - Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. Ave tinamiforme da fam. dos tinamídeos (*Tinamus solitarius*), que ocorre em florestas do Brasil oriental, de grande porte, com até 48 cm de comprimento, dorso pardo-azeitonado e ventre cinza-claro; macuca [Espécie ameaçada de extinção.]

2.Aurélio - [Do tupi.] *S. m. Bras.* Designação comum às aves tinamiformes, tinamídeas, gênero *Tinamus*, com cauda pequena, escondida pelas penas das coberteiras, e parte posterior do tarso áspera. Vivem exclusivamente nas matas virgens, e os maiores representantes da ordem ocorrem no Brasil, onde há, ao todo, cinco espécies. [Var.: *macuca*; sin.: *tona*.]

3.Dicionário InFormal - Por Saty (SP) - Ave brasileira, tinamídea (*Tinamus solitarius*), muito apreciada por sua carne saborosa; tem o tamanho de uma galinha e vive solitária; encontrável nas matas de todo o país. Voz: pia.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza -Espécie de mandioca de talo branco, páo cinzento, raiz branca, poucas e grossas, á flôr da terra - Ave grande como uma perúa de côr escura; sua carne é excelente para comer.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - adj. antiq. Ferro *maçuco*; em barras, massiço. *Elucidar*. Art. *Ferro*.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *macuca* - sf. ‘espécie de pereira silvestre’ 1881. De origem desconhecida.

11.O Dialeto Caipira - s. m. - designa várias espécies da fam. “Tinamidae”

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Desconhecida

93. MACUQUENTO (*Adj.*)

25 ocorrências

HM1CGR: *Macuquento* é a pessoa que tem *macuco*.**HM3JHF:** *Macuquento* é falta de banho.**1.Houaiss** - N/e**2.Aurélio** - N/e**3.Dicionário InFormal** - N/e**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - N/e**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** N/e

94. MANGADA (S. f.)

01 ocorrência

HM1CGR: *A chuva vai passar rápido, é só uma mangada.***1.Houaiss - N/e****2.Aurélio - N/e****3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Flexão do verbo mangar, que significa: 1. Zombar ou caçoar, zoar; 2. Ser lento ou demorar.****4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e****5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e****6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

95. MANGUARA (S. f.)

27 ocorrências

ML3MCM: *A manguara é uma... é... como é que eu vou te explicar? Manguara. É tipo... se eu falar um pedaço de pau não é, porque... hoje em dia, mudou tudo, né? Faz de alumínio, faz de coisa... a manguara é desse é... pra é... dar... como é que fala, é... vou explicar, espera aí. Quando a pessoa assim, é... quer firmar na manguara pra poder andar, entendeu? Não é um andador, é uma manguara pra poder firmar. Ter mais segurança pra poder andar. Entendeu?*

HM3JHF: *Não. Manguara. Ah, isso aí é pra... pros... velhinho andá iscorado.*

1.Houaiss -substantivo feminino - Regionalismo: Brasil. **1.** espécie de bastão que engrossa na base, próprio para ajudar a marcha em terreno escorregadio -**2.** vara em que se transportam aves domésticas atadas pelos pés e penduradas - **3.** vara us. para bater feijão - **4.** Regionalismo: São Paulo. m.q. *porrete* ('pedaço cilíndrico de madeira') - substantivo masculino- Derivação: por analogia. **5.** m.q. *manguarão*.

2.Aurélio - Paragógica de *manguá*] *Bras. S. f.* **1.** Espécie de bastão mais grosso na parte inferior, largamente us. para auxiliar a marcha em terreno escorregadio. **2.** Vara própria para conduzir aves domésticas, amarradas pelos pés e nela enfiadas. **3.** Instrumento de madeira para bater feijão. **4.** *Bras. SPV. cacete* (1). • *S. m.* **5.** Fig. Manguarão

3.Dicionário InFormal - Por José Antônio de Ávila Sacramento (MG) - Bengala, cajado, bastão que oferece apoio para caminantes .

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

96. MEXER (V. t. d. e i.)

06 ocorrências

ML3MQM: *Põe com cebolinha, e mexe um poquim de farinha, inda mexe farinha, põe um poquim de gurdura de porco sem... e sal, sem temperá assim, sem coisa, sem levá no fogo, e come.*

ML3MCM: *Mas depois, teve uma época que ela já não aguentô mais. Até teve um... um... falei assim, num adianta mais ocês ficar mexeno com ela não, coitada! A gente vai mexê com ela até o fim! Aí, a enfermeira ia, só que o marido que dava o banho. Era só ele que mixia com ela. É a... a... *, o marido dela, a *. * tava com câncer. [...] Como é que eu vou fazê almoço mexeno... eu num... falá a verdade, eu sozinha não tô dano conta.*

1.Houaiss -verbo - transitivo direto - **1.** revolver, agitar o conteúdo de, Exs.: *m. uma sopa - m. uma tinta* - transitivo direto, intransitivo e pronominal - **2.** pôr(-se) em movimento, fazendo sair, ou saindo, da posição original; mover(-se), deslocar(-se), Exs.: *mexa o guidom para a direita, o pêndulo mexe compassadamente - chamou-os, mas ninguém se mexeu* - intransitivo - **3.** menear os quadris; rebolar, saracotear, Ex.: *na salsa, você tem que m. bem* - transitivo indireto - **4.** pôr as mãos em, movendo, revirando; tocar, bulir, remexer, Ex.: *mexeram nos documentos* - transitivo indireto - **5.** introduzir modificações em; alterar, Ex.: *m. num time* - pronominal - **6.** apressar-se, Ex.: *mexa-se, ou perderemos o avião* - pronominal - **7.** fazer diligências para obter o que se deseja; esforçar-se, Ex.: *preguiçoso, não se mexe para arranjar trabalho* - transitivo indireto - **8.** fazer referência a; aludir a, Ex.: *o conferencista não mexeu com esse tópico* - transitivo indireto - **9.** fazer comentários, brincando ou provocando, Ex.: *ele só mexe com balzaquianas* - transitivo indireto - **10.** ter como ocupação, profissional ou não; lidar, ocupar-se, trabalhar, Exs.: *ele mexe com importação - desde jovem, mexe com tarô* - transitivo indireto - **11.** causar tristeza, pena, angústia etc.; sensibilizar, afetar, Ex.: *a notícia mexeu muito com ela.*

5. Aurélio - [Do lat. *Miscere*, ‘misturar’.] **V. t. d.** **1.** imprimir movimento a: agitar; mover: “Sentado na caixa da farinha, sem mexer um dedo, bebia o ar a custo.” (João de Araújo Correia, *Terra Ingrata*, p. 210); Mexeu a cabeça num gesto afirmativo . **2.** Desviar de posição; ; deslocar: Mexeu a grande pedra, provocando uma avalanche. **3.** Agitar o conteúdo de: mexer uma panela. **4.** Misturar, revolvendo; confundir: Mexi os meus papéis na secretária, e não pude encontrar o documento. **T. i.** **5.** Tocar, bulir; remexer: “Ontem, mexendo nos meus papéis velhos, encontrei a seguinte carta” (Aluísio Azevedo, *Demônios*, p. 85). **6.** Ocupar-se; dedicar-se, trabalhar: Mexia com química desde criança, e hoje já é mestre da matéria. **7.** Negociar, comerciar; trabalhar: Mexe com ouro e pedras preciosas, e já mexeu com produtos farmacêuticos. **8.** Fig. Abordar, tocar, bulir: Não mexam com o assunto: é por demais complicado. **9.** Importunar com gracejos ou impertinências; caçoar; provocar: “o demônio do homem dava então para brigar; mexia com quem passava.” (Aluísio de Azevedo, *Casa de Pensão*, p.72). **10.** Causar mudança, alteração; mudar; alterar: A notícia mexeu com os meus planos. **Int.** **11.** Mover-se, agitar-se; mexer-se: “Meu braço não mexia, minhas mãos não mexiam, meus pés não saíam do lugar” (Afonso Arinos, *Histórias e Paisagens*, p. 20). **12.** Dar de si; agitar-se, bambolear(-se), rebolar(-se), saracotear-se, remexer-se: A garota mexe muito quando anda. **P.** **13.** Mover-se, agitar-se, mexer: Gritaram-lhe, empurraram-no, e não se mexeu. **14.** Apressar-se, aviar-se: Disse-lhes que se mexessem, pois o trem partia dentro de uma hora. **15.** Sair do seu lugar ou

Continua

posição. [Pres. ind.: *mexo* (ê), *mexas* (ê), etc. Cf. *mecha*, s.f., e o pres. ind. e pres. subj. do v. *mechar*.]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Movimentar algo, agitar; **remexer**, tocar; bulir; sair do seu lugar de posição; ocupar-se; deslocar; importunar com gracejos ou impertinências.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. Misturar movendo. Fig. Bulir em alguma coisa. Perturbar, enredar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Mesclar, misturar. Vid. Nos seus lugares.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: *mece* | Verbo - Séc. XIII, CSM, 331.37 [...] *moller transida que niun nenbro non mece* . Medieval: *mexam* | Verbo Séc. XV, SEGR, 49v [...] *mexam se E coen se ata que seia facto claro* [...]. Medieval: *mexe* | Verbo Séc. XV, FRAD, I.166.25 [...] *quando te for dito esta cozinha esta mal salgada, mexe -a tu hũa vegada* [...]. Medieval: *mexem* | Verbo Séc. XV, PAUL, 21v28 [...] *e mexem ho tanto como huñ paaõ atee que se desfaz todo* [...]. Medieval: *mexiã* | Verbo Séc. XV, COND, 56b21 [...] *elles se mexiã ãtre sy* [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. ‘dar movimento a, agitar, misturar’ ‘tocar, bulir’ ‘caçoar de’ | xiv *mecer* xiii | Do lat. *Miscēre* ‘reunir, acumular, agitar, perturbar.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

97. MINCHOCO (S. m.)

03 ocorrências

ML2RMC: [...] *assim, pegano um negócio que parece quiabo, um brotim, chamava minchoco, nós falava minchoco, papai falava minchoco. E fazia igualzim a folha de quiabo, é idêntico, mais é gostos demais!*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

98. MOA (Adj.)

01 ocorrência

ML2NCG: *Fica esperto, menino, deixa de ser moa.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Rubrica: angiospermas. m.q. *milho-da-italia* (*Setaria italica*). 2. substantivo masculino - Rubrica: ornitologia. design. comum às grandes aves ápteras, da fam. dos dinornitídeos, de aspecto semelhante ao dos emus e uma altura de até 3 m, encontradas na Nova Zelândia até prov. o início do s. XIX, quando se tornaram extintas

2.Aurélio - [Do maori.] S.f. Grande ave dinornitídea, nativa da Nova Zelândia e extinta há cerca de um século; a família compunha-se de, pelo menos, 6 gêneros com 19 espécies; eram aves ratitas com 3m de altura, desprovidas de asas, herbívoras, e que nidificavam no chão.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz, SP - 1- Rio afluente da margem direita do rio Juruá (vide), no estado do Acre. 2- Serra na margem direita, na nascente do rio Juruá, no estado do Acre.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Maori

99. MOLÉSTIA (S. f.)

1 ocorrência

ML3MCM: *Tamém, depois, eu... eu tive que saí, porque é minha cunhada também caiu e meu marido operô, né? Aí, eu tive que saí da *. Deixá ela. Aí, depois até, coitada, ela... acabou ficano com essa **moléstia** lá, depois tava precisano, falei, agora eu não tenho como voltá, né?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** disfunção orgânica, ger. manifestada por uma série de sintomas; mal, doença, enfermidade - **2.** dor ou abatimento moral - **3.** regionalismo: Brasil. Uso: informal. m.q. **raiva** ('doença')

2.Aurélio - [Do lat. *molestia*.] **S.f.** **1.** incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal. **2.** Doença (2). **3.** Incômodo ou sofrimento moral; aborrecimento, inquietação, mal. **4.** Doença das plantas ou dos animais. **5.** *Bras. Pop. V. raiva* (1). **Moléstia de Marie.** *Endocr. V. acromegalia.* **Moléstia de Parkinson.** *Neur. V. doença de Parkinson.* **Moléstia reumática.** *Med. V. reumatismo poliarticular agudo.* **Da moléstia.** *Bras. N.E. Pop.* Do diabo (q.v.) dos diabos: *Que menina da moléstia!*

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - É o estado resultante da consciência da perda da homeostasia de um organismo vivo, total ou parcial.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.f. Incommodo, trabalho corporal, e de espírito. Doença.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Incommodo. Vid. No seu lugar. Padecem os velhos muitas moléstias. *Multa mala senem circumveniunt. Horat.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - xvi. Do lat. *mōlētia*.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

100. MOLHO (S. m.)

2 ocorrências

ML2RMC: *É, isso daí que eu tô falano, levei pros meus filho isso, purquê cê... cê... se colocá lá em casa é... um **molho** de folha de quiabo, vô falá assim, puquê eu tamém já cumi muito.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** Rubrica: culinária. caldo em que se refogam iguarias, ou que as acompanha, Exs.: *m. de tomate* - *m. de salada* - **2.** água ou qualquer líquido em que se imerge o peixe ou a carne salgada, para lhes retirar parte do sal, ou grãos, para amolecê-los.

2.Aurélio - (ô) [Dev. De *molhar*, poss.] **S.m.** **1. Cul.** Qualquer preparação culinária líquida ou cremosa feita de caldo ou de peixe, de condimentos, de azeite e vinagre, de leite e farinha, de sangue, etc. Que acompanha diversos alimentos frios ou quentes para avivar-lhe o sabor. **2. Cul.** O molho (1) em relação ao ingrediente de que é feito. [...] **3.** Água ou qualquer outro líquido em que se imerge uma substância. **4. Cul.** Preparação culinária doce, em geral com a consistência de calda. [...]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Conjunto de temperos, de sua preferência para acompanhar com carnes e sopas etc.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s.m. Planta anacardiacea (*Schinus dependes*, *Ortega*). s.m. Planta medicinal do Rio Grande do Sul. Veloso da Silv., ob. Cit.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. (com ò fechado) Líquido preparado para guizados. Água em que se deita peixe, ou carne salgada para largar o sal.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - Que se faz à carne, ou ao peixe, para lhe pôr melhor gosto. *Emberra, atis. Neut. Columel. ou Intinctus, us. Masc. Plin.* Acharás que esta mostarda não he boa para molhos, mas também agradável à vista, porque sendo feita com cuidado, fica muito alva. *Hoc sinap ad embezamata non solùm idoneo, sed etiam speciosa uteris, namest condoris eximii, si sit curiosè factum. Columel. lib. 12. cap. 55.* Quando o molho é do çumo, ou substancia da carne ou peixe, chama-se *Eliquamen, inis, Columel.* *Fazer hu molho a hum comer. Cibym embemmate condire.*

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: moolhos | Substantivo - Séc. XIV, ORTO, 245.33 E aquelle que nõ quis gouernar o pobre cõ seus bẽs gouernara as chamas cõ os seus moolhos .

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - s.m. Do lat. *molliäre ‘especie de caldo em que se refogam iguarias ou com que se comem estas’ xvi. **Continua**

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

101. MORRADA (S. f.)

62 ocorrências

HM3JA: *Morrada é quando é de graça, num tá pagano nada. É de mo... é **morrada**.*

ML3MCM: *Morrada é uma, faz de conta, eu faço uma festa, aí, eu falo, vem pra cá, que tem uma **morrada** aqui, ó! É... num precisa de ninguém pagá nada. É **morrada**. Entendeu? É isso aí!*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

102. MOSCAR (V. int.)

3 ocorrências

HM1LFM: *Comê pança é quando a pessoa é... **moscô** em algum jogo, ou numa coisa assim.*

M11LCG: ***Moscar** é vacilar. Pessoa que não presta atenção, né? Ela perde a vez, já era pra tê feito, né? Tá por fora. Então, é isso, **moscar** é vacilar.*

1.Houaiss - verbo - intransitivo e pronominal - **1.** fugir do ataque de moscas; evitar (moscas) - intransitivo e pronominal - **2.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. deixar de estar visível; desaparecer, sumir, Ex.: *após aquelas revelações, moscou(-se)* - intransitivo - **3.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal, jocoso. m.q. **comer mosca**

2.Aurélio - [De *mosca* + *-ar²*.] *Bras. Joc. V. int. 1.V. Comer mosca (2) P. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: “nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!”* (Aluísio Azevedo, *O Mulato*, p. 246). [Irreg. O o da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. *trancar*). **Comer mosca.** *Bras. Gír. 1. Ser logrado. 2. Não perceber, não compreender algo.*

3.Dicionário InFormal - Por Coqueiro Meneghelli (SP) - Ficar desatento, não prestar atenção no que acontece à sua volta.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.n. quei (T. pleb.) Fugir.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Costuma dizer o vulgo de quem se vai depressa, por qualquer ocasião, que o enfade, assim como foge a mosca, quando a enxotão. *Moscou. Evasit aufigit, evolavit.*

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do lat. *musca* || vb. ‘fugir das moscas’ xx.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

103. MURIÇAIA (S. f.)

1 ocorrência

ML2NCG: *Não consegui encontrar um inhame bom, peguei o que encontrei na muriçaia.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

104. ORELHÃO (S. m.)

1 ocorrência

HM2FAF: *Orelhão, né?***PESQUISADORA:** *Como que é?***HM2FAF:** *Cê punha a gurdura quente, pegava o... eu num sei se era... era fubá, polvilho azedo, ou polvilho doce, não sei, e na gurdura quente cê ia só esparramando assim e ficava tipo um... dum... vão supor, um... um ovo frito, só que tipo omelete, né?*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** orelha grande - **2.** puxão de orelhas; orelhada - **3.** parte do tear us. nas fábricas de seda - **4.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. espécie de cabine telefônica, ger. instalada ao ar livre, dotada de uma peça de formato côncavo que abriga o telefone público - **5.** Uso: informal. aquele que tem orelhas grandes; orelhudo - **6.** Rubrica: infectologia. Uso: informal. parotidite epidêmica; caxumba.

2.Aurélio - [De *orelha* + *-ão*¹.] **S. m.** **1.** Puxão de orelhas; orelhada. **2.** Inflamação em torno das parótidas. **3.** Parte do tear, nas fábricas de seda. **4.** *Bras. Pop.* Tipo de cabine de telefone público, instalada ao ar livre, que consiste numa peça conoidal em cujo interior está o aparelho.

3.Dicionário InFormal - Por Leo (SC) - Telefone público localizado em ambientes externos, ou na rua, geralmente protegido por um casco de fibra. Qualquer pessoa pode utiliza-lo desde que possua um cartão que possua créditos para descontar nas ligações, ou então a chamada deve ser feita a cobrar, ou seja, quem recebe a ligação é que pagará por ela.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s.m.* ões no plur. Na *Fortificação*, he uma obra redonda que avança sobre a espalda do balaustre, onde estão as torres concavas, para cobrir o canhão. Que fica no flanco retirado. Peixe de grande barbatanas. Acção de puxar pela orelha. Que tem grandes orelhas.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Orelhão também he o nome de hum peyxe do mar oceano, a que os portuguezes, que frequentão os mares da Índua, derão este nome, por causa das grandes barbatanas, que a modo de orelhas se vem neste monstro marinho, quando apparece na superfície da água , & quando com ellas se bate he para os navegantes pronostico de furiosa tormenta.

9. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e *Continua*

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do lat. *aurícula* -*ae* ||
 ‘telefone público’ xx || ‘pequena fortificação’ 1813.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

105. PAÇOCA (Adj.)

1 ocorrência

HM2FAF: Paçoca. A pessoa... discuidada, pessoa até disprivinida, né?

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. espécie de farinha resultante da mistura de vários ingredientes socados juntos no pilão - **1.1.** Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. carne assada, desfiada, pilada e socada com farinha de mandioca ou de milho - **1.2** Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. doce feito de amendoim socado com açúcar e farinha - **1.3.** Rubrica: culinária. Regionalismo: Amazonas. amêndoa de castanha-do-pará assada e socada com farinha-d'água, sal e açúcar - **2.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. confusão de coisas malcuidadas; misturada, Ex.: *essa gaveta está uma p.* **3.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. coisa amarfanhada, Ex.: *sua camisa ficou uma p.* **4.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. acontecimento complicado; trapalhada, embrulhada

2.Aurélio - [Do tupi.] *S. f.* **1. Bras. Cul.** Prato típico da cozinha brasileira, feito de carne fresca, seca ou carne de sol previamente cozida, e que, depois de picada, moída ou desfiada, é frita ou refogada em gordura bem quente, e socada com farinha de mandioca ou de milho: "O emprego de rapadura, farinha e leite, de carne socada com farinha e rapadura, a conhecida paçoca, o uso constante da coalhada... fariam, dessa civilização primária, uma civilização de tipo mais pastoral do que agrícola." (Souza Barros, *Cercas Sertanejas*, pp. 7-8) [Cf. *massoca*.] **2. Bras. Cul.** Doce feito de amendoim socado e rapadura ou doce de leite seco. **3. Bras. Fig.** Confusão de coisas amarfanhadas, malcuidadas, misturada. **4. Bras. Fig.** Coisa amassada, amarfanhada: Meu vestido está uma paçoca. **5. Bras. AM** Amêndoa de castanha-do-pará assada e socada em pilão com farinha-d'água, sal e açúcar, tudo reduzido a grãos pequeninos. **6. Bras. S.** Amendoim torrado pilado com farinha e açúcar. **7. Fig. Bras. S.** Coisa complicada, embrulhada; trapalhada.

3.Dicionário InFormal - Por Camila (SP) - Doce de amendoim.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - .N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* 'iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socada no pilão' 'amendoim ou castanha-do-pará

Continua

torrados e socados no pilão, com açúcar e farinha' | *passoca* 1873 |; 'ext. Mistura, confusão' xx. Do tupi *pa'soka*.

11.O Dialeto Caipira - s. f. - carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar; fig. Misturada, confusão de coisas amarfanhadas, como, por ex., fitas, rendas ou panos revolvidos.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

Concluído

106. PAIÊRO (S. m.)

12 ocorrências

PESQUISADORA: *Aquele objeto feito com fumo, enrolado na palha, que as pessoas acendem pra satisfazer um vício.*

HM1CGR: *É paiêro? Num é nem palheiro, é paiêro.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1** depósito de palha; **2** m.q. *palhoça* ('casa'); **3** Regionalismo: Brasil.; cigarro de palha; **4** Regionalismo: Nordeste do Brasil. o intestino; **5** Rubrica: marnotagem.; armazém de madeira em que certos salineiros guardam a produção das salinas.

2.Aurélio - [De palha + eiro] *S. m.* **1.** Lugar onde se guarda palha. **2.** V. palhoça (1) **3.** Armazém de madeira em que alguns salineiros recolhem o produto das marinhas. **4.** *Bras.* Cigarro de palha; cigarro crioulo. **5.** *Bras. N.E.* Os intestinos.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Local destinado ao armazenamento da palha. Devemos secar a palha ao sol, e armazená-la em local apropriado, para que conserve suas propriedades e assim alimentar os animais durante um bom tempo.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Palheiro, adj. Que gosta de palha.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do lat. *Palĕa* -æ || palhEIRO | palheiro xiii.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

107. PAIOL (S. m.)

1 ocorrência

HM1JGM: *É... cigarro de palha, paiol, ou pito de palha.*

1.Houaiss - - substantivo masculino - **1.** depósito de pólvora e outros instrumentos de guerra - **2** Rubrica: termo de marinha. compartimento onde se guardam ou armazenam materiais específicos, Exs.: *p. da amarra* *p. de mantimentos* - **3.** Regionalismo: Brasil. armazém para depósito de produtos agrícolas em geral **4.** Regionalismo: Minas Gerais, São Paulo. m.q. **celeiro** ('tulha') - **5.** Regionalismo: Bahia. monte de cascalho - **6** Uso: informal. barriga, estômago.

2.Aurélio - [De *paiol*, f. dialetal do cat., em lugar de *pallol*.] **S.m.** **1.** Depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra. **2.** *Constr. Nav.* Qualquer compartimento destinado à guarda ou ao armazenamento de materiais ou gêneros de qualquer espécie: paiol de amarra; paiol de sobressalentes; paiol de mantimentos; paiol de munição. **3.** *Bras.* Armazém para depósito de gêneros da lavoura. **4.** *Bras. MG SP* Depósito ou tulha de milho ou de outros cereais. **5.** *Bras. BA* Monte de cascalho. [Pl.: *paióis*]

3.Dicionário InFormal - Por Tatiane (AL) - Local destinado ao armazenamento de armas e munições. Ex.: *O paiol da PM explodiu.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *S.m.* 'depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra' |*payo/l* xv| Do cat. *Pallol* || **PAIOLEIRO** 1858.

11.O Dialeto Caipira s. .f - tulha de milho, || *É* t. port., com outras signifis.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Catalã

108. PAJEAR (V. int.)

1 ocorrência

ML3MCM: *Trabalhá, comecei a trabalhá des dos... falá verdade, des dos 10 anos. Trabalhava, **pajeava** (cuidava de criança), intão, igual eu tô te falano, eu nunca fui de pará, né?*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto - **1.** m.q. **apajear** - transitivo direto - **2.** Regionalismo: Brasil. cuidar de, vigiar (criança) - transitivo direto - **3.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: ironia. tomar conta de (adulto).

2.Aurélio - [De *pajem* + *-ar*², com desnalização.] *V. t. d. 1. Apajear. 2. Bras.* Tomar conta de, vigiar (criança, p. ext., ironicamente, adulto). [Conjug. *V. frear*.]

3.Dicionário InFormal - Por Edelweis Coronato Vieira (SP) - Servir de pajem, cuidar de alguém ou de um bem, ser designado para executar serviços de pajem, atender, sujeitar-se ao serviço, babá, ama, acompanhante.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - De origem obscura || *pajEAR* | *pagear* 1818.

11.O Dialeto Caipira - v. t. - carregar, vigiar (criança): “Carolina foi quem *pageô* o nosso caçula”. || A forma é portuguesa; a restrição de sentido é que é paulista.

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

109. PALPITE (S. m.)

17 ocorrências

ML3MQM: *Palpite?* É fome. Tá com *palpite* de comê alguma coisa?

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** m.q. *palpitação* ('ato', 'movimento'); **2.** Derivação: sentido figurado. conhecimento intuitivo; pressentimento, suspeita Ex.: *seu p. era de que haveria uma greve*; **3.** Derivação: sentido figurado. intuição de ganho (em jogo) Ex.: *tinha um p. para o jogo do bicho*; **4.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. dito ou opinião de intrometido ou ignorante no assunto Ex.: *vive dando p. onde não é chamado*; **5.** Rubrica: turfe. Regionalismo: Brasil. informação de que um determinado animal deve vencer um páreo

2.Aurélio - [Dev. De *palpitar*.] **S. m.** **1.** V. *palpitação* (1 e 2). **2.** Fig. Pressentimento, suspeita; bacorejo. **3.** Intuição de ganho (em jogo). **4.** Bras. *Gír*. Dito ou opinião de quem se intromete, ou não entende do assunto; saque, peruada. **5.** Bras. *Turfe* Indicação de um cavalo como provável vencedor de um páreo.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Por Régis Ribeiro (SP) - Dar uma dica, chutar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do lat. *papitāre* || *palpite* 1881.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

110. PATACA (S. f.)

01 ocorrência

ML1LCG: *Não temperei muito o feijão,, coloquei só uma **pataca** de sal.***1.Houaiss - pataca¹** - substantivo feminino - **1.** Rubrica: numismática. Regionalismo: Brasil.moeda antiga de prata, que valia 320 réis ; **2.** Rubrica: economia. meio através do qual são efetuadas transações monetárias em Macau e no Timor; **2.1** Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: economia. a cédula e a moeda (divisíveis em cem unidades menores, denominadas avos) us. nessas transações; **3.** Derivação: sentido figurado. qualquer soma em dinheiro; moeda corrente.**Pataca²** - substantivo feminino **1.** Rubrica: angiospermas.m.q. **guapuruvu** (*Schizolobium parahyba*) **2.** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Ceará. m.q. **gordinho** (*Peprilus paru*) **3.** Rubrica: ictiologia. m.q. **sauá** (*Tetragonopterus argenteus*); **4.** Rubrica: ornitologia. m.q. **alma-de-gato** (*Piaya cayana*).**2.Aurélio** - [Da mesma or. Incerta que o esp. *pataca*.] **S.f.** **1.** Bras. Moeda antiga de prata, do valor de 320 réis. **2.** Quantia equivalente a essa moeda. **3.** Fig. V. dinheiro (5 e 7). **4.** Bras. Zool. V. cubiú. **5.** Zool. V. *alma-de-gato* (1). **6.** Antiga unidade monetária, e moeda, de Macau e Timor.**3.Dicionário InFormal - Por Valdir de M. Marques, SP** - lá pras bandas de Minas Gerais no tempo ainda do vintém e do mil réis é dinheiro.**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - s.f. Moeda de prata no Brasil que vale desasseis vintens. Peso duro, moeda de prata Hespanhola cujo valor anda por 800 reis.**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - s.f. moeda de prata do valor de 750 reis. No Brasil, a pataca vale 320 reis. Não se enxerga pataca, não se vê nada.**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** Moeda de prata das Indias de Castella, que hoje val em Portugal setecentos & cinquenta reis. *Nummus argenteus*, vulgo ò pataca.
Argent**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - *sf.* ‘moeda antiga de prata, do valor de 320 réis’ xvi. Provavelmente do prov. *patac*.**11.O Dialeto Caipira** - s.f. 320 réis.**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Provençal

111. PATAQUADA (S. f.)

01 ocorrência

HM3JHF: *Ah, isso aí pra mim é... é aquela pessoa que fica contando **pataquada**, mentirada, essas coisa.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - [De or. Incerta, poss. Express. A partir de *pato*] **S. f. 1.** Bras. Ato ou dito idiota ou fútil. **2.** Brincadeira sem graça ou grosseira; palhaçada, sacanagem (chulo).

3.Dicionário InFormal - Por LK (SP) - 1*-É fazer coisa errada, "fazer merda", mas nada sério. Sinônimo de "presepada" ou de "palhaçada". 2*-Também, quando alguém conta alguma mentira descarada ou discorre longamente com algum discurso vazio, sem sentido ou muito "técnico", o indivíduo pode usar a expressão para comentar (vide exemplo 2).

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - S. f. Patacoada - multidão de patacas, ou patações. B. Ferreira.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta

112. PEDRADA (Adj.)

03 ocorrências

PESQUISADORA: *O quê que acontece com uma cerveja que fica muito tempo no congelador?*

HM3JA: *Ela **pedra**, né? Fica **pedrada**.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Brasil. Uso: informal. **1** ação de lançar uma pedra; **2** golpe com pedra; **3** Derivação: sentido figurado. palavra ou gesto que atinge a dignidade ou a honra de alguém; insulto, ofensa; **4** Rubrica: futebol. Regionalismo: Brasil. chute muito forte; cacetada.

2.Aurélio - [De pedra + ada] *S.f.* **1.** Ato de arremessar uma pedra; **2.** Pancada com pedra; **3.** Fig. Insulto, ofensa; **4.** *Bras.* Fut. Cacetada (3). **E lá vai pedrada.** *Bras. Pop.* V. e lá vai fumaça.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Que foi atingido por uma pedra. *Levou uma **pedrada** na cabeça enquanto estava passando em frente de casa.*

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s. m.* pancada de pedra. Fig. Remoque.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: pedrada | Substantivo; Séc. XIII, CSM, 385.21 [...] deron ãa pedrada / a un ome na cabeça.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do latim *petra* -ae, deriv. Do gr. *pétra*. **pedrADA** | xii CSM 385.21.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

113. PEDRAR (V. int.)

24 ocorrências

HM1CGR: *pedrar*, acho que é de congelar mesmo.**ML3CRO:** *Uma coisa que **pedra**, o significado mesmo duma cerveja. Que **pedrô**.***1.**Houaiss - N/e**2.**Aurélio - N/e**3.**Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Transar, fazer sexo.**4.**Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portuguesa - N/e**5.**Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portuguesa - N/e**6.**Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e**7.**Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e**8.**VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e**9.**Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e**10.**Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do latim *petra*.**11.**O Dialeto Caipira - N/e**12.**EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e**Origem:** Latina

114. PEIA (S. f.)

01 ocorrência

HM1CGR: *É peia é uma.... é uma... tipo um laço pequeno, sabe? vamo por um laço pequeno, tem o mesmo nó de laço, só que piqueno e mais fino.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais - **2.** Rubrica: termo de marinha. cabo ou corrente com que se amarram a carga e objetos de bordo para que não se desloquem - **3.** Derivação: sentido figurado. aquilo que impede; obstáculo, estorvo, embaraço - **4.** instrumento de açoite; chicote - **5.** Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo. o pênis - *peias* - substantivo feminino plural - Regionalismo: Nordeste do Brasil. **6.** ligas de couro ou de corda que se põem nos pés para subir em coqueiros

2.Aurélio - (êi) [De *pede*, 'pé'.] **S. f.** **1.** Prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas; trabelho. **2.** *Marinh.* Qualquer cabo ou corrente com que se amarra, a bordo, um objeto, para evitar que se desloque com o jogo da embarcação. **3.** *Fig.* Embaraço, impedimento, estorvo, empecilho. **4.** *Bras. V. chicote* (1) **5.** *Bras. Chulo* O pênis. ~ *V. peias.* **Ser peia.** *Bras. PE AL Pop.* Ser coisa muito difícil, árdua, complexa.

3.Dicionário InFormal - Por Mário Yoichi Minami (CE) - Surrar alguém; açoitar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - Pea - s.f. Laço com que se prendem os pés da besta hum ao outro.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - *Pea* ou *Peya* - Prisão de corda de pé a outro, para o cavallo, ou outra besta estar ordinariamente na estrebaria; deve ter o comprimento que basta, para o cavallo estar com pés, & mãos no seu compasso natural. *Pedis equini vinculum*, i. *Neut. Pedica*, æ. *Fem.* He laço para apanhar pássaros.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* 'grilhão' 'prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas' xiii. Do lat. *Pedīca* -æ || DESpeAR 1844 || **peaça** *sf.* 'correia que prende, pelos chifres, o boi à canga' 1844 || peAR xiii. Cp. PEJAR.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e *Continua*

Origem: Latina***Concluído***

115. PERALTA (*Adj.*)

07 ocorrências

ML3MLP: *A pessoa peralta é que num para com nada.*

1.Houaiss - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros -**1.** diz-se de ou indivíduo afetado nos modos e no vestir; casquilho, janota, peralvilho - **2.** Regionalismo: Brasil. diz-se de ou indivíduo que vive no ócio; vadio - **3.** Regionalismo: Brasil. diz-se de ou criança travessa; traquinas

2.Aurélio - [Do antr. *Peralta*, de famoso aventureiro espanhol do séc. XIX.] **S. 2 g. 1.** Pessoa afetada nas maneiras ou no vestir; janota, peralvilho. **2. Bras.** Indivíduo ocioso, vadio. **3. Bras.** Menino travesso, traquina(s). **Adj. 2 g. 4. Bras.** Travesso, traquina (s).

3.Dicionário InFormal - Por Hugo Moura (RJ) - Gíria idosa: Pessoa Levada ou Rebelde.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *adj.* S2g. ‘pessoa afetada nas maneiras ou no vestir’ | 1881|; ‘bras. Indivíduo vadio, travesso’ xx. De origem incerta. | **peraltICE** | 1899, par- 1881.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Incerta

116. PETECADO (Adj.)

07 ocorrências

HM1JGM: *Petecado é enrolado.***1.Houaiss** - N/e**2.Aurélio - Petecada** - [De *peteca* + *-ada*¹.] **S. f. 1.** *Bras.* Uma jogada com peteca. **2.** Pancada com a peteca. **3.** Pedrada com a peteca. (4).**3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal** - Flexão de petecar. Que estava ornado com exagero ou com mau gosto.**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - Adj Indivíduo ou objeto enfeitado com exageros de mau gosto. “Em casa de F... por toda parte só vejo *petecados* sobretudo os móveis de um mau gosto incrível.”**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - q. - cheio de adornos acumulados (um vestido, um chapéu, etc.).**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Brasileira

117. PETECAR (V. int.)

12 ocorrências

ML3MCM: *Peteco? É quando você deixa as coisa muito indo... **petecendo**, entendeu? Aí, você fala, “Nossa, que **peteco**, meu Deus!” Mais é uma coisa que você deixa em pendente.*

1.Houaiss -verbo - Estatística: pouco usado. transitivo direto e pronominal - m.q. *empetecar*

2.Aurélio - [De *peteca* +*-ar*², poss.] **V.t. d. P.** Empetecar(se). [Conjug.: *V. trancar*].

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Ato de **petecar** está relacionado ao simbologismo tântrico da mais divina obra glacial urbana erótica. Onde usando partes do corpo como o "narizinho" os petecos, aqueles praticantes do ato de **petecar**, se lambuzam de amor e carícias

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - v.t. Ornar exageradamente e de modo inesthetico. “O marceneiro *petecou* demais essa vitrina.”

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - v. i. - jogar a peteca; bater com a peteca; v. t. - encher de adornos, fitas, rendas ou flores (um vestido, um chapéu, etc.).

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

118. PETECO (S. m.)

18 ocorrências

HM3JA: *Pe te co? **Peteco**... é uma maneira assim, por exemplo, quando um negócio num... num tá dano muito certo, “Th, mais que **peteco**!” Num tá dano muito certo.*

HM1JGM: ***Peteco** é coisa errada.*

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por Umoi Melo de Souza (DF) - Vem do linguajar mineiro que significa bagunça, confusão. Leia-se o segundo "E" fechado, como se tivesse acento circunflexo. Tem o mesmo som em "texto", "grotesco", "esterco".

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

119. PIÃO (S. m.)

03 ocorrências

HM1RMR: *eu lembro de vê o pessoal brincano. Hoje em dia num se... num existe isso mais. **Pião** de madeira, sabe? Aqueles **pião**.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** Rubrica: ludologia. brinquedo cônico, ger. de madeira e com ponta metálica, que, desenrolando-se de um cordel ao ser lançado, gira rapidamente - **2.** eixo central de escada em caracol - **3.** Rubrica: capoeira. movimento giratório do corpo, com a cabeça apoiada no chão - **4.** Rubrica: termo de marinha. eixo em torno do qual gira uma peça - **5.** Rubrica: angiospermas. m.q. **pinhão-de-purga** (*Jatropha curcas*).

2.Aurélio - [Var. de *peão*.] **S. m.** **1.** Brinquedo piriforme, com uma ponta de ferro, que gira impulsionado por um cordel, enrolado, nele, ou por meio de uma mola. **2.** Haste da escada de caracol; pilarete. **3. Bot. V. pinhão** (2). **4. Constr. Nav.** Eixo em torno do qual gira uma peça ou dispositivo: **pião** do cabrestante; **pião** da verga. **5. Turfe** Parte de um hipódromo, em geral ajardinada e tratada, circunscrita pela pista de corridas, e à qual o expectador às vezes tem acesso; **pião do prado**. **6. Bras. Cap.** Floreio (6) que consiste num giro, executado apenas com a cabeça no chão. **7. Bras. Al** Tipo de pesca-pisca com feitio de pião¹ (1). **8. Lus.** Cavalo de pau (3). [...]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Dar uma volta, rolê.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. ões no plur. Peça arredondada na parte oposta ao ferrão, que sed enleia com huma fieira, para fazer girar sobre o ferrão, soltandoá da fieira. As duas últimas peças do xadrez. Pilar com três cavas para marearas voltas do cavallo no maanejo.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Bocado de pao, quase redondo, armado de hum ferrão, com que se jogaõ os rapazes. *Turbo, inis. Masc. Virgil.* Jugaz o pião, deitar o piaõ, embrrulhado em hum cordel de maneyra, que cahindo em pé, possa dar voltas . *Turbinem, funiculo circumvolutum, laxare, ut in orbem agatur.* Há outra espécie de piaõ, a que chamaõ pitorra, piorroa. Vid. Pitorra.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - pé - Do lat. *pes pēdis* || pião xix.

11.O Dialeto Caipira - s. m. - domador: quebra o chapéu na testa o tal Faé/que é pião mais cuéra e mais desempenado. (C. P.) || Alter. de **peão**, com uma curiosa evolução

Continua

de sentido, que vem a dizer justamente o contrário do que outrora se entendia, isto é, “homem que anda a pé”. - É monossílabo.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

120. PIORRA (Ô) (S. f.)

02 ocorrências

HM1RMR: *Da piorra, entendeu? Apesá que eu era bem ruim na piorra, mais eu.. eu lembro de vê o pessoal brincano.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Rubrica: ludologia. **1.** pequeno pião; pitorra - **2.** m.q. ²**zorrra**

2.Aurélio - (ô) [De *pião*, poss.] **S. f.** **1.** Pião pequeno; *pitorra*: “A moeda tilinta nas lajes, por um breve segundo rodopia como uma piorra” (Érico Veríssimo, *Noite*, pp. 208 - 209). **2.** Zorra.

3.Dicionário InFormal - Por Benedito Franco (MG) - Pião pequeno que se faz girar com pressão exercida pela ponta dos dedos.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. O mesmo que Pitorra, ou Petorra.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Pitorra. Vid. Pitorra.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - pé - Do lat. *pes pēdis* || *sf.* ‘Pião pequeno’ 1858.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

121. PIPOCAR (V. t. i.)

01 ocorrência

HM1CGR: *E aí, no Jardim mesmo, ali, pipocava de minino, era muito minino mesmo, sabe?*

1.Houaiss -verbo - Regionalismo: Brasil. Intransitivo - **1.** arrebentar, estourar como pipoca, Ex.: *pipocaram espinhas no seu rosto* - intransitivo - **1.1** soar como pipoca estourando, Ex.: *metralhadoras a p.* intransitivo - **2.** ferver em borbotões - intransitivo - **3.** Derivação: sentido figurado. Uso: informal. aparecer repentinamente Ex.: *sem que ninguém soubesse, a notícia pipocou lá no escritório* - intransitivo - **4.** Rubrica: futebol. demonstrar medo (o jogador) de disputar jogada, de chutar ao gol etc.; acovardar-se - intransitivo - **5.** Rubrica: termo de marinha. Uso: informal. aparecer (luz, farol) no horizonte.

2.Aurélio - [De *pipoca* + *-ar²*.] *V. int.* Bras. **1.** Arrebentar, estourar, estalar, como pipoca (1); espocar, espipocar, papocar, popocar, pipoquear: “Foi Arandu embicar a igarité e pipocou o foguetório com muitos vivas ao herói” (M. Cavalcante Proença, *Manuscrito Holandês*, p. 223); “sopra as brasas, avivando o fogo, fagulhas saem pipocando, diluem-se na luz do dia.” (Juarez Barroso, *Mundinha Panchico e o Resto do Pessoal*, p. 115); A pústula pipocou. **2.** Ferver em borbotões; escachoar. **3.** Surgir ou aparecer de repente: “Por toda parte, pipocam insubordinações.” (Vilas-Boas Correia, em *Jornal do Brasil* 01.09.1983) **4.** *Fut.* Mostrar-se receoso. **5.** *Mar.* Aparecer de repente acima do horizonte: *O farol pipocou na hora prevista.* **6.** No gerúndio, precedido de estar ou vir, significa ‘estar prestes a chegar ou a ocorrer’: F. chega por estes dias, está pipocando; Vêm por aí duas vagas pipocando, e numa delas você será aproveitado. [Conjug.: *V. trancar*. Pres. Ind.: *pipoco*, etc. Cf. *Pipoco* (ô)]

3.Dicionário InFormal - Por Eduardo (MG) - Pipocar significa ficar cheio. O mesmo que bombar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Do tupi *pi'poka* || 1878.

11. O Dialeto Caipira - v. i. - estourar, estalejar: “O rojão pipocô no ar” - “Quando as moça se encontra, é um pipocá de beijoca que deixa um cristão meio zonzó...”

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

122. PIRUNGA (S. f.)

01 ocorrência

ML3MQM: *Pirunga*. *Mais tá tudo largado, num tô com tempo. Aqui, a caxinha de João de Barro de... Essa daqui era do povo carregá água. Na roça, usava era isso. Agora, ultimamente, o povo leva na cabaça.*

1.Houaiss -N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por Eduardo (MG) - **Pirunga** é uma palavra indígena que define um arbusto,o mesmo que **mapirunga**.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

123. PITAR (V. int.)

23 ocorrências

HM3JHF: *Bom, tem gente que fala cigarro, tem uns... eu falo pito. Pito, é o cigarrinho de palha. Pitar, é, faz parte.*

1.Houaiss -verbo - Regionalismo: Brasil. transitivo direto e intransitivo - aspirar fumo; cachimbar, fumar, Exs.: *p. um cigarro, um cachimbo - ele gosta de p.*

2.Aurélio - [Do tupi = ‘tomar o tabaco’.] *Bras. Santom. V. t. d. 1.* Aspirar o fumo ou tabaco de fumar: “alinhavam-se na sala, ... sem ânimo de conversar, sem se atreverem a pitar o cigarro” (Inglês de Souza, *O Coronel Sangrado*, p. 273). **Int. 2.** Aspirar fumo de cigarro, cachimbo, etc.: fumar: *Deixou de pitar a conselho médico* [3ª pess. pl. do pres. subj.: *pitam*. Cf. *pitém*]

3.Dicionário InFormal - Por Cláudio Soares Cardoso (AM) - Fumar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - v. t. e i. - fumar || Dir-se-ia mera e explicável adaptação de um verbo hispano-português (pitar, apitar de pito, apito); mas parece assentado que é americanismo. “*Pety* ou *petym* ou *petyma* e também *petum*, é nome indígena de Nicotina (tabaco) e o verbo brasiliense pitar vem evidentemente de *pety* - ar (tomar ou chupar o *petym*” diz B. Caet.; e, adiante: “É de notar-se que no chillidugu ha *púthem* tabaco, *púthemn* pitar, fumar (tomar o tabaco) e *puthen* queimar-se. O *u* do chillidugu creio que é exatamente o *y* do abaneega”.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

124. PITO (S.m.)

55 ocorrências

ML3MQM: *E... é aqui é **pito**. Olha lá, meu irmão tá cheio de **pito** ali, só que ele tá pedino, a gente num tá dano não. É... é... a gente chama de **pito**, né? Mais é cigarro de palha.*

1.Houaiss -substantivo masculino - **1.** Regionalismo: Brasil. m.q. **cachimbo** ('utensílio para fumar') - **2.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. m.q. **cigarro** ('rolo de tabaco') - **3.** Regionalismo: Brasil. tubo de borracha pelo qual se enche a bola de futebol - **4.** Regionalismo: Sul do Brasil. cavalo bem magro

2.Aurélio - Pito¹ [Do gr. *Píthos*.] *S. m.* Na Grécia antiga, vaso grande de cerâmica grosseira para guardar vinho ou cereais; os mais antigos deles datam da época minoica. **Pito**² [Dev. de *pitar*] *S. m.* 1. *Bras.* Cachimbo (1): “Dina, calma, sempre a fumar seu pito, sacudiu a cabeça negativamente.” (Coelho Neto, *Sertão*, p. 48) 2. *Bras.* O tubo de borracha por onde se enche a bola de futebol. 3. *Bras.* S. Cigarro: “Calados, acenderam os pitos e puseram-se a fumar.” (Coelho Neto, *Banzo*, p. 95.) 4. *Bras.* S. Cavalo muito magro. 5. *Santom.* Flauta rústica: “Os tambores em ritmo cadenciado serviam de base aos sons aflautados dos pitos” (Sacramento Neto, *Tonga Sofia*, p. 100). De pito aceso. *Bras.* S. Em estado de excitação; agitado, assanhado. Sossegar o pito. *Bras.* S. Fam. V. abaixar o facho: Você já brincou demais: agora sossegue o pito. **Pito**³ *S. m.* *Bras.* Fam. V. repreensão (1). **Pito**⁴ *S. m.* *Bras.* MG Zool. V. libélula (3).

3.Dicionário InFormal - Por Mônica, (AR) - Reprimenda, repreensão. Bronca.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - s. m. - cachimbo cujo pipo é feito de barro e está munido de um canudo (geralmente de certa planta chamada *canudo* de pito, cujo caule e galhos são ocos); fig., repreensão. || A primeira acepção é de uso vulgar no país; a segunda é usada, talvez em entre outras regiões ou Estados, em Pernamb.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Grega

125. PLASTA (Adj.)

02 ocorrências

ML1MPA: *Ficá... como é que fala? Pessoa divagá, que num tá intendendo. Seno plasta.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Rio Grande do Sul. **1.** qualquer matéria branda, moldável - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros Regionalismo: Rio Grande do Sul. **2.** diz-se de ou pessoa lerda, pesada, inábil

2.Aurélio - [Do esp. Plat. *Plasta.*] *S. f.* Bras. Pessoa inútil moleirona.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Pessoa que não serve para nada, não faz nada a contento. Também pode ser dito prasta, na linguagem coloquial.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

126. PLASTEZA (S. f.)	02 ocorrências
ML1MPA: <i>Plasteza</i>. Ficá... como é que fala? Pessoa divagá, que num tá entendendo. Seno <i>plasta</i>. É <i>plastice</i>.	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

127. PLASTICE (S. f.)	02 ocorrências
ML1MPA: <i>Plasteza. Ficá... como é que fala? Pessoa divagá, que num tá intendendo. Seno plasta. É plasticice.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélio - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

128. PORRETE (S.m.)

01 ocorrência

PESQUISADORA: *É... quando uma pessoa.. bebeu muita bebida alcoólica, que expressão que a gente usa, prá falá dessa pessoa?*

HM2JGA: *Aqui, a gente chama de **porrete**!*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** pedaço cilíndrico e polido de madeira resistente, com uma das pontas arredondadas, us. como arma de golpear; cacete; **2.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. algo muito eficaz na solução de problemas ou cura de doenças Ex.: *este chá é um p. para a tosse*; **3.** Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Minas Gerais. m.q. *café-do-mato* (*Cordia ecalyculata*).

2.Aurélio - (ê) [De porra + - ete (ê).] **S. m. 1.** Cacete com uma das extremidades arredondada. **2.** V. cacete (1). **3. Bras.** Coisa (sobretudo remédio) eficaz e decisiva: “Ninguém poderia negar a eficácia das virtuosas águas no combalido organismo. Aquilo era um porrete” (Cândido Jucá [filho], *Noite Insone*, p.11).

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Porrete, é um tipo de taco ou bastão, mais grosso numa das extremidades e geralmente feito de algum material sólido - podendo ser de madeira, pedra, ou metal - normalmente utilizado para fins de necessária força física ou em batalhas de estilo corpo-a-corpo, em especial pelas forças policiais.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - s. m. (fam.). Medicamento de effeito prompto e decisivo. « Dei-lhe calomelanos que para o caso *é porrete*. Ficou logo bom. »

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s. s. f. páo curto, e grosso.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - s.m. dimin. De Porra, arma antiga.

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Porra s.f. ‘ant. Clava com saliência arredondada num do extremos’ xiii. De etimologia obscura.

11.O Dialeto Caipira - s. m. - cacete, bastão tosco; fig., remédio enérgico, de efeito seguro; sujeito importuno, maçador, *cacete, piúva, peróba, pau*.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

129. POTOCA (S. m.)

22 ocorrências

ML2NCG: *potoca!* Ó (risos) Cê sabe, né? *Potoca*, eu defino como coisa, a gente muito criança, né? Enfia o dedo no nariz, minha mãe falava assim: “tá tirando *potoca* do nariz?” Quer dizer o... a... *titica* que tem lá dentro, sei lá! (risos) *Sujeira*, né?

HM2AFT: *Potoca é mentira.*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Brasil. Uso: informal. mentira, lorota Ex.: *contar potocas*.

2.Aurélio - *S. f. Bras.* V. mentira (1): “E vira com seus olhos crueldade que, contadas, parecia potoca, exagero.” (Jorge Medauar, *Água Preta*, p. 166.)

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - É uma mentira cabulosa e deslavada.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

130. POTOQUEIRA (O) (Adj.)

07 ocorrências

ML1MPA: *Ah, Potoqueiro pode ser minti... é... é mentiroso. É, então.***1.Houaiss** - adjetivo e substantivo masculino - Regionalismo: Brasil. Uso: informal. que ou aquele que mente; mentiroso, potoquista.**2.Aurélio** -[De potoca + -eiro.] **Adj. S. m.** Bras. V. mentiroso (1 e 4).**3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal** - Contador de potocas e/ou mentiras;**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - N/e**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Brasileira

131. POUSAR (V. int.)

01 ocorrência

HM2FRC: *Chocaria aquele cara é... aqueles cara intolerável. Que cê num aguenta ficá perto deles. Chato **posando**, né? Aí, num tem como.*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto e bitransitivo - **1.** colocar [algo] (no chão ou em outro lugar); pôr, arriar, Ex.: *p. a jarra (na mesa)* - bitransitivo - **2.** Derivação: por metáfora. fixar (o olhar) em, Ex.: *pousou os olhos na moça* - transitivo indireto e intransitivo - **3.** interromper o voo e descer (na terra ou em outro planeta); aterrissar, aterrar, alunar, alunissar, Exs.: *a nave pousou na Lua - o avião acaba de p.* transitivo indireto - **4.** fixar residência em; morar - Ex.: *separada, foi p. na casa dos pais* - intransitivo e pronominal - **5.** hospedar-se por breve tempo; pernoitar, albergar-se, Ex.: *p.(-se) num albergue* - intransitivo - **6.** estar em sossego ou repouso; repousar, descansar, Ex.: *o lagarto pousava sobre a pedra.*

2.Aurélio - [Do lat. *Pausare.*] **V. t. d. 1.** Pôr, depor, assentar, colocar em algum lugar: *Terminado o café, pousou a xícara; O viajante pousou as malas. T. d. e c. 2.* Colocar, firmando ou apoiando; pôr, firmar, apoiar: *pousar o pé no estribo. 3.* Dirigir (para algum lugar); cravar, pregar: *A moça, envergonhada, pousou os olhos no chão. T. c. 4.* Estar assente ou colocado; repousar: *Os castiçais pousavam na mesa. 5.* Descer, baixar, pousando [v. *pousar* (12 a 14)]: *O helicóptero pousou na base aérea; “A mosca esvoaçou brevemente no ar, pousou na beira dum dos castiçais” (Érico Veríssimo, *Noite*, p. 69). 6.* Fixar residência; morar, residir, estabelecer-se, fixar-se: *Os nômades não pousam em nenhuma região. 7.* Passar a noite; pernoitar: *Cansados, resolveram pousar no caminho. T. d. e i. 8.* Dirigir ou fixar; cravar, pregar: *Pousou os olhos no amigo. 9.* Fazer tocar de leve; dar levemente: *O namorado pousou um beijo na face da pequena. Int. 10.* Recolher-se em pousada albergar-se, hospedar-se, pousar-se: *À noite, chegaremos ao hotel e pousaremos. 11.* Parar, geralmente, para descanso: *A tropa andou três dias sem pousar. 12.* Aer. Av. Descer a uma superfície de água (hidravião); amerissar: [Cf., nas acepções. 12 e 13: *decolar.*] **14.** Descer, (as aves, os insetos) tocando o solo, a água, ou outro pouso: *Os pombos pousaram. P. 15.* V. *pousar* (10): *Os viajantes pousaram-se num pequeno albergue. [Var. Poisar. Pres. Subj.: pouse, etc. Cf. Pose (ô), s.f., pose do v. posar, e este verbo.]*

6. Dicionário InFormal - Por Anderson Ribeiro (SP) - Dormir, pernoitar, passei a noite.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a. Passar a noite em algum lugar. Demorar-se por hum pouco em algum lugar. Parar para descansar. Pousar o animal deitar-se a seu jeito.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

Continua

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Ter a sua pousada em alguma casa. *Im domo aliqua diversari, (or, atus sum).* Cic. Também se se diz da ave quando toma o pouso. Pousar em uma árvore. Arbori infidere (deo, insedi, insessum,) ou in arbore sidere, do.

7. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: posasem | Verbo - Séc. XV, REIX, II.52.24 E dise que elRey d. Fernando lhe mandaua entregar os alcaçarres em que pousase, ele e a Rainha, e os seus que posasem nas ujlaz. Medieval: posou | Verbo Séc. XIII, CSM, 205.67 [...] posou 'os en un prado / a Virgen Santa Maria [...]. Medieval: posou | Verbo Séc. XIII, CSM, 44.2 [...] como o cavaleiro, que perdera seu açor, foy-o pedir a Santa Maria de Salas; e estando na eigreja, posou -lle na mão. Medieval: possuiu | Verbo Séc. XV, LOPP, 26.25 [...] e el-rrei foi alla com seu poder, e possuiu em hũu que logar chamam Cofra. Medieval: pousa | Verbo Séc. XIV, AVES, VIII.33 Disserõ [...] [os] sabed[ores que a tôr]or depois que perde [o companheyro nunca mais pou]sa en ramo verde [...]. Medieval: pousa | Verbo Séc. XV, PAUL, 24.26 [...] a çidade a que chamam ciangamor em a qual esta huũ grande paaço e fremoso no qual pousa o gram Cam [...]. Medieval: pousada | Verbo Séc. XIV, BENT, 31.36 [...] é que pouquetõ mays de meia noyte seja pousada e já desi todos s'alevantẽ. Medieval: pousam | Verbo Séc. XV, PAUL, 16v22 pousam a caxa em que vem amte a cabana [...]. Medieval: pousamdo | Verbo Séc. XV, LOPJ, II.10.19 [...] acompanhando sempre as gentes da çidade e pousamdo em seu arreal. Medieval: pousando | Verbo Séc. XIV, GREG, 2.1.29 E quando vẽeron a hũu logar que chamavan Fide, e fizeram-no ficar consigo hũus homens [...] e, pousando entanto en hũa eigreja de San Pedro que hi avia, aquela sa ama pediu [...] hũa alfaia que avia mester [...]. Medieval: pousar | Verbo Séc. XIII, CSM, 1.25 [...] chegou canssada / a Belleen e foy pousar / no portal da entrada. Medieval: pousar | Verbo Séc. XIV, DICT, 1364 hospitor / pousar . Medieval: pousar | Verbo Séc. XIV, GREG, 3.5.2 [...] viu longe estar hũa casa soo mui grande [...] e mandou-a mui ben guisar pera pousar en ela. Medieval: pousar | Verbo Séc. XIV, TEST, 39.7 [...] rougou-os que fossem pousar a sua casa [...]. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, BENF, 303.22 E com sperança de pousar a naue do meu fraco entender, que [...] laz muyto fraca em grande cansaço [...]. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, COND, 20c6 [...] chegou a setuual ja tarde com entẽçom de pousar e dormir na villa. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, FRAD, II.278.3 [...] rogou muyto que fossem a pousar com elle a sua cassa. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, INFA, 22.13 [...] partiu a frota dante Lixbõoa e foram pousar a Restelo. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, LEAL, 5.3 Prazermia que os leedores desse trautado teevessem a maneira da abelha que [...] nas flores mais custuma de pousar . Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, LOPP, 38.17 El-rrei de Purtugaall [...] cuidando que as iffantes viinham per outra maneira, porẽm que nom era mais que aquella hũa, mandava carregar casas e camaras em seus paaços em que ellas bem podessem pousar . Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, REIX, I.111.4 Eles daly partidos foram aquela noyte pousar a Penela. Medieval: pousar | Verbo Séc. XV, ZURD, 282.32 [...] Dyego meendez andaua Ja a uista da uilla pera pousar [...]. Medieval: pousara | Verbo Séc. XIV, GREG, 3.18.7 Aqueste monge viinha cada ano [...] aa eigreja de San Pedro apostolo e pousava con aquel clerigo [...]. E o monge [...] por doo grande que ouve da molher que ficava veuva [...] disse ao clerigo con que pousara [...]. Medieval: pousara | Verbo Séc. XV, REIX, I.77.27 E quamdo chegarrom a Cascajs, jaa a frota toda pousara aly. Medieval: pousardes | Verbo Séc. XV, SERM, 103.16 [...] praza a vós

Continua

outros [...] pousardes todas as cousas em comũ [...]. Medieval: pousarõ | Verbo Séc. XIV, PELA, 4 [...] cada hũũ de sua çela descenderom e sse pousarõ [...] ante as portas da dicta igreja. Medieval: pousaron | Verbo Séc. XIII, CSM, 157.1 Como ãus romeus yan a Rocamador e pousaron en ãu burgo. Medieval: pousase | Verbo Séc. XV, REIX, II.52.24 E disse que elRey D. Fernando lhe mandaua entregar os alcaçarres em que pousase, ele e a Rainha, e os seus que posassem nas ujas. Medieval: pousasem | Verbo Ano 1391, VERE, 106.13 [...] que mandasemos em a dita Cidade fazer humas Estalagees ataaes En que pousasem todos os grandes e onrrados [...]. Medieval: pousasem | Verbo Séc. XV, FRAD, I.356.20 [...] foy hordenado em aquella villa hũa pousada adonde comam os fraires que pasarem aa custa da comunidade de toda a vila e adonde pousase [m] jeeralmente [...]. Medieval: pousasem | Verbo Séc. XV, SEGR, 72 [...] Nam semelhaue a esto acontece a alguns homeens os quaees como viessem Em hũa ujlã E pousasem acerqua de hũu tecellam [...]. Medieval: pousasse | Verbo Séc. XIV, TEST, 30.28 [...] non achou hu pousasse seu pee [...]. Medieval: pousasse | Verbo Séc. XV, LOPF, P.159 Nom consentia que nẽhũu senhor nem [...] coutasse em bairro em que pousasse nẽnhũu malfeitor [...]. Medieval: pousasse | Verbo Séc. XV, ZURD, 349.19 [...] nem aaquelles em cuJa casa pousasse [...]. Medieval: pousassem | Verbo Séc. XV, ZURD, 196.6 [...] que pousassem as armas [...]. Medieval: pousaua | Verbo Séc. XIV, BARL, 9v21 E o sancto homẽ ffoysse pera hõde pousaua. Medieval: pousaua | Verbo Séc. XIV, TROY, II.248.26 [...] vijna contra a rribeyra hu pousaua pirio [...]. Medieval: pousauam | Verbo Séc. XV, COND, 3.25 [...] honde por entom elrey dom Fernando e a raynha dona lianor pousauam [...]. Medieval: pousauom | Verbo Séc. XV, REIX, I.127.31 E aly omde pousauom, que era amtre o ryo e o castelo [...] foram loguo desbaratados. Medieval: pousava | Verbo Séc. XIV, GREG, 3.18.5 Aqueste monge viinha cada ano [...] aa eigreja de San Pedro apostolo e pousava con aquel clerigo d'epistola [...]. Medieval: pousava | Verbo Séc. XIV, PELA, 20 [...] mandou a dous seos servidores que soubessem a casa onde o sancto bispo Nono pousava. Medieval: pousava | Verbo Séc. XV, ANTI, 66.17 [...] achou hum diacono seu amigo que avya nome Pisto, e per quantas vezes viinha aa cidade pousava com el. Medieval: pousava | Verbo Séc. XV, LOPF, 12.72 [...] e acordarom que veesse o principe das olgas de Burgos, onde pousava, dentro aa cidade aa egreja de Santa Maria [...]. Medieval: pousava | Verbo Séc. XV, SBER, 147.9 Disi o homẽ de Deus ãttrou ã a çella õde pousava [...]. Medieval: pousavam | Verbo Séc. XV, FRAD, I.34.9 [...] ho ospede da casa em que pousavam avia trimta anos que estava atormentado con enfermidade de parellisia [...]. Medieval: pousavan | Verbo Séc. XIII, CSM, 215.25 [...] aas albergadas u pousavan a levaron. Medieval: pousem | Verbo Séc. XV, CONF, 139a36 Item lhes mande que se pousem com os gíolhos em terra [...]. Medieval: pousem | Verbo Séc. XV, LOPF, 173.126 [...] pousem nos moesteiros e em-nos paaços dos outros senhores, quando estiverem vazios [...]. Medieval: pousou | Verbo Séc. XIII, CSM, 8.29 [...] a candeia enton / ar pousou -lle na viola. Medieval: pousou | Verbo Séc. XIV, GREG, 3.5.13 E o spiritu mao [...] tan gram vergonha prendeu ende que des ali en deante nunca naquela casa ponsou. Medieval: poussar | Verbo Séc. XV, FRAD, I.63.20 [...] ouvidas estas cousas apresemtou-lhes sua pousada que fossem poussar em ella. Medieval: poussar | Verbo Séc. XV, LOPJ, II.16.11 [...] e foy em esse dia poussar demtro e alguumas das suas gemtes. Medieval: poussar | Verbo Séc. XV, LOPJ, II.18.25 [...] outros pera hirem com sua companha ataa os paaços hu [sc: o rei] avija de poussar. Medieval: poussarom | Verbo Séc. XV, MONJ, 74.3 O qual monje em sua emtrada o ssaudou e, feyta a oraçom, sse poussarom. Medieval: poussaua |

Continua

Verbo Séc. XIV, BARL, 9v17 E tornou-se pera o logar hu poussaua e disse mjssa e trougelhe o corpo e o ssangue de nosso ssenhor Jhesu christo [...]. Medieval: poussaua | Verbo Séc. XV, COND, 11b30 E o primeyro que a elle chegou: foy huñ clerigo de lixboða em cuja poussada Nunalurez poussaua . Medieval: pouzar | Verbo Séc. XV, CITR¹, 146 [...] quando a lebre he morta se não se pouzar no chão [...]. Medieval: pusaua | Verbo Séc. XV, REIX, II.282.3 Despoys desto a pouquos dias, em aquele pasos hu elRey pusaua , foy chamado ho dicto Bispo [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - vb. ‘pôr, depor, assentar’ xiii. Do lat. *Pausãre*.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

132. PRECATA (S. f.)

43 ocorrências

ML2NCG: *Precata*, eu conheço dois tipo de *precata*. *Precata* é até uma... é uma... fala vagem, bage, sei lá, que dá numa árvore, que eles fala que é *precata*. Que... que... serve pra cumê. Serve como alimento, né? Tipo uma vage de feijão. Só que porém grande e larga. E outro tipo de *precata*... é... um sapato velho. Que meu pai falava essa pre... “Cadê minha *precata*?” Essa *precata* acho que era feita de... de... um chinelo feito de... coisa de pneu. Sabe aquele coi... pneu, né?

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - Por Luciana (MG) - Chinelo de dedo. Alpercata.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

133. PREGUIÇA (S. f.)

05 ocorrências

HM3JA: *Ah, a prigueira que a gente fala é... é... uma comida que a gente faz de polvilho. Sabe? É... pega o... polvilho e coloca na... na matega, faz ali uma pasta, coloca na manteiga e frita. Prigueira.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1** aversão ao trabalho; ócio, vadiagem Ex.: *o pai não permite que os filhos vivam na p.*; **2.** estado de prostração e moleza, de causa orgânica ou psíquica Ex.: *tem p. de caminhar*; **3** falta de pressa ou de empenho; morosidade, lentidão; **4** corda dos guindastes; **5** pau a que estão fixadas as cangalhas da canoura; **6** Rubrica: mastozoologia. design. comum aos mamíferos xenartros, florestais, da fam. dos bradipodídeos e da fam. dos megaloniquídeos, encontrados nas Américas Central e do Sul; de corpo compacto, com cauda muito curta ou ausente, pelagem densa, membros longos e patas com dois ou três dedos, cada um terminando em uma grande garra curva, em forma de gancho; aí, aigue, bicho-preguiça, cabeluda [Vivem na copa das árvores, onde são dificilmente notadas devido aos movimentos lentos e à pelagem camuflada.]; **7** Rubrica: mastozoologia, paleozoologia. design. comum a diversos mamíferos xenartros extintos, relacionados às formas viventes **8** Rubrica: ornitologia. m.q. *urutau*; **9** Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. ¹*camaleão* (*Iguana iguana*).

2.Aurélio - [Do lat. prigitia.] **S. f.** **1.** Aversão ao trabalho; negligência, indolência, mandrice. **2.** Morosidade, lentidão, pachorra moleza. **3.** A corda dos guindastes. **4.** Pau a que estão pregadas cangalhas da cenoura. **5.** *Bras. Zool.* Designação comum aos mamíferos desdentados, bradipodídeos, arborícolas, de pelagem muito densa e longa, membros muito desenvolvidos e cauda rudimentar, assim chamados pela notável lentidão de seus movimentos. Entre os seus pelos vivem carrapatos e microlepdópteros ou traças. [Sin., nesta acepç.: aí, aiguee (PA e MG) cabeluda.] **6.** *Bras. Zool.* V. *urutau*.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Aversão ao trabalho, moleza, pachorra, negligência, indolência.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - falta de diligencia. Páo grosso a que esláo pegadas as cansgalhas da moega da atafonn. Corda , com que se dirige o corpo que*se vai guindando para não roçar-, etc. Corda , com que se aião duas escadas huma na ouíra. Animal quadrúpede do Brasil , que não se pôde mover,

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

Continua

9. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - - Medieval: pegriça | Substantivo; Séc. XV, VIRG, I.293 [...] pegriça ou vagar he maa cousa a maravilha [...].

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa -s.f. ‘Aversão ao trabalho negligência, indolência’ | xiv, *preguiça* xiii, *priguiça* xiv etc. || Do lat. *prigiti* æ.

11. O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

134. QUENTADINHO (S. m.)	2 ocorrências
ML3MLP: <i>Soca é juntá aquele resto da cumida e fazê um... um quentadinho, uma coisa assim.</i>	
1.Houaiss - N/e	
2.Aurélío - N/e	
3.Dicionário InFormal - N/e	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e	
10.Dialeto Caipira - N/e	
11.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: N/e	

135. QUENTO (S. m.)

03 ocorrências

ML2NCG: *Quento, é quando sobra um arroz, né? Às vez o arroz é... dum dia pro otro, a gente pega, aproveita esse arroz, né? Pega um feijão intero, ali cê refoga, põe um ovo, mistura tudo, uma ce.... põe uma cebolinha, aí a gente fala um **quento**. Puquê o quento, ele num é fresco, arroz fresquim, né? Intão, ele tem as mistura, né? Da cebolinha, salsinha, né? O ovo, né? Cê tá acrescentano, aí vira o **quento**, assim.*

1.Houaiss - N/e**2.Aurélio - N/e****3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Flexão de quentar. O mesmo que aquento.****4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e****5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e****6Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e****7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e****8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e****9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e****10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e****11.O Dialeto Caipira - N/e****12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e****Origem: N/e**

136. QUIRELA (S. f.)

20 ocorrências

HM3JA: *Quirela? É a... o milho quebradinho. Então, quirela. Ou arroz quebradinho.*

ML2NCG: *Como quirela, quirelinha de milho, ou canjiquinha de milho, né?*

1.Houaiss - substantivo feminino - Regionalismo: Sul do Brasil. m.q. **quirera**

2.Aurélio - *S.f. Bras. S. V. Quirera* - Quirera [Do tupi.] *S. f. 1. Bras. V. crueira. 2. Bras. Milho quebrado que se dá aos pintos e pássaros. 3. Bras. SC RS Sanga (4) [Var.: quirela.] ~ V. quireras.*

3.Dicionário InFormal - Por Achilles Pinto (RJ) - Milho triturado, mas não em pó. Alimento para pintos e pequenas aves.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

137. QUIRERA (S. f.)

06 ocorrências

ML2AMO: *Quirera é... canjiquinha de milho.***ML3MCM:** *Quirera? Ah, quirera é aquela coisa que eu te falei, quirera de milho, que a gente coloca custelinha... o que cê quisé colocá nela. Quirera é um... uma cumida também, né? Isso é o quê?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** Regionalismo: Brasil. m.q. *crueira* ('resíduo de farinha') - **2.** milho quebrado que se dá a pequenas aves e pássaros - **3.** Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Santa Catarina, Rio Grande do Sul. produto secundário que sobra do arroz beneficiado - **4.** Derivação: por metonímia. Regionalismo: Santa Catarina, Rio Grande do Sul. arroz muito quebrado, de qualidade inferior - *quireras* - substantivo feminino plural - Derivação: sentido figurado. **5.** pouco dinheiro; dinheiro trocado

2.Aurélio - [Do tupi.] **S. f. 1.** *Bras. V. crueira*¹. **2.** *Bras.* Milho quebrado que se dá aos pintos e pássaros. **3.** *Bras. SC RS Sanga*¹ (4). [*Var. Quirela.*] ~*V. quireras*.

3.Dicionário InFormal - Por Magna (SP) - No Paraná, esta palavra é usada para definir o milho quebradinho, usado para tratar de pintinhos.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - s. f. - resíduos de milho, arroz ou outro cereal, que ficam na peneira: mistura de cascas quebradas e fragmentos de grãos. | Do tupi “curuéra”? É de notar-se que ha no nhég. E na líng. Ger. (B.Rodr.) “piera”, significando casca.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

138. QUITANDA (S. f.)

05 ocorrências

ML2NCG: *Cuidano da casa, cuidano assim, das criação, uma galinha, tudo ela ajudava ele, né? E fazia as **quitandas**, né? A comida, lavava ropa, essas coisa. E... e o resto tudo era meu pai mesmo, sabe?*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** local onde se fazem negócios; mercado, praça - **2.** Regionalismo: Brasil, Angola. pequeno estabelecimento comercial; tenda - **3.** Uso: informal. grande quantidade de pequenos objetos, de quinquilharias - **4.** Regionalismo: Brasil. comércio ambulante - **5.** Regionalismo: Brasil, Angola. estabelecimento onde se vendem hortaliças, frutas, ovos etc. **6** Derivação: por metonímia. tabuleiro onde o quitandeiro carrega e expõe as mercadorias - **7.** Regionalismo: Brasil. conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha; pastelaria - **8.** Derivação: por metonímia. Regionalismo: Sul do Brasil, Centro-Oeste do Brasil. essa pastelaria apresentada em tabuleiros apropriados.

2.Aurélio - [Do quimb. *Kitanda*, ‘feira’, ‘venda’.] **S. f. 1. Angol. Bras.** Loja ou local onde se faz comércio. **2. Angol. Bras.** Pequena mercearia; tenda. **3. Angol. Bras.** Lojinha ambulante. **4. Bras.** Tabuleiro com gêneros e mercadorias dos vendedores ambulantes. **5. Bras.** Pastelaria caseira: “tomar café com quitanda às duas da tarde, jantar às cinco” (Caio de Freitas, *Intrusos no Paraíso*, p. 5). **6. Bras. RJ** Pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, ovos, cereais, etc. [Sin. Nesta acepç.), no RS: *mercadinho*.] **7. Bras. MG S. C. O.** Biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro. **Ter quitanda. Bras. SP Pop.** Ter saúde e/ou posição social.

3.Dicionário InFormal - Por Fernando Schwab Firme (MG) - Pequeno estabelecimento comercial especializado em frutas, hortaliças, ovos e temperos, Tudo aquilo que se encontra nas feiras-livres. Quitutes caseiros : geralmente biscoitos fritos ou assados.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - Praça de comprar e vender; lugar de mercado - Taboleiro com gêneros;

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘loja ou local onde se faz comércio’ 1681. Do quimb. *Ki'tana*. **Continua**

11.O Dialeto Caipira - s. f. - designa coletivamente os doces, broas, biscoitos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em taboleiros, pelas ruas. || Modernamente, nas cidades, designa também pequenas casas de comércio de frutas e verduras; mas isto já não é dialeto caipira. - O voc. É bundo, seg. G. Viana, e veio-nos de Port. onde também é corrente com acepção ligeiramente diversa. - é curioso observar que ha em port. O t. quintalada, que, em Gil V., parece ter a mesma signif. brasileira de “quitanda”: *Vendo dessa marmelada,/E às vezes grãos torrados,/Isto não revelada nada;/E em todos os mercados/Entra a minha quintalada.* (“Auto da Feira”).

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Quimbundo

Concluído

139. RESTOLHO (S.m.)

03 ocorrências

ML2AMC: *Ah, essa nova festa é... como é que fala? É o restoio. Vamo, vamo, vamo... tipo assim, vem... vem... como é que é, gente, é restoio. Vamo, vamo, aproveitá o restoio. Do... do... da festa anterior.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** palha que fica no campo após a colheita - **2.** parte do caule das gramíneas que fica enraizada após a ceifa - **3.** erva que nasce de novo depois de ceifada - **4.** Regionalismo: Brasil. resto, depois de tirado o que havia de melhor; conjunto de sobras, de resíduos - **5.** ruído, barulho.

2.Aurélio - (ô) [De or. Obscura.] **S. m.** **1.** A parte inferior das gramíneas que fica enraizada após a ceifa. **2.** *V. restolhal.* **3.** *Bras.* Resíduos, restos, sobras. [Pl.: *restolhos* (ô). Cf. *Restolho*, do v. *restolhar*].

3.Dicionário InFormal - Por Sérgio Martins Pandolfo (PA) - Subst. masc.: o que restou, depois de tirado o que havia de melhor; conjunto de sobras, de resíduos; a escória, a parte mais desprezível

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - s.m. Espiga de milho desbrugada e munida das bracieas que a envolvem.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. *Melhor* que Rastolho.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: *rrestolho* | Substantivo - Séc. XV, COND, 39d20 E forõ logo hy mortos huña gram cama de castellaõs, e asy bastos como som os feixes no *rrestolho* do boõ trigo. Medieval: *rrestolho* | Substantivo Séc. XV, LOPP, 5.82 [...] *pello azamell* que fosse por ella, mandasse pagar polla carga cavallar de palha ou de *rrestolho* empalhado tres soldos, e polla carga asnall dous [...].

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sm.* ‘a parte inferior das gramíneas que fica enraizada após a ceifa’ | xiv, *rescolheo* xv, *rastolho*, xvi | De etimologia obscura.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

140. ROLÃO (S. m.)

01 ocorrência

HM3JA: *É pito de palha, né? Ou seja, uns falam que é **rolão**, pito de palha.*

1.Houaiss - - substantivo masculino - **1.** rolo grande; **2.** grande onda ou vaga; rolo, vagalhão; **3.** rolo de madeira que se coloca sob grandes fardos ou pedras, a fim de rolá-los mais facilmente; **4.** farelo resultante da moedura de grãos; **5.** parte mais grossa da farinha de trigo; rala; **6.** Rubrica: culinária. m.q. **rocambole** ('espécie de pão de ló'); **7.** Rubrica: ictiologia. m.q. **robalo** (*Centropomus undecimalis*).

2.Aurélio - [De rolo + -ão] **S. m.** **1.** A parte mais grossa da farinha de trigo; rala. **2.** Rolo de madeira que se põe sob grandes pedras ou grandes fardos para rolá-los com mais facilidade. **3.** Grande rolo (7). **4.** *Cabo-verd.* Milho moído grosso: “Agora ela recolhida o rolão com ambas as mãos e ia-o deitado para o pilão...., Todo o rolão tinha de ser reduzido a farinha” Manuel Lopes, *Chuva Braba*, p. 181). **5.** *Cabo-verd. Cul.* Papa feita com farinha de milho moído grosso, cozida em água e sal que acompanha o guisado de carneiro ou galinha.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - **1.** Rolo grande.; **2.** A parte mais grossa do trigo moído.; **3.** Rola grande.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza -s. m. Parte separada da farinha melhor que s sementes e farelo. *Não se acha no plural.*

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

141. ROLIMÃ (S. f)

02 ocorrências

HM1RMR: *Intão, foi assim, jogava bola na rua, é... andava de bicicleta, andava de patinete, pa... é de patinete, carrinho de **rolimã**, que nem existe mais isso.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** Regionalismo: Brasil. mecanismo em que esferas de aço são introduzidas entre as superfícies de atrito, a fim de permitir contato rolante em vez de atrito direto; rolamento - **2.** Derivação: por extensão de sentido. carrinho de madeira que se compõe de uma tábua montada sobre esse mecanismo

2.Aurélio - [Do fr. roulement.] *S. m. Bras.* **1.** Rolamento (2): “um ranger de dobradiças de rolimãs sobre eixo não lubrificado.” (Osmã Lins, *Nove, Novena*, p. 185). **2.** P. ext. Pequeno carro de madeira, que consiste numa tábua montada sobre rolimãs.

3.Dicionário InFormal - Por Filipe (PR) - Rolamento utilizado para montar carrinhos de brinquedo.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Francesa

142. RUÇO (Adj.)

01 ocorrência

HM1CGR: *É, geralmente, fala de sujeira, quando, você fica... eles fala **ruço**, né? De que... a pele fica... a pele... fica suja é **macuco**.*

1.Houaiss - adjetivo - **1.** pardo claro; pardacento; **2.** entremeado de fios brancos (diz-se de pelo, cabelo, barba); grisalho; **3.** com cabelos e/ou pelos grisalhos, Ex.: *aos 20 anos já estava r.* **4.** Regionalismo: Brasil. esmaecido pelo uso; surrado, velho **5.** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. cheio de adversidades, de dificuldades; complicado, perigoso, apertado, Ex.: *a situação ficou r. depois que as empresas foram a leilão.* adjetivo e substantivo masculino. **6.** que ou aquele que tem cabelo louro ou castanho muito claro; **7.** que ou o que possui pelagem preta entremeada de branco e com crinas grisalhas (diz-se de cavalo); substantivo masculino; Regionalismo: Rio de Janeiro. **8.** nevoeiro rápido e espesso que sobe a serra do Mar, dissipando-se em massa compacta.

2.Aurélio - [Do lat. *roscidu*, ‘orvalhado’.] *Adj.* **1.** Tirante a pardo; pardacento, pardaço. **2.** Diz-se do cabelo ou da barba grisalha, arruçada, ou da pessoa que tem cabelos ou barbas dessa cor. **3.** *Bras.* Desbotado pelo uso; surrado: camisa ruça. **4.** *Pop.* Que tem cabelo castanho muito claro. **5.** *Bras. Gir.* Difícil complicado, apertado: “A coisa tá ficando ruça” (Rita Lee e Roberto de Carvalho, da música *Alô, alô marciano*). *S. m.* **6.** *Bras. Pop.* Indivíduo ruço (4). **7.** *Bras. RJ* Névoa densa que alcança a Serra do Mar e se espalha à maneira de massa compacta que impede a visibilidade e umedece ou molha o ambiente. [Flex.: *ruça, ruços, ruças*. Cf. *Russo* e flex. *Russo* e flex. *Russa, russos, russas*.]

3.Dicionário InFormal - Por Vanderlei do Amaral (SP) - Do Lat. *Ruscidu* - adj., pardacento; grisalho; desbotado; pop., de cabelo castanho muito claro. Garoa, neblina, nevoeiro espesso.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - (gir.) Dificuldade; situação difícil. “A pobre moça viu o *ruço* com a sogra que tudo fez para que o filho aborrecesse a mulher”.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - abj. Esbranquiçado.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

6. VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Ruço, ou russo. Em muitas maneyras se usa desta palavra, fallando nas cores dos cavallos. Da cor branca se deriva o Ruço Rodado, & Ruço queymado, & Ruço cardenho, Ruço argentado, Ruço tortilho, Ruço sabino, que se compõem de tres cores, branco, castanho, & negro: Ruço ruão, que participa do branco, & do ruão, que fazendo algũas rodas, se diz Ruço palpado, Ruço melado, Ruço abetardado, que representa a cor da betrada, Ruço presenho, que he quase como o queymado. Pinto,

Continua

Tratado da Cavallaria, p. 36. Também ha Ruço pombo, & c. Ruço abastado sabino, (segundo Antonio Galvão, Tratado da Gineta, p. 99) tem tres pelos, preto, branco, encarnado. Ruço malqueado tem molcas muyto acelas, também há Ruços persolanas, Ruços pedrezes, Ruços tordilhos, & c. O *Adagio Portuguez* diz: Seja Ruço o cavallo, & seja qualquer.

9. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: rruço | Adjetivo - Séc. XIV, TROY, II.37.11 [...] derribou en terra ael et aseu caualo rruço [...]. Medieval: rruço | Adjetivo Séc. XV, LOPF, 14.5 [...] e el andava aquel dia em hũu gram cavallo rruço castellaão [...]. Medieval: ruço | Adjetivo Séc. XV, COND, 59c20 E o cõde estabre hya emçima de huũ cauallo ruço grande queymado, com cota e bracaães [...]. Medieval: ruço | Adjetivo Séc. XV, ZURD, 146.14 [...] ia nom comyam senom caualllos preguntando que fora do cauallo ruço .

10. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - RÓSCIDO - adj. ‘orvalhado, rórido’ xvii. Do lat. *Rōscīdus* -a -um || **ruço** adj. Sm. ‘tirante a pardo’ | *rruço* xiv, *ruçio* xv.

11. O Dialeto Caipira - N/e

12. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

143. SAMBANGA (Adj.)	24 ocorrências
HM3JA: <i>Sambanga?</i> É quando... o... às vezes a... a.... a... eles fala que uma pessoa é <i>sambanga</i>, quando ela é assim meio disligada, sabe? É, disligada das coisas... “Ih, fulano é <i>sambanga!</i>”. Disligada.	
1.Houaiss - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros - Regionalismo: São Paulo. Uso: informal. 1. que ou aquele que é ingênuo, palerma - 2. que ou o que vai a uma festa sem ter sido convidado; penetra.	
2.Aurélio - [De or. afr., poss.] Adj. 2 g. S. 2 g. Bras. SP Pop. V. tolo.	
3.Dicionário InFormal - Por Marcelo (SP) - Pessoa lerda, lenta, idiota.	
4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - Sambango - adj. Aplicado ao indiv. Sem forças; francalhão. “Este <i>sambango</i> não consegue levantar um peso de uma arroba.”	
5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e	
6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e	
7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e	
8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e	
9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e	
10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Adj. 2g. ‘tolo atoleimado’ xx de provável origem africana.	
11.O Dialeto Caipira - q. - tolo, palerma. O mesmo que <i>saranga</i> .	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: Africana	

144. SAPECA (Adj.)

01 ocorrência

PESQUISADORA: *E essa criança que dá trabalho, que apronta... talvez, nem seja, propriamente, o caso dos seus netos, eu tô falano de criança que apronta mais mesmo, dá trabalho...*

ML3AMM: *Aquela criança é sapeca. No caso, né? Mais eu acho que caberia até uma outra palavra aí, que eu não... te falá a verdade, no momento, eu não lembro.*

1.Houaiss - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros - **1.** diz-se de ou pessoa assanhada, buliçosa, irrequieta - Ex.: *criança s.* **2.** que ou quem é brejeiro, extrovertido - **3.** que ou quem é leviano, saliente, namorador.

2.Aurélio - [De or. Incerta.] *Adj. 2 g. S. 2 g.* **1.** Diz-se de, ou pessoa assanhada, saliente, namoradeira. **2.** diz-se de pessoa levada, arteira [v. *arteiro* (2)].

3.Dicionário InFormal - Por Eugênio Nascimento (SE) - Danada, agitada, barulhenta, brincalhona.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - Sambango - (fam.) adj. Namoradeira; loureira. “A Júlia é uma sapeca, namora três rapazes ao mesmo tempo.”

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sf.* ‘moeda chinesa de cobre, com um orifício no centro’ | xiii, *cepayca* xvi, *cipayqua* xvi | Do malaio *sa-păku*, de *sa* ‘um’ e *păku* ‘enfiada de cem moedas’.

11.O Dialeto Caipira - s. f. - ação ou efeito de sapecar; fig., descompostura, surra. || A sua forma clássica dr subst. Verbal mostra que é tirado de SAPECAR. - Na acepç. De descompostura, é usado nos Açores.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Malaia

145. SAPO (Adj.)

03 ocorrências

PESQUISADORA: *Ela pode ter ganhado, por exemplo, o... o... o ingresso pra entrar. O que que a gente diz, que ela foi como?*

ML2NCG: *Uns fala sapo.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1** Rubrica: herpetologia. design. comum aos anfíbios anuros em geral, e em particular aos anfíbios terrestres do gên. *Bufo*, da fam. dos bufonídeos, de pele rugosa e seca; **2** Regionalismo: Sul do Brasil. pessoa que observa um jogo; peru, mirão; **3** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Diacronismo: obsoleto. fiscal incógnito de bonde; **4** Rubrica: veterinária. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. inflamação dos pés de vários animais, esp. do casco do cavalo.

2.Aurélio - [De or. Incerta, poss. Pré-romana.] **S. m. 1. Zool.** Designação comum aos anfíbios anuros que embora o início de sua evolução ocorra na água, têm na fase adulta hábitos terrestres e são peçonhentos. A pele dos sapos é rugosa, com verrugas e pequenos tubérculos. Há cerca de nove espécies, todas do gênero *Bufo*, conhecidas do Brasil. [Aum.: *saparrão*.] **2. Bras.** Doença que ataca os cascos dos cavalos. **3. Bras.** Fiscal disfarçado. **4. Bras.** S. Gír. Indivíduo que assiste a um jogo sem nele tomar parte; mirone, mirão peru. **Engolir sapos. Bras.** Suportar coisas desagradáveis sem revidar, por impotência ou conveniência.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - [Zool.]- **Sapo** é um animal anfíbio, de cor predominante marrom, com duas glândulas de veneno muito ativo na parte posterior da cabeça .O veneno esbranquiçado de sabor e odor desagradável, oferece perigo até para o homem. O predador que ingerir este veneno altamente tóxico, certamente morrerá. Habita áreas pantanosas, lagos e brejos. Ocorre do nordeste ao sudeste do Brasil, no Uruguai, norte da Argentina e leste do Paraguai. Tem hábitos noturnos e durante o dia refugia-se em lugares húmidos. Alimenta-se de insetos, larvas, vermes, camundongos, caracóis, etc. O termo "**sapo**" é usado, indevidamente, para nomear vários outros animais anfíbios semelhantes.

O nome científico do sapo é: *Bufo Marinus*.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - Sambango - s. m. (gir.). Indivíduo que assiste a um jogo sem nelle tomar parte.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s. m. Animal ampbibio. *Sapo concho* , chamão em Portugal ao cagado.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

7. VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

Continua

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: sapos | Substantivo; Séc. XIV, ORTO, 216.23 [...] e se leuantar a Hibernia algũas serpentes ou sapos , logo morrẽ postos ã terra.

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *sm.* ‘designação comum aos anfíbios anuros que, embora o início de sua evolução ocorra na água, tem na sua fase adulta hábitos terrestres e são peçonhentos’ xvii. De etimologia obscura.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

Concluído

146. SEREMEIA (S. f.)

05 ocorrências

HM2FAF: *Seremeia* tem dois tipo. Tem a *seremeia* que o povo fazia muito antigamente que era xingar, né? Pessoa xingava muito. E a *seremeia* pessoa que fala dimais, né? Pergunta dimais, fala dimais, aí, eles fala assim, “Nó, *seremeia*, hein?” tem dois tipo.

1.Houaiss - N/e

2.Aurélio - N/e

3.Dicionário InFormal - N/e

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: N/e

147. SOCA (S. m.)

43 ocorrências

HM3JHF: *Soca é a cumida dum dia pro outro.*

HM3FPF: *... a gente cumia na roça assim, e sobrava um tiquim de cumê e a gente cumia de tarde. Eles falava que era **soca**.*

HM3JA: *Soca? É o resto da cumida que sobra, a gente fala assim, eu isquentei uma **soca**.*

PESQUISADORA: *Quando uma pessoa faz uma festa, sobra coisas dessa festa e, no dia seguinte, resolvem fazê uma nova festa com as sobras, como se chama essa festa?*

ML1MPA: **Soca.**

1.Houaiss -substantivo feminino - **1.** Uso: informal. rizoma ou caule subterrâneo - **2.** brotação após o primeiro corte da cana-de-açúcar - **3.** Regionalismo: Brasil. moita de capim - **4.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. a segunda colheita do fumo - **5.** Regionalismo: Espírito Santo. a segunda colheita de arroz - **6.** Regionalismo: Minas Gerais. tabaco de inferior qualidade - **7.** Regionalismo: Rio Grande do Sul. a árvore de mate, quando podada.

2.Aurélio - [Do tupi = ‘renovo’, pimpolho’.] **S. f. 1. Bot.** Nome vulgar de rizoma ou caule subterrâneo. **2. Bras.** A segunda produção da cana depois de cortada a primeira. [A primeira é planta; a segunda, soca; a terceira, ressoca; a quarta contrassoca.] **3. Bras.** Touceira de capim. **4. Bras.** N.E. A segunda colheita do fumo. **5. Bras.** ES A segunda colheita do arroz. **6. Bras.** RS Entre os ervateiros, a árvore de mate quando podada. **7. Bras.** S. de MG Fumo de qualidade inferior. **8. Bras.** SC Espiga de milho. ♦ **Ir na soca.** Bras. RJ Levar uma soca. **Levar uma soca.** Ser colhido e agitado (o banhista) por uma grande onda; ir na soca.

3.Dicionário InFormal - Por Eduardo (GO) - Sobra de comidas, geralmente de uma festa, que se come no dia seguinte.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - Sf. Nome que os hervateiros do Rio Grande do Sul dão às árvores de mate quando podadas. *s.f.* Designação vulgar das touceiras de capim. *S.f.* Designação do fumo de inferior qualidade no sul de Minas.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.f. Segunda produção da cana.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Termo chulo. Moeda de nenhuma, ou quase nenhuma valia, v.g. hum ceitil.

Continua

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - sf. A segunda produção de cana-de-açúcar 1771. Do tupi ‘soka || REs-soca sf. A terceira produção de cana-de-açúcar’ | *resóca* 1763.

11.O Dialeto Caipira - s. f. - a segunda produção de certas plantas, que, como a cana de açúcar, crescem de novo, depois de se terem cortado uma vez. Diz-se de uma planta que lea “dá boa soca”, ou “não dá boa soca”, conforme permite ou não mais de uma colheita regular. || É t. mais ou menos geral, no Br. - V. SOQUERA.

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

Concluído

148. SOCÓ (Adj.)

01 ocorrência

ML2LCG: *Ele é muito socó, deixa os otro fazê o que quizé com ele.*

1.Houaiss - substantivo masculino - Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. **1.** design. comum a várias aves ciconiiformes, ger. paludícolas, da fam. dos ardeídeos, esp. dos gên. *Tigrisoma*, *Butorides* e *Botaurus*, de ampla distribuição, hábitos diurnos, crepusculares ou noturnos, sendo encontradas isoladas ou aos pares

1.1 m.q. **savacu** (*Nycticorax nycticorax*).

2.Aurélio - [Do tupi.] **S. m.** **1.** *Bras. Zool.* Designação comum a várias espécies de aves ardeídeas, especialmente as dos gêneros *Tigrisoma*, *Butorides* e *Zebrilus*. Alimentam-se de peixes e vivem ger. isoladas ou aos pares, perto de rios, lagoas e terrenos alagadiços. **2. Etnogr.** Entre os índios da região do Brasil central, armadilha em forma de cone, feita com lascas de madeira ou talas de babaçu, us. para apanhar peixes em águas rasas.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz, SP - [Zool.] - designação de várias aves da ordem dos Ciconiformes, da família dos Ardeídeos (VIDE). São encontradas em todo o Brasil, em regiões alagadas ou pantanosas. Existem espécies de hábitos noturnos e outras de hábitos diurnos. Vivem aos pares ou isoladas, mas nunca em bandos.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - Ave das lagoas, ha diversas especies: branco; cinzento; etc.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - sm. 'ave da fam. Dos ardeídeos' c 1777. Do tupi so'ko || **socoí** Isocorí 1587 |Do tupi soki'i <so'ko + 'i 'pequeno'.

11.O Dialeto Caipira - s.m. - ave pernalta ("Ardea brasiliensis"): Os pios dos nambús e dos baturas e os socós na lagoa. (C.P.)

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Tupi

149. SOLERA (S. f.)	01 ocorrência
ML2NCG: <i>Essa solera tá muito quente, tá ruim pra sai na rua.</i>	
1.Houaiss - N/e 2.Aurélio - N/e 3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - N/e 4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e 5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e 6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e 7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e 8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e 9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e 10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Sol.	
11.O Dialeto Caipira - N/e	
12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e	
Origem: Latina	

150. TALHA (S. f.)

03 ocorrências

ML2EMS: *Talha*, tipo um filtro. Ela não filtra. O filtro tem aquela velinha, que, né? Aqui, coloca água de mina, de poço artesiano, né? Intão, a água fica mais... é... geladinha... minha mãe conta, porque minha mãe já morô em roça, né? Como que fica geladinha, fica mais gostosa, saborosa, porque o barro disso aqui, é diferente do filtro, que nós compramos no supermercado. Entendeu?

1.Houaiss -substantivo feminino - **1.** ato ou efeito de talhar; talhadura, talho - **2.** entalhe que se faz com buril na madeira ou no metal; corte, sulco - **3.** Derivação: por metonímia. filamento que se desprende com a talhadeira - **4.** Rubrica: artes plásticas, escultura. obra de arte feita com talhadeira, buril, cinzel etc.; entalhe - **5.** Rubrica: ludologia. no jogo da banca, cada uma das vezes em que o banqueiro volta todas as cartas do baralho - **6.**Rubrica: termo de marinha. aparelho de força, para uso a bordo, formado pela combinação de dois cadernais de dois gornes (talha dobrada) ou de um cadernal de dois gornes e um moitão (talha singela) - **7.** Rubrica: termo de marinha. cabo que se prende na ponta do leme do navio, para melhor governá-lo - **8.** Rubrica: marnotagem. determinada quantidade de sal nas salinas - **9.** Rubrica: cirurgia. Diacronismo: antigo. cistotomia

2.Aurélio - [Dev. De *talhar*.] **S. f.** **1.** Ato ou efeito de talhar ou entalhar; talhadura, talhamento, talho, entalhadura. **2.** *Grav.* Talho (11). **3.** *Grave* Filete de metal levantado pelo buril do ourives ou do gravador. **4.** Nas marinhas, certo número de alqueires de sal. **5.** Antigo tributo ou derrama. **6.** Aparelho que serve para levantar objetos pesados. **7.** Certo número de achas ou feixes de lenha. **8.** No jogo de banca ou monte, uma parada (8). **9.** *Marinh.* Aparelho de laborar constituído de um cadernal de dois gornes e u, moitão (*talha singela*), ou de dois cadernais de dois gornes (*talha dobrada*), ligado por um cabo de fibra (*beta*). **10.** *Urol.* Cistotomia. **11.** *Bras.* Obra de talha: *O interior da igreja de São Francisco da Bahia é revestido de talha dourada.* **Talha dobrada.** *Marinh. V. talha* (9). Talha patente. *Marinh.* Aparelho de laborar us. Para içar e arriar grandes pesos, e constituído de caixas, roldanas e engrenagens de ferro ligadas por meio de correntes. **Talha singela.** *Marinh. V. talha* (9). **Talha**² [Do lat. Vulg. **tinacula* (<**tenacula*) der. Do lat. *Tina*.] **S. f.** **1.** Vaso de barro de grande bojo: “Água fresca deve estar nos potes, moringas e talhas.” (Regina Lacerda, *Papa-ceia*, p. 99.) **2.** Vaso de lata ou de zinco, para azeite; pote.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Substantivo feminino (de: **talhar**) ato ou efeito de **talhar** ou de cortar - substantivo feminino (do latim: tinacula-; tina-) vaso de cerâmica de grande bojo para líquidos ou cereais.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portuguesa - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *s.f* Vasilha de barro, com fundo cônico bojo grande, e boca estreita. Certo número de feixes de tojo etc. Segundo os lugares. O páo em que se marca este número. O fragmento de prata, etc. que se tira com a ponta do buril ao lavar. *Entre náuticos* corda com que se ata a cana do leme. Cabo que ajuda abolinar a cevadeira Gênero de tributo. *Obra de talha* he a que fazem os entalhadores.

Continua

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Fragmento do ouro, ou prata, lançado fora com a ponta do buril. Não temos palavra própria latina. Lenha que importa tres tostones. Assim se chama nas estâncias, donde se racha a lenha. Dez taboas, dez carradas de pedra, ou outra matéria; mas alguns a fazem em lugar de dez trinta. [...] Talha (Termo de navio) cabos que ajudam a bolinar sevadeira. He um paozinho estreito em que marcam o que devem os centeyros de lhe aguçarem a ferramenta.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - Medieval: taalhas | Substantivo - Séc. XIV, GREG, 1.15.9 E pois mandou aos frades que en todas taalhas do mosteiro deitassen daquele azeite senhas gotas [...]. vaso de lata ou zinco para azeite

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - sf. 'vasilha' | xiv, *talla* xiii, *taalha* | Do lat. **tenacûla*, de *tīna*.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

151. TARECO (S. m.)

02 ocorrências

ML3MQM: *Priguiça cozida que eu sei é... é... é um tareco que a minha vó fazia, chama tareco. Fazia a priguiça e cozinhava no... no... tacho.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** objeto de menor valor; cacareco, tralha (mais us. no pl.) - **2.** Rubrica: culinária. Regionalismo: Pernambuco, Alagoas. biscoito torrado, espécie de pão de ló fatiado - **3.** Rubrica: culinária. Regionalismo: Goiás. espécie de bolo frito - **4.** Regionalismo: Minas Gerais. trajeto, percurso ruim - adjetivo e substantivo masculino - Uso: informal. **5.** que ou aquele que não fica parado (diz-se ger. de criança); irrequieto, agitado.

2.Aurélio - [Do ár. *tarayk*, ‘coisas de pouco valor’.] **S. m.** **1.** Indivíduo irrequieto, buliçoso. **2.** Utensílio de escasso valor. **3.** Objeto velho; tralha, cacareco. **4.** *Bras. PE AL Cul.* Biscoitinho arredondado feito de massa de pão de ló. **5.** *Bras. GO Cul.* Bolo¹ (2) frito. **6.** *Bras. MG* Caminho ruim.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - 1-Utensílio ou mobília usada e de pouco valor. 2-Indivíduo inquieto;traquinas. 3-Homem de pouco juízo. 4-Biscoito feito de farinha de trigo e ovos. 5-(Portugal)-Testículo.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - s.m. Biscouto feito de farinha de trigo e ovos.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - adj. [T. vulgar] Despresível, de pouca conta. *Tarecos*, tristes velhos, de pouco valor.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - s.m. ‘orig. Indivíduo irrequieto, buliçoso’ ‘ext. Utensílio de pouco valor, cacareco’ xviii. Do ár. *Tarāik*, pl. De *tarikā* coisa abandonada.’

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Árabe

152. TERREIRO (S. m.)

04 ocorrências

ML2NCG: *A gente ajudava. E ajudava muito também a mamãe na lida, né? A varrê o terreiro, ela fazia biscoito, a gente ajudava, né?*

ML1LBM: *Eu ficava... brincava mais era em casa mesmo. Pur conta do terreiro que a gente sempre teve... essas coisas.*

1.Houaiss - substantivo masculino - **1.** porção de terra larga e plana - **1.1.** largo ou praça dentro de uma povoação - **1.2.** Regionalismo: Brasil. pequeno quintal, de terra batida, diante das residências populares do interior - **1.3.** espaço ao ar livre, à porta das habitações, onde há folguedos, bailados, cantos e desafios - **2.** terraço, eirado - **3.** Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. local onde se celebram os ritos dos cultos afro-brasileiros (candomblés, batuques etc.) - adjetivo **4.** relativo à ou próprio da Terra; terrestre - **5.** Estatística: pouco usado. m.q. *térreo* - Ex.: *uma casa t.*

2.Aurélio - [Do lat. *terrariu*, ou de *terra* + *-eiro*.] **Adj.** **1.** *V. terrestre* (1). **2.** *Térreo* (2): "Larga e baixa, a casa *terreira* acaçapava-se entre o arvoredado do quintal que a beirava de um e outro lado" (José de Alencar, *Guerra dos Mascates*, p. 38). **S. m.** **3.** Espaço de terra plano e largo. **4.** Largo, praça. **5.** *V. terraço* (2) **6.** Largo ao ar livre onde há folguedos e cantos ao desafio. **7.** *Bras.* Local onde se realizam celebrações de cultos afro-brasileiros: macumbas, candomblés e etc. **Chamar a terreiro.** Desafiar.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Casa religiosa de cura espiritual que pratica o bem e o amor ao próximo, com referência "OLORUM" DEUS e sua manifestação dos orixás através de guia de luz, o **terreiro** de umbanda é denominado "casa que recebe luz" ou "casa dos orixás".

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.m. Espaço de terra com superfície plana. O edificio, onde se vende o trigo em Lisboa. *Terreiros de patação*, Basofias. *Fazer terreiro*, fazer lugar. *Tirar a terreiro* Desafiar.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... He na cidade de Lisboa no do Terreiro do Paço hũa rua com duas portas, & com celleyros de hũa, & outra banda, & medideiras, que medem, & vendem trigo. Forum frumentarium, ou horream publicum Ulyssipont. (He hum grande trato, alugar sacos para o trigo que se tira do Terreiro. Valconc. Sítio de Lisboa, pag. 182).

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

Continua

1. O Dialeto Caipira - N/e

2. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

153. TIBORNA (S. f.)

35 ocorrências

ML1LBM: *Tiborna é uma coisa insossa... uma coisa... água com açúcar. Tiborna. É aqueles café que cê põe no copo olha de um lado e do outro.*

HM2FAF: *Tiborna. Tiborna é um café frio, refrigerante sem gais, água quente, cê vai bebê a água na garrafa, às vezes a água tá quente, aí, se torna uma tiborna também.*

1.Houaiss - substantivo feminino - **1.** pão quente embebido em azeite novo - **2** qualquer refeição ao ar livre no campo; piquenique - **3.** misturada de bebidas ou comidas - **4** Derivação: sentido figurado. mistura confusa; mixórdia - **5.** Derivação: sentido figurado. situação atrapalhada; mixórdia - **6.** líquido entornado - **7.** Regionalismo: Brasil. fezes do alambique, depois da destilação - **8.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. coisa ruim, sem valor; porcária - **9.** Rubrica: angiospermas. planta (*Plumeria obovata*) da fam. das apocináceas, nativa do Brasil (MG), de folhas obovadas e flores alvas - **10.** Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Bahia. m.q. *janaúba* (*Plumeria drastica*) - **11.** Rubrica: angiospermas. m.q. *sucuuba* (*Plumeria phagedaenica*)

2.Aurélio - [De or. obscura.] **S. f.** **1.** Pão quente embebido em azeite novo. **2.** Fig. *V. mixórdia* (1 e 2). **3.** Líquido entornado. **4.** Bot. Aguapé ordinária. **5.** Bras. Fezes do alambique, após a destilação [Cf. *vinhoto*] **6.** Bras. N.E. Pop. Coisa ruim, desprezível, sem valor; porcária. **7.** Bras. Bot. Arbusto apocináceo. (*Himatanthus drasticus*) que ocorre desde as Guianas até o Ceará, de folhas abovadas, semicoriáceas, e cujo caule contém látex utilizado pela população como vermífugo e tem tb. outros usos medicinais.

3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - [Bot.]- **Tiborna** é o nome popular de uma planta, o mesmo que janaúba.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - Planta medicinal.

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - s.f. Pão quente embebido em azeite novo.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Certa mistura de de pão, & azeite, que ferve no lagar. Não temos palavra própria Latina.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - s.f. 'pão quente embebido em azeite novo' xvi. De origem obscura.

Continua

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Obscura

Concluído

154. TIÚ (S. m.)

01 ocorrência

PESQUISADORA: *O que que é tiú?***ML2EMS:** *Tiú é um lagarto desse tamanho.*

Há uma conversa ao fundo, sobre um lagarto que apareceu.

ML2EMS: *Vamos imbora [bate palmas espantando o lagarto]. Mais ele não ataca a gente não. Mais ele... se chegá perto dele... o rabo dele... quando é muito grande, ele vai... Não... o ano passado eu tava aqui, ele tava na cozinha...***1.Houaiss** - substantivo masculino - Regionalismo: Brasil. **1.** Rubrica: herpetologia. m.q. **teiú** (*Tupinambis teguixin*) - **2.** Rubrica: angiospermas. m.q. **caapiá-verdadeiro** (*Dorstenia brasiliensis*) - **3.** Rubrica: angiospermas. m.q. **gafanhoto** (*Jatropha elliptica*) - **4.** Rubrica: ornitologia. m.q. **tuim** (*Forpus xanthopterygius*).**2.Aurélio** - [F. contrata de teiú.] **S. m.** Bras. **1.** Bot. V. caapiá-verdadeiro. **2.** Zool. V. teiú (2). **3.** Zool. V. tuim. [Cf. tiú]. **Surdo como tiú.** Bras. MG Pop. Muito surdo.**3.Dicionário InFormal - Por José Luiz (SP) - Zool.]**- **Tiú** , tejú ou teiú é o nome popular dado a animais répteis, da família dos Teídeos, gênero Tupinambis . São considerados os maiores lagartos da América do Sul, podendo atingir até 1,5 metro de comprimento e abrange sete espécies, todas nativas da América do Sul. São predadores oportunistas e são encontrados em todas as regiões do Brasil. Também são conhecidos como : tiju; tejo;tejuaçu e lagarto-papa-ovo.**4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza** - N/e**5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza** - N/e**6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832)** - N/e**7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro** - N/e**8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico...** N/e**9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval** - N/e**10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** - N/e**11.O Dialeto Caipira** - N/e**12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** - N/e**Origem:** Brasileira

155. TOADA (S. f.)

01 ocorrência

HM1RMR: *Eu lembro assim, que o bairro que tinha a pavimentação elegia o... o prefeito, ganhava de **toada** lá, entendeu?*

1.Houaiss - substantivo feminino - ato ou efeito de toar - **1.** aquilo que é captado pelo sentido da audição; ruído, som - Ex.: *a t. da sua voz* - **2.** Derivação: sentido figurado. notícia vaga; rumor, boato, Ex.: *uma t. de graves acontecimentos* - **3.** o que se conhece por se ouvir dizer muitas vezes - Ex.: *essa história a gente conhece de t.* **4.** som vago e mal definido - **5.** Rubrica: música. cantiga de melodia simples e monótona, de texto ger. curto, não romanceada, mas com estrofe e refrão - **6.** Rubrica: música. Regionalismo: Pará (Parintins). no boi-bumbá, música cantada durante a apresentação dos bois.

2.Aurélio - [De *toar* + -ada¹.] **S. f.** **1.** Ato ou efeito de toar. **2.** Ruído, rumor. **3.** Boato, atoada. **4.** Maneira, sistema, gosto. **5.** *Mús.* Qualquer cantiga de melodia simples e monótona, texto curto, sentimental ou brejeiro, de estrofe e refrão; melopeia. **6.** Entonação, tom: “Um dos vigias.... ---muito ancho, nas suas roupas de lã, tendo por fora a japona amarela de pano oleado, cantava, numa toada rude e nostálgica, fixando muito a crista elevada das ondas” (Virgílio Várzea, *Nas Ondas*, p. 31). [Dim. Irreg., nesta acepç.: *toadilha*.] **7.** *Bras. Liter. Pop.* A parte musical do canto das estrofes tradicionais da cantoria; cantiga, solfa: *a toada do martelo; a toada do repente*.

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Caminhada longa, caminhar rápido. Em tempo determinado ou Indeterminado. Maneira, ritmo, sistema, gosto.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - S.f. Tem. Música que acompanha a letra.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Tom ou som da voz. *Vocis tonus, i. Masc. Cic.* Duas cantigas na mesma toada. *Ducæ cantilenæ que isdem modis canuniur, ou quar um iidem sunt modi, ou eadem estmomadulatio.* A Toada he de homem. *Vox himinem sonat. Virgil. A toada não era de homem. Nil mortale sonans Virgil./Melodia sonora & concertada,/Suave aletra Algelica a Toada.* Camoens, Cant. 9. oyt. 30.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Toar - vb. ‘soar em tom alto’ ‘torvejar’ xiv. Do lat. *tonāre* || à **toa** adj. 2g. 2n. ‘orig. (levar) a reboque’ ‘impensado’ ‘inútil, sem importância’ | *aa toya* xv | De à + *toa* || **AtoaDA** sf. ‘notícia vaga, boato’

Continua

xvi. Substantivação do fem. Do part. De *atoar* || **AtoAR** vb. ‘levar à toa, a reboque’ xvi. || **Atoarda** sf. ‘atoada’ xvi || **toa** sf. ‘corda com que uma uma embarcação reboca a outra’ xvi. Dev. De *(a) toar* || **toaDA** xvi || **toANTE** 1813. Do lat. *tonāns -antis*, part. Pres. De *tonāre* || **toEIRA** sf. ‘cada uma das duas cordas imediatas aos dois bordões da guitarra’ 1899. || **tona (à)** loc. ‘em cima de’ 1871. Cp. TOM.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Latina

Concluído

156. TOPAR (V. t. i.)

01 ocorrência

ML2AMC: *Hoje tá muito fácil, né? Buscá o conhecimento na internet. Agora, é muito bom quando cê **topa** com um professor que faz as coisas, é o melhó que tem!*

1.Houaiss - verbo - transitivo direto, transitivo indireto e pronominal - **1.** deparar(-se) com; encontrar(-se), Exs.: *topou (com) o irmão - vez por outra topava-se (com) a vizinha* - transitivo indireto - **2.** avistar ou aproximar-se de (um lugar) previsto, temido etc. Ex.: *toparam com o cimo da montanha* - transitivo indireto - **3.** dar com o pé em Ex.: *t. num degrau* - transitivo indireto - **4.** ir de encontro, chocar-se - Ex.: *t. no poste* transitivo direto - **5.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. aceitar (negócio, proposta, convite etc.); concordar - Ex.: *disse que toparia o risco do contrato* - transitivo direto **1.** Rubrica: ludologia. aceitar a parada, o desafio, Ex.: *t. a aposta* - transitivo direto **2.** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. ter simpatia por; gostar, Ex.: *não topo aquele sujeito* - transitivo direto - **8.** Regionalismo: Nordeste do Brasil. enfrentar (animal vacum) com vara de ferrão ou à unha, agarrando-o pelos chifres e dominando-o, Ex.: *t. o touro*.

2.Aurélio - [De top, onom. De um choque brusco, + -ar².] **V. t. d. 1.** Encontrar, achar: Quando menos esperava, topou o pequeno; Topou o velho amigo numa esquina. **2.** Aceitar (parada, no jogo): O jogador apostou muito, mas os demais toparam a parada. **3.** Jogar contra (todo o dinheiro que estiver na banca do jogo). **4.** Aceitar (uma proposta, um convite): Topou a viagem. **T. i. 5.** Encontrar, achar: Leio-lhe duas páginas, e topo em três imprecisões de estilo; Não consigo topar com deslizos nesse escritor. **6.** Encontrar-se, deparar: Indo pela rua, do Ouvidor, topei com um velho amigo. **7.** Ir de encontro; encontrar-se, chocar-se : Espadas topam em espadas, e o combate demora. **T. c. 8.** Dar com o pé: Topou numa pedra. **Int. 9.** Bras. Ferir o boi de frente com aguilhada. **10.** Bras. Gír. Acordar, concordar: Quero ir agora a São Paulo - você topa? **11.** Lus. Pop. Entender, compreender: Estás a topar? **P. 12.** Encontrar-se, deparar-se. [Pres. ind.: topo, etc. Cf. topo (ó).]

3.Dicionário InFormal - Por Carlos Eduardo Tavares (SP) - Concordar, aceitar; bater, chocar; esbarrar, encontrar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - v.a Encontrar por acaso. v.n. Dar topada.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... Deriva-se do Grego *Topazein*, que he *Buscar*, & *Topar*, he achar a cousa que estamos buscando, & estende-se a qualquer outra cousa, com a qual nos encontramos, ainda que a não busquemos. Topar em alguma coisa, cuidando, & considerando nela. Tenho topado nesse reparo.

Continua

1. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e
2. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - <i>vb.</i> ‘encontrar(se) com’ xiii. De origem onomatopaica topa <i>sf.</i> ‘certo brinquedo de crianças’ 1813. Dev. De <i>topar</i> topADA xiv topAMENTO xv topo ¹ <i>sm.</i> ‘ato de topar’ xvi. Dev. De <i>topar</i> .
3. O Dialeto Caipira - N/e
4. EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e
Origem: Onomatopaica Concluído

157. VISPA (S. f.)

01 ocorrência

ML3MCM: *Eu tô jogano uma vispa, aí, você fala, meu número lá, aí, pronto, aí, passô, eu dei o quê? Mas eu cumi pança. É assim que fala. Um jogo.*

1.Houaiss - Víspera - substantivo feminino -Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. m.q. ¹**loto** \ô\

2.Aurélio - Víspera - [De *víspera*.] **S. f. e m.** Bras. V. *loto* (1). [Cf. *Vispora*, do v. *vispoirar*.]

3.Dicionário InFormal - Por dicionário InFormal - Víspera -Jogo de azar mais conhecido hoje como LOTO ou BINGO.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza - *s.m.* Jogo de lotto. A forma *víspera* é muito mais usada do que *víspera* indicada pelos dicionários.

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - N/e

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... N/e

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - N/e

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Brasileira

158. ZINABRE (S. m.)

25 ocorrências

HM3JA: *Zinabre é num... ambiente é assim, utensílio que é feito de cobre, intão, ele dá um... um... negócio assim, tipo uma mancha, eles fala que é zinabre. Em utensílio de cobre.*

1.Houaiss - substantivo masculino - m.q. *azinhavre* - substantivo masculino - camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido; azebre, cardenilho, verdete, zinabre.

2.Aurélio - S.m. V. *azinhavre*: “suor de animal de sela muito viajado, e *zinabre* de instrumento de latão, corneta” (Mário Palmério, *Chapadão do Bugre*, pp. 183-184).

3.Dicionário InFormal - Por dicionário Rodrigo Manoel (RJ) - Hidrocarboneto de cobre, de cor verde, "dizem venenoso", que se forma na superfície do cobre ou latão quando em contato com a umidade do ar.

4.Lexico de lacunas, subsidios para os diccionarios da lingua portugueza - N/e

5.Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza - N/e

6.Diccionario da Lingua Brasileira (1832) - *Azinhavre* - s.m. Ferrugem no vitriolo do cobre, e do latão.

7.Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro - N/e

8.VOCABULARIO PORTUGUEZ & LATINO, aulico, anatomico, architectonico... *Azinhavre* - A ferrugem do arame, quando não está areado. É uma matéria verde que fica ao redor dos tachos, & outros semelhantes vasos; faz faybo ao que neles se coze. Há um *azinhavre* artificial, que se faz com o bagaço estendido em camas sobre lâminas de cobre, até que parte delas fique convertida em uma ferrugem verde azul. É grande deterisivo conforme as carnes babosas, atenua & resolve, exteriormente aplicado. Dizem que nas minas de Chypre se geram naturalmente, duas castas de *Azinhavre*, um modo de flor sobre certas pedras que têm alguma coisa de cobre, & outro que nos dias Caniculares destila de uma caverna. V. Laguna, sobre dioscoride, liv. 5. c.50. pag. 550. *Azinhavre*.

9.Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval - N/e

10.Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - *Azinhavre* - sm. ‘camada verde de hidrocarbonato de cobre que se forma nos objetos de cobre’ | xiv, *aze-* xiv, *azenhavre* xiv | do ár. *az-zingāfr* ‘óxido de cobre’ || avizinhar xx.

11.O Dialeto Caipira - N/e

12.EALMG, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - N/e

Origem: Árabe

Apêndice 8- Glossários

Lexias

B

BEBEROLA • s. [s. f.] • Nome dado à prática de ingerir bebida alcoólica de forma descomedida. • (ML2EMS) Ele... mais ele era muito inteligente. Não, não bagunceiro. O *⁵⁸ sempre foi muito inteligente. O* teve uma fase da vida dele de... de adolescência, de andá com os amigos dos meus primos. Amigos, primos mesmo, e... vivia na **beberola**.

C

CHANGUANHA • adj.[adj.2g.] • Característica daquilo que se expande, que largueia. (HM2AFT) **Changuanha** alguma coisa assim folgada. Por exemplo, uma botina grande, fica uma **changuanha**.

CUSTOSICE • s. [s.f.] • Aquilo que resulta do ato ser custoso, bagunça. (HM1CGR) **Custosice** é a bagunça em si. Tipo... mais no sentido de coisa errada. (HM2FAF) **Custosice**. É... um... faz uma bagunça duas, três, dez vezes seguida, né? Aí, vira **custosice**.

E

EMBARRANCADO • adj. [adj.2 f] • Característica daquele que se encontra em algum tipo de complicação, confusão, em sua vida. ML3CRO: Tô fincado? É quando a gente tá meio... **embarrancado**. Ah, esse agora pra mim, tá me **embarrancando** (atrapalhando).

EMBONDAR • v. [v.int.] • O mesmo que fazer embondo, ou realizar qualquer tarefa fútil. (ML1NAS) **Embondeiro** é uma pessoa que **imbonda**, né? Muito as coisas, tem muita ideia.

ESTILINGAR • v. [v.i.] • 1. Ato de se esticar, ou esticar algo, distender. 2. Andar depressa, ou mesmo correr. (ML3CRO) Esti... **estilingar** é um puxa. (ML3MQM) **Estilingá** é quando a pessoa sai correno fala, “Eu vô **estilingá**, pra ir...” É andá depressa, né? (HM2AFT) **Istilingá** é corrê.

F

FUTICO • s. [s. m.] • Ato de falar da vida alheio, ou mesmo de se intrometer em algo alheio. (HM1CGR) ...**futico**, de... falar da vida dos outros, intrometer na vida dos outros. É... no sentido de procurar mesmo... ou... ou entrar em alguma coisa muita das vezes.

⁵⁸ Este sinal * foi utilizado como forma de preservar a identidade da pessoa sobre a qual a informante falava. Dessa forma, na entrevista, onde se lê *, foi dito um nome próprio.

J

JANGUANA • adj. [adj.f.] • Característica daquilo que é extravagante, ou que chama muito a atenção dos outros. (HM2FAF) **Janguana** é uma coisa muito feia, uma coisa muito extravagante, aquele trem muito estatalado, no caso. A gente falava, “Nó, **janguana**, hein?”

L

LEREIAR • v. [v.i.] • Ato de falar de forma constante e/ou sobre o mesmo assunto. (ML3MQM) Fica lereiando, pra qui, pra li, falando, falando, que num para mais. Aí, “Ah, não, para com essa **lereiada** aí.

M

MACUQUENTO • adj. [adj. 2f.] Característica daquele que tem macuco, sujeira. (HM1CGR) **Macuquento** é a pessoa que tem **macuco**. (HM3JHF) **Macuquento** é falta de banho.

MINCHOCO • s. [s.m.] Vegetal comestível, semelhante ao quiabo. Espécie de PANC (planta alimentícia não comestível). (ML2RMC) [...] assim, pegano um negócio que parece quiabo, um brotim, chamava **minchoco**, nós falava **minchoco**, papai falava **minchoco**. E fazia igualzim a folha de quiabo, é idêntico, mais é gostos demais!

MORRADA • s. [s.f.] • Diz-se daquilo que é oferecido de forma gratuita, ou mesmo daquilo que o indivíduo se apropria sem arcar com os custos. (HM3JA) **Morrada** é quando é de graça, num tá pagano nada. É de mo... é **morrada**. (ML3MCM) **morrada** é uma, faz de conta, eu faço uma festa, aí, eu falo, vem pra cá, que tem uma **morrada** aqui, ó! É... num precisa de ninguém pagá nada. É **morrada**. Entendeu? É isso aí!

P

PLASTEZA • s. [s.f.] • Diz-se do ato de ser plasta, pessoa lenta que tem dificuldades para entender ou realizar algo. (ML1MPA) **Plasteza**. Ficá... como é que fala? Pessoa divagá, que num tá intendendo. Seno **plasta**. É **plastice**.

PLASTICE • s. [s.f.] • Diz-se do ato de ser plasta, pessoa lenta que tem dificuldades para entender ou realizar algo. (ML1MPA) Ficá... como é que fala? Pessoa divagá, que num tá intendendo. Seno **plasta**. É **plastice**.

Q

QUENTADINHO • s. [s.m.] • (ML3MLP) **Soca** é juntá aquele resto da cumida e fazê um... um **quentadinho**, misturá arroz, feijão, farinha, uma coisa assim.

S

SEREMEIA • s. [s.f.] • Nome dado ao ato de xingar, ou mesmo de falar em excesso. (HM2FAF) **Seremeia** tem dois tipo. Tem a **seremeia** que o povo fazia muito antigamente que era xingar, né? Pessoa xingava muito. E a **seremeia** pessoa que fala dimais, né? Pergunta dimais, fala dimais, aí, eles fala assim, “Nó, **seremeia**, hein?” tem dois tipo.

Unidades complexas do léxico

A

AQUELA MEXIDA • Expressão que corresponde a algo como “daquele jeito”. (HM3JA): *[...] gostava também de... caçá passarinho, é com **bodoque**, né? Matava passarinho, às veiz, pegava colocava na gaiola... risada... é... **aquela mixida**. Eu sempre gostei muito de passarinho.*

ARRUMAR PORCO/GALINHA • Diz-se da atividade de retirar vísceras - e outras partes a serem descartadas - de animais utilizados na alimentação humana. Deixar a carne pronta para ser utilizada na culinária. (ML3MCM) ... *o que que é matá uma galinha...que que é des.... **arrumá uma galinha**... intão, a gente fala **arrumá**. Mas é dispená e abri. Aí, eu aprindi a fazê um pão de queijo, aprindi a **arrumá um porco** sozinha... Não, assim, sozinha no modo de dizê, porque aí a gente arrumava alguém pra tá arrumando as coisas pra gente. Mas eu consigo, conseguia arrumar um porco. Consigo até hoje, né?*

B

BRINCADEIRAS DE CRIAÇÃO • Brincadeiras criadas pela criança no momento em que esse brinca. (ML1LCG) ... *E tinha assim, aquelas **brincadeiras de criação**, hoje, já tá tudo muito pronto. Comprado, os brinquedos feitos...*

BRINQUEDOS DE CRIAÇÃO • Brinquedos criados pela própria criança, ou por algum adulto que esteja brincando junto dela. (ML1MPA) *Não, tinha muito **brinquedo de criação**. Eu e as meninas gostava muito de fazê boneca de sabugo. Nossa, eu vivia... toda vez a gente roubava milho quase todo dia pra fazer boneco de sabugo, roubava o cabelo do milho pra poder fazê, pôr... nas boneca.*

C

CAÇAR MEIO • Sair de algum lugar ou de uma situação que não esteja mais satisfazendo a quem se encontra ali, ou mesmo que esteja sendo alguma espécie de incômodo para aqueles que estejam próximos. (ML2AMC) *“Ah, porque num gosto daqui... bababa”. Ó gente, dá licença! Vai, deixa a gente em paz. Porque tem gente que mora aqui, mas vive reclamano, né? Intão, **caça meio**, né? Eu não, já sô muito sussegada, meu... maioria da minha família mora aqui, entendeu? Intão, assim, pra mim... é muito bom!*

CANGAR ABELHA • Desempenhar ou prestar-se a alguma atividade considerada inútil. (ML2NGC) *Cé tá **cangano abelha**, não vai dá certo desse jeito.*

COISERA DE TREM • Grande quantidade de objetos, ou, quando se trata de alimentos, fartura. (ML3MQM) *Quando a gente tem muita co... muito... muita loça pra lavá, a gente costuma falá, “Nossa, que **coisera de trem**!” (ML3MCM) *Quando você tem muita coisa. É...**

entulhada que você... igual aqui, na minha ca... na minha casa tem, uma coisera de trem. Lá em baixo. Tudo entulhado.

COISERADA DE TREM • Grande quantidade de objetos, ou, quando se trata de alimentos, fartura. (HM2FAF) *Coiserada de trem* Ah, fartura. (HM3FPF) Uai, Significa quando cê junta aquela coiserada de trem, é uma coisa, outra, vai juntano. Aí, chega no fim, coiserada de trem.

COMER PANÇA • Ato de ser desatento, vacilar em situações decisivas, deixar passar oportunidades importantes na vida, por desatenção. (ML3MCM) *Cumê pança* é assim, tem... você... é... faiz de conta, é... esses dias aconteceu com meu neto. Eu fui... ele foi contá um dinheiro, ali, ele *cumeu pança*, porque ele cumeu? Porque ele me deu a mais, e eu contei pra ele deu... meu deu... o dele deu pouco, ele *cumeu pança*. Intão, a gente, é assim, quando você vai contá alguma coisa, que ela não... chegô... você acabô contano errado. Você *cumeu pança*. Ou um jogo mesmo, que ocê tá jogano, vamo supor, um jogo, certo? Vamo pôr um jogo. Eu tô jogano uma *vispa*, aí, você fala, meu número lá, aí, pronto, aí, passô, eu dei o quê? Mas eu *cumi pança*. É assim que fala. Um jogo.

D

DAR CERTO • Combinar, entender-se com alguém no sentido de se estabelecer algum tipo de relacionamento: namoro, casamento, amizade, etc. (ML2NGC) *Eles dá certo*, tem muito tempo que vive junto.

DAR MANOTA • Perder alguma oportunidade por descuido, ou por desatenção, vacilar. (ML1NAS) *Dar manota*, quando pergunta algo, a pessoa não sabe responder.

E

ENCHER O POTE • Ingerir bebida alcoólica em excesso. (HM2FAF) *Enchê o pote*. É, a pessoa já... geralmente, quando é assim, a pessoa que bebeu muito, né? Já tá com intenção, fala, “Eu vou *enchê o pote* hoje!” *Intortar a alça do caneco*. Aí, é o mesmo sintido.

ENTORTAR A ALÇA DO CANECO • Ingerir bebida alcoólica em excesso. (HM2FAF) *Enchê o pote*. É, a pessoa já... geralmente, quando é assim, a pessoa que bebeu muito, né? Já tá com intenção, fala, “Eu vou *enchê o pote* hoje!” *Intortar a alça do caneco*. Aí, é o mesmo sintido.

ESTAR DE FOGO • Estar bêbado, estado daquele que ingeriu muita bebida alcoólica. (PESQUISADORA) Qual que é a expressão que a gente usa pra falá de uma pessoa que bebeu muita bebida alcoólica? (HM3JA): *Tá de fogo*.

ESTICAR AS CANELAS • Descansar após as refeições, principalmente, após o almoço. (PESQUISADORA) Geralmente, depois do almoço, o corpo fica mole, quereno uma cama...

*como que chama essa sensação? A gente almoça, o corpo fica mole... quereno uma cama... (HM3JA) Ah... a gente fala que vô tirá... dá uma **esticada nas canela**. Uma **esticada nas canela**.*

F

FAZER O QUILO • Descansar após ter feito uma refeição completa, como o almoço, por exemplo. **(PESQUISADORA):** *É, é gostoso. Geralmente, depois que a gente almoça, né? A gente tem que ficá isperto, que a gente tem que trabalhá depois do almoço, assim, se a gente dexá, o corpo vai. O corpo fica mole, dá aquela preguiça, vontade de cama, como que chama essa sensação?(HM2FRC): É... **fazer o quilo**, né? Depois retorná.*

FEIJÃO PAGÃO • Diz-se do feijão que acabou de ser cozido e ainda não foi temperado. **(HM1CGR):** *Feijão **pagão** é o feijão... sem tempero, né? Eu acridito que o **pagão** venha disso, que ele num tem... num tem... o sabor é o sabor puro do **pagão** mesmo. De... sem... sem nenhum tempero.*

G

GARRADO NO GOLO • Ato de ingerir bebida alcoólica em excesso, por longo período de tempo. **(HM3JA):** ***Garrado no golo**. Bebeno dimais. Começar a bebê, bebê, bebê, sem pa... sem pará. **Garrô no golo**.*

M

MESMA MEXIDA • Expressão que tem o significado de “a mesma coisa” **(HM3JHF):** *Petecano, é a **mesma mexida**. **Petecá** é fazer alguma coisa que num tá no isquema tamém.*

N

NÓ CEGO • Indivíduo que não cumpre com seus compromissos, principalmente, os financeiros. **(HM1CGR):** *Gente **nó cego**, aqui tem bastante tamém. Esse... tem um otro caso aqui, eles são... que eles são agita. Cê vê a casa do moço, Nuuuu! Ela vai lá pra quele... Tá veno esse aqui, ó? A frente, sabe? Isso aqui tudo aqui, ó. Esse Norte, a câmara, isso aqui tudo, ino pra frente é tão grande quanto. Eles... simplesmente **fintô** o ^{*59}.*

P

PASSAR TRABALHO • Passar por dificuldades, ter alguma situação complicada na vida. **(HM3JA):** *Da minha infância, desse tempo, né? Que... a gente **passava trabaio**, tomava chuva no caminho, sol, né? Mais era bom. Foi bom, né?*

⁵⁹ Símbolo utilizado para resguardar a identidade no nome em questão.

PASSAR UMA ÁGUA • Tomar um banho rápido, quase sempre, sem o uso de sabonete, ou qualquer outro produto do tipo. (HM1CGR): *Passá uma água? é... uma... é lavá rápido. Mas passá uma água pode tê sabão também, mas é lavá rápido.* (HM3FPF): *Passá uma água? É... banho de gato.*

PASSAR UM PEDAÇO • Passar por algum tipo de dificuldade associada a grande sofrimento. (HM3FPF): *A vida dela não foi fácil, ela **passou um pedaço!***

PÉ INCHADO • Diz-se da pessoa que ingeriu, ou tem por hábito ingerir, muita bebida alcoólica. (PESQUISADORA): *É... qual expressão que cê usa pra falá de uma pessoa bebeu muita bebida alcoólica?* (HM2FAF): ***Pé inchado!***

PÉ NO BETE • Brincadeira na qual se utiliza uma bola, com o objetivo de destruir uma casinha construída por um dos participantes. (HM3JGA): *O **pé no bete** seria hoje uma... uma... uma... aquela coisa do baseball, é...b.. b... era... num é parecido, puquê num tinha o bastão. Cê tinha uma casinha no chão, que ocê fazia de... de... de... de madeira, de... como se fosse uns gravetos, fazia uma casinha e o objetivo era derrubá aquela casinha. Intão, ficava um menino numa ponta do passeio, e otro ne otra e tinha uma bola que você jogava, prá destruí a casinha do minino. De pano, geralmente, uma bola macia, e você prá defendê tinha que chutá essa bola. Intão, se você conseguisse chutá o mais longe possível, esse minino ia até na sua casinha, contava uma volta e voltava na dele, até ele va... até o otro pegá a bola e jugá em... na sua. É o objetivo é derrubá a casinha... do adversário!*

PITO DE PALHA • Cigarro feito de palha. A locução adjetiva “de palha” é utilizada como forma de diferenciar aquele cigarro dos cigarros convencionais, já que, na cidade de Cláudio, como confirma esta pesquisa, é mais recorrente o uso de pito do que de cigarro. (HM2FAF): *O pito tem o **pito de paia**, tem o pito que eles usava no cavalo. Pegava uma truquês, quando ia... pro cavalo não mordê, aí, cê pegava o focinho do cavalo, e apertava com a truquês. Aí, cê tirava a reação dele tudo, que o cavalo num fazia nada. Nada nada. [...] Cê fala o cigarro de palha? Nós fala aqui é **pito**, né? **Pito de palha.***

PREGUIÇA COZIDA • Preguiça em demasia, desânimo em excesso. (ML1MPA): ***Preguiça cozida** Ai, é uma preguiça mais forte.*

S

SEM TIPO • Pessoa sem grandes atrativos, ou mesmo que não sabe se portar em situações mais formais. (ML3MCM): ***Sem tipo. Sem tipo. Ah, sem tipo** é quando cê vê uma pessoa que passa perto de você, cê fala, “Nossa, que pessoa **sem tipo!**” Assim, que nem te cumprimenta, nem dá um bom dia. Intão, cê fala, “Nossa, essa pessoa é muito **sem tipo!**” HM3JA: **Sem tipo.** É a... a pessoa sem tipo num é aquela pessoa que... o... a... aquela coisa que... num é*

*muito atraente aos olhos, sabe? Então, fala que é **sem tipo**. Aos olhos da gente num é atraente.*

T

TÔ FINCADO • Estar em dificuldades, ter grandes problemas. (HM1CGR) ***Tô fincado** é tipo assim, tô... alguma coisa deu errado pra mim, sabe? Tô tô enrolado, tô com problemas. Aí cê fala, “**tô fincado!**” Sabe?*